



**PODER EXECUTIVO  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

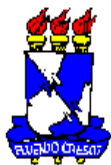
VICTOR NATHAN FONTES SILVA

**AUTOCONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO:  
UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Renato Izidoro da Silva

SÃO CRISTÓVÃO  
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**VICTOR NATHAN FONTES SILVA**

**AUTOCONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e  
aprovada pela Banca Examinadora.

**Aprovada em 13.06.2023**

Documento assinado digitalmente



RENATO IZIDORO DA SILVA  
Data: 14/06/2023 09:12:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renato Izidoro da Silva (Orientador)**  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente



FABIO ZOBOLI  
Data: 14/06/2023 09:32:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Fábio Zóboli**  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente



ALFRANCIO FERREIRA DIAS  
Data: 19/06/2023 18:30:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias**  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente



JOSE AMERICO SANTOS MENEZES  
Data: 20/06/2023 12:04:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. José Américo Santos Menezes**  
Universidade Federal de Sergipe / UFS

Documento assinado digitalmente



MIGUEL ANGEL GARCIA BORDAS  
Data: 17/06/2023 16:54:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas**  
Universidade Federal a Bahia / UFBA

Documento assinado digitalmente



ELDER SILVA CORREIA  
Data: 21/06/2023 11:42:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Elder Silva Correia**  
Faculdade do Nordeste da Bahia / FANEB

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S586a Silva, Victor Nathan Fontes  
Autoconhecimento na educação : uma reflexão epistemológica /  
Victor Nathan Fontes Silva ; orientador Renato Izidoro da Silva. –  
São Cristóvão, SE, 2023.  
175 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2023.

1. Educação - Estudo e ensino. 2. Professores - Formação. 3.  
Teoria do autoconhecimento. 4. Habilidades pessoais. 5. Educação  
- Filosofia. 6. Pesquisa educacional. I. Silva, Renato Izidoro da,  
orient. II. Título.

CDU 37.012

Aos meus filhos, Pedro e Maria, e a todos aqueles que acreditaram em meu potencial, em especial, meu esposo Vitor Aloísio.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças a Deus por abençoar-me todos os dias e ter me dado força, coragem e perseverança, sempre me guiando para o caminho certo nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos meus entes queridos, em especial aos meus pais, Florinete Fontes e José Augusto, por fazerem o impossível para me educar da melhor forma possível proporcionando um terreno fértil para meu florescimento.

Agradeço aos meus filhos Pedro e Maria, que nasceram durante o processo do doutorado, por me apresentarem a um novo e verdadeiro significado de felicidade.

Ao meu marido Vitor Aloísio, companheiro de vida, por acreditar em meu potencial, pela paciência, por toda força, amor, carinho e cumplicidade depositados em mim diariamente. Concluir um projeto sonhado e planejado ao seu lado tem um significado especial.

A todos que fazem parte do Instituto Aspásia de Mileto – I AM, por dividirem as angústias e felicidades diárias.

Ao meu Orientador, professor Dr. Renato Izidoro, pela condução neste percurso, pelas discussões e ensinamentos.

À equipe de docentes e discentes do PPGED, pela parceria neste caminhar.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa ERGUER, do qual fiz parte por certo tempo neste percurso, por todo o conhecimento construído junto.

A todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte deste processo de doutoramento, e que, mesmo sem terem conhecimento, me deram forças para chegar até este momento.

“Conhece-te a ti mesmo”  
Sócrates

SILVA, Victor Nathan Fontes. **Autoconhecimento na educação: uma reflexão epistemológica**. 175 f. Tese (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

## RESUMO

Esta tese apresenta como objeto de estudo o autoconhecimento, mais especificamente questionamentos acerca de como o conceito de autoconhecimento vem sendo trabalhado na área educacional segundo pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação nacional nos níveis de mestrado e doutorado *stricto sensu*. Nesta tese é utilizada como principal metodologia de seleção, coleta, análise e interpretação de dados a revisão sistemática, com a finalidade de ampliar a razão acerca do objeto estudado. O autoconhecimento é um objeto de estudo antigo e ao mesmo tempo contemporâneo, muitas vezes reconhecido por outros termos, sobre o qual pensadores, pesquisadores e profissionais de diferentes épocas e de diversas áreas já se debruçaram. Como objetivo geral visamos compreender de que forma o conceito de autoconhecimento vem circulando epistemologicamente no campo educacional, utilizando como base teórico-conceitual a epistemologia ocidental; contexto em que o objeto em pauta se faz mais presente na nossa institucionalidade acadêmica. Diante do analisado nesta tese pode-se concluir que o autoconhecimento caminha principalmente nas dissertações e nas teses defendidas em instituições das regiões Sul e Sudeste, as quais utilizam em sua grande maioria a metodologia qualitativa para trabalhar com este objeto de pesquisa. No rol dos 111 artigos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES encontramos trabalhos que dão diferentes graus de importância ao autoconhecimento, desde pesquisas que utilizam por apenas uma vez o termo autoconhecimento, de forma muito geral, genérica e superficial, até pesquisas que utilizam por mais de 350 vezes o termo. Os teóricos utilizados por estas pesquisas dependem muito do viés que cada pesquisa adota, entretanto, há teóricos que são familiares quando o assunto é autoconhecimento na educação, a exemplo de Ivani Catarina Arantes Fazenda, Ruy Cezar Do Espírito Santo, Paulo Freire, Carl Gustav Jung e Marie-Christine Josso. Através de nossa análise pode-se chegar à conclusão que no contexto educacional o autoconhecimento vem circulando principalmente na área da formação docente. O processo de autoconhecimento na esfera educacional é visto então como uma maneira de estimular os estudantes e educadores a encontrarem suas habilidades cognitivas e emocionais, identificando suas potencialidades e fraquezas, bem como, valorizando e fortalecendo sua autoestima. Entretanto, as pesquisas configuram, em conjunto, um campo de estudo demasiado diverso em termos teórico-metodológicos, dificultando análises comparativas que permitam identificar padrões do fenômeno em termos de sua objetivação por demonstração e verificação; critérios relevantes da história da epistemologia ocidental, mas que vêm passando por críticas pertinentes.

**Palavras-chave:** Autoconhecimento; Filosofia ocidental; Educação; Formação docente.

## ABSTRACT

This thesis presents self-knowledge as an object of study, more specifically questions about how the concept of self-knowledge has been worked on in the educational area according to research carried out within the scope of national postgraduate studies at master's and stricto sensu doctorate levels. In this thesis, systematic review is used as the main methodology for selection, collection, analysis and interpretation of data, with the purpose of expanding the reason about the studied object. Self-knowledge is an ancient and at the same time contemporary object of study, often recognized by other terms, on which thinkers, researchers and professionals from different times and from different areas have already pored over. As a general objective, we aim to understand how the concept of self-knowledge has been circulating epistemologically in the educational field, using western epistemology as a theoretical-conceptual basis; context in which the object in question is more present in our academic institutionality. In view of what is analyzed in this thesis, it can be concluded that self-knowledge walks mainly in dissertations and theses defended in institutions in the South and Southeast regions, which mostly use the qualitative methodology to work with this research object. In the list of 111 articles found in the Catalog of Theses and Dissertations of CAPES, we find works that give different degrees of importance to self-knowledge, from research that uses the term self-knowledge only once, in a very general, generic and superficial way, to research that uses for more than 350 times the term. The theorists used by these researches depend a lot on the bias that each research adopts, however, there are theorists who are familiar when it comes to self-knowledge in education, such as Ivani Catarina Arantes Fazenda, Ruy Cezar Do Espírito Santo, Paulo Freire, Carl Gustav Jung and Marie-Christine Josso. Through our analysis, we can reach the conclusion that in the educational context, self-knowledge has been circulating mainly in the area of teacher training. The process of self-knowledge in the educational sphere is then seen as a way to encourage students and educators to find their cognitive and emotional abilities, identifying their strengths and weaknesses, as well as valuing and strengthening their self-esteem. However, the research constitutes, together, a field of study that is too diverse in theoretical and methodological terms, making it difficult for comparative analyzes that allow identifying patterns of the phenomenon in terms of its objectification by demonstration and verification; criteria relevant to the history of Western epistemology, but which have been subject to pertinent criticism.

**Keywords:** Self-knowledge; Western philosophy; Education; Teacher training.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura</b>	<b>Título</b>	<b>Pg.</b>
Figura 1	Guia sistemático para o desenvolvimento de revisões de literatura	54
Figura 2	Pirâmide da evidência	57

## LISTA DE TABELAS

<b>Quadro</b>	<b>Título</b>	<b>Pg.</b>
Quadro 1	Categorias do autoconhecimento e autocuidado na perspectiva Junguiana	50
Quadro 2	Demonstrativo das categorias básicas para organização das fontes	59
Quadro 3	Análise dos trabalhos do Grupo 1 do CTD da Capes	65
Quadro 4	Análise dos trabalhos do Grupo 2 do CTD da Capes	81
Quadro 5	Análise dos trabalhos do Grupo 3 do CTD da Capes	96
Quadro 6	Análise dos trabalhos do Grupo 4 do CTD da Capes	96
Quadro 7	Análise dos trabalhos do Grupo 5 do CTD da Capes	101
Quadro 8	Trabalhos indisponíveis para consulta do CTD da Capes	174

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cefet-MG	Centro Federal De Educação Tecnológica De Minas Gerais
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTD	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES
FURG	Universidade Federal Do Rio Grande
I AM	Instituto Aspásia de Mileto
IFSul	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
Moura Lacerda	Centro Universitário Moura Lacerda
PUC/PR	Pontificia Universidade Católica Do Paraná
PUC/RS	Pontificia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul
PUC/SP	Pontificia Universidade Católica De São Paulo
UCS	Universidade De Caxias Do Sul
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual De Londrina
UEPA	Universidade Do Estado Do Pará
UERJ	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro
UERN	Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal De Juiz De Fora
UFLA	Universidade Federal De Lavras
UFMA	Universidade Federal Do Maranhão
UFMG	Universidade Federal De Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal De Mato Grosso
UFOP	Universidade Federal De Ouro Preto
UFPE	Universidade Federal De Pernambuco

UFPel	Universidade Federal De Pelotas
UFPI	Universidade Federal Do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul
UFRJ	Universidade Federal Do Rio De Janeiro
UFRN	Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte
UFRPE	Universidade Federal Rural De Pernambuco
UFSC	Universidade Federal De Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal De São Carlos
UFSM	Universidade Federal De Santa Maria
UFTM	Universidade Federal Do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal De Uberlândia
ULBRA	Universidade Luterana Do Brasil
UNB	Universidade De Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual De Campinas
Unicid	Universidade Cidade De São Paulo
UNILASALLE	Universidade La Salle
UNINOVE	Universidade Nove De Julho
UNIPLAC	Universidade Do Planalto Catarinense
UNISAL	Centro Universitário Salesiano De São Paulo
UNISC	Universidade De Santa Cruz Do Sul
Unisinos	Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos
UNISO	Universidade de Sorocaba
UNIT	Universidade Tiradentes
UNIVILLE	Universidade Da Região De Joinville
URI	Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai E Das Missões
USF	Universidade São Francisco
USP	Universidade De São Paulo

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
<b>2 Motivo e Justificativa</b> .....	17
<b>3 Referencial teórico-conceitual</b> .....	26
3.1 Autoconhecimento no mundo ocidental.....	39
3.2 Componentes do autoconhecimento.....	48
<b>4 Metodologia</b> .....	52
<b>5 Revisão de literatura</b> .....	61
5.1 Grupo 1 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	65
5.2 Grupo 2 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	80
5.3 Grupo 3 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	95
5.4 Grupo 4 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	96
5.5 Grupo 5 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	100
<b>6 Avaliação da qualidade dos dados</b> .....	137
<b>7 Revisão dos Resultados</b> .....	147
<b>Considerações finais</b> .....	155
<b>Referências</b> .....	158
<b>Anexo 1</b> .....	174

## Introdução

Esta tese apresenta como objeto de estudo o autoconhecimento. Mais especificamente questionamos acerca de como o conceito de autoconhecimento vem sendo trabalhado na área educacional segundo pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação nacional nos níveis de mestrado e doutorado *stricto sensu*. Levantamos como hipótese principal desta pesquisa que a produção epistemológica acerca do autoconhecimento na área da Educação está constituída por uma significativa diversidade de perspectivas teórico-metodológicas.

Isso significa que diferentes conceitualizações e significações são atribuídas ao autoconhecimento, bem como uma variedade patente de metodologias (técnicas, instrumentos, ferramentas, procedimentos, protocolos etc.) são propostas tanto para estudar o fenômeno quanto para desenvolvê-lo no plano das formações educacionais; às vezes ambas as situações ocorrendo de modo integrado. Assim, este estudo terá como ações metodológicas principais a análise e a interpretação da literatura da área restrita à produção de teses e dissertações em Programas de Pós-Graduação em Educação brasileiros.

Compreendemos que a pluralidade teórico-metodológica nos estudos sobre o autoconhecimento se deve, parcialmente, à própria natureza subjetiva do fenômeno em relação aos sujeitos, quase que invariavelmente atrelado a outro fenômeno de difícil investigação científica, a consciência; que pode ser atribuída à vida coletiva ou à individual. Tornou-se evidente com este estudo que o acesso teórico-metodológica ao fenômeno do autoconhecimento apresenta demasiadas limitações instrumentais no sentido de sua objetivação. Não obstante, diante dos limites, inúmeras propostas são construídas para tentar superar esses mesmos limites e avançar no conhecimento acadêmico sobre o autoconhecimento.

Todavia, ao mesmo tempo em que observamos nesses estudos muitos esforços para consolidar o autoconhecimento como objeto de pesquisa, bem como para avançar em seu “Estado da Arte”, esses movimentos geram ausência de padrões conceituais e procedimentais nos estudos sobre o tema, verificando dificuldades para estabelecer diálogos e comparações entre as pesquisas, fator importante para o estabelecimento e a sobrevivência de um fenômeno enquanto objeto científico.

O autoconhecimento possui uma variedade de dimensões, e filósofos e cientistas propuseram e continuam a propor uma multiplicidade de teorias e de métodos para explorar ou estabelecer os princípios dessa particular forma de conhecimento. Observa-se, portanto, que o autoconhecimento é um objeto de estudo antigo e ao mesmo tempo contemporâneo, muitas

vezes reconhecido por outros termos, sobre o qual pensadores, pesquisadores e profissionais de diferentes épocas e de diversas áreas já se debruçaram.

O autoconhecimento, do ponto de vista epistemológico, circula nos mais diversos campos: filosófico, esotérico, senso comum (exotérico), ciências... Imperioso se faz destacar, no entanto, que cada área do conhecimento possui um olhar específico e particular sobre este objeto de estudo. No senso comum, o autoconhecimento é significativamente plural e majoritariamente utilizado em sentido *lato*, entretanto, quando adentramos aos campos de sua utilização especializada três orientações epistemológicas sobressaem. A primeira está associada à filosofia oriental; a segunda está ligada à correntes místicas tanto orientais (budismo, yoga) quanto ocidentais (cristianismo). A terceira diz respeito às linhas acadêmicas da filosofia ocidental.

Importante também se faz trazer para debate que reconhecemos nossas limitações linguísticas (de traduções idiomáticas), espaciais e temporais ao tratar sobre o tema. Isto porque, é imensurável a riqueza e a profundidade que o objeto de estudo se comunica com a filosofia oriental e correntes místicas. No entanto, nos aprofundaremos na terceira orientação epistemológica acima mencionada, qual seja, o autoconhecimento nas linhas acadêmicas da epistemologia ocidental, por estar a nosso alcance enquanto pesquisador acadêmico. O caminhar pela epistemologia ocidental não se deu como uma escolha propriamente dita; fomos conduzidos a partir dos achados acadêmicos e limitações linguísticas, espaciais e temporais a esse escopo teórico-metodológico. Diante dessas limitações, estamos reconhecendo e reverenciando todos os trabalhos presentes na filosofia oriental e correntes místicas, bem como os diversos conceitos de autoconhecimento nestas correntes filosóficas, em que pese estejamos fazendo o recorte na epistemologia ocidental.

Outro ponto que vale a pena destacar neste introito é que iremos trabalhar com foco na tradição epistemológica considerada eurocêntrica, mesmo estando em um momento histórico caracterizado pelo pós-colonialismo e pelos movimentos intelectuais considerados decolonialistas. Sabemos que o debate decolonial está vivo e que é difícil trabalhar com a epistemologia ocidental, mais especificamente a europeia (considerada eurocêntrica), sem dar início a um debate decolonial. Cientes disso, percebemos que o eurocentrismo colonial colocou seu equipamento epistêmico em pleno funcionamento dividindo os humanos em raças e desqualificando todos os povos não europeus e suas culturas e conhecimentos (etnocídio e epistemicídio), o que acarretou a imposição sistemática da cultura e da epistemologia europeia

sobre os demais povos do globo, hoje ex-colônias de países como Portugal, França, Espanha, Inglaterra e Alemanha.

O processo de descolonização intelectual e comportamental torna-se laborioso em decorrência dos resquícios do colonialismo nas culturas dos povos colonizados, hoje pós-coloniais. Isto porque, a colonialidade do saber invisibiliza o conhecimento produzido pelos países e povos marginalizados, de modo que, a relevância e a visibilidade dada aos pesquisadores e estudos internacionais ocidentais, acaba por vezes desvalorizando o conhecimento produzido em países, ditos, periféricos; principalmente quando esses articulam questões a epistemologias tradicionais, então historicamente associadas à práticas religiosas e ritualísticas. Vale ressaltar que reconhecemos toda a vasta produção cultural, mística e religiosa vinculada ao autoconhecimento pelos povos não-ocidentais (africanos, ameríndios, asiáticos etc.). No entanto, aprofundar com o autoconhecimento na epistemologia europeia não foi uma escolha deliberada nesta pesquisa, mas, sendo levado em consideração as limitações linguísticas, espaciais e temporais acima mencionadas, as buscas pelas pesquisas foram nos levando ao encontro deste campo específico da produção do conhecimento sobre o tema no Brasil, mais especificamente na área da Educação.

Para tanto, traçamos os seguintes objetivos. Em termos gerais, visamos compreender de que forma o conceito de autoconhecimento vem circulando epistemologicamente no campo educacional, utilizando como base teórico-conceitual a epistemologia ocidental; contexto em que o objeto em pauta se faz mais presente na nossa institucionalidade acadêmica, então demarcada pelos Programas de Pós-Graduação que oferecem cursos em nível de mestrado (dissertações) e doutorado (teses). Embora essa seja nossa perspectiva a mesma não impedirá a inclusão amostral de trabalhos pautados em outras orientações epistemológicas; tal como constatamos em nossa amostra pesquisas que fazem referência teórico-metodológica à *Yoga* e ao budismo, que possuem suas raízes culturais e filosóficas na Índia pré e pós-colonização inglesa; mas que foram fortemente difundidos na América, na Europa e na Ásia.

Especificamente, pretendemos: a) realizar uma revisão teórico-conceitual acerca do termo autoconhecimento de um ponto de vista acadêmico (filosófico e científico) ocidental; b) investigar por quais bases teóricas o termo autoconhecimento está circulando na produção acadêmica em educação, incluindo as perspectivas diversas; c) analisar os dados coletados segundo categorias pertinentes ao objeto conforme revisão teórico-conceitual, sendo que poderão ser ampliadas ou reduzidas a depender dos indicativos do material empírico; d)

interpretar os dados a fim de formularmos uma síntese acerca da diversidade epistemológica dessas pesquisas no âmbito da Educação.

Com isso, a tese está organizada da seguinte forma: na introdução é feita uma breve definição do problema de pesquisa e hipóteses. No referencial teórico-conceitual é realizada uma síntese situando teoricamente, no espaço e no tempo, a temática abordada, tendo como a principal finalidade a contextualização ocidental do autoconhecimento. Tomando Sócrates como ponto de partida e passando por Platão e Aristóteles, o referencial teórico-conceitual desta pesquisa conversa não só com filósofos católicos que cristianizaram o dualismo corpo e mente, a exemplo de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, como dialoga com filósofos e pensadores modernos, a exemplo de Descartes, Kant, Locke e Hume; dentro outros que fazem parte da tradição ocidental que pensou a Teoria do Conhecimento.

Necessário frisar que a escolha por esse escopo filosófico se deve à dinâmica dos estudos acadêmicos no Brasil sobre o tema. Em outros termos, a tradição que se formou em torno do tema foi desenhada pelas trajetórias de pensamento desses filósofos; mesmo quando a revisão teórico-conceitual aponta para um avanço no interior dos estudos das chamadas neurociências contemporâneas, como veremos na sequência da seção responsável por esse desenvolvimento.

Na metodologia são expostas de forma clara as estratégias de busca e de seleção das fontes do universo e da amostra bibliográfica, com a descrição das palavras-chave, das bases de dados exploradas, do período da busca, dos critérios de inclusão e exclusão das fontes e dos dados que foram extraídos. Na revisão de literatura foram divididas em grupos e apresentadas as teses e dissertações presentes no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes que tratam sobre o autoconhecimento. Já a análise e discussão dos dados fornecem informações descritivas sobre os estudos incluídos, bem como dados da avaliação desses estudos. Na seção resultados é integrada coerentemente a gama de resultados dos estudos analisados por meio de uma síntese narrativa e/ou estatística (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014, p. 68).

## 2 Motivo e Justificativa

O interesse pelo autoconhecimento se deu através da minha trajetória escolar pautada no “auto desconhecimento”, na visão nietzschiana do termo. Criança gay, nascida na década de 90, aluno de escolas particulares de classe média na capital sergipana, o ambiente escolar nunca foi leve para mim. Lanchar sozinho e ter poucas amizades, era atribuído a minha timidez. Escondido por trás dos meus óculos de grau fazia questão de passar despercebido pelos lugares, e no ambiente escolar não era diferente. Dificuldades na aprendizagem, compensadas com aulas de reforço escolar, sempre estiveram presentes em minha rotina.

Minha jornada escolar, marcada pela falta de autoconhecimento e empoderamento, tornou-se ainda mais difícil ao chegar no Ensino Médio, tendo em vista que teria que escolher a profissão que, supostamente, “seguiria” pelo resto da vida; assim como nos era passado naquele momento a ideologia que enlaça vida e profissão. Utilizei de todos os artifícios que estavam ao meu alcance naquele momento: pesquisas, conversas com o coordenador da escola, teste de orientação vocacional com psicóloga, e a dúvida só crescia. Sempre muito lógico, objetivo e racional, utilizei um simples critério de exclusão, peguei uma lista dos cursos ofertados pela Universidade Federal de Sergipe e fui eliminando até chegar aos cursos de Administração e Ciências Contábeis.

Decisão tomada, ou quase isso, foi-me sugerido prestar vestibular para Ciências Contábeis na Federal e para Direito em uma universidade particular, a serem cursados simultaneamente, o que para algumas pessoas fazia muito sentido, já que existe uma especialidade profissional em que esses cursos se encontram, de modo que, matérias poderiam ser aproveitadas e eu poderia ser um excelente advogado tributarista, formado em um tempo menor que a soma total das duas graduações; proposta sedutora para atingir objetivos sociais e econômicos.

Para mim foi um respiro naquele momento, já que até poucos meses eu sequer sabia qual profissão queria seguir e agora tinha uma carreira traçada. Uma decisão que agradava a todos, escola, família e até a mim mesmo. Naquele momento estava na posse de um belo discurso para quando me perguntassem qual caminho desejaria seguir. A sociedade sergipana nunca foi leve quando se trata de educação, nas décadas de 1990 e 2000 as instituições de ensino particulares vistas como referências de ensino seguiam uma pedagogia tradicional e católica, e o direcionamento dado pelas escolas para a escolha do curso se dava para aqueles que tinham um maior peso no outdoor (Medicina, Engenharias e Direito).

Filho único de pais que não tiveram oportunidade de cursar o Ensino Superior, a educação sempre foi tratada como prioridade em nossa casa, frase como “a única herança que seus pais podem te deixar é o conhecimento”, fez parte do meu desenvolvimento. Bem como, todas as ferramentas necessárias para que eu tivesse acesso ao que tinha de melhor em educação no estado me foram oferecidas. Curso de idiomas (inglês e espanhol), aulas de reforço e aulas particulares de disciplinas isoladas faziam parte da minha rotina.

Sempre fui bom em seguir metas, o meu problema era conseguir traçá-las. Assim, com o auxílio de toda essa rede de apoio, consegui na primeira tentativa ingressar nos cursos que desejava. Um novo mundo se abria, novas possibilidades de relacionamentos surgiam, e aquele jovem que gostava de passar despercebido tornou-se uma pessoa que tinha vários ciclos de colegas, grupos de estudo e boas notas, tudo isso foi o suficiente para preencher um vazio pelos próximos cinco anos. Nesse período consegui um estágio em um escritório de advocacia e tranquei o curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Sergipe. No último ano do curso de Direito passei na prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), ingressei em uma Pós-graduação em Direito do Trabalho e consegui uma vaga como advogado trabalhista em um grande escritório de advogados localizado em Aracaju/SE, nesta ordem cronológica. Como disse, sempre fui bom em seguir metas.

Após um ano trabalhando como advogado surgiu a oportunidade de trabalhar no Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe como Secretário de Gabinete, período em que realizei uma nova pós-graduação na área de direito, desta vez em Direito Processual Civil. Neste vínculo, trabalhava com atendimento ao público, além de tarefas voltadas mais a área administrativa. Durante os dois anos e meio que passei neste cargo, meu esposo, que a época ainda era meu namorado, sempre me questionava quais eram minhas pretensões para os próximos anos. Essa pergunta sempre foi um problema para mim. De fato, eu não sabia, estava vivendo o presente, deixando a vida me levar, e quanto mais ele batia nesta tecla, mas eu ficava aflito, agressivo e inflamado.

Nessa constante e incessante busca por algo, que nem eu sabia ainda o que era, mergulhei em diversas sessões de terapia e *coaching*. Sempre fui muito aberto à ajuda. A partir dessas sessões me permiti vivenciar e experienciar o novo e foi nesse processo que fiz o Empretec<sup>1</sup> e um curso de liderança, tudo isso enquanto ainda estava exercendo a função de servidor público do poder judiciário do estado de Sergipe. Durante as sessões de *coaching* em

---

<sup>1</sup> O Empretec é um seminário vivencial com metodologia revolucionária desenvolvida pela ONU – Organização das Nações Unidas, aplicada com exclusividade pelo Sebrae no Brasil.

um certo momento me foi questionado: “Você já pensou em ministrar aulas?”, como era algo que nunca havia passado pela minha cabeça, dei uma resposta negativa e segui com a sessão. Na sessão seguinte a mediadora insistiu na mesma pergunta e respondi: “Nunca tinha pensado nisso, mas começarei a pensar agora”, e começamos a conversar sobre o assunto.

A partir das minhas experiências na universidade, ser professor não me parecia uma má ideia. Na universidade liderei alguns grupos de estudo e tive uma boa desenvoltura ao apresentar trabalhos, então comecei a pensar na nova ideia, de ser professor universitário. Esse processo de conhecer-se e desconhecer-se, buscar, traçar metas, são ciclos que sempre se fizeram presentes em minha vida. Nesse momento, em 2016, com 25 anos estava começando a escrever um novo capítulo em minha vida profissional. Com este novo capítulo surgem novas metas, como gosto de metas!

Para ser professor universitário o próximo passo era ingressar em um curso de mestrado, mas em qual departamento tentaria o processo seletivo? Nesta fase da minha vida já tinha uma certeza, não queria na área de Direito. Minha jornada no Direito nunca esteve preenchida por tesão, era algo OK, que para mim não era um prazer, nem um sacrifício. Então, comecei a buscar quais programas de Mestrado existiam na Universidade Federal de Sergipe - UFS que fariam mais sentido para mim e foi aí que me deparei com Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente e o Programa de Pós-Graduação em Educação, e decidi que faria a seleção nos dois programas, com a preferência pelo Mestrado em Educação.

O ano de 2016 foi marcado pela minha volta à UFS, ainda como um curioso, estudando os editais dos processos seletivos passados, conversando com possíveis orientadores, participando de grupos de pesquisas... Em dezembro do mesmo ano recebi a notícia que não havia conseguido ingressar no Departamento de Educação, mas tinha conseguido ser aprovado no PRODEMA. Acontece, portanto, mais uma virada de chave em minha vida pessoal e acadêmica, desta vez deixando de lado as expectativas automáticas, mecânicas e socialmente condicionadas.

Minha jornada no PRODEMA veio com alguns desafios, pois, como coincidiu com a época em que eu estava me empoderando da minha orientação sexual coloquei na cabeça que queria trabalhar com gênero e diversidade sexual, o grande X da questão foi como inserir esse tema em um departamento que possuía um histórico de trabalhos voltados ao Meio Ambiente natural. Comecei a frequentar ambientes de debates sobre gênero, para buscar de que forma poderíamos viabilizar a pesquisa. A uma certa altura chegamos a um consenso, eu e meu orientador do mestrado, que trabalharíamos a questão de gênero e diversidade sexual na

Educação Ambiental Crítica em um trabalho intitulado: “A Educação Ambiental Crítica no Brasil: As questões de gênero e diversidade sexual, entre (in)visibilidade e dialogia”.

Em 2017 eu era mestrando do PRODEMA, estava gostando de voltar a UFS, os trabalhos, as aulas de campo, os colegas eram combustão, estavam me movendo em um caminho de sentido e significado. No entanto, ser aluno do Programa de Pós-Graduação de Educação da UFS era algo que não havia desistido, nesse sentido, assim que tive oportunidade de escolher disciplinas em outros departamentos através das disciplinas optativas corri logo para o PPGED e neste momento iniciou uma verdadeira imersão na área da Educação.

Os próximos passos se tornaram meio que consequência. Deixar o Direito, inclusive meu trabalho enquanto servidor público, ingressar em uma nova graduação, desta vez em Pedagogia, concluir o mestrado e finalmente ingressar como discente do PPGED, desta vez como doutorando. Neste terreno fértil, cheio de inquietações, pesquisas, estudos, ajudas... Surge o I AM – Instituto Aspásia de Mileto em parceria e sociedade com meu esposo, Vitor Aloísio.

O I AM é uma escola de educação infantil e ensino fundamental que surge da necessidade de trazer um novo olhar para a escola e criar um ambiente que fomente a criatividade, a subjetividade, a cooperação, a fraternidade, a empatia... não só entre os alunos, mas também entre os colaboradores e as famílias. O I AM surge da necessidade de criar um ambiente educacional em que se promova diariamente o bem-estar dentro da comunidade escolar, na perspectiva da psicologia positiva de Martin Seligman. Bem como, de fortalecer às habilidades e competências já inerentes a cada indivíduo e estimular àquelas que possuem maior dificuldade. Assim, o I AM surge contra qualquer forma de opressão, discriminação, desrespeito e castração no ambiente educacional.

Localizado no bairro de Atalaia, na capital sergipana, o I AM abre suas portas pela primeira vez ao público em 02 de setembro de 2019 com a campanha de matrícula para o ano letivo de 2020 com alguns diferenciais, dentre eles o Sistema de Autoconhecimento I AM. Este sistema, elaborado pela instituição de ensino e aplicado diariamente dentro da rotina escolar, visa proporcionar à criança um olhar para dentro de si, oferecendo aos alunos ferramentas que favoreçam o autoconhecimento e estimulem um pensar reflexivo sobre si.

O Sistema de Autoconhecimento I AM é constituído por três diferentes momentos que ocorrem, diariamente, por todo o ano letivo e em toda a escola, desde a educação infantil. O primeiro é o “momento da meditação/respiração”; nesta etapa as professoras responsáveis pelas salas de aula conduzem os alunos a um estado de calma, seja com exercícios que favoreçam o estado meditativo ou simplesmente com exercícios que estimulam a respiração consciente.

O segundo instante é denominado de “momento da gratidão”; nesta ocasião os alunos fazem o exercício de observar sobre o que, ou por quem, podem ser gratos, de forma que vivenciam as diferenças existentes entre os seres humanos e percebem que diariamente temos motivos para ser gratos. No terceiro e último momento trabalha-se com um diário e livro das emoções, produto idealizado e elaborado pela própria instituição de ensino que consiste em estimular os alunos a entrarem em contato diário com suas emoções e seus sentimentos, de modo a expressá-los através de desenhos, pinturas, textos escritos dentre outros.

Na filosofia socrática o aforismo “Conhece-te a ti mesmo” tornou-se uma referência na busca não só do autoconhecimento, mas também do conhecimento do mundo, da verdade. Para Sócrates, conhecer-se é o ponto de partida para uma vida equilibrada e, por consequência, mais autêntica e feliz. Nesse ponto, a teoria cruza-se, mais uma vez, com a minha prática enquanto profissional, isto porque, o Instituto Aspásia de Mileto – I AM, onde além de sócio idealizador atuo como gestor, tem suas bases na filosofia da Grécia antiga a começar pelo próprio nome do estabelecimento de ensino que homenageia Aspásia de Mileto.

Aspásia de Mileto (470-400 a.C.) foi uma sábia, educadora e filósofa da Grécia antiga que defendeu, dentre outras coisas, a tranquilidade da alma, cujo termo em grego é “*ataraxia*”, princípio de busca do ponto de equilíbrio em nossas almas. Sócrates chegou a declarar Aspásia de Mileto como sua professora e mestra de oratória, por conta de seu nível avançado de autonomia e sabedoria. O acróstico I AM, utilizado pelo estabelecimento de ensino, remete também ao autoconhecimento, tendo em vista que sua tradução do inglês quer dizer: eu sou, eu estou.

No entanto, algumas questões inquietaram-me ao trabalhar com o Sistema de Autoconhecimento I AM: Como o autoconhecimento vem circulando epistemologicamente no campo educacional? Esses três momentos são suficientes para estimular o autoconhecimento? Referido sistema encontra-se alicerçado em quais bases teóricas? Do que é constituído o autoconhecimento? Quais elementos fazem parte do autoconhecimento? As respostas para essas inquietações fazem parte desta pesquisa.

O autoconhecimento é a capacidade de descrever um estado interno ou o próprio comportamento aberto ou encoberto. O controle do comportamento pelo ambiente existe mesmo se a pessoa não tiver consciência dele, portanto, pode-se fazer algo sem prestar atenção no que está sendo feito ou sem saber o motivo (BRANDENBURG; WEBER, 2005). Desse modo é notória a relevância social desta pesquisa, tendo em vista que o Instituto Aspásia de Mileto – I AM, escola de educação infantil e ensino fundamental, e sua comunidade escolar,

que envolvem cerca de 80 colaboradores e 200 alunos e suas famílias, dependem diretamente dela para compreender e aperfeiçoar o Sistema de Autoconhecimento I AM.

De modo mais amplo, esta pesquisa encontra-se relevante no âmbito acadêmico, isto porque, em consulta parametrizada de linhas de pesquisa na “Base Corrente” do CNPQ em que foi utilizado o termo de busca “autoconhecimento” e aplicados os filtros “nome do grupo”, “nome na linha de pesquisa” e “palavra-chave da linha de pesquisa”, foram encontrados apenas 16 resultados, os quais não se aprofundam no objeto desta pesquisa. Vale ressaltar que, na análise dos resultados foram encontrados uma linha de pesquisa de “Criatividade e autoconhecimento” na Universidade Federal do Paraná - UFPR e um grupo de pesquisa do Colégio Pedro II denominado de “Laboratório de Autoconhecimento e Linguagens”.

Ademais, muita literatura contemporânea sobre a natureza da consciência e da autoconsciência está atulhada com dificuldades conceituais (BENNETT; HACKER, 2003, p. 21). Imperioso se faz necessário trazer um excerto do pensamento de Skinner (2003, p. 315) sobre o objeto desta pesquisa, onde afirma que “um dos fatos mais extraordinários a respeito do autoconhecimento é que ele pode não existir”. Dessa forma, a circulação epistêmica e culturalmente plural e ampla do autoconhecimento em meio a círculos de práticas sociais alternativas ou tradicionais também releva o significado social e acadêmico desta tese.

Considerando que a humanidade herdou da segunda metade da modernidade um projeto de educação mundial democrático, republicano e liberal, que nasce na década de 60, o autoconhecimento torna-se uma categoria importante constituinte deste modelo de educação. Assim, o autoconhecimento é um tema mais contemporâneo, central e intrínseco na educação do que muitos imaginam, estando inclusive vinculado a alguns documentos legais que tratam sobre educação.

Em 2017, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou o documento “Education for Sustainable Development Goals: learning objectives” que traz o autoconhecimento como uma competência-chave<sup>2</sup> para avanço do desenvolvimento sustentável, definindo assim a competência de autoconhecimento como sendo a “habilidade de refletir sobre o próprio papel na comunidade local e na sociedade (global);

---

<sup>2</sup> Competências-chave representam competências transversais que são necessárias para todos os educandos, de todas as idades, em todo o mundo (desenvolvidas em diferentes níveis, de acordo com a idade). Competências-chave podem ser entendidas como transversais, multifuncionais e independentes do contexto. Elas não substituem as competências específicas necessárias para a ação bem-sucedida em determinadas situações e contextos, mas elas as incluem e têm um foco mais amplo (RYCHEN, 2003; WEINERT, 2001).

avaliar continuamente e motivar ainda mais as próprias ações; e lidar com os próprios sentimentos e desejos”.

Em 2018, na Base Nacional Comum Curricular são feitas oito menções ao termo autoconhecimento. Em que pese não seja definido nem classificado o autoconhecimento o fato do termo ser mencionado oito vezes em um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica demonstra a interconexão do autoconhecimento com a educação na contemporaneidade. Em 2019, o Currículo do Ensino Fundamental da Cidade de São Paulo não só menciona o autoconhecimento como o estabelece como uma das nove Matrizes de Saberes<sup>3</sup>, asseverando:

#### Autoconhecimento e Autocuidado

Saber: Conhecer e cuidar de seu corpo, sua mente, suas emoções, suas aspirações e seu bem-estar e ter autocrítica;

Para: Reconhecer limites, potências e interesses pessoais, apreciar suas próprias qualidades, a fim de estabelecer objetivos de vida, evitar situações de risco, adotar hábitos saudáveis, gerir suas emoções e comportamentos, dosar impulsos e saber lidar com a influência de grupos, desenvolvendo sua autonomia no cuidado de si, nas brincadeiras, nas interações/relações com os outros, com os espaços e com os materiais. (SÃO PAULO, 2019).

Observa-se que, cada vez mais que o autoconhecimento é tratado em documentos legais e oficiais ele começa a fazer parte do campo dos direitos e garantias do cidadão. O autoconhecimento por vezes se refere à pessoa, outras à humanidade; conhecer a si consiste, também, a se ver como um ser humano, igualmente responsável pelo planeta como todos os outros. Na discussão do projeto contemporâneo de educação mundial, a partir do final da década de 1960, se pensou no conceito de “sociedade da aprendizagem” como eixo da cidadania, das “cidades educativas”; em que o autoconhecimento é eixo central junto com a questão da responsabilidade, a autorresponsabilidade com a própria aprendizagem.

Dito isto, ao trabalhar diariamente com o autoconhecimento no Instituto Aspásia de Mileto – I AM pretendemos que os alunos desta instituição possam cada vez mais conhecer-se e entender-se enquanto sujeitos no mundo, compreendendo quais são suas principais habilidades, competências e aptidões. A educação está passando por uma grande transformação, há duzentos anos havia muitas coisas que as pessoas não sabiam quanto ao futuro, mas assim mesmo estavam convencidas de que as características básicas da sociedade humana não iriam

---

<sup>3</sup> A Matriz de Saberes tem como propósito formar cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável, e indica o que bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos devem aprender e desenvolver ao longo do seu processo de escolarização.

mudar. Hoje, na década de 2020, essa certeza está mais difícil do que nunca, porque uma vez tendo a tecnologia nos capacitado a projetar e construir corpos, cérebros e mentes, não podemos mais ter certeza de nada, inclusive de coisas que pareciam ser fixas e eternas.

Desse modo, observo que essa insegurança, incerteza e deslocamento que tanto eu como colegas e amigos contemporâneos vivemos só tende a piorar se os padrões da educação não modificarem. A informação pura e simples perde o lugar de destaque, isto porque, uma criança que nasce na década de 2020 já nasce mergulhada na era da informação, o que ela precisa é de capacidade para extrair um sentido da informação, perceber a diferença entre o que é importante e o que não é, e acima de tudo combinar os muitos fragmentos de informação em amplo quadro do mundo. Dito isto, Harari (2018, p.231) nos auxilia com a resposta para o seguinte questionamento: O que deveríamos estar ensinando nas escolas?

Muitos especialistas em pedagogia alegam que as escolas deveriam passar a ensinar “os quatro Cs” – pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. Num sentido mais amplo, as escolas deveriam minimizar habilidade técnicas e enfatizar habilidades para propósitos genéricos na vida. O mais importante de tudo será a habilidade para lidar com mudanças, aprender coisas novas e preservar seu equilíbrio mental em situações que não lhe são familiares. Para poder acompanhar o mundo de 2050 você vai precisar não só inventar novas ideias e produtos – acima de tudo, vai precisar reinventar a você mesmo várias e várias vezes.

De fato, não temos ideia de como o mundo estará daqui a cinquenta anos, não sabemos de quais habilidades específicas vamos precisar, no entanto, a mudança em si mesma é a única certeza que temos. Uma mudança tão profunda que pode transformar a estrutura básica da vida, fazendo da descontinuidade sua característica mais proeminente. Desde tempos imemoriais a vida foi dividida em duas partes complementares: um período de estudo seguido de um período de trabalho. Em meados do século XXI, mudanças aceleradas e vida mais longa tornarão o modelo tradicional obsoleto. A vida se esgarçará, e haverá cada vez menos continuidade entre os diferentes períodos da vida (HARARI, 2018, p.233). “Quem sou eu?”, “Do que realmente gosto?”, “Qual caminho desejo seguir?”... serão perguntas mais urgentes e complicadas do que jamais foram.

Como agir quando estivermos inundados por enormes quantidades de informação e não existirem meios de absorvê-la e analisá-la? Como viver em um mundo em que uma profunda incerteza é uma característica? Para sobreviver e progredir em um mundo assim será necessário muita flexibilidade mental e equilíbrio emocional, será necessário renunciar àquilo que sabe melhor e sentir-se à vontade com o que não sabe, e sobretudo, conhecer-se!

Conhecer-se para saber quem você é e o que deseja da vida. Neste exato momento os algoritmos estão observando o que compramos, com quem nos encontramos, o que pesquisamos... E, assim que esses algoritmos nos conhecerem melhor do que nos mesmos nos conhecemos, eles serão capazes de controlar-nos e manipular-nos. E tudo bem se você desejar ceder sua autoridade para que os algoritmos, e a sociedade, decidam por você quais caminhos seguir, nesse caso apenas relaxe e aproveite a viagem. Se, no entanto, desejar manter algum controle sobre sua existência pessoal e seu futuro o caminho é um só e está escrito por Sócrates desde o século IV a.C. no pórtico de entrada do templo do deus Apolo, na cidade de Delfos, na Grécia: “Conhece-te a ti mesmo”!

Observa-se, portanto, que o autoconhecimento é um objeto de estudo absolutamente relevante, principalmente neste momento de virtualização das relações sociais e profissionais que se tornaram necessárias em virtude de uma pandemia mundial provocada pelo coronavírus. Os anos de 2020, 2021 e 2022 serão lembrados mundialmente como os anos em que a pandemia do novo coronavírus atingiu mais de quatrocentos e trinta milhões de pessoas ao redor do planeta e tirou mais de seis milhões de vidas<sup>4</sup>. Nessas circunstâncias, nos vimos obrigados a entrar em isolamento social como medida preventiva para a contenção da pandemia, comércios, indústrias, escolas e serviços tiveram suas rotinas alteradas e fomos obrigados a nos voltarmos para dentro dos nossos lares, de nossas famílias, para dentro de nós mesmos.

A pandemia do coronavírus surge como um reflexo de nosso percurso civilizatórios enquanto sociedade, das nossas faltas de indagações. Assim, o objeto de estudo deste trabalho nos convida a pensar, no mínimo: existe a certeza? Quem de nós chegou a cogitar que estaríamos passando por tudo isso, uma pandemia de escala mundial. Inseridos em um processo de modernidade, o qual é calcado nos princípios da certeza, estávamos tão certos de que temos o direito de ir e vir, correndo contra o tempo para cumprir mais tarefas do que 24h comportam, fazendo checklist na agenda... será que estávamos vivendo ou sobrevivendo? Será que estávamos tendo tempo para olhar para dentro? Assim repousa a relevância deste trabalho, com seus fundamentos e impactos sociais.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F02j71&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>. Acesso em 23 de fevereiro

### 3 Referencial teórico-conceitual

Preambularmente, faz-se necessário destacar que o presente estudo valer-se-á, consciente e intencionalmente, de um processo de escrita ensaístico para caminhar pelo referencial teórico-conceitual, acreditando ser a forma mais adequada no diálogo com o objeto estudado. Com o passar dos tempos os ensaios adquiriram diversas formas e formatos, assim como são utilizados para diversos fins, da época de Montaigne até a atualidade, os ensaios tornaram-se importantes formas de geração de conhecimento, de modo que, várias são as áreas que os utilizam como forma: da ciência física à literatura, passando pela filosofia, pelas ciências sociais, pela química e pela biologia; o ensaio é forma que quebra a lógica esquemática e sistemática da ciência tradicional, sobretudo de natureza positivista (MENEGETTI, 2011).

A utilização do ensaio como forma não representa a total rendição ao fim das formalidades ou a crítica irracional que se possa fazer em relação à ciência, mas trata-se de uma forma específica de compreensão da realidade, para determinado nicho do trabalho, por meios diferentes daqueles utilizados pela ciência, na sua forma tradicional de produzir conhecimento. Assim, a forma de escrita ensaística caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência.

Voltando os olhos para o objeto em estudo, o autoconhecimento, vale ressaltar que, no ensaio, o objeto deve existir por si só. Mesmo que este objeto não seja concreto ou material e verificável, a condição apenas é que este seja real. Podendo ser concreto ou não, material ou imaterial ou até mesmo imaginário, necessitando apenas ser uma coisa-em-si. Logo, para este referencial teórico-conceitual ser melhor compreendido devem ser deixados de lado os preconceitos, esquemas e julgamentos prévios, para este momento a intuição é fundamental. É ela que agirá como fio condutor, que fará a ponte entre o fantástico e a realidade, entre a potência e o ato. Segundo Bertero (2011):

Intuição é conhecimento imediato, sem a necessária progressão por etapas que caracterizava a episteme grega ou os processos indutivos ou dedutivos da ciência moderna. No universo platônico, a intuição seria a nêsis. A sequência platônica é a eikasia, ou seja, o mundo das imagens e percepções fugidias e necessariamente o singular e particular. Em seguida viria a doxa, ou o mundo das opiniões, mas que, por apoiarem-se ainda nas imagens da eikasia, tem caráter necessariamente arbitrário. Após temos a episteme, que se vale da contribuição pitagórica e que é o ápice do conhecimento, à exceção da nêsis, que nos coloca frente a frente com as ideias puras, universais e, como tal, incluindo ainda a justiça e a bondade. A nêsis é o conhecimento que se adquire pela contemplação das ideias ou dos conceitos ou formas em seu estado puro. Segundo a metáfora platônica do mito da caverna, a nêsis é o conhecimento

dos que lograram deixar a caverna, onde contemplavam sombras e que tivessem saído para ver a luz solar iluminando as coisas reais e não as sombras projetadas. Analogamente, a *nôsis* é a intuição das formas perfeitas, que são apenas sugeridas pela experiência empírica.

Percebe-se, portanto, que a forma ensaística de escrita surge com a idade Moderna, não encontrando espaço na antiguidade. Isto porque, no apogeu do pensamento clássico grego, nomeadamente de Platão e Aristóteles, não foi reservado lugar para o tipo de conhecimento que seria obtido com o ensaio. O que estes clássicos gregos almejavam era a episteme que representaria o universal, não transitório, e, portanto, geral. O singular, o individual, era entendido como caminho para chegar-se à episteme, mas fixar-se no particular seria limitar-se à doxa (opinião). Assim, o ensaio afasta-se do universo clássico Moderno, ao encantar-se tanto pelo universal como pelo particular. O ensaio torna-se, portanto, uma oportunidade de elaborar o particular, o singular, mas dotando-o sempre de relevância que possa encantar a Inteligência, seduzindo o leitor (BERTERO, 2011), reforçando-se com isso a escolha desta forma de escrita.

Assim, o referencial teórico-conceitual permite fundamentar, dar consistência à pesquisa científica, tendo como principais funções nortear a pesquisa e apresentar um embasamento da literatura já publicada sobre o mesmo tema. O referencial teórico-conceitual, assim, permite verificar os fundamentos filosóficos e científicos do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já realizados (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Vale destacar que, para que se faça uma busca relevante e sintética, é importante ter clara qual a relação entre os conceitos que se está buscando investigar. De modo que, antes mesmo de falar sobre a existência e a circulação do termo autoconhecimento em pesquisas educacionais, como ocorre sua manifestação nesse contexto *stricto senso*, se este é permanente ou efêmero, é necessário traçar uma definição teórico-conceitual sobre o termo com base em referenciais clássicos ou primários sobre o assunto.

Dito isto, pode-se caracterizar o autoconhecimento como um objeto de pesquisa de natureza ou modo de existência subjetiva, às vezes associado ao suprassensível e outras às sensações e às percepções acerca de si. São necessários alguns critérios lógicos e metodológicos para a apreensão desse tipo de fenômeno, tendo em vista a sua hipotética ocorrência fenomênica se dar no interior dos sujeitos humanos, geralmente por manifestações cognitivas, imaginativas e estéticas.

Ao buscar uma definição entre os pesquisadores que trabalham com o termo foi verificado que o autoconhecimento é um objeto de pesquisa reconhecido acadêmica e

socialmente, mas que não possui uma definição conceitual consensual, justamente pelos problemas metodológicos e instrumentais para se ter acesso objetivo no sentido de diminuir seu reconhecimento intersubjetivo. Este objeto gera muitas discussões, tanto em seu nível conceitual quanto empírico, por envolver questões relativas à subjetividade humana; as realidades invisíveis ou privadas da existência humana, incluindo as sensações.

Pode-se afirmar que o autoconhecimento se encontra estabelecido enquanto problema na comunidade científica, ou seja, pesquisadores de diversas áreas (psicologia, antropologia, filosofia, teologia, autoajuda, mística...) se aprofundam nesse tema levando em consideração suas crenças ou áreas de estudo sem chegar a um acordo. O autoconhecimento possui uma variedade de dimensões e os filósofos e os cientistas propuseram e continuam a propor uma multiplicidade de métodos para explorar ou estabelecer os princípios dessa particular forma de conhecimento.

Imperioso se faz mencionar ainda que existe um limite tênue entre os estudos filosóficos e pedagógicos da teoria do conhecimento. Tendo em vista que, ambas as áreas se preocupam com a construção do conhecimento, mas a filosofia moderna não está preocupada em auxiliar ou mediar o outro em seu caminho para o autoconhecimento, mas sim em desvendar as questões intrínsecas ao autoconhecimento. Assim, o caminho filosófico escolhido para ser abordado neste referencial teórico-conceitual se deu de maneira muito orgânica na medida que foram sendo aprofundadas as pesquisas sobre este objeto de estudo. Isto porque, a literatura acadêmica que aborda esta temática é muito mais robusta na conceituação filosófica do que nos métodos pedagógicos para se trabalhar com o autoconhecimento. Entretanto, em que pese metodologicamente nossos estudos tenham sido conduzidos para o aprofundamento na natureza filosófica do autoconhecimento, o olhar pedagógico para este objeto de estudo estará presente na revisão de literatura desta pesquisa.

Assim sendo, para o estudo deste objeto, partiremos de um dos aforismos mais famosos da história da filosofia: “Conhece-te a ti mesmo”. Esta frase, reprodução famosa atribuída ao filósofo grego Sócrates (479-399 a.C.), encontrava-se no pórtico de entrada do templo do deus Apolo, na cidade de Delfos, na Grécia, século IV a.C.. Para a filosofia Apolo por muitas vezes é considerado o deus da razão, já na mitologia grega, Apolo é considerado o deus da luz e do sol, da verdade e da profecia, e em seu templo buscava-se o conhecimento do presente e do futuro por intermédio de sacerdotisas. Assim, Apolo era o deus, por excelência, que poderia conceder aos homens a possibilidade do autoconhecimento, isto é, de saberem o que não sabem a respeito de si mesmos.

Delfos, para os gregos, era uma cidade sagrada por ser considerada o umbigo do mundo: “Reza o mito que Zeus, desejoso de determinar o ponto médio da terra, fez com que duas águas, partindo das bordas oriental e ocidental do disco terrestre, voassem uma em direção a outra. Elas se encontraram em Delfos, e o ponto do encontro foi marcado por uma pedra em forma de ovo, o ônfalo, umbigo. Pela atuação de Apolo, filho de Zeus, Delfos tornou-se o umbigo do mundo grego” (GIEBEL, 2013, p.7). Dessa forma, todas as forças benfazejas da terra estariam concentradas em Delfos, o que fazia de seu oráculo o mais sagrado de todos. Ele era tido como o oráculo dos oráculos, pois todas as grandes adivinhações feitas pela Pítia tinham uma influência direta de Apolo. Além do mais, pode-se considerá-lo como o oráculo do autoconhecimento, pelos princípios inscritos em seu pórtico “conhece-te a ti mesmo” (gnóthi seautón) e “nada em demasia” (medén ágan) —, princípios atribuídos aos sete sábios da Grécia.

Enquanto Sócrates, no oráculo de Delfos, chamou atenção para o conhecimento de si mesmo, Aristóteles concentrou-se na figuração da “*noesis noeseos*”. Aristóteles encontra em Deus a imobilidade, tanto quanto a imaterialidade, identificando-o como pensamento puro: pensamento do pensamento (*noesis noeseos*) (ROSA, 2011, p. 97), não convergindo senão para a conclusão de que “ele é também o primeiro motor do mundo e o acto (sic) puro, acto (sic) em potência do que não existe, perfeito e modelo de inteligibilidade” (ARISTÓTELES, 1999 *apud* ROSA, 2011, p. 97).

*Noesis* ou *noese*, segundo o pensamento filosófico, significa compreensão imediata, habilidade de sentir, perceber ou saber algo imediatamente, contrastando o pensar discursivo, também conhecido como *dianóia*. Em um sentido amplo, *noesis* é o pensamento, em contraste com a sensação, indica, assim, uma apreensão direta, imediata, uma intuição, em oposição às formas de pensamento discursivo (CENTRONE, 1970). Aristóteles (385-323 a.C.), aluno de Platão no período clássico na Grécia antiga, interessava-se em questões estruturais referentes à vinculação entre o ser (o que existe ou o que as coisas são), o dizer (a estrutura formal do discurso) e o pensar (o exercício eficiente da *phrónêsis*).

Entre 354 e 430 d.C. Agostinho, influenciado pelos pensamentos de Platão e Aristóteles, traz reflexões profundas sobre o sujeito e sua liberdade. Distingue em seus escritos *nosse* (conhecer) de *cogitare* (pensar) para explicar a ambiguidade do autoconhecimento. Com isso, defende que a *mens* (mente) já se conhece a si mesma, mas não se pensa a si mesma. Assim, não é necessária *species* (possui tanto o sentido de aspecto ou noção, quanto o de ideia, ideal ou forma incomutável) para que a *mens* se conheça, pois o conhecimento que possui de si mesma é imediato, no entanto, a *species* é necessária quando ela quer pensar-se a si mesma.

Existe, portanto, uma diferença entre conhecer-se e pensar-se, de maneira que o autoconhecimento é condição de possibilidade do pensar-se (ANDRADE, 2007, p. 16).

Por volta de um século depois, na Itália, Tomás de Aquino (1225-1274), à luz de conceitos aristotélicos, explicou algumas das afirmações de Agostinho, de modo que a expressão *quid in se ipso agatur attendens* de Agostinho é entendida como conhecimento habitual, e a expressão *speciali aut generali cognitione definit* como conhecimento atual. Sendo assim, entende-se por conhecimento habitual uma autoconsciência vivida e por conhecimento atual um conhecimento conceitual explícito. Assim, temos um conhecimento íntimo (*quid in se ipso agatur attendens*) e um conhecimento geral ou específico, pelo qual se alcança uma definição (*speciali aut generali cognitione definit*), fundamentada no fato de que agimos ou pensamos conforme normas superiores e imutáveis acima de nossa *mens*. Enquanto o primeiro modo de autoconhecimento seria o *nosse*, o segundo o *cogitare* (ANDRADE, 2007, p. 15).

É apenas na modernidade que a questão da subjetividade, do Eu ou do *self*, junto com sua autoconsciência e sua liberdade, é descoberta como fundamental para toda filosofia. Basta pensar no “*cogito ergo sum*”, de René Descartes ou no “*eu penso*” de Immanuel Kant (UTZ, 2018, p. 233). Observa-se, portanto, que o autoconhecimento é um objeto de estudo antigo e ao mesmo tempo contemporâneo sobre o qual pensadores, pesquisadores e profissionais de diversas áreas já se debruçaram; principalmente, hoje, neurocientistas e filósofos da ciência e da mente.

Na filosofia ocidental, as perspectivas empirista e racionalista dominaram a concepção epistêmica do autoconhecimento. A primeira começa com René Descartes (1596-1650), ou mesmo antes, e continua até Immanuel Kant (1724-1804); a segunda inclui John Locke (1632-1704) e David Hume (1711-1776) como seus representantes mais proeminentes (MARQUES, 2012, p. 13).

Descartes e Kant se referiam à evidência do sujeito ou do Eu na consciência. Descartes afirma que o sujeito é substância pensante, mas isso não explica sua capacidade de autorreferência, ao contrário, ao refletir sobre essa capacidade, torna-se logo evidente que o sujeito não pode ser pensado nos termos da substância da ontologia tradicional. Já Kant aponta a evidência de que “eu posso” acompanhar toda representação “minha” acerca de tudo que há em minha consciência, pelo “eu penso” (UTZ, 2018, p. 234). Para Kant, o sujeito transcendental é um “noumenon”, um conceito-limite. Mas isso não explica como a representação deste sujeito no “eu penso” pode acompanhar toda representação dada em minha consciência.

Podemos reconhecer e confirmar, a partir dessas referências, que o autoconhecimento consiste em um conceito amplo e plural; mesmo que restrito ao campo da filosofia ocidental, principalmente a alemã, sem descartar ligações com as filosofias francesa (Descartes) e inglesa (Hume). Outro regionalismo filosófico importante para a reflexão sobre o autoconhecimento é neopositivismo, especialmente no Círculo de Viena, herdeiros tanto da filosofia kantiana (neokantianos) e da filosofia inglesa (empirismo e lógica).

Marques (2012, p. 14), ao explorar um pouco mais as posições empirista e racionalista, representadas pelos filósofos clássicos Hume e Kant, respectivamente, nota que, no limite, elas podem conduzir ao cepticismo acerca do poder da mente conhecer a si mesma, ou seja, da possibilidade de um genuíno autoconhecimento. Com essas referências à tradição clássica o autor deseja mostrar que o conhecimento de si mesmo, na sua perspectiva, é apenas adquirível por introspecção, é relativamente pobre: um tipo de percepção, no caso de Hume, e a mera consciência do “eu”, no caso de Kant, mas que ocorre no campo da experiência passível de algum modo ou nível de objetivação, isto é, de manifestação empírica. Imperioso se faz mencionar Kant era leitor de Hume e dedica a esse o fato de ter o despertado de seu sono dogmático centrado no racionalismo.

Seguindo com esse raciocínio, Marques (2012, p. 14) sugere que o cepticismo acerca da possibilidade de um genuíno autoconhecimento possui suas raízes na filosofia clássica, seja ela empirista, seja racionalista. Desse modo, informa o autor que ao se referir ao cepticismo relativamente ao conhecimento da nossa própria mente (ou de *si mesmo*), pretende significar a capacidade de conhecê-la através do dispositivo de uma estrutura dual, isto é, uma mente que olha para si mesma: uma mente que se coloca a si mesma como alvo. No entanto, se forem tomados os exemplos de ambos os filósofos mencionados, Hume e Kant, por razões diferentes, esse alvo oferece pouca coisa: a percepção de sentimentos ou de um “eu”, respectivamente.

Hume e Kant deram grande importância a tarefa de dar conta da noção do “eu”, da natureza do si-mesmo, em que pese tenham defendido visões extremamente diferentes. Hume chega à tese de que todas as questões refinadas e sutis acerca da identidade pessoal devem ser vistas como dificuldades antes gramaticais que filosóficas. Kant, por outro lado, defende que não há pensamento que seja mais importante e mais significativo do que o pensamento sobre nosso eu. Algo que chama a atenção no debate entre estes dois filósofos é que há uma convicção compartilhada de que as teses de Kant devem ser consideradas como estando intimamente relacionadas às teses expostas por Hume, mesmo sendo estas extremamente diferentes a respeito da noção do “eu”. Esse debate entre Kant e Hume já é bem conhecido na filosofia,

tendo em vista que, os textos de Kant, por vários momentos, podem ser considerados como um tipo de reação ou mesmo de resposta ao desafio cético de Hume. (CARL, 2002, p. 134).

Martins (2001, p. 59), ao trabalhar com o autoconhecimento na psicologia empírica de Kant, faz um mapeamento de onde se encontra o objeto deste trabalho na obra do filósofo clássico alemão. O conceito de autoconhecimento, por estar estritamente referido ao sentido interno, na psicologia empírica de Kant, apresenta uma complexidade que impõe pensá-lo além desta psicologia. Martins (2001, p. 59) analisa os limites do autoconhecimento empírico decorrentes da insuficiência do sentido interno apontada através de sua temporalidade, por esta depender dos objetos espaciais. A mencionada autora nos mostra que o autoconhecimento dos objetos do sentido é a Fisiologia, que pode ter o sentido externo (Física) ou o sentido interno (Psicologia).

De outro modo, Martins (2001) localiza o autoconhecimento em Kant dentro da psicologia empírica, se opondo a uma psicologia transcendental ou metafísica. Na psicologia empírica de Kant o autoconhecimento significa o conhecimento do “eu” como ele aparece no tempo, a forma do sentido interno. Mas este autoconhecimento também requer algum tipo de prova de que o “eu” empírico satisfaça as condições gerais do conhecimento e isto é o que Kant pensa quando argumenta que as condições *a priori* do conhecimento (as categorias, o espaço e o tempo) precisam ser abrangidas por algum objeto do conhecimento, seja ele outro objeto, ou o “eu” (MARTINS, 2001, p. 62). Kant circunscreve o “objeto” do sentido interno de várias formas, as quais indicam que o sujeito lógico do pensar é ligado a um corpo, e neste caso encontra-se o conceito de alma. Porém, a alma, ou o “eu”, ou ainda o “sujeito pensante” não representam o mesmo elemento que o corpo, material do sentido externo, pois enquanto o corpo está no espaço e no tempo, o eu, todavia, encontra-se apenas no tempo.

O autoconhecimento empírico alcança apenas este “eu” que, embora seja distinto do corpo físico, a ele está ligado por algo de perceptivo e sensitivo; isto é, o corpo é capaz de sentir e perceber a existência do pensamento como fenômeno apreendido por uma consciência que também parece pensar ou ser pensamento. Martins (2001, p. 62) apresenta em seu estudo que o autoconhecimento na psicologia empírica de Kant pode e deve ser analisado em relação ao uso regulativo da razão através do qual é possível delinear uma ligação entre psicologia racional e psicologia empírica.

Com isso, indica que o autoconhecimento na filosofia kantiana é conectado a um esquema que, por estar além do espaço e do tempo, possibilita pensar este autoconhecimento em relação ao uso regulativo da razão, pelo que se apreende a ligação entre a psicologia

empírica e a psicologia racional na filosofia transcendental. Desse modo, segundo Kant, o autoconhecimento parte das experiências empíricas, ou seja, não tem como base certas existências que são transcendentais, do pensamento puro; mas, a percepção, a imaginação como experiências ligadas ao sensível.

De acordo com Borges (2013, p. 32), “[...] o tempo kantiano deixa de ser relacionado a um espaço externo ao sujeito e se torna uma condição de autoconhecimento, interna ao sujeito na estética transcendental. Para tanto, o autor recorre a uma citação de Roberto Machado (2010, p. 113), extraída de seu livro “Deleuze, a arte e a filosofia”.

O tempo é a diferença transcendental que introduz uma fissura, uma rachadura entre o *je* e o *moi* no sentido em que o sujeito só pode representar sua própria espontaneidade como a de outro ou em que o *moi* possui uma receptividade com relação a qual “*Je est un autre*” (MACHADO, 2010, p. 113).

A citação indica que o autoconhecimento kantiano passa por uma espécie de *alloconhecimento* na medida em que o “eu” (*je*, em francês) passa por uma fissura de modo que possibilita formular o enunciado “eu mesmo”; em francês “*moi*”. Não obstante, registra-se ou testemunha-se o comportamento humano referente à possibilidade de falar de nós mesmos como se não fossemos nós, isto é, com uma sombra de estranhamento; ao passo que podemos duvidar de nossos atos, nossos discursos e de nossas capacidades e potencialidades. Implicar o auto no alo conhecimentos acaba por nos levar ao problema levantado por Nietzsche, sobre o humano ser um desconhecido de ou para si mesmo; um outro de si mesmo; que então pode ser conhecido para além da razão.

Assim, pode-se perceber que o termo autoconhecimento é bem plural e utilizado em sentido *lato*. No entanto, quando adentramos ao campo acadêmico, através de um estudo epistemológico do autoconhecimento, somos fortemente levados à filosofia ocidental. De modo que, se tivéssemos, no mundo acadêmico, outras correntes com a presença tão marcante quanto esta, ao tratar do autoconhecimento, talvez o percurso da pesquisa fosse outro.

Vale mencionar que em “A ideologia alemã” Marx critica a filosofia alemã por ser idealista e pouco política e econômica, diferentemente das tradições filosóficas inglesas e francesas, as quais são mais políticas e menos preocupadas com as questões da natureza ontológica do conhecimento. É sabido que na França o ideal filosófico se fundamentou em princípios da ciência política em geral e mais particularmente em ideias que deviam ocasionar uma transformação da sociedade do século XVIII. Isto posto, é devido a Montesquieu (1689-1755), a Turgot (1727-1781), a Condorcet (1713-1794), o aprofundamento dos conceitos de lei, de governo, de progresso, etc, como aos enciclopedistas em geral (d'Alembert (1717-1783),

Diderot (1713-1781), La Mettrie (1709-1751), Helvetius (1715-1771), d'Holbach (1723-1789)) o movimento que desembocou na "racionalização" da humanidade e também na sua conversão para o lado das artes mecânicas (BERGSON, 2006, p. 261).

A filosofia alemã, muito por influência do Romantismo, tende a experiências voltadas ao conhecimento do próprio ser humano em sua radicalidade subjetiva ligada ao gênio inteligente e ao poeta apaixonado. Compreendemos que o Romantismo implica uma espécie de “experimentalismo das paixões”; o romântico se lança ou provoca certas situações na relação consigo e com o outro de modo a despertar e assim poder conhecer os limites de suas mais recônditas e enigmáticas paixões.

Nesse sentido, o Romantismo pode ser entendido como uma “ciência humana”, um modo de conhecer a essência e a existência da humanidade. Certamente o nome de Goethe pode ser considerado a expressão máxima das pretensões científicas e artísticas do Romantismo na tarefa de conhecer o humano. Conta Rudolf Steiner (2012, p. 18) que Schiller reconheceu o gênio de Goethe ao dirigir-lhe as seguintes palavras:

O senhor toma a natureza toda em conjunto para elucidar as particularidades; na totalidade de suas aparências, o senhor procura o fundamento explicativo para o indivíduo. De uma organização simples o senhor ascende, passo por passo, às mais complexas para, afinal, edificar geneticamente a mais complexa de todas – o homem – dos materiais da natureza como um todo. É pelo fato de reconstruí-lo na natureza que o senhor tenta penetrar em sua técnica oculta (SCHILLER, apud STEINER, 2012, p. 18).

A arte, nesse sentido, consiste em um tipo de ciência capaz de promover o conhecimento sobre o humano. Para Steiner (2012, p. 21), desde o século XVII os filósofos alemães vinham (até o momento de suas conferências sobre Goethe, 1888) se dedicando para “[...] encontrar a forma de expressão científica mais digna do modo como, na obra artística, espírito e natureza, idealidade e realidade se fundem”. Nesse sentido, Goethe chega a reconhecer positivamente a importância de a “Crítica do juízo” (1790), escrita por Kant, na tarefa de cientificamente conhecer (ou fazer ciência) a estética humana (STEINER, 2012, p. 21); isto é, o modo de receptionar ou de produzir os fenômenos que sintetizam os encontros e interações entre sensação, percepção, cognição e emoção.

Johann Fichte, também filósofo alemão, que viveu entre 1762 e 1814, traz a reflexão sobre o sujeito propriamente dito, a qual até os dias de hoje não foi resolvida nem em seus aspectos mais básicos. Segundo Utz (2018, p. 235), o Eu fichteano não apenas toma conhecimento de si mesmo. Isto porque, o saber objetual de “mim mesmo”, enquanto tal, nunca garante que “eu” tenha autoconsciência. Qualquer coisa que sei sobre “mim mesmo”, eu a

posso, em princípio, saber sem saber que sou eu mesmo. Isso quer dizer que, quando finalmente consigo vincular essas informações objetuais a mim mesmo, isso envolve um processo de identificação. Porém, para poder efetuar tal identificação, eu preciso saber de mim de antemão, para, depois, poder estabelecer uma relação de identidade entre esse auto saber e o saber objetual que tenho de mim mesmo. O Eu precisa não apenas ter uma relação consigo mesmo, não apenas precisa saber de si de modo objetual. Ele precisa ser essa relação. E essa relação precisa ser a razão de seu ser.

Com isso, Utz (2018, p. 236) afirma que, pela primeira vez na história, surge com Fichte uma concepção do Eu enquanto tal: uma concepção do sujeito tal como pode ser pensado em si mesmo – e não apenas sob o aspecto da questão da certeza da autoconsciência de sua indubitabilidade; ou sob o aspecto do possível acompanhamento de toda consciência pela autoconsciência. Logo depois de Fichte publicar sua concepção do Eu, Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), ambos filósofos alemães, teceram algumas críticas sobre ela. Existem duas críticas básicas que Schelling e Hegel fizeram ao olhar de Fichte sobre o Eu.

A primeira é que seu Eu absoluto colapsa na mera identidade indistinta, pois a concepção do Eu que se põe baseia-se na distinção entre o ato de pôr e o fato do posto. A outra crítica é que Fichte não consegue explicar como o Eu absoluto com sua autoconsciência absoluta pode tornar-se consciente de algo diferente de si mesmo, como ele pode tornar-se sujeito de *alloconsciência*. Para Utz (2018, p. 237), as críticas feitas a Fichte por Schelling e Hegel tem razão de ser, no entanto, deixa claro que vale evidenciar a incompatibilidade entre autoconsciência pura e *alloconsciência*.

Desta forma, a crítica pode ser aplicada não apenas a Fichte, mas a qualquer filósofo que tenta estabelecer primeiro uma autoconsciência em si e por si, para depois vincular essa à *alloconsciência*. Vale mencionar ainda que Hegel defendeu uma ontologia em que o ser se afirma enquanto tal na negação de outrem, de modo que esta seria uma ontologia negativa. Baruch de Espinosa (1632 - 1677), por outro lado, defendia uma ontologia positiva; isto é, que o ser se afirma enquanto tal sem a necessidade de negar outrem. Para Hegel a *alloconsciência* (consciência do outro) está na base da consciência de si; por isso a crítica a Fichte.

Para evidenciar melhor a incompatibilidade entre autoconsciência pura e *alloconsciência*, precisa-se lembrar que tal autoconsciência, que consiste e subsiste em si e por si mesma, em um primeiro instante pode ser apenas consciência de si mesma enquanto ela se estabelece por si mesma – e nada mais. Por exemplo, a consciência de algo diferente do eu, de

maneira ainda mais geral, em um patamar ainda mais básico. A autoconsciência originária não pode ser de um eu ou de um aspecto ou de alguma parte do eu que exista fora deste ato da autoconstituição. Portanto, na explicação desta autoconsciência originária não pode entrar nada que não seja constituído pelo próprio ato dessa autoconsciência, assim, a autoconsciência originária só pode consistir numa identidade estrita entre sujeito e objeto da consciência, entre ato e fato, entre forma e conteúdo dessa consciência (UTZ, 2018, p. 238).

Por sua marca fenomenológica, para Hegel, sob a interpretação de Utz (2018, p. 241), todo conhecimento verdadeiro é, em última instância, autoconhecimento, de modo que, a atribuição da filosofia é trazer à tona essa estrutura universal (ontológica) subjacente a todo conhecimento: uma instância ciente de sua existência e de seus comportamentos. Para Hegel, portanto, tudo que há é um momento da autorrealização do absoluto, pois todo conhecimento é um momento do autoconhecimento do absoluto enquanto Ser, este é o sentido do idealismo hegeliano. A autoconsciência individual dos seres humanos é uma instância especial e decisiva desta autorrealização e deste autoconhecimento, pois nela nos realizamos, de modo finito, a estrutura ou o conceito do absoluto infinito. Contudo, nossa autoconsciência finita, como qualquer outro saber finito, não subsiste em si mesma, mas é apenas um momento do movimento dialético complexo pelo qual o espírito chega à sua autocompreensão enquanto tal, isto é, à sua autocompreensão ilimitada, universal, incondicionada e, com isso, absoluta.

Silva (2013, p. 35) que investiga, a partir da obra “Genealogia da moral”, mais especificamente a partir de alguns aspectos destacados no prólogo do texto, de que modo Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), filósofo alemão e crítico de Hegel, compreendeu que o paradigma humano proposto pela tradição filosófica ocidental não conduz o homem ao autoconhecimento. Em toda a história da tradição filosófica ocidental, desde o seu começo clássico, perpassando a era medieval da denominada “filosofia cristã” e, finalmente, nas épocas moderna e contemporânea, a reflexão filosófica, salvo algumas raríssimas exceções, sempre se pautou na determinante importância da racionalidade como o princípio primeiro e último de explicação da existência como um todo.

Na perspectiva nietzschiana, a razão deve adquirir outra valoração, deve ser compreendida não como aquilo que é o mais precípuo no humano, mas sim como uma espécie de artefato tardio de algo ainda mais primitivo, mais originário, a saber: a vontade de sobrevivência. Todo ser vivo possui a vontade de estender a sua presença na vida, de continuar prolongado o seu viver ao máximo de tempo possível. Contudo, segundo a visão nietzschiana, ao experimentar a vida, o homem percebeu que não possui, diferentemente de outros seres

vivos, certas ferramentas as quais lhe possibilitem zelar mais adequadamente pela sua sobrevivência, diante dos desafios impostos pela própria natureza. A vontade de sobrevivência criou um instrumento fundamental para a concretização prática da afirmação da vida no homem, qual seja, a razão (SILVA, 2013, p. 38). Desse modo, a razão é uma espécie de ferramenta presente no homem e que fora criada nele pela vontade de sobrevivência.

Isso ocorre para que o mesmo possa solidificar a sua afirmação da vida, isto é, para que ele possa criar possibilidades de sempre tentar viver. Dessa maneira, para o pensamento nietzschiano, definitivamente, a razão, entendida de modo isolado e absoluto, não deve ser o sustentáculo hermenêutico para a compreensão do ser humano. Nietzsche entende que antes de se erguer o edifício da razão, far-se-á ordinário compreender os alicerces sobre os quais tal construção se encontra fundada, quais sejam, a vontade de poder ser e a vontade de sobrevivência (SILVA, 2013, p. 38).

Dessa forma, através de um argumento que procura ver uma sequência entre a vontade de poder ser, perpassando pela vontade de sobrevivência e chegando, enfim, à racionalidade, Nietzsche busca interpretar o ser humano como um ente que não se encontra circunscrito nas fronteiras da razão, mas, sim, como um ente que vai para além disso, pois o mesmo ainda possui a arcaica e constantemente latente vontade de continuar vivendo.

O homem que, para sobreviver, necessitou desenvolver o apetrecho da racionalidade, continua sendo mais do que aquilo que ele produziu. Isto porque foram incorporados comportamentos de base não racional (por exemplo, as emoções) que foram constituídos para garantir a própria sobrevivência do homem. Marconi Pequeno (2002, p. 81, *apud* SILVA, 2013, p. 39), em sua obra “A moral e as emoções”, defende que as emoções, assim como as outras funções mentais superiores (imaginação, percepção, memória, inteligência) assumem uma importância fundamental no controle do comportamento. Dito isto, Nietzsche levanta o argumento de que o ser humano moderno ocidental determinantemente não possui o conhecimento da verdade acerca de si mesmo, existindo uma espécie de “auto desconhecimento” desse tipo de ser humano, não na acepção de uma privação de conhecimento de si próprio, mas sim enquanto um juízo errôneo de si.

O “auto desconhecimento” do homem é devido justamente à desmedida confiança que o próprio ser humano assenta sobre a racionalidade enquanto absoluta matriz interpretativa de toda a existência. É neste rumo do “auto desconhecimento” humano, advindo da certeza que o homem fia sobre a razão, que assim escreve brilhantemente o filósofo alemão no prefácio à “Genealogia da moral” (NIETZSCHE, 1998, p. 7 *apud* SILVA, 2013, p. 40): “[...] nós, homens

do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?” Nietzsche defende que o homem jamais conhecerá a si próprio em sua completude estagnando-se na racionalidade. De modo que, far-se-á ordinário que o ser humano dê um passo além das fronteiras da racionalidade e perceba que a razão não se constitui como sendo a derradeira e absoluta palavra naquilo que diz respeito ao seu autoconhecimento. Observa-se neste ponto a marca do Romantismo alemão em Nietzsche, um experimentalismo das paixões.

Silva (2013, p. 45) infere, segundo a filosofia nietzschiana, que para conhecer a si mesmo, o homem impreterivelmente deve dedicar-se a compreender não só à sua racionalidade, mas, também, e simultaneamente, a vontade de sobrevivência pulsante nele. Em seu “Aurora: reflexões sobre os preconceitos da moralidade”, Nietzsche se expressa da seguinte maneira:

Não importa quão longe um homem possa chegar em seu autoconhecimento, nada, entretanto, será mais incompleto do que a imagem da totalidade das pulsões que constituem seu ser. Ele mal pode nomear mesmo as pulsões mais rudimentares: sua quantidade e sua força, seu fluxo e seu refluxo, o jogo que se estabelece entre elas e, acima de tudo, as leis de seu cultivo mantêm-se completamente desconhecidas para ele (NIETZSCHE, 2007, p. 74; *apud* BORGES, 2013, p. 86-87).

O desenvolvimento da perspectiva nietzscheana, ao longo da primeira metade do século XX, compete e confronta o desenvolvimento do positivismo promovido pelo Círculo de Viena, por serem propostas filosóficas diametralmente opostas. Importante se faz destacar o fato de o neopositivismo ter se desenvolvido pouco na Alemanha; justamente por conta das tradições românticas, idealistas e vitalistas (Schopenhauer e Nietzsche).

Ainda na Alemanha, Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859 - 1938), matemático e filósofo, influenciado por Descartes e Kant, fundou o método de investigação filosófica conhecido por fenomenologia e estabeleceu os principais conceitos e métodos que seriam amplamente usados pelos filósofos desta tradição. Os objetos da Fenomenologia são dados absolutos apreendidos em intuição pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos (*noesis*) e as entidades objetivas que correspondem a elas (*noema*). Assim, tem-se o *noesis* como o ato de perceber enquanto o *noema* é o objeto da percepção, estes são os dois polos da experiência. Em fenomenologia, *noesis* é o ato de tomar consciência, atualmente, o contraste entre *noesis* e *noema*, tornou-se fundamental para a experiência intencional da fenomenologia de Edmund Husserl.

O caminho até aqui trilhado orienta que, ao trabalhar com o referencial teórico conceitual do autoconhecimento, não temos como nos esquivar de autores como: Immanuel

Kant (1724-1804), Georg Hegel (1770-1831), Arthur Schopenhauer (1788-1860), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Jean-Paul Sartre (1905-1980); sem esquecer de Johann Wolfgang von Goethe (1749 - 1832). Imperioso se faz ressaltar que, embora Sartre seja o único dos filósofos elencados que não possui raiz germânica, este utiliza em seus estudos uma fenomenologia existencial, corrente de pensamento originariamente alemã e trabalhada por Hegel e depois por Edmund Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976).

Ademais, não podemos nos esquecer dos filósofos existencialistas humanistas contemporâneos de origem judaica Martin Buber (1878 - 1965) e Hannah Arendt (1906 - 1975) que trazem em sua filosofia ativa um olhar sensível à educação. Buber defende a importância das relações vivas, horizontais e inclusivas entre professores e alunos, fundadas em diálogo genuíno, de forma a impactar positivamente a motivação e a capacidade de colaboração. Para Arendt a educação lida com o paradoxo de que é necessário apresentar aos novos (crianças, jovens) um mundo que os precede, ao mesmo tempo em que tal apresentação deve também os tornar capazes de, a partir da novidade de sua aparição, serem responsáveis pela conservação do mundo e sua renovação. A partir deste olhar percebe-se que a educação diz respeito a um problema fundamentalmente ontológico, a saber, o do autoconhecimento, na medida em que se preocupa com o jogo relacional entre as pessoas e o mundo, em que a condição de possibilidade de constituição de ambos, exige uma relação recíproca entre eles, ao ponto que nos tornamos pessoas/sujeitos, ao sermos responsáveis pelo mundo, seu zelo e sua renovação.

Observa-se, portanto que o conceito de autoconhecimento circula nos mais diversos campos: exotérico, autoajuda, senso comum, ciências e medicinas alternativas... Assim, com a finalidade de ampliar os olhares e trazer para debate diferentes perspectivas a partir de outros campos do conhecimento do mundo ocidental, abriremos espaço para demonstrar o caminhar deste objeto de estudo na literatura cristã, na psicologia e na neurociência.

### 3.1 Autoconhecimento no mundo ocidental

Até este momento percorremos a narrativa dando enfoque ao autoconhecimento aos olhos de filósofos ocidentais. No entanto, considerando que no mundo ocidental, principalmente a partir da modernidade, abrem-se algumas possibilidades e campos de conhecimento para o debate com este tema, julga-se importante trazer diferentes pontos de vista de pesquisadores, autores e pensadores que tendem a somar na reflexão sobre o objeto de estudo.

Na literatura cristã encontramos algumas referências onde é trabalhado o autoconhecimento como os filósofos católicos que cristianizaram o dualismo corpo e mente, a exemplo de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Vale mencionar que, em Santo Agostinho a noção de autoconhecimento surge como a ideia de conhecer a Deus e, assim, estarmos ao alcance da sabedoria e da espiritualidade. No mesmo caminho, pode-se encontrar a Carta Encíclica “*Fides et ratio*” do papa João Paulo II (1999, p. 7), de nacionalidade polonesa, onde já na introdução invoca o aforismo socrático “Conhece-te a ti mesmo”. Esta carta encíclica do Papa João Paulo II, publicada em 14 de setembro de 1998, no vigésimo ano do seu Pontificado, está dividida em nove partes: sendo sete capítulos e duas delas são a introdução e conclusão. Logo na introdução o Papa discute qual é o sentido da filosofia na vida humana; isto porque o homem, desde os primórdios, fora motivado pelo desejo de descobrir a verdade última da sua existência. Assim, o ser humano, por sua capacidade intelectual, debruça-se sobre autoconhecimento, ele deseja saber como surgiu e como vai progredindo a humanidade no conhecimento das verdades existenciais. Para João Paulo II, tais conhecimentos surgem quando ele contempla a maravilha da criação, pois ele quer e precisa saber qual é sua origem e qual é o fim a que tende a sua vida.

Segundo o Papa, a Igreja não é contra essa linha de pesquisa: a busca da verdade através da razão; muito pelo contrário, ela aprecia o esforço que tem a razão no seu objetivo de avançar sempre mais na tentativa de explicar a existência pessoal (JOÃO PAULO II, 1999). Importante se faz mencionar que, referido Papa escreveu esta carta encíclica destinada aos jovens cristãos da época, no sentido de se relacionarem com um certo pragmatismo hedonista da modernidade. Isto é, uma vida sem reflexão acerca dos fundamentos do conhecimento, no sentido das vantagens do funcionamento das coisas; essas não precisam ser explicadas, precisam funcionar, desempenhar funções eficazes e eficientes.

Imperioso se faz destacar que dentro do próprio cristianismo existem outras divisões que podem inclusive não enxergar o autoconhecimento como os filósofos católicos mencionamos acima. Deste modo, reconhecemos e reverenciamos não só os pensadores provenientes do cristianismo, mas também de correntes religiosas orientais, de matrizes africanas e dos povos originários, tendo a plena consciência de que cada caminho que fosse tomado, diferente do que escolhido para esta tese, teríamos outros resultados.

O dualismo mente-corpo, presente na doutrina filosófica dominante desde a época cartesiana até uma boa parte deste século, impôs várias restrições para se conhecer a mente já que a mesma era vista como de natureza não física e que, por conseguinte, não ocupava lugar

no espaço. Como pode-se observar no pensamento kantiano, ao afirmar que enquanto o corpo está no espaço e no tempo, o eu, todavia, encontra-se apenas no tempo. Para tentar explicar esse processo a doutrina filosófica dominante utilizou a dinâmica presente no mundo natural, ou seja, conhece-se a mente por percepções correlatas às percepções do mundo físico (MARÇAL, 2004, p. 103).

Assim, a introspecção e a consciência seriam as ferramentas responsáveis para descobrir as cenas ordenadas pela mente. O poder para conhecer diretamente os próprios estados e operações, no entanto, não poderia ser utilizado para conhecer outras mentes. Este acesso privilegiado permitiria haver um autoconhecimento, mas não um conhecimento das outras pessoas. Nesse sentido, Marçal (2004, p. 104) traz para o debate Gilbert Ryle (1900-1976), filósofo inglês que afirma que o autoconhecimento não ocorre pela consciência ou introspecção, considerando tais objetos como mitos. Para o filósofo inglês, conhecer sobre si é o mesmo que conhecer sobre o outro, é através das observações dos próprios comportamentos.

O psicólogo behaviorista e filósofo norte-americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) diferencia-se de Ryle quanto à ênfase dada a eventos subjetivos, aos quais chamou de eventos privados e que assumem papel relevante na explicação do autoconhecimento. No entanto, Skinner converge com os pensamentos de Ryle ao associar conhecimento a comportamento, afirmando que conhecer é comportar-se perante um estímulo, é discriminar estímulos. Para ambos os psicólogos, analisar o conhecimento significa identificar as situações em que ele ocorre e quais as variáveis que o controlam (MARÇAL, 2004, p. 105).

Importante se faz destacar que, em que pese Skinner e Ryle sejam psicólogos, ambos podem ser tratados no campo da filosofia, em virtude das reflexões gerais que realizam. Em “Ciência e comportamento humano” Skinner (2003, p. 315) afirma que “um dos fatos mais extraordinários a respeito do autoconhecimento é que ele pode não existir”. Conhecer-se, para Skinner, é discriminar estímulos, o autoconhecimento então corresponderia a uma discriminação de estímulos gerados pelo próprio indivíduo (autogerados) que se autoconhece, isto é, autoconhecimento é auto discriminação. Ainda segundo a visão de Marçal (2004, p. 106), Skinner e Ryle contrastam com a visão tradicional no qual o autoconhecimento é função de um acesso privilegiado.

Skinner (1999, p. 146) defende em outro momento que o “conhecimento de si próprio tem origem social e é inicialmente útil para a comunidade que propõe perguntas”. Para ele a comunidade verbal é a responsável pelo ensino do autoconhecimento, ao qual estão subsumidos o conhecimento de nossas ações éticas e morais. Seus pressupostos afirmam que o

autoconhecimento é um comportamento que depende dos mesmos tipos de observação pública que o conhecimento sobre os outros; mais uma vez implicando o problema do *alloconhecimento*. Ryle, no entanto, não distingue o comportamento de observar um evento público do de observar um evento privado, caracterizando ambos como comportamento objetivamente físicos. Skinner, por sua vez, concentra-se no relato verbal; manifestação indireta do conhecimento e da introspecção do autoconhecimento.

O projeto de Skinner sempre visou uma abordagem científica para o estudo do comportamento humano e de animais inferiores. O limite do behaviorismo radical para tratar de eventos privados, como o autoconhecimento, é apontado como devido a uma busca de uma tecnologia comportamental cuja meta principal é a descoberta de leis experimentais que relacionem o comportamento a contingências de reforço. Sua análise operante do autoconhecimento foi sempre coerente com os pressupostos básicos experimentais que primam pela eliminação dos instrumentos intersubjetivos em favor de instrumentos técnicos e tecnológico sensíveis ao comportamento “conhecimento” e “consciência”.

De todo modo, podemos identificar como eixo comum que o autoconhecimento surge em uma dada instância comumente chamada de “Eu” enquanto sujeito pensante, variando entre a existência física e a metafísica (ou metaempírica). Não obstante, o problema se desdobra para os limites junto ao *alloconhecimento*, já que autoconhecimento pode envolver uma operação em que o “Eu” volta para si mesmo como se então fosse um outro de si. Eu pensado em si mesmo, de forma que a razão se encontra imbricada nesse processo. Bem como, podemos elencar alguns dos diferentes aspectos (não comuns) no pensamento dos filósofos citados, a exemplo do autoconhecimento como introspecção, discriminação de estímulos, percepção ou mera consciência do eu.

Um ser humano também pode ser caracterizado como uma unidade psicofísica, um animal que consegue perceber, agir intencionalmente, raciocinar e sentir emoções, um animal utilizador de linguagem que não é só meramente consciente, mas também autoconsciente. Assim, a neurociência consegue investigar as condições neurais e concomitantes da aquisição, posse e exercício de faculdades sensíveis pelos animais. De modo que, consegue-se descobrir as precondições neurais que possibilitam o exercício das características faculdades humanas do pensamento e do raciocínio, da memória e imaginação articuladas, da emoção e volição (BENNETT; HACKER, 2003, p. 17). Nesta seção trataremos de “conhecimento”, “autoconhecimento”, “consciência” e “autoconsciência”.

A consciência é fruto da evolução do sistema nervoso, assim, percepções, individualidade, linguagem, ideias, significado, cultura, escolha (ou livre arbítrio), moral e ética, todos existem em decorrência do funcionamento cerebral (CAMPOS; SANTOS; XAVIER, 1997, p. 181). A neurociência cognitiva encara a cognição, ou a aquisição de conhecimento, como um processo cerebral, isto porque, só o cérebro pode perceber, conceber, planejar, avaliar e conhecer a si próprio. Quando falamos de autoconsciência, Bunge (2017, p. 301) afirma que está localizada no córtex pré-frontal, o qual, nos seres humanos, ocupa não menos do que 29% do neocórtex total.

A complexidade comportamental de mamíferos e aves depende do aumento do tamanho do telencéfalo, a região anterior do cérebro. No caso dos mamíferos, depende também da evolução do neocórtex, uma grande região dorsal do telencéfalo organizada em camadas de neurônios. As camadas do neocórtex estão conectadas ordenadamente umas às outras, criando um circuito que associa e integra informações sensoriais que chegam no telencéfalo (BOTELHO; FAUNES, 2018). Sistemas biológicos são o produto de um processo histórico altamente peculiar que envolve evolução por seleção natural, sendo essa, na verdade, a origem de sua unicidade. Essa ideia, baseada na formulação proposta por Charles Darwin, em 1859, se constitui no principal paradigma da biologia (DARWIN, 1985 *apud* CAMPOS; SANTOS; XAVIER, 1997, p. 185).

Imperioso de faz destacar a plasticidade que o cérebro possui, habilidade ou capacidade esta que possibilita que o cérebro modifique sua organização estrutural própria e funcionamento. Assim, algumas das ligações entre os neurônios do cérebro mudam no curso do tempo. A cognição é uma atividade de sistemas neurais plásticos ou de *psicons*, como também são conhecidos. Todo animal dotado de *psicons* é capaz de adquirir novas funções, ou seja, de aprender no curso da vida. Nos seres humanos os processos de crescimento dendrítico e a formação de nova conexão sináptica param somente no início da senilidade, assim, até esse período podemos continuar aprendendo novas tarefas durante a vida (BUNGE, 2017, p. 283).

O conhecimento pode ser adquirido pelo raciocínio ou pela percepção ativa ou passiva. Pode ainda ser dado sob a forma de um juízo de autoridade ou do testemunho por parte de outras pessoas. Dito isto, boa parte daquilo que o ser humano conhece não é conhecimento perceptivo, mas conhecimento transmitido, aprendido pela palavra escrita ou dito por outras pessoas. O conhecimento não só é dado, sob a forma de percepção passiva ou da informação comunicada pelos outros, também pode ser alcançado pelo esforço, pelo raciocínio, pela

descoberta ou pela detecção, que pode ser o desfecho da pesquisa, da procura, da experiência ou da tentativa de saber como é que as coisas são (BENNETT; HACKER, 2003, p. 169).

A consciência pode ser vista como um caso especial de cognição, isto é, a autocognição, estar cômico de si (BUNGE, 2017, p. 289). Os animais são criaturas conscientes, mas os seres humanos são seres conscientes de si, não só veem e ouvem, sentem prazer e dor, alegram-se ou desanimam-se, podem pensar nisto ou naquilo, mas estão ou podem também estar conscientes de fazerem isso ou serem assim. Podem refletir no fato de que desfrutaram de algo, podem pensar nas suas emoções e disposições, podem estar cientes do fato de que sentem prazer nisto ou naquilo e refletem sobre isso (BENNETT; HACKER, 2003, p. 359). A consciência é algo tão importante que sem ela não pode haver felicidade (TEIXEIRA, 2008, p. 57).

O desenvolvimento pleno do espírito comporta a sua própria reflexividade, a consciência (MORIN, 1999, p. 209). E dizer que os seres humanos são criaturas conscientes do eu, significa dizer que temos aptidão de refletir, assim como de perceber, no nosso raciocínio e comportamento, fatos acerca de nós mesmos, das nossas experiências, passadas e presentes, e dos nossos traços de características e disposições (BENNETT; HACKER, 2003, p. 353).

Desde Descartes que os filósofos possuem grande interesse em tentar esclarecer a natureza do sujeito da experiência, estar ciente dos seus próprios pensamentos provava a sua existência como uma substância, que é designada ou significada pela palavra “eu”. Descartes acreditava que este “eu”, ou seja, a alma pela qual sou aquilo que sou, é complementemente distinto do corpo, considerando assim que o sujeito era uma substância pensante imaterial intimamente reunida, mas distinta do corpo (DESCARTES, AT VI, p. 33 apud BENNETT; HACKER, 2003, p. 354).

Descartes, considerado o pai da filosofia moderna e do método científico, formulou uma conceituação dualista da relação mente/cérebro, promovendo um afastamento dos “fenômenos mentais” da esfera da investigação científica. No entanto, considerou a interação entre a *res cogitans* (da mente) e a *res extensa* (da matéria) como necessária; declarou que a interação ocorreria através da glândula pineal. Assim, as informações advindas do mundo exterior chegariam até a glândula pineal e seriam transformadas e transmitidas à mente para serem interpretadas e elaboradas (CAMPOS; SANTOS; XAVIER, 1997, p. 184).

A concepção de Descartes do eu como uma substância imaterial já fora rejeitada pela maior parte dos filósofos, bem como encontra pouco apoio na maior parte dos cientistas (BENNETT; HACKER, 2003, p. 357). No entanto, sob todos os aspectos, pode-se afirmar que

a consciência é o produto e a produtora da reflexão, é a nossa experiência mais íntima, ela é a própria vida (VARELA, 2001, p. 123).

Ainda não há consenso sobre a definição da consciência, inclusive alguns pensadores e estudiosos, a exemplo de William James (1842-1910), negam a sua existência, outros, como Colin McGinn (1950-), admitem a ocorrência de estados conscientes, mas negam que algum dia eles sejam compreendidos, devido à nossa limitada “arquitetura epistêmica” (BUNGE, 2017, p. 290). As tentativas de definir a consciência produziram uma divisão entre grupos de filósofos que defenderam opiniões conflitantes.

Por um lado, estão os naturalistas, aqueles que acreditam poder explicar a natureza da consciência por meio do computador ou por meio do estudo do cérebro. Filósofos como Ray Jackendoff, Paul e Patricia Churchland, John Searle, Daniel Dennett, Owen Flanagan e pesquisadores como William Calvin e Bernard Baars seguiram essa tendência (TEIXEIRA, 2008, p. 58). Os não naturalistas como Richard Swinburne, Thomas Nagel, Frank Jackson e David Chalmers assumiram posição diametralmente oposta: para eles, do ponto de vista de qualquer tipo de teoria neurocientífica, *qualia* e experiências conscientes são incomparáveis.

Um terceiro grupo também se formou, conhecidos como “novos misterianos” (*new mysterians*) não descartam a hipótese naturalista, mas defendem que desvendar a natureza da consciência é um problema cuja complexidade ultrapassa a capacidade cognitiva humana. Os humanos podem até levantar a questão da consciência, o que os distingue de outros animais, mas seus cérebros são incapazes de resolvê-la. Entre os novos misterianos Colin McGinn se destacou (TEIXEIRA, 2008, p. 58).

Morin (1999, p. 211) afirma que a consciência não é fixa e estável, trata-se de um circuito auto(cérebro-psico-)produtor que constitui o metassistema superior, mesmo interior ao sistema cérebro-espiritual, e permite a autodescrição, a autocorreção e o autodesenvolvimento do conhecimento, do pensamento, da psicologia e do comportamento do ser consciente. Informa ainda o autor que existe, aparentemente, dois ramos na consciência, a consciência cognitiva (conhecimento das atividades do espírito por elas mesmas) e a consciência de si (conhecimento reflexivo de si), no entanto, elas se encontram incluídas uma na outra.

Bunge (2017, p.292) salienta que a palavra “consciência” denota uma larga variedade de processos mentais, em particular os seguintes: a) reatividade ou sensibilidade; b) estar consciente; c) estar consciente de si; d) consciência; e) autoconsciência. A *reatividade ou sensibilidade* trata-se basicamente de um teste de materialidade, de modo que todas as coisas são sensíveis a alguns agentes físicos ou químicos. Pode-se dizer que qualquer animal capaz de

identificar ou discriminar certos estímulos (internos ou externos), ou algumas de suas próprias ações, está cômico de tais estímulos ou ações, assim, o *estar cômico* requer nem mais nem menos do que neuro sensores de alguma espécie. Já o *estar cômico de si* é quando um animal está cômico de seus próprios sentimentos ou ações, quando se encontra em um estado assim, ele não apenas se movimenta ou sente fome, mas também percebe que está se movimentando ou sentindo fome.

Observa-se, portanto, que nem mesmo seres humanos adultos normais são cômicos de si o tempo todo, isto porque, com frequência conseguimos esquecer temporariamente fome ou dor e executamos muitas ações automaticamente. Ao passo que quanto aos animais, devido ao caráter privado da consciência e do conhecimento, sendo que esses apenas podem ser apreendidos pelo outro mediante suas expressões públicas e, portanto, de maneira indireta, não é possível até o momento conhecermos ou sabermos da consciência e do conhecimento dos animais sobre si mesmos. Estamos limitados a notar que eles respondem ao ambiente, portanto, assim, supomos que eles o conhecem às suas respectivas maneiras.

Tornar-se cômico de si requer despertar a consciência do outro e prestar atenção principalmente em si próprio, isto é, tornar-se autocentrado ou praticar introspecção, o que nos leva à consciência. Pode-se dizer que um animal consciente do que está percebendo, sentindo ou pensando está consciente, assim, não é suficiente estar sentindo, detectando e fazendo, mas também pensando o que ele percebe ou pensa, dito isto, fica clara a diferença entre consciência e cômico. Animais de certas espécies podem vir a estar conscientes de alguns estímulos, e muitos são capazes de prestar atenção, mas eles só terão consciência se puderem pensar, conseqüentemente, os conceitos de consciência e de estar cômico são mutuamente independentes (BUNGE, 2017, p.294).

Por fim, Bunge (2017, p. 295) chega ao degrau mais alto nas aptidões cognitivas a autoconsciência. Um animal que é ocasionalmente consciente, que às vezes reflete sobre suas próprias percepções, sentimentos ou pensamentos, e não as atribui a algo ou a outrem, é autoconsciente. Do mesmo modo, uma pessoa imersa em uma tarefa motora ou intelectual, que não faz pausa para refletir sobre o que está fazendo ou pensando, que se esquece de si própria, não é autoconsciente. Isto é, um sujeito é autoconsciente se ele tem consciência de suas próprias percepções e pensamentos como algo que ocorre nele mesmo, neste momento evoca-se, mais uma vez, a advertência escrita no oráculo de Delfos, “*conhece-te a ti mesmo!*”, que equivale a: Seja autoconsciente!

Bunge (2017, p. 296) afirma ainda que dentro da autoconsciência o indivíduo pode ser: a) antero-autoconsciente (quando o indivíduo se recorda corretamente de algo de seu passado recente); b) pró-autoconsciente (se o indivíduo puder imaginar algo de seu próprio futuro); e c) plenamente autoconsciente (quando o indivíduo é tanto antero quanto pró-autoconsciente). Presumivelmente, a plena autoconsciência é uma prerrogativa humana, “nós parafraseamos o Código de Descartes, estou consciente do meu próprio pensamento e, portanto, sou humano” (PASSINGHAM, 2008, apud BUNGE, 2017, p. 296).

Karl Popper em seu diálogo com John Eccles (1992, p. 33) defende a ideia de que a autoconsciência dos homens surge somente com o Mundo 3, na verdade ela aparece simultaneamente com o Mundo 3 e em interação com ele. Isto porque, a autoconsciência ou a mente autoconsciente tem a função biológica definida, destinada a construir o Mundo 3, a compreender o Mundo 3 e para ancorar a nós próprios, no Mundo 3. Popper, ao defender o pluralismo de terceiro mundo, afirma que é possível distinguir três “mundos” ou “universos” ontologicamente distintos:

Nesta filosofia pluralista, o mundo consiste de, pelo menos, três submundos ontologicamente distintos; ou como eu diria, há três mundos: o primeiro é o mundo material, ou o mundo dos estados materiais; o segundo é o mundo mental, ou o mundo dos estados mentais; e o terceiro é o mundo dos inteligíveis, ou das ideias no sentido objetivo; é o mundo de objetos de pensamentos possíveis: o mundo das teorias em si mesmas e de suas relações lógicas, dos argumentos em si mesmos, e das situações de problema em si mesmas. (POPPER. 1999, p.152)

John Eccles (1992, p. 39) quando trata da autoconsciência afirma que a consciência não chega ao homem como um todo, mas a cada homem individualmente em seu próprio tempo de vida, da infância em diante. No entanto, de certo modo, tanto a autoconsciência quanto a consciência estão relacionadas, pois ambas vêm através do Mundo 3. A consciência de si parece, para Morin (1999, p. 214), sempre intuitiva ou evidente, mas sob essa aparente intuição há uma experiência reflexiva, de caráter retroativo, em que a unidade do “eu” duplica-se objetivando-se em um “ego” e reunifica-se identificando esses dois termos em um “eu sou eu”.

Teixeira (2008, p. 62) deixa claro que a consciência, que podemos abranger para a autoconsciência, é um tipo de experiência subjetiva, da qual ainda não sabemos quais são seus correlatos no nível cerebral, se sua produção está relacionada com algum tipo específico de arquitetura neural ou com algum tipo de frequência oscilatória de alguns grupos de neurônios que permite um tipo especial de codificação de informações. Assim, na seção seguinte iremos destrinchar e entender um pouco melhor sobre os componentes do autoconhecimento.

### 3.2 Componentes do autoconhecimento

Como pode-se observar na seção anterior alguns elementos estão diretamente ligados ou até mesmo são motivadores do autoconhecimento, são eles: a consciência, a autoconsciência, a percepção, o pensamento, o conhecimento e a memória.

A consciência é fruto da evolução do sistema nervoso, assim, percepções, individualidade, linguagem, ideias, significado, cultura, escolha (ou livre arbítrio), moral e ética, todos existem em decorrência do funcionamento cerebral (CAMPOS; SANTOS; XAVIER, 1997, p. 181). Em que pese Teixeira (2008, p. 57) afirmar que “a consciência é algo tão importante que sem ela não pode haver felicidade”, ainda não há consenso sobre a definição da consciência, inclusive alguns autores, a exemplo de William James (1842-1910), negam a sua existência, outros, como Colin McGinn (1950-), admitem a ocorrência de estados cômicos, mas negam que algum dia eles sejam compreendidos, devido à nossa limitada “arquitetura epistêmica” (BUNGE, 2017, p. 290).

Quando falamos de autoconsciência, Bunge (2017, p. 301) afirma que está localizada no córtex pré-frontal, o qual, nos seres humanos, ocupa não menos do que 29% do neocórtex total. De modo que, a plena autoconsciência é uma prerrogativa humana, “nós parafraseamos o Código de Descartes, estou consciente do meu próprio pensamento e, portanto, sou humano” (PASSINGHAM, 2008, apud BUNGE, 2017, p. 296). Assim, um sujeito é autoconsciente se ele tem consciência de suas próprias percepções e pensamentos como algo que ocorre nele mesmo (BUNGE, 2017, p. 295).

Sobre o elemento percepção, Morin (2015, p. 118) nos ensina que o cérebro só reconhece o mundo exterior através das variações, e os receptores sensoriais são, cada um à sua maneira, sensíveis a variação de estímulos que podem ser: químicos (olfato, paladar), mecânicos (tato, audição) e luminosos (audição). Afirma ainda que o mundo exterior, no mínimo, apresenta diferenças, variações, similitudes, constâncias. Assim, as variações recebidas pelos receptores sensoriais são codificadas e transmitidas sob a forma de outras diferenças em que os neurônios codificam a magnitude, não a natureza das perturbações sentidas. Dessa forma, o autor conclui que o processo de percepção é ao mesmo tempo dialógico, recursivo e holoscópico<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Morin (2015, p. 120) resume o processo de percepção, que produz e necessita de uma representação, como sendo, ao mesmo tempo: 1) *dialógico*, pois é fruto de uma dialógica entre o aparelho neurocerebral, logo o espírito, e o

O pensamento trata-se de uma atividade específica do espírito humano que se expande na esfera da linguagem, da lógica e da consciência. Assim, o pensamento no seu movimento criador, é uma dialógica complexa de atividades e de operações que aciona as competências complementares do espírito/cérebro e, nesse sentido, representa a plena utilização da dialógica das aptidões cogitantes do espírito humano. Essa dialógica elabora, organiza, desenvolve, em modo concepção, uma esfera de múltiplas competências, especulativas, práticas e técnicas, justamente o que caracteriza o pensamento (MORIN, 2015, p. 201).

O conhecimento não só é dado, sob a forma de percepção passiva ou da informação comunicada pelos outros, também pode ser alcançado pelo esforço, pelo raciocínio, pela descoberta ou pela detecção, que pode ser o desfecho da pesquisa, da procura, da experiência ou da tentativa de saber como é que as coisas são. Além disso, também pode ser recebido, sem esforço e independentemente de ser dado por outros, através do reconhecimento ou da anotação, de estar ciente ou consciente de alguma coisa, ou pela constatação, com base em informação já adquirida, de que as coisas são assim. Importante se faz destacar que o cérebro não contém conhecimento, como os livros, nem possui conhecimento, como os seres humanos. As bibliotecas, livros, agendas e fichas indexadas contêm informação, a qual os seres humanos podem ver, aprender, memorizar e acrescentar (BENNETT; HACKER, 2003, p. 169).

A faculdade da memória é um poder cognitivo dos seres humanos, de modo que, a memória é a faculdade da retenção do conhecimento adquirido, lembrar é trazer à mente o conhecimento retido. Só se pode recordar logicamente aquilo que se conheceu previamente ou de que já estava ciente, entretanto, aquilo de que nos lembramos não tem necessariamente ligação com o passado. Isto porque, também podemos nos recordar de fatos relacionados com o presente (ex. onde está meu tênis?) ou com o futuro (ex. que horas parte o meu voo?) (BENNETT; HACKER, 2003, p. 171).

Andrade (2018) em sua pesquisa que estudou, a partir de uma perspectiva Junguiana, o autoconhecimento e o autocuidado na formação interdisciplinar do profissional da saúde revelou, a partir da análise dos questionários e entrevistas que compõem sua pesquisa, algumas categorias explicativas, processuais e beneficiadoras do autoconhecimento e autocuidado que podem nortear práticas educacionais na formação do profissional da saúde em formação,

---

meio exterior, logo o mundo; 2) *recursivo*, pois constitui um circuito construtor (no qual cada movimento é ao mesmo tempo gerado e gerador, efeito e causa) que parte do olho (estímulos fotônicos) para retornar ao olho (visão tridimensional) reconstruindo um mundo a partir das “amostras coletadas”; 3) *holoscópico*, pois produto das visões panorâmicas que invadem o horizonte mental e tiram do olhar, da audição, do olfato, a forma, as formas e a consistência do mundo exterior; é igualmente, pode-se supor, hologramático nos modos de inscrição e rememoração.

favorecendo o desenvolvimento dos alunos na sua vida pessoal e profissional. Essas análises foram apresentadas pela autora em alguns quadros que sintetizaram as categorias do autoconhecimento e do autocuidado, sendo compreendidas pela junção da interdisciplinaridade e da Psicologia Simbólica Junguiana. A partir da análise destes quadros fizemos um novo quadro focando no autoconhecimento, vejamos.

**Quadro 1** Categorias do autoconhecimento e autocuidado na perspectiva Junguiana

<b>Conceitos baseados na Psicologia Simbólica Junguiana</b>	<b>Categorias processuais do autoconhecimento (como)</b>	<b>Categorias beneficiadoras do autoconhecimento</b>	<b>Categorias explicativas do autoconhecimento (o que)</b>
<b>Funções da consciência da sensação</b>	Conhecer o Corpo, as sensações, vivências; Práticas. Autonomia de saúde física, a responsabilização pelo autocuidado.	Consciência corporal conhecer o Corpo, as sensações.	X
<b>Função da consciência do sentimento</b>	Identificação e reconhecimento dos sentimentos e emoções.	Identificação e reconhecimento dos sentimentos e emoções.	X
<b>Função da consciência do pensamento</b>	Reflexões em aulas, Palestras, Cursos extras.	X	X
<b>Função da consciência da intuição</b>	Vivências.	X	X
<b>Função estruturante psíquica<sup>6</sup></b>	Equilíbrio, perseverança, esperança, confiança, reflexão, aceitação, transformação, inteireza.	Reconhecimento e respeito pelo tempo no próprio processo de desenvolvimento, integralidade, presença, aceitação, empatia.	X
<b>Arquétipo<sup>7</sup> da Sombra<sup>8</sup></b>	Ampliar a consciência das fraquezas/dificuldades.	Relações saudáveis e Potenciais podem ser desenvolvidos.	X
<b>Arquétipo de Quiron e/ou Cuidador</b>	Autoconhecer-se para ajudar o outro.	Autoconhecer-se para ajudar o outro.	X
<b>Arquétipo Patriarcal</b>	X	Clareza; objetividade.	X
<b>Arquétipo da alteridade</b>	X	Equilíbrio Serenidade.	X

<sup>6</sup> Funções Psíquicas Estruturantes: Todas as funções psíquicas são estruturantes: Medo, ansiedade, orgulho, coragem, tristeza, alegria e todas mais, contêm as polaridades e interagem criativa e defensivamente em nosso processo de individuação.

<sup>7</sup> Arquétipo: Matriz herdada, coordenadora da expressividade simbólica; abrange toda a Psique, não exclusivamente o inconsciente coletivo.

<sup>8</sup> Sombra: Uma disfunção do Processo de Elaboração Simbólica, que pode ocasionar disfunções nos símbolos e funções estruturantes. É a parte da personalidade com funcionamento arquetípico que expressa símbolos, que por uma razão ou outra, não estão sendo discriminados por meio da consciência; diferencia a Sombra Circunstancial da Cronificada.

<b>Self</b> <sup>9</sup>	Alinhamento com o propósito de vida.	Consciência espiritual, plenitude.	Uma Jornada espiritual.
<b>Persona</b> <sup>10</sup>	Consciência do eu/ outro nos relacionamentos.	X	X

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos estudos de Andrade (2018)

Andrade (2018) conclui então que o Autocuidado é um processo educacional de cuidado de si e do outro que ocorre mediante o Autoconhecimento com atitudes pautadas na vivência e na construção amorosa do saber, tais como: humildade, espera, respeito, desapego, coerência. Portanto, é um caminho educacional interdisciplinar que pode ser vivenciado simbolicamente. Além disso, durante a pesquisa, ficou evidenciado o quanto o autocuidado e autoconhecimento estão interligados, um depende do outro para o seu desenvolvimento. Reconhecer no processo o arquétipo da sombra e a persona foram apontados como fatores relevantes de elaboração do autoconhecimento.

A partir das percepções sobre as avaliações do bem-estar é possível refletir que o desenvolvimento do autoconhecimento e autocuidado pode estar relacionado à sensação do bem-estar integral, ou seja, o bem-estar físico, emocional ou espiritual, pode ser obtido mediante o autoconhecimento e autocuidado, uma vez que alguns fatores, tais como: a presença, a consciência corporal, a espiritualidade, são semelhantes aos apontados anteriormente como categorias processuais para o autoconhecimento e autocuidado. Essa percepção possibilita a reflexão de que tanto as oficinas pedagógicas realizadas em uma disciplina de autoconhecimento, como as oficinas pedagógicas extracurriculares poderiam contribuir para o desenvolvimento do autoconhecimento. Isso significa que o que importa é para o desenvolvimento são as práticas e/ou vivências.

---

<sup>9</sup> Self: Inclui no self a dimensão de Totalidade das forças conscientes e inconscientes e o diferencia Self de Arquétipo Central.

<sup>10</sup> Persona: Uma função estruturante que contempla a cultura para a elaboração simbólica e a formação da identidade do Ego e do Outro.

## 4 Metodologia

Nesta tese é utilizada como principal metodologia de seleção, coleta, análise e interpretação de dados a revisão sistemática, com a finalidade de ampliar a razão acerca do objeto estudado, qual seja, o autoconhecimento. Um estudo de revisão sistemática permite construir, através de um mapeamento de informações arquivadas em bancos de dados acerca de trabalhos da temática, construir um panorama dos caminhos e dos modos como o autoconhecimento vem sendo tratado no campo educacional, sem descartar possíveis comparativos com outras áreas. Esse instrumento metodológico orienta indagar algumas questões que oferecem um panorama do caminho a ser seguido. Assim, pode-se eleger como pergunta norteadora da pesquisa: como o conceito de autoconhecimento vem circulando epistemologicamente no campo educacional?

Com base nessa questão central, algumas auxiliares podem contribuir com a direção do trabalho. Em outras palavras, de que maneira o conhecimento acadêmico-científico acerca do autoconhecimento tem sido produzido nas pesquisas da área educacional? Que pesquisadores estão trabalhando com o objeto em pauta? Por quais áreas e linhas de pesquisa ele circula? Mediante quais metodologias (de campo, de casos, experimentais, documentais ou teóricos) circula pelo campo educacional? Que objetivos e relações temáticas visam esses trabalhos acerca do objeto? Quais referenciais teóricos fundamentam os estudos? A quais conclusões chegaram? Os conhecimentos produzidos geram pesquisa aplicada? As produções em Educação têm fomentado ações didático-pedagógicas no campo escolar?

Essas questões levantadas nos levam, na sequência desta metodologia, aos quadros de análise estruturados em categorias de ordem epistemológica, isto é, dos modos de produção das pesquisas, considerando suas teorias e seus conceitos de base. Essas arguições, portanto, estarão distribuídas entre as categorias de análise a serem aplicadas, em etapas diferentes, sobre o conteúdo da amostra então levantada pelo processo de revisão sistemática.

A revisão sistemática caracteriza-se como um trabalho científico que utiliza uma metodologia rigorosa de análise, classificação e categorização dos estudos sobre o tema, com o objetivo de evitar vieses irracionais (ATALLAH; CASTRO, 1998 *apud* SAVI; SILVA, 2009, p. 184). Esse tipo de estudo vem se consolidando como um modo histórico e epistemológico de refletir as tendências, os avanços, os retrocessos, os obstáculos, os problemas, as soluções etc. que configuram os campos da ciência e suas possíveis aplicabilidades. A revisão sistemática é um método de pesquisa que permite maximizar o potencial de uma busca, encontrando o

maior número possível de resultados de uma maneira organizada envolvendo um determinado assunto, tema, objeto ou problema.

Trata-se, então, de um modo de integrar e correlacionar pesquisas originalmente dispersas e sem conexões teórico-metodológicas diretas em níveis nacionais e internacionais. Assim, o objetivo da revisão sistemática é formar um arcabouço tanto teórico, como prático dos artefatos que foram utilizados para a solução de determinados problemas em estudos primários e analisar em que condições determinados artefatos foram utilizados para solucionar um determinado problema prático (técnico, tecnológico, social, político, industrial) específico com sucesso (BRIZOLA; FANTIN, 2016, p. 37).

Dessa forma, para a realização de uma revisão sistemática deve o pesquisador seguir algumas etapas. Primeiramente, deve entender o papel dos *stakeholders* (partes interessadas) no desenvolvimento da pesquisa. Posteriormente, é preciso seguir as seguintes etapas (MORANDI; CAMARGO, 2015 *apud* BRIZOLA; FANTIN, 2016, p. 29):

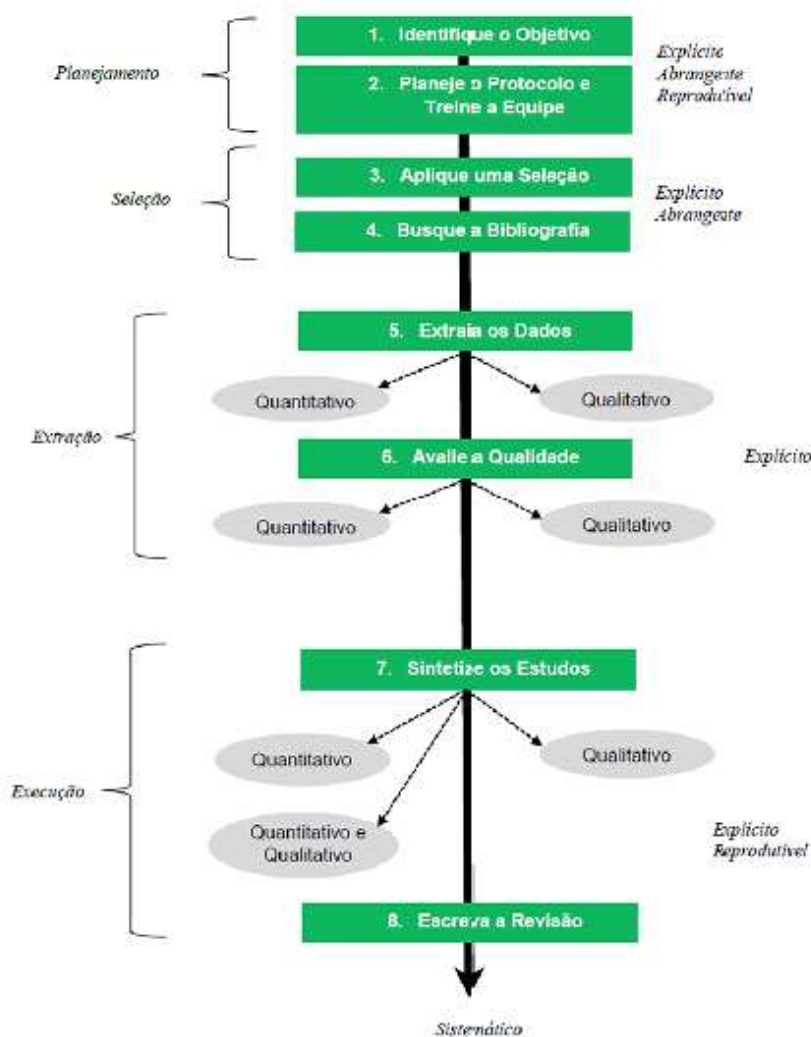
- a) fontes de busca da temática,
- b) estratégias para o viés da pesquisa,
- c) avaliação dos estudos, da literatura selecionados para serem utilizados na revisão sistemática,
- d) ferramentas a serem utilizadas na síntese dos resultados,
- e) a apresentação do estudo.

Okoli (2019, p. 8) traz um guia de oito passos necessários para realizar uma revisão sistemática de literatura, sendo estes, requisitos para que a revisão seja cientificamente rigorosa:

- 1) Identificação do objetivo;
- 2) Planejamento do protocolo e treinamento da equipe;
- 3) Aplicação de uma seleção prática;
- 4) Busca da bibliografia;
- 5) Extração dos dados;
- 6) Avaliação da qualidade;
- 7) Síntese dos estudos;
- 8) Escrita da revisão.

Esses itens foram organizados pelo autor supracitado no esquema abaixo representado na imagem abaixo:

**Figura 1:** Guia sistemático para o desenvolvimento de revisões de literatura



Fonte: OKOLI, 2019, p. 9

A revisão sistemática se tornou uma alternativa para a ausência (devido a inúmeras dificuldades contemporâneas) de “grandes” projetos de pesquisa capazes de abarcar amostras gigantes (nacionais ou internacionais) de dados, tanto em escalas espaciais quanto em escalas temporais, segundo um mesmo referencial teórico-metodológico rigorosamente protocolar. Os altos custos em tempo e em dinheiro para o desenvolvimento de pesquisas em grandes escalas populacionais, no sentido de abstrair padrões casuísticos ou mesmo “leis sociológicas”, principalmente por parte de países com baixo investimento em ciência e tecnologia, levaram inúmeros pesquisadores a optarem por frequentes e vastas revisões parametrizadas e instrumentalizadas da literatura acadêmica sobre diversos temas.

Esse tipo de prática científica se tornou possível na medida em que, embora os projetos com grandes populações são escassos, os chamados estudos ou ensaios de caso, pesquisas com

populações locais, obedecendo a recortes amostrais específicos e pequenos (particulares e singulares), bem como drásticas restrições orçamentárias e reduzidos recursos humanos especializados, são relativamente numerosos, a depender do tema, conforme mostra o exemplo da realidade universitária brasileira. Ainda que de maneira desarticulada, inorgânica, oscilante e parcimoniosamente, as pesquisas no país se desenvolvem mediante ações individualizadas ou em pequenos grupos e parcerias, quando muito estão inseridas na coletividade dos contextos dos Programas de Pós-Graduação.

Por sua característica de maior rigorosidade na análise, classificação e categorização dos estudos, a revisão sistemática é frequentemente utilizada na área de saúde. Enquanto isso, a utilização desta metodologia na área da educação encontra o limite da comparabilidade, tendo em vista a dificuldade de criar um paralelo para unificar diferentes e diversos referenciais teóricos e metodológicos de pesquisas na área. Entretanto, na ausência de estudo sobre o autoconhecimento com grandes amostras populacionais, a revisão sistemática tem um importante papel, visto que possibilita fazer o somatório e o paralelo de trabalhos pequenos para extrair uma síntese. Ou seja, compreende ser possível selecionar pesquisas que trabalhem com o objeto de estudo autoconhecimento em pequenas amostras e fazer um paralelo através de uma revisão sistemática para abstrair um padrão de entendimento, mais especificamente, uma síntese.

Assim, por seguir método e planejamento específicos, a revisão sistemática é de extrema relevância para a realização de uma pesquisa na área de educação sobre determinada temática, haja vista que serve para “mapear, encontrar, avaliar criticamente, consolidar e agregar os resultados de estudos primários relevantes sobre uma questão ou tópico específico, bem como identificar lacunas a serem preenchidas, resultando em um relatório coerente ou em uma síntese” (MORANDI; CAMARGO, 2015 *apud* BRIZOLA; FANTIN, 2016, p. 30), isentos de tendência pré-concebidas, seja por parte do pesquisador ou dos materiais selecionados. Dessa forma, a revisão sistemática é importante para a obtenção de informações desejadas em um crescente volume de resultados publicados, algumas vezes similares; outras, contraditórios.

Embora não haja um único método a ser seguido na revisão sistemática, Morandi e Camargo (2015) afirmam que há um núcleo comum em vários métodos criados por diferentes autores, que pode ser tomado como base para a sua realização. Esse núcleo comum englobaria as etapas das fontes e da busca, da seleção dos estudos, da avaliação da qualidade dos estudos selecionados e a apresentação dos resultados obtidos. Imperioso, no entanto, faz-se diferenciar

a revisão sistemática da meta-análise e da revisão de literatura, duas metodologias que se aproximam da utilizada por este estudo.

Segundo Bicudo (2014, p. 8):

Em muitas fontes, tais como Zimmer (2006), Pinto (2013), Passos (2006) e Cassol (2012), encontra-se a explicação de metanálise como uma técnica estatística desenvolvida para integrar os resultados de dois ou mais estudos, sobre um mesmo tema investigado. É agregadora e tende a reduzir os dados a uma unidade de síntese. O procedimento de integrar esses resultados pauta-se em uma revisão sistemática da literatura, na análise dos métodos seguidos, dos subtemas trabalhados, das conclusões a que chegaram. Está embasado na compreensão de que a integração de várias pesquisas independentes oferece maior sustentação para trabalhos futuros e balizam modos de observar os fatos de maneira mais rigorosa, pois tende a um padrão.

Brizola; Fantin (2016, p. 27) argumentam:

Mas o que é a Revisão da Literatura? Revisão da Literatura ou RI, nada mais é do que a reunião, a junção de ideias de diferentes autores sobre determinado tema, conseguidas através de leituras, de pesquisas realizadas pelo pesquisador. A revisão da literatura é, neste sentido, a documentação feita pelo pesquisador sobre o trabalho, a pesquisa que está se propondo a fazer. Vale ressaltar que o trabalho que está sendo feito não vai ser algo totalmente original, até por que a revisão da literatura é uma compilação crítica de obras que discorrem sobre uma temática, ou seja, a revisão de literatura, por ser um diálogo feito entre o pesquisador-escritor do trabalho e os autores por ele escolhidos para debater a temática, resulta em um texto que não precisa ser inédito, mas sim um texto analítico e crítico das ideias estudadas sobre a temática escolhida para o trabalho.

Isto posto, vale mencionar que existem inúmeros motivos para o pesquisador optar por realizar uma revisão sistemática como opção as outras metodologias citadas: podem ser realizadas para descrever o conhecimento disponível para a prática profissional, para identificar projetos e técnicas de pesquisa efetivos, para identificar especialistas em determinado campo e para identificar fontes não publicadas (FINK, 2005 *apud* OKOLI, 2019, p. 6). Esses, portanto, são alguns dos motivos que tornaram a revisão sistemática atraente para esta pesquisa. Assim, algumas teses e dissertações foram produzidas sobre vários temas abordando situações empíricas, específicas ou restritas, de modo que, articulada em um “todo”, a revisão sistemática pode produzir uma visão epistemológica que deveria ser produzida por “grandes projetos de pesquisa” envolvendo amostras estatisticamente significativas.

Doravante, atualmente se nota que as revisões sistemáticas se tornaram uma referência importante de confiabilidade dos estudos, justamente pela abrangência geográfica e temporal que promovem no cruzamento de dados e resultados de diversas pesquisas, que então servem

para verificar as evidências científicas de dados fenômenos com base em relações entre variáveis tanto oriundas da experiência profissional quanto da experiência laboratorial. A “Pirâmide da evidência”, de Savi e Silva (2009, p. 183), apresenta que os estudos mais confiáveis são os de revisão sistemática e os menos confiáveis são os estudos experimentais, isto porque esses são muito restritos e aqueles reúnem e comparam perspectivas distintas no interior de um escopo ampliado de dados a fim de orientar direções mais vantajosas.

**Figura 2:** Pirâmide da evidência



**Fonte:** SAVI; SILVA, 2009, p. 183

A título de sistematização teórico-metodológica com base na pirâmide da evidência, a análise e a compreensão do objeto científico podem apresentar algumas camadas ou níveis categoriais, dos mais gerais ao mais específicos. Inicialmente, portanto, nossa amostra bibliográfica, então levantada nos bancos de dados da pesquisa, será analisada de acordo com algumas modalidades, perspectivas ou abordagens básicas de pesquisa: teoria, experimento, documento, campo e literatura.

Isso significa que existe a previsão de serem encontradas pesquisas, sobre o autoconhecimento na educação, de cunhos teórico, experimental, documental, de campo e bibliográficos; o que fornecerá diretamente os dados acerca dos tipos de pesquisas desenvolvidas. Essa classificação, apesar de sua generalidade, permite uma divisão restritiva inicial de acordo com as categorias, já que cada uma delas designa especificidades metodológicas. Desse modo, essas generalidades nos levarão a um escopo plural de abordagens e procedimentos de pesquisa no interior de cada tipo anunciado. Essas particularidades e

singularidades não podem, portanto, serem deduzidas teoricamente; significando que apenas os dados empíricos, extraídos da revisão sistemática, poderão revelá-las. A título de exemplo, esperamos que dentre as pesquisas bibliográficas possamos encontrar trabalhos de revisão sistemática, de metanálise e/ou de bibliometria, bem como revisões de literatura mais gerais.

Doravante, essas informações possibilitam o surgimento de categorias epistemológicas transversais a serem buscadas em todos os âmbitos do objeto mediante pesquisa de revisão sistemática. Tais categorias são:

- i) as abordagens teórico-metodológicas dos estudos, incluindo seus aspectos procedimentais;
- ii) o contexto sociológico do conhecimento produzido, o qual pode ser delimitado por áreas, subáreas, campos, disciplinas, grupos, programas, instituições etc. envolvidas;
- iii) o diálogo estabelecido no sentido da crítica em termos de colaboração e corroboração dos conhecimentos produzidos, levando em consideração as rupturas e continuidades com saberes anteriores no que se referente a obstáculos e saltos epistemológicos às voltas do problema específico enfrentado, bem como acerca da região científica responsável por abrigar a pesquisa.

O resultado desta pesquisa não é uma simples relação cronológica ou uma exposição linear e descritiva de uma temática, pois a revisão sistemática deve se constituir em um trabalho reflexivo, crítico e compreensivo a respeito do material analisado (FERNÁNDEZ-RÍOS & BUELA-CASAL, 2009, *apud* COSTA; ZOLTOWSKI, 2014, p. 55). Após a formulação de um problema e a verificação de sua relevância, bem como a realização de um trabalho teórico-conceitual, a revisão sistemática necessita de um recorte espacial, temporal, teórico, metodológico, temático: uma demarcação ou corte epistemológico.

Para a pesquisa chegar a essa demarcação, o processo foi dividido em algumas etapas, a primeira delas será a leitura exploratória e mapeamento. A exploração tem como procedimento a realização de leitura de títulos de teses e dissertações, resumos, sinapses, sínteses, capítulos, subseções e palavras-chave, a fim de identificar ideias de acordo com o tema em constituição. Quando esses itens satisfizerem o interesse do tema, serão percorridos por leituras algumas páginas aleatoriamente conforme a divisão interna das pesquisas. Marcada pela exploração e mapeamento inicialmente assistemático, esse momento prepara para o exercício de explorar e mapear organizadamente o material acerca do objeto de pesquisa que pode obedecer a mais alguns procedimentos (SALVADOR, 1973, p. 28 e 71).

Em um segundo momento será feita a leitura seletiva. Nesta fase da leitura serão identificadas as especificidades das teses e dissertações de referência, selecionando trechos que atendam aos aspectos do objeto de estudo. O enfoque ou delimitação dada pelos respectivos autores concernente ao assunto também servirão de parâmetros para seleção. Sendo assim, este tópico se caracteriza como sendo mais uma seleção de conteúdos identificados com o objeto por um lado e com o referencial teórico por outro (SALVADOR, 1973, p. 73).

Em seguida parte-se para o fichamento técnico, esta fase é conhecida por organizar as informações técnicas dos documentos e referências em geral. Neste momento serão utilizadas fichas de apreciação (citações diretas ou indiretas do texto, ou comentários do pesquisador que se mostram importantes para fundamentar e/ou apoiar o conteúdo da pesquisa) e fichas de enseje (registram ideias momentâneas que surgem de reflexões fora das horas programadas para o estudo propriamente dito). Para esta etapa da pesquisa serão criados quadros, com categorias básicas (ex. quadro 1).

**Quadro 2** Demonstrativo das categorias básicas para organização das fontes

Autor	Título	Ano	Universidade	Tipo	Palavras-chave	Quantidade de vezes que o termo autoconhecimento aparece

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Concluída a delimitação da questão de pesquisa, a escolha das fontes de dados e das palavras-chave, a busca e o armazenamento dos resultados, a seleção de trabalhos pelo resumo (de acordo com critérios de inclusão e exclusão), a extração dos dados dos textos selecionados, sua avaliação, a síntese e interpretação dos dados (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014, p. 67). Será ainda realizada a escrita interpretativa, etapa que já corresponde ao texto final cuja concretização se encontra nas anotações e fichamentos, como se sabe concomitantes e paulatinos a todas as etapas da leitura.

Com efeito, a interpretação da leitura avança em direção à análise no sentido de que, quem vai estabelecer relações entre as leituras de conceitos, enfoques, metodologias é o pesquisador; a identificação da interpretação dos respectivos autores estudados, ou seja, as relações serão estabelecidas entre as ideias dos autores estudados e as do pesquisador orientado pelo seu referencial teórico e pelos dados empíricos coletados, então organizados por categorias. Assim, o movimento da pesquisa parte de uma interpretação inicial que influencia

no procedimento de análise, já que a escolha das categorias não está separada do ato de interpretar, no entanto, espera-se que a análise possibilite mudanças na interpretação inicial.

## 5 Revisão de literatura

Existem diversas fontes que podem ser consultadas para compor um projeto de revisão. As bases eletrônicas de dados são bastante utilizadas, já que congregam um amplo volume de material sobre tópicos específicos e podem ser facilmente consultadas, assim para esta pesquisa fora selecionado o Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES, por ser esta uma plataforma que tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país, e faz parte do Portal de Periódicos da Instituição.

As informações contidas no CTD são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. Inicialmente foram disponibilizados 125.000 resumos de teses/dissertações no período de 1996 a 2001, os quais foram obtidos através do sistema Coleta, em parceria com a área de informática da Capes. Com o intuito de melhorar e ampliar a base de dados bibliográficos disponíveis, também foram resgatadas e incluídas referências de trabalhos defendidos desde 1987. A partir de então, os dados são atualizados anualmente após o informe de atividades pelos programas de pós-graduação do país à Capes.

Reconhecemos e reverenciamos toda a produção na forma de literatura acadêmica sobre autoconhecimento que esteja fora desta plataforma acadêmica e digital, no entanto, em respeito à possibilidade de tratamento qualitativo (quantitativo também, mas de maneira mais elementar) e a disponibilidade da integralidade dos trabalhos é que o Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES foi selecionado para esta pesquisa. Dito isto, neste trabalho a seção de revisão de literatura, mas especificamente a coleta de dados, estará organizada da seguinte forma:

Grupo 1: Trabalhos que possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, bem como reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema;

Grupo 2: Trabalhos que **não** possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, mas reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema;

Grupo 3: Trabalhos que possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, mas **não** reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema;

Grupo 4: Trabalhos que **não** possuem a palavra autoconhecimento ou autoconhecimento no título, bem como **não** reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, mas o objeto de estudo encontra-se no rol das palavras-chave;

Grupo 5: Trabalhos que **não** possuem a palavra autoconhecimento ou autoconhecimento no título, **não** reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, bem como o objeto de estudo **não** está no rol das palavras-chave, mas a palavra autoconhecimento ou autoconhecimento aparece dispersa no texto.

De acordo com nossa metodologia bibliográfica de “Revisão Sistemática”, a organização da coleta por esses cinco grupos de amostras textuais está orientada pelo esquema proposto por Okoli (2019, p. 9) exposto anteriormente. O referido esquema informa que o primeiro passo deve ser a identificação do objetivo da pesquisa, que neste trabalho consiste em investigar como o conceito de “autoconhecimento” vem epistemologicamente circulando na produção de conhecimento na área educacional. Na sequência, o esquema indica o planejamento de um protocolo, que neste estudo será descrito logo adiante em referência aos passos seguintes da pesquisa.

Dito isto, na etapa de aplicação de uma seleção confirmamos a ocorrência concreta de nosso objeto no interior do banco de dados eleito para fornecer as fontes. Não obstante, na sequência foi realizada uma busca bibliográfica de maneira seletiva com base no recorte institucional restrito aos trabalhos de tese e de dissertação defendidos na área da Educação. Após essa busca foi realizada a extração dos dados, tal como pode ser verificado subsequentemente nos quadros e nas descrições dos quadros relativos aos cinco grupos de fontes supracitados.

No decorrer de tese o leitor poderá perceber que os quadros de análise criados para esta pesquisa possibilitaram um dimensionamento elementar do quantitativo de ocorrências do conceito de “autoconhecimento”. Esse quantitativo extraído serviu de parâmetro para supormos o nível de relevância do conceito para cada um dos trabalhos, ao lado de outros parâmetro como presença do termo no título etc., por exemplo. A extração qualitativa de dados foi realizada segundo o destaque de três aspectos principais, dentre outros mais periféricos; são eles: i) abordagem teórica-metodológica das fontes; ii) contexto sociológico de realização da pesquisa; iii) diálogo crítico e colaborativo das teses e dissertações com a produção do conhecimento da área educacional sobre o conceito de autoconhecimento.

Ainda conforme o esquema de Okoli (2019, p. 9), passamos para a “avaliação da qualidade dos dados” em uma seção específica, onde foi destacado os aspectos que mais

adequadamente expressam a dimensão epistemológica do conceito de “autoconhecimento” na produção do conhecimento em Educação. Para a síntese dos estudos utilizou-se as seguintes categorias de análise: dimensão; contexto indivíduo-sociedade; métodos, práticas e/ou procedimentos; objetivos ou metas; efeitos ou resultados; teoria de base. De forma que, a partir delas se torna possível a escrita da revisão, etapa final de uma revisão sistemática de literatura, conforme ensinado por Okoli (2019).

Assim, vale mencionar que a referida organização em grupos leva em consideração a hierarquia de relevância dos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES e selecionados para esta pesquisa. Compreendemos, portanto, que esses elementos pré-textuais das dissertações e teses têm como função organizar e indicar os trabalhos em relação a uma certa ordem de importância e relevância quanto à centralidade de um tema para as pesquisas. Nesse caso, supomos que os trabalhos que apresentam em seus títulos os descritores autoconhecimento e/ou auto-conhecimento indicam a centralidade da temática no desenvolvimento da pesquisa.

Entretanto, os termos que ocupam essas posições pré-textuais no trabalho acadêmico são indicativos, mas nem sempre representativos do conteúdo do texto. Isso ocorre, como veremos, porque alguns textos, embora apresentem um certo descritor no título principal (como autoconhecimento) ou no título de seções, em seus corpos, mesmo durante a exposição escrita do conteúdo, não há uma correspondência de importância, relevância ou centralidade, na medida em que a ocorrência do termo buscado é escassa ou quase nula. Por outro lado, em outros casos, apesar do termo descritor figurar apenas nas palavras-chave ou apenas no corpo do resumo, o corpo do texto pode apresentar um número maior de ocorrências.

Assim, com o intuito de mapearmos e selecionarmos as teses e dissertações que trabalham com o objeto de estudo autoconhecimento, mas especificamente no campo da educação, no dia 09 de março de 2022 foi realizado um levantamento inicial no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES com descritores “autoconhecimento” OR “auto-conhecimento”. Os descritores de busca sintetizam os conceitos ou as variáveis principais investigados em determinado estudo. Assim, para selecionar os artigos para a revisão sistemática, esses termos de busca precisam ser sensíveis o suficiente para acessar adequadamente o fenômeno, indicando um número representativo de trabalhos. Porém, não podem ser sensíveis demais, retornando muitos resultados, inviabilizando o projeto de revisão (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014, p. 61).

Nas buscas iniciais observou-se que a palavra autoconhecimento também aparecia em alguns trabalhos separada por hífen, por esse motivo foi utilizado na busca o operador OR. Isto porque, quando este operador é utilizado recuperam-se registros nos quais pelo menos um dos termos de busca estará presente. Assim, procura-se os termos “autoconhecimento” e também “auto-conhecimento”, visto que o documento que contém qualquer uma destas palavras pode ser relevante para esta pesquisa. Por meio do operador OR, recuperam-se todos os registros que contêm um dos dois termos ou ambos (SAKS, 2005, p. 9).

A utilização das aspas se deu pelo fato de que ao procurar o termo auto-conhecimento, sem aspas, aparece na busca trabalhos que contemplam as palavras: auto, conhecimento ou auto-conhecimento. Assim, para filtrar apenas no termo auto-conhecimento utilizam-se as aspas. As buscas utilizando aspas são úteis para encontrar substantivos compostos, nomes específicos, provérbios, expressões mais longas (SAKS, 2005, p. 26)

Desse modo, foram encontrados 1.099 resultados, dos quais, ao ser aplicado o filtro área de conhecimento e selecionando a categoria “educação” restaram apenas 260 trabalhos. Para garantir a qualidade no processo de extração de dados, possibilitando a localização dos textos completos dos artigos que compõem o banco final, foi utilizado o período de 2013 – 2020 como marco temporal, isto porque antes de 2013 não encontramos o trabalho na íntegra nas plataformas de busca, o que impossibilita a análise destes. Aplicado o marco temporal, restaram 111 trabalhos.

A partir desse mapeamento e análise prévia pode-se observar a interdisciplinaridade do objeto em estudo nesta pesquisa, de modo que alguns destes trabalhos tem o autoconhecimento como tema central, enquanto outros tangenciam este objeto de estudo. Assim pode-se encontrar trabalhos que abordam diversos assuntos, a saber: currículo, formação de professores, autoajuda, psicologia, cinema, música, teatro, artes, avaliação, educação ambiental, educação física, gênero e sexualidade, esoterismo, práticas orientais, corporeidade, religiosidade, profissionalização, gestão escolar, autobiografias, estudos culturais, aprendizagem, psicopedagogia, educação a distância, alfabetização, entre outros.

A avaliação dos artigos visa constatar se eles são ou não pertinentes para responder as perguntas norteadoras de pesquisa: Como o autoconhecimento é aplicado na área da educação? Qual o conceito (ou quais conceitos) de autoconhecimento circula nessa área? Quais os elementos e componentes do autoconhecimento levados em consideração para tratar do tema no âmbito educacional, seja de maneira ampla ou especializada?

O caminho natural de uma revisão sistemática é remover artigos durante esse processo por não apresentarem dados a serem extraídos, ou por não serem bem-avaliados a partir de critérios estabelecidos pelo pesquisador (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014, p. 65). A partir deste momento seguiremos com a avaliação dos 111 trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES. Referidos trabalhos serão inseridos em um quadro que classifica por: autor, título, ano, universidade, tipo da pesquisa, palavras-chave e quantidade de vezes que o termo autoconhecimento aparece em cada trabalho.

Ao lado da posição de nosso descritor nos elementos pré-textuais das teses e dissertações, como título, palavras-chave, resumo etc., o número de ocorrências do mesmo é um indicativo da centralidade do termo para cada pesquisa em pauta; bem como pode indicar se o descritor é mais ou menos tratado em termos conceituais mediante revisões de literatura no campo da filosofia e da ciência. Mas, como dissemos, trata-se de indicativos que necessitam de averiguação direta mediante a leitura dos trechos correspondentes a fim de verificar se realmente o termo está sendo utilizado com sentido tácito ou se de maneira fundamentada com base em literatura especializada.

### 5.1 Grupo 1 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Nesta subseção trabalharemos com as pesquisas que consideramos mais relevantes dentro do nosso objeto de estudo, quais sejam, as que possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento em seu título, bem como reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema.

**Quadro 3** Análise dos trabalhos do Grupo 1 do CTD da Capes

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universid</b>	<b>Tipo</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Qt.</b>
1	ALMEIDA, Lucia Helena Diniz De	Autoconhecimento emocional do professor: a preocupação com a pessoa, antes do profissional.	2019	PUC/RS	Dissertação	Autoconhecimento; Professor; Neurociências; Emoções; Sentimentos.	49
2	ALVES, Tarso Ferreira	Por uma educação para o autoconhecimento: uma leitura a partir do pensamento Socrático-Platônico	2019	UNICAMP	Tese	Educação; Filosofia antiga; Sócrates; Platão; Autoconhecimento.	79
3	ANDRADE, Simone Moura Andrioli De Castro	O autoconhecimento e autocuidado na formação interdisciplinar do profissional da	2018	PUC/SP	Tese	Interdisciplinaridade; Autoconhecimento; Autocuidado; Vivência Simbólica.	307

		saúde: uma jornada simbólica					
4	MORAES, Jonathas Gomes	A disseminação da noção de autoconhecimento na literatura educacional e na formação do professor	2017	UESB	Dissertação	Autoconhecimento; Literaturas de autoajuda; Prática educacional; Circulação de ideias.	354
5	NETO, Raul Maia De Andrade Neves	O autoconhecimento e o reconhecimento do outro: possibilidades emancipatórias no ensino e aprendizagem de filosofia	2014	UNISC	Dissertação	Autoconhecimento e reconhecimento do outro; Ensino e aprendizagem de filosofia; Ensino Médio; Emancipação.	57
6	NETO, Raul Maia De Andrade Neves	Psicogênese da empatia: Educação, Autoconhecimento e Reconhecimento do Outro	2019	UNILASALLE	Tese	Psicogênese da Empatia; Educação; Autoconhecimento; Reconhecimento do Outro; Ensino Técnico	146
7	RODRIGUES, Juliana	Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: uma experiência estética	2019	UFPR	Dissertação	Formação de professores; Singularização; Experiência estética; Contos milenares; Autoconhecimento; Rudolf Steiner; Felix Guattar.	87
8	SOUZA, Andreia Cavalcante de	Autoconhecimento a partir do yoga na formação de educadores	2021	UFPR	Dissertação	Autoconhecimento; Yoga; Formação de educadores; Fenomenologia; Formação de professores.	125

Fonte: Elaborado pelo autor

### **Dissertação: “Autoconhecimento emocional do professor: a preocupação com a pessoa, antes do profissional”**

Almeida (2019) através de uma pesquisa qualitativa que contou com um questionário de respostas abertas, online, buscou entender os sentimentos e emoções dos docentes em sala de aula, descobrir suas dificuldades e evidenciar que a formação dos licenciandos ainda precisa ser repensada no que diz respeito ao professor e ao autoconhecimento emocional. Para isto, participaram da pesquisa sete discentes, de licenciaturas diferentes, de uma Universidade de Porto Alegre – RS e a autora dividiu sua dissertação em 5 seções: o início de tudo; autoconhecimento, inteligência emocional e neurociências: impactos na aprendizagem; desvelando o processo; uma discussão sobre sentimentos e emoções do professor na aprendizagem do aluno; conclusões. Por fim, Almeida (2019) destaca que educar para a resiliência, para a empatia e para o afeto via desenvolvimento das habilidades socioemocionais, são características essenciais para potencializar o autoconhecimento do professor, resultando

em possibilidade significativa na aprendizagem. E que as habilidades socioemocionais podem e precisam ser desenvolvidas em sala de aula pela interação, pela partilha e pela reflexão.

A autora utiliza por 49 (quarenta e nove) vezes o termo autoconhecimento e informa que a psicologia conceitua como autoconhecimento o conhecimento de um indivíduo sobre si mesmo. A prática de se conhecer melhor faz com que uma pessoa tenha controle sobre suas emoções, independentemente de serem positivas ou não, possibilitando relações mais empáticas, como afirma Relvas (2010). Na seção destinada a tratar sobre o “Autoconhecimento emocional: o saber que potencializa” a pesquisadora afirma que é essencial que a formação docente garanta espaço e tempo para o autoconhecimento, o qual é composto por cinco focos, são eles:

- > o processo de tomada de decisão: decidir que precisa mudar e querer desenvolver esta habilidade;
- > gerenciar a si mesmo: entender como age hoje frente às situações e definir um estado desejado de objetivo;
- > desenvolver as habilidades com um plano de ação;
- > confrontar uma autopercepção e o feedback da percepção dos demais próximos a si;
- > reavaliar-se constantemente.

Almeida (2019), portanto, se volta para o autoconhecimento emocional em seu trabalho, que nada mais é que desenvolver e lidar adequadamente com os sentimentos e emoções. Deste modo, afirma que o Autoconhecimento Emocional é importante em todos os setores da vida, e no aspecto profissional não é diferente. Conhecer bem as próprias emoções e saber identificar qual sentimento está predominando em cada momento é realmente uma competência comportamental importante. Sendo essencial que a formação docente garanta espaço e tempo para o autoconhecimento, que se define, como já conceituado anteriormente, como o conhecimento de si, das próprias características, qualidades, imperfeições, sentimentos etc. que caracterizam o indivíduo por si próprio.

Isto porque, se os docentes possuírem um autoconhecimento, isso favorecerá as relações interpessoais, tornando-as saudáveis e afetuosas no ambiente educacional, otimizando a ação pedagógica e qualificando o processo de ensino e de aprendizagem, respeitando-se as individualidades e diferenças. Almeida (2019) conclui que, em que pese desenvolver o autoconhecimento se faça necessário, em nenhuma pesquisa sobre formação de docentes encontrou-se tal conceito sendo estudado. No entanto, ficou evidenciado que é uma habilidade que precisa ser desenvolvida pelo professor.

### **Tese: “Por uma educação para o autoconhecimento: uma leitura a partir do pensamento Socrático-Platônico”**

A próxima pesquisa a ser analisada é a de Alves (2019), na qual podemos perceber que, por meio de um trabalho teórico, a tese tem como propósito discutir a ideia de uma educação para o autoconhecimento a partir da apropriação e da interpretação, pelo pensamento socrático-platônico, do preceito inscrito no pórtico do Oráculo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo. Assim, o trabalho de Alves objetiva, portanto, apresentar a razão que justifica a importância e a necessidade de uma educação para o autoconhecimento. Tal razão está relacionada às condições que fazem de uma cultura do autoconhecimento um elemento central da educação, de modo a circunscrever os princípios e as bases que levam à ideia de uma autoeducação. Neste sentido, toda a discussão desse trabalho aponta para uma direção na qual o autoconhecimento se apresenta como uma propedêutica à educação à medida que desperta no homem o dever de aprender a ser um aprendiz de si mesmo. Por fim, o autor conclui que uma cultura do autoconhecimento contribui para a educação ao tomar o homem como princípio e finalidade da aprendizagem.

Percebe-se que a tese de Alves (2019) intitulada “Por uma educação para o autoconhecimento: uma leitura a partir do pensamento Socrático-Platônico” é um verdadeiro mergulho na filosofia-antiga, mais especificamente no pensamento socrático-platônico, em busca do autoconhecimento trazendo o termo por 79 vezes em seu trabalho. Assim, o autor traz a ideia platônica de que uma educação para o autoconhecimento é uma autoeducação. E para responder as questões relativas à razão (ou as razões) que justifica(m) a importância e a necessidade de uma educação para o autoconhecimento, a discussão aponta para uma direção na qual o autoconhecimento como visão de si mesmo, autodomínio, cuidado da alma, exercício de vida, processo de autodescoberta pela maiêutica e reminiscência se apresenta como uma propedêutica à educação, à medida que desperta no homem o dever de aprender a ser um aprendiz de si mesmo. Uma cultura do autoconhecimento de acordo com os significados que esta ideia pode assumir contribui para a educação ao tomar o homem como princípio e finalidade da aprendizagem.

Mas então qual seria o critério pedagógico para que possa haver uma identificação das habilidades naturais dos indivíduos? Alves (2019) se vale da obra "A República" de Platão para responder esse questionamento. Na referida obra, Platão, através do personagem Sócrates, chama a atenção para a inclinação natural das crianças quando estão jogando e brincando: umas manifestam certas tendências de comportamento no convívio, que tendem a uma natureza

reflexiva e moral, à diferença de outras, que não demonstram a mesma tendência. Isso parece pressupor que o pedagogo deve realizar, da melhor forma possível, o exercício do autoconhecimento, da visão de si mesmo, para então ver e identificar no outro, no caso a criança, suas potencialidades.

Ver a si mesmo é despertar para o fato de ter utilidade para o outro e para o meio social em que se vive. Não significa apenas ser uma alma que pensa sobre si mesma, mas que, ao pensar, se autodescobre como poder de realização de algo. Se a reflexão torna possível que eu me veja e me conheça, ela é a própria chave dessa autodescoberta que se volta para as necessidades do outro porque, ao exercitar meus dons a serviço do outro, aprimoro esses dons em relação a mim mesmo. Assim, o processo de fazer-se a si mesmo não se ensina, pois diz respeito a um despertar interior de consciência e do uso de uma vontade autônoma. O que um educador pode fazer é incitar o aprendiz ao autoconhecimento enquanto exercício de vida, tal como Sócrates incita os cidadãos de Atenas ao exercício da virtude na vida prática. É algo que não se ensina quando se compreende o ato de ensinar como ato de apresentar métodos e conceitos, ou receituário que o aprendiz possa seguir.

Dito isto, Alves (2019) continua, o educador pode até fazer o convite e apresentar um leque de possibilidades sobre a necessidade do autoconhecimento, mas é o próprio aprendiz quem realiza o exercício, o qual é pessoal e intransferível. Nesse caso, quando se compreende o fato de que a apresentação de princípios morais não garante que tais princípios sejam aprendidos, a necessidade do “ensino externo”, de um professor, não é excluída, uma vez que aquela apresentação pode servir de parâmetro para que o aprendiz, se quiser, realize esse caminho por conta própria. Dessa forma, “ensino externo” não ensina ninguém a ser virtuoso, mas pode contribuir para que a criança, o jovem e o adulto aprendam por si mesmos.

A educação pode, então, fornecer a forma, mas o primeiro olhar deve voltar-se para o interior da alma, de modo que o outro aparece como um espelho que reflete nosso próprio ser. Portanto, o autoconhecimento é necessário para que se possa identificar os próprios talentos e realizar, assim, cada vez mais e melhor, a autoeducação. Assim, os aspectos que traduzem uma cultura do autoconhecimento apontam para a constatação de que a educação é uma autoeducação, possível na dimensão da aprendizagem, em que a alma humana ensina a si mesma através do contato com o outro e com o mundo. Tudo aquilo que é exterior à alma aparece como uma referência, um modelo que pode ser imitado ou rejeitado, visto que toda escolha depende da autonomia da vontade.

Dessa maneira, a sabedoria envolve uma radical atitude de autoexame por intermédio das ações cotidianas, o que permite a revisão da maneira de pensar, para que se possa então realizar um exercício espiritual de fazer-se a si próprio. É tomar a sabedoria como um exercício do dia a dia, o qual tem como finalidade o próprio autoconhecimento com vistas à autotransformação, porque a alma é aquela que almeja e reivindica sua própria elevação e seu autoaperfeiçoamento. No entanto, informa Alves (2019) que a capacidade do homem de desenvolver o conhecimento de si mesmo é irreconciliável com a falta de autodomínio, situação em que se deixam de lado as condições necessárias ao aperfeiçoamento da alma. A conquista do conhecimento deve estar subordinada ao despertar de uma necessidade interior, justamente a do autodomínio. O autodomínio aparece, então, como uma condição ao autoconhecimento, pois a alma não pode dedicar-se ao autoexame se ela está voltada às perturbações provocadas por seus “impulsos irracionais” e seu “eu inferior”. De modo que, o excesso dos prazeres e paixões são um obstáculo à reflexão porque estimulam a parte irracional da alma humana, afastando a de sua verdadeira natureza, que é racional.

Ademais, o “conhece-te a ti mesmo” é um exercício transcendente na medida em que o autoconhecimento é o caminho pelo qual o homem pode ir além de si mesmo, o que faz da educação um processo de desenvolvimento da alma humana na perspectiva do “dever ser”, do “tornar-se”. O homem que se encontra na perspectiva do “dever ser”, do “tornar-se”, está em busca da sua própria identidade, do seu ser. O autoconhecimento, em suas dimensões gnosiológica, ontológica, existencial e moral, aparece como uma meta a ser alcançada, num processo de autoeducação, porque o homem é, por natureza, um ser incompleto, inacabado, o que justifica a necessidade incessante da aprendizagem acerca de si mesmo. Para Alves (2019) a autoeducação está intrinsecamente relacionada com o autoconhecimento, isto porque, quanto mais o homem se conhece, mais ele se autoeduca e, quanto mais ele se autoeduca, mais ele se conhece. Essa é uma via circular e de mão dupla, em que um lado reforça o outro. Em função disso, uma educação para o autoconhecimento deve estar disponível a todos, mesmo que seu aprendizado não seja universalmente garantido, visto que é algo condicionado àqueles que se dispõem a ser aprendizes de si mesmos.

### **Tese: “O autoconhecimento e autocuidado na formação interdisciplinar do profissional da saúde: uma jornada simbólica”**

Andrade (2018) em sua pesquisa de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo traz como tema o desenvolvimento do autoconhecimento e autocuidado

vivenciado simbolicamente na formação dos profissionais da saúde. O objetivo principal do estudo foi compreender o desenvolvimento do autoconhecimento e autocuidado vivenciado simbolicamente nos cursos de graduação do profissional de saúde, incluindo como sujeitos, o pesquisador e os alunos de graduação da área das Ciências da saúde. A investigação apresentou um enfoque metodológico interdisciplinar, portanto, qualitativo e de cunho participativo. Os instrumentos metodológicos foram: as narrativas das vivências simbólicas significativas para o pesquisador durante o desenvolvimento da tese; as narrativas e questionários advindos de um programa educacional vivenciado simbolicamente com os alunos dos cursos de graduação da área das Ciências da saúde da Universidade Anhembi-Morumbi (Unidade Mooca/SP).

Na seção “O autoconhecimento na formação interdisciplinar do profissional de saúde” a autora, para tratar do autoconhecimento, parte da epígrafe encontrada no templo de Delfos, a que muito influenciou Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”, passando pela concepção de autoconhecimento de Carl Gustav Jung que é concebido pelo processo de individuação<sup>11</sup>. Dito isto, a hipótese levantada nesta pesquisa foi que os atributos que perpassam pelo autoconhecimento poderiam ser despertados e vivenciados simbolicamente por meio de práticas educacionais interdisciplinares e como efeito, mobilizariam a consciência do autocuidado durante a formação do profissional da saúde.

A autora defende que o autoconhecimento é um processo que ocorre mediante a ampliação da consciência, que se conecta consigo e com o outro. O autoconhecimento, portanto, é o fio condutor para o caminho interdisciplinar. Assim, Andrade (2018) traz em sua pesquisa algumas informações relevantes para este trabalho, que foram colhidas no Questionário Geral aplicado durante o Programa Educacional, vejamos:

A partir da primeira questão do questionário: ‘O autoconhecimento é importante na sua vida pessoal e para a sua vida profissional? Justifique’, obtivemos justificativas relacionadas ao processo de autoconhecimento, tais como: clareza, objetividade e serenidade. (...) podem ser categorizados como beneficiadores do processo de autoconhecimento, evidenciam-se as funções psíquicas estruturantes: a plenitude, a integralidade, segurança, a espiritualidade e o equilíbrio.

Dessa forma, percebe-se a consciência do processo evolutivo e da consciência espiritual relacionado ao processo de autoconhecimento, o que seria possível a partir da vivência do *Self*

---

<sup>11</sup> Segundo Jung (1987b, p.49), pode-se traduzir: Individuação, como “tornar-se si mesmo” ou o “realizar-se do si mesmo” [...] significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social.

em uma prática educacional. Com relação à percepção do autoconhecimento do corpo, frisa-se a importância de se reconhecer o corpo no processo educacional, o que pode ser associado à função da Consciência da Sensação revelando, segundo Andrade (2018), uma categoria processual e beneficiadora para o autoconhecimento. A autora destaca também como categoria beneficiadora a percepção de diferenciação do Eu/Outro, já que esta pode contribuir para o desenvolvimento de relações saudáveis. Outro aspecto que se revelou diz respeito ao desenvolvimento da empatia, uma função estruturante psíquica, relacionado ao processo de autoconhecimento, classificada como uma categoria processual.

### **Dissertação: “A disseminação da noção de autoconhecimento na literatura educacional e na formação do professor”**

Já na pesquisa de Moraes (2017), o quarto trabalho elencado no quadro nesta seção, busca-se, em um estudo teórico com entrevistas semiestruturadas, compreender o modo com que as abordagens do autoconhecimento são disseminadas no campo educacional e de que forma essas abordagens produzem efeito na prática discursiva do professor, tendo em vista seus processos formativos e experiências pedagógicas. O trabalho de Moraes (2017) conta com um levantamento das noções de autoconhecimento a partir do pensamento filosófico, que possibilitou trazer o contexto de emergência da ideia de autoconhecimento na história do pensamento. Após isso, foram analisados os discursos de apropriação de uma noção de autoconhecimento em alguns trabalhos acadêmicos, por fim, foi apresentado como alguns docentes estabelecem um diálogo com uma noção de autoconhecimento e com as principais literaturas de autoajuda são direcionadas ao campo educacional. Assim, o autor notou que no percurso do autoconhecimento na história do pensamento ocidental esta noção assume diferentes facetas em sua constituição.

Moraes (2017) se aproxima muito desta pesquisa com uma inquietação que nos é comum: o contexto epistemológico com que o conceito de autoconhecimento surge e de que modo o campo educacional se apropria dele, sob quais formas de significação. O autor faz um levantamento histórico partindo do aforismo socrático “conhece-te a ti mesmo” e passando por Foucault (2006) que adverte que para a Antiguidade Clássica o termo que mais se aproximava da ideia de conhecer a si mesmo era o cuidado de si (*epiméleia heautoû*), mesmo reconhecendo haver uma inclinação maior ao se discutir a questão do sujeito e o “conhecimento de si” pela inscrição “conhece-te a ti mesmo”. Diz, ainda, ser bem provável que a significação do

“conhece-te a ti mesmo”, na constituição da sua origem e pelo no sentido pelo qual foi inscrito, seja bem diferente do sentido filosófico do termo usualmente transcrito.

Conforme Moraes (2017), em Santo Agostinho a noção de autoconhecimento surge – derivando essa concepção da própria perspectiva socrática e sofrendo forte influência de Platão – como a ideia de conhecer a Deus e, assim, estarmos ao alcance da sabedoria e da espiritualidade. Atingindo, dentre essas duas condições, um significado pleno ao regular o homem, afirmando que só através desses conhecimentos o homem reconhece quem realmente é, e a sua verdadeira condição no mundo (OLIVEIRA, 2012). Descartes, por sua vez, faz mudanças radicais na concepção de autoconhecimento agostiniana, dando uma nova direção e marcando época ao situar as fontes morais dentro de nós e para além da visão moralista de Platão. Esta nova direção aponta para um novo entendimento da razão, associado à compreensão mecânica do universo pelo método resolutivo, acreditando nesta como a forma de conhecer a realidade e uma representação correta das coisas, abandonando a representatividade do mundo das ideias de Platão (TAYLOR, 1997).

Em outra contribuição dessa análise, Moraes (2017) traz Marques (2012) para o debate o qual apresenta que, dentro das diferentes possibilidades de se perceber o autoconhecimento na literatura filosófica da Idade Moderna, é possível que esta ideia adote uma variedade de dimensões, quer seja nas perspectivas da filosofia empirista, seja na perspectiva racionalista. Afirmando que as primeiras concepções epistêmicas, da ideia de autoconhecimento, de fato, se iniciam a partir de Descartes, mas ganha representatividade em Locke, quando este introduz concepções de introspecção e reflexão. Posiciona, ainda, que em Locke transparece uma conceituação clara do sentido de reflexão, associando-o aos sentidos de introspecção e de autoconhecimento na maneira mais habitual.

A partir de um levantamento realizado no portal de periódicos da CAPES, de trabalhos com maior proximidade à temática do autoconhecimento para a prática educacional, e das entrevistas com professores, Moraes (2017) concluiu, mesmo que parcialmente, que a noção de autoconhecimento é usualmente compreendida como a ação de “conhecer a si mesmo”, ou como pressuposto para se colocar diante de limitações impostas pela sociedade e este pode ser considerado o preceito mais representativo, pelo que os próprios enunciados sugeriram, como ideia disseminada para o campo educacional, especialmente, à prática pedagógica e com íntima relação com as literaturas de autoajuda que são direcionadas para o público professor.

Assim, a relação possível da formação discursiva do autoconhecimento, tanto nas produções acadêmicas do campo educacional, quanto nos discursos dos professores, afirma esta

formação no âmbito das positivities. De modo que, recorre-se ao discurso do autoconhecimento, sobretudo como um pressuposto capaz de dotar os sujeitos de certas habilidades de enfrentamentos na vida pessoal e profissional. Esta disposição, com as análises finais de Moraes (2017), traz o contexto epistemológico e social com que a noção de autoconhecimento surge, e o modo de apropriação pelo campo educacional, assumindo formas de prescrições amplamente disseminadas pela literatura de autoajuda, vinculando-se a uma imagem depreciativa do professor.

**Dissertação: “O autoconhecimento e o reconhecimento do outro: possibilidades emancipatórias no ensino e aprendizagem de filosofia”**

Os próximos trabalhos a serem analisados são os de Raul Neto, o pesquisador aparece por duas vezes em nossa classificação, na primeira vez trazendo sua pesquisa de dissertação “O autoconhecimento e o reconhecimento do outro: possibilidades emancipatórias no ensino e aprendizagem de filosofia” apresentada em 2014 na UNISC, na qual o termo autoconhecimento e/ou auto-conhecimento aparece por 57 vezes. Já em 2019 o autor surge com sua tese, desta vez apresentada na UNILASALLE, na qual trabalha com a “Psicogênese da empatia: Educação, Autoconhecimento e Reconhecimento do outro” remetendo-se 146 vezes ao objeto de estudo deste trabalho.

Em sua dissertação Neto (2014) tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas, em sala de aula, no Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles em Porto Alegre-RS. De modo que, para desenvolver o trabalho, realizou quatro atividades com os alunos que envolveram: assistir a um filme motivacional acerca do tema da pesquisa proposta, em que foram formuladas perguntas e respostas como resultado para posterior análise; a produção textual de autobiografias como recurso didático para o autoconhecimento; uma atividade prática como possibilidade do estudante se colocar no lugar do outro para construir noção de empatia e reconhecimento do outro. E, por fim, uma avaliação final, como forma de voltar na experiência vivida realizando sínteses sobre o que os alunos aprenderam, avaliando como foi a experiência de se autobiografar e reconhecer o outro. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa denominada pesquisa-ação, em que nesta foram utilizados os “métodos ativos” de caráter dialogal como forma de coletar as informações a serem analisadas. Assim, a síntese das análises do filosofar e das atividades pedagógicas comprovaram as possibilidades emancipatórias no ensino e aprendizagem de filosofia entre o autoconhecimento e o reconhecimento do outro.

A pesquisa-ação, metodologia usada por Neto (2014) como possibilidade de autoconhecimento e reconhecimento do outro, através da ação pedagógica, buscou proporcionar que os alunos fossem “autores de si mesmos” escrevendo sobre suas histórias de vida através da “autobiografia”. Assim, nesta pesquisa o autor usou o termo autoconhecimento como forma de pensar e registrar, como, porquê e o que sentimos, quando escrevemos sobre nós mesmos. O autor retoma Delors (2010) que, no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação do Século XXI, propõe que esse sujeito possa através do aprender a conhecer (autoconhecimento), aprender a fazer (agir comunicativamente), aprender a conviver (reconhecimento do outro) e aprender a ser (empatia). Em suma, nesta pesquisa, o autoconhecimento está vinculado a autobiografia utilizada como ferramenta metodológica.

### **Tese: “Psicogênese da empatia: Educação, Autoconhecimento e Reconhecimento do outro”**

Já em sua tese, no ano de 2019, Raul Neto defende a perspectiva da psicogênese da empatia que propõe a construção de um tipo particular de tomada de consciência de si e do mundo, onde o processo de narrar a si mesmo e escutar o outro são corresponsáveis pela criação de um campo de luta por reconhecimento. Assim, durante o trabalho o autor visa responder a seguinte questão: como se dá uma psicogênese da empatia entre estudantes do Ensino Técnico, e qual a relação com os processos narrativos de si e escuta do outro em espaços educativos? Em sua metodologia, Neto (2019) continua com a pesquisa-ação, com a finalidade de dar visibilidade aos espaços coletivos de interação, aprendizagem e escuta com os estudantes. Os resultados apontam que por meio de uma psicogênese da empatia na educação processa-se a construção das noções de empatia, como elementos consolidantes das relações interpessoais, de visibilidade das práticas e dos sentimentos, sobretudo, na perspectiva de um “nós” (coletivo) competente e de uma validade reflexiva vital, que amplia as perspectivas de familiaridade e liberdade com o outro, resultando em processos evolutivos de aprendizagem social, autoavaliação recíproca e sensível ao campo da educação.

Em atividades sobre o autoconhecimento, ao registrar sua história, o estudante pode aprender melhor a se conhecer, na medida em que vai recordando sua trajetória familiar, social, escolar e profissional. Importante considerar que, ao ler os registros e relatos das suas histórias, o estudante vai deduzindo que é “autor de si”, ou seja, se autoconhece. Assim, ao tratar do autoconhecimento Neto (2019) entende que o aprendente não só pode se biografar, mas, sobretudo, constituir-se como autor de sua própria história. Observa-se, portanto, que o autor

continua com a mesma perspectiva sobre o autoconhecimento que utilizou em sua dissertação, qual seja, conhecimento de si através da autobiografia.

**Dissertação: “Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: uma experiência estética”**

O próximo trabalho a ser analisado é o da pesquisadora Rodrigues (2019) que em sua dissertação intitulada “Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: uma experiência estética” buscou identificar a possibilidade de reconhecer os contos milenares enquanto experiência estética capaz de oportunizar autoconhecimento na formação de professores. Trata-se, portanto, de estudo teórico, pautado em revisão de literatura do tipo narrativa e na busca sistematizada. Para isso, tem-se como objetivos específicos, investigar a problemática da experiência estética atual; examinar se a temática do autoconhecimento se expressa na literatura sobre formação de professores; investigar se, e de que forma, os contos milenares aparecem na literatura sobre formação de professores e, investigar na literatura se há indícios de possíveis relações entre autoconhecimento e experiência estética. Esta pesquisa foi selecionada por trazer uma seção destinada “a constituição de si e os investimentos no campo do sensível” tratando em seus subcapítulos sobre: as capturas no campo do sensível; autoconhecimento: liberdade e singularização; e o desenvolvimento da consciência: caminho para o autoconhecimento.

Rodrigues (2019) faz referência sobre as dificuldades em conceituar com exatidão a ideia de autoconhecimento, visto que ela tangencia tanto uma esfera própria da educação, quanto relaciona-se a uma dimensão existencial que se aproxima da psicologia e porque diz respeito, ainda, a dimensões que dialogam com as esferas da espiritualidade. Diante disso, tratar de algum conhecimento sobre si não implica quaisquer intenções de localizar e, por isso, territorializar noções que o indivíduo possa cultivar sobre si. Pelo contrário, a ideia de autoconhecimento que a autora busca aproximação nesta pesquisa relaciona-se com o abandono de noções cristalizadas sobre si; diz respeito, ainda, ao conhecimento da atividade desejante que o indivíduo exerce durante sua existência.

Assim, a busca por compreender como a consciência se expressa parte da observação e do pensar. A observação exige um movimento e o pensar outro, no entanto, para além desta dicotomia está a observação do pensar, sendo a autopercepção o exercício que poderá nos levar ao autoconhecimento. Informa, ainda, a autora, que a qualidade de estar consciente, de desenvolver e cultivar a consciência também dizem respeito ao autoconhecimento. Para

reforçar seu entendimento Rodrigues (2019) traz alguns autores para debate. Holas (2013) nos direciona à compreensão de que as práticas de atenção plena são capazes de cultivar e expandir a consciência à medida que tornam perceptíveis aspectos daquilo que se experiencia. Esta qualidade de tornar a experiência do que se vive acessível e perceptível, Rodrigues (2019) entende que também se configura enquanto autoconhecimento. O estudo de Hulsheger (2012) ajuda a avançar neste raciocínio, pois, para o autor, o conceito de *Mindfulness* descreve um estado de consciência em que os indivíduos assistem a eventos e experiências contínuos de um modo receptivo e sem julgamento. Já Blasco (2015) defende que para o educador, a reflexão sobre si é essencial, sendo entendido este exercício de investigação de si, também como autoconhecimento. Ademais, a autora vale-se dos ensinamentos de Quintero (2011) para elencar cinco estratégias que podem contribuir para um cultivo de si, e para o autoconhecimento, conseqüentemente, são elas:

- > prática de uma escrita autobiográfica;
- > de conversas entre os pares;
- > de uma escrita pessoal;
- > da produção de cartas endereçadas a outros professores em formação;
- > a problematização de alguns temas, ocasião em que se vinculariam textos, ideias e ações em torno de uma mesma questão a fim de criar e viabilizar práticas outras sobre um mesmo problema.

Neste sentido, pode-se observar que os professores também desenvolvem suas habilidades de ensino pelo exercício de uma constante autoavaliação e autorreflexão, o que, no entendimento de Rodrigues (2019), aproxima-se da ideia de autoconhecimento. Assim, a dimensão do autoconhecimento que a autora busca em sua dissertação trata-se de uma maneira de conduzir-se no mundo que seja autorreferenciada, ela diz respeito à ética, a um individualismo ético conforme sugere Steiner (2000).

### **Dissertação: “Autoconhecimento a partir do yoga na formação de educadores”**

O último trabalho a ser analisado nesta seção é o de Souza (2021), no qual a autora em sua dissertação, defendida na Universidade Federal do Paraná em 2021, trata sobre o autoconhecimento a partir do yoga na formação de educadores. Nesta pesquisa a autora objetiva compreender o processo de desenvolvimento do autoconhecimento a partir do Yoga na formação de educadores. Trata-se de pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, na qual cinco praticantes experientes de Yoga, que também possuem experiência na área da educação, foram entrevistados através de videoconferência e preencheram formulário eletrônico com informações pessoais pertinentes à pesquisa.

A análise microfenomenológica revelou que o processo de autoconhecimento a partir do Yoga foi identificado pelos participantes como uma capacidade e habilidade de perceber e de se relacionar com o mundo interno mental, corporal e sensível. O que inclui a forma de se relacionar consigo próprio, com o outro e com o mundo. Bem como a capacidade de estar cultivando esse processo de autoconhecimento, de aprendizado e de autotransformação. Deste modo, a autora traz como objetivo geral desta pesquisa: compreender o processo de desenvolvimento do autoconhecimento a partir do Yoga na formação de educadores.

O termo “Yoga” é genericamente utilizado para indicar conjuntos de práticas relacionadas à compreensão e desenvolvimento psicológico com objetivos de obter autoconhecimento e realização espiritual. Assim, a autora defende que o Yoga é um caminho de autoconhecimento por essência incorporado e pragmático, de modo que, neste trabalho, o termo Yoga está sendo interpretado como tendo implícito em seu significado o desenvolvimento do autoconhecimento. Acredita, no entanto, que só é possível um caminho de autoconhecimento autêntico se o Yoga for oferecido de acordo com a realidade da pessoa. Não se pode definir métodos pré-formatados que todos devem praticar igualmente, mas sim uma metodologia que permita a inclusão das necessidades e possibilidades de cada um. Dito isto, incluir a perspectiva do autoconhecimento na formação de educadores pode contribuir na construção de uma prática pedagógica mais humanizada, segundo Souza (2021).

Para se iniciar um caminho de autoconhecimento nessas tradições, o primeiro conceito que a autora apresenta e analisa é o de *duhkha*, que pode ser traduzido como “sofrimento existencial”. *Duhkha* trata de todos os tipos de sofrimento, desde o mais grosseiro até o mais sutil, e mesmo o existencial, ligado à experiência humana de nascimento, doença, envelhecimento e morte. No sistema de Yoga é buscado, através dos cuidados com o corpo, respiração e mente, aumentar o estado de *satva* (relacionado a clareza mental, a leveza), de uma calma atenta que permite que o processo de autoconhecimento ocorra. Para isso, diversas práticas podem ser utilizadas, desde melhoras na rotina de sono e cuidados com a alimentação, como práticas físicas e respiratórias.

A forma com que esse processo se dá precisa estar bem fundamentada nas qualidades de amorosidade e respeito, que é cultivado na relação com o próprio corpo, respiração e mente, que precisam ser muito bem cuidados em todas as etapas. Será a partir do cultivo dessas qualidades, começando pelo corpo e respiração, que é o que temos um vínculo e acesso mais íntimo e ao mesmo tempo mais concreto que elas poderão ser integradas verdadeiramente em nossa forma de ser e agir. É essa integração que será buscada em todo o processo, seja com

qualidades como amor e compaixão até a capacidade de um autoconhecimento que não é apenas intelectual, mas vivencial.

O que o Yoga propõe é um sistema em que o praticante pode realizar diretamente sua consciência pura, assim obtendo autoconhecimento que leva a uma condição de real liberdade (BRYANT, 2007; KNAK 2019). É devido a essa conceituação da mente como “matéria” ou “como objeto percebível” que possibilita que as práticas corporais, respiratórias e meditativas possam atuar na melhora da qualidade mental bem como na sua transformação (SATISH, 2019, p. 37). A meditação ocorre quando se é capaz de utilizar a mente como um instrumento que irá possibilitar a compreensão de um objeto escolhido, no caso o próprio sujeito, o autoconhecimento. Assim, a meditação é um processo de conquista de autonomia em relação à mente, através do autoconhecimento ser capaz de utilizá-la adequadamente conforme suas escolhas.

O Yoga oferece então ferramentas para pacificar os desequilíbrios de saúde física e mental, pois estes obstaculizam a meta última do Yoga, que é o autoconhecimento, que leva à liberação do sofrimento, amadurecimento ou realização espiritual. Nesse contexto, Souza (2021) informa que o Kriya Yoga, ou processo de autoconhecimento inserido no cotidiano, se compõe de três etapas que funcionam de forma circular, se complementando entre si: *Tapas*, *Svadyaya* e *Ishvara Pranidhana*. Que consistem em reconhecer e aprender a “manejar” as marcas mentais; construir conhecimento e cultivar o reconhecimento do que está além de si próprio, aprendendo a se relacionar com essa realidade (KNAK, 2019).

Os micro processos que constituem os procedimentos cognitivos e motores sutis que ocorrem na realização das ações são denominados por Petitmengin (1999) de “gestos interiores”. Estes podem envolver elementos como ajustes muito sutis da organização da postura corporal e mental (PETITMENGIN, 1999; 2017). Os gestos que foram identificados nas entrevistas feitas por Souza (2021) e que foram considerados como estando relacionados ao desenvolvimento do autoconhecimento serão descritos a seguir.

-> Regular a atenção: Ações relacionadas à regulação da atenção, a mudança de foco do que é percebido e da paisagem mental, tendo efeitos no estado corporal como um todo e sensações de conforto e desconforto. Esse estado da atenção parece estar relacionado aos estados de conforto e desconforto físico e mental. E a atenção parece estar bastante relacionada à respiração, parecendo haver uma interação entre elas e que ambas precisam ser cultivadas na regulação da atenção.

-> Escuta: Nesse item ocorre a percepção sensível unida a uma leitura ou interpretação do que é percebido pelos sentidos. É uma relação dialógica entre a ação que se realiza e a percepção simultânea da resposta que isso vai gerando no organismo e na mente, permitindo interpretar e ajustar. A escuta está bastante relacionada à qualidade de acolhimento, de dar um espaço para receber as informações sensoriais e considerá-las, integrando naquilo que está sendo realizado, assim também como as informações do campo do sentimento e da noção de si próprio.

-> Regular a respiração: neste ato há o uso da contagem e os ajustes de postura para interferir diretamente no movimento respiratório. Essa interferência mecânica foi realizada de uma forma que influenciou o ritmo do estado inicial, colocando o movimento em um outro ritmo e qualidade. A relação entre essa interferência pela parte mais mecânica parece ir influenciando gradualmente outras dimensões do organismo e assim havendo essa mudança do ritmo interno, que é conduzido pelo próprio organismo. Os gestos de atenção e escuta também estão presentes, sendo um fator importante para que ocorra efetivamente a mudança do ritmo interno da respiração, que o ritmo se torne mais tranquilo e confortável.

-> Gestos verbais/fala: Refere-se à realização de gestos que se relacionam ou tem como meio principal a expressão verbal, a estruturação da experiência através de palavras, através da expressividade sonora humana.

Assim, Souza (2021) conclui que em sua pesquisa o desenvolvimento do autoconhecimento a partir do Yoga mostrou-se promissor na formação de educadores, tanto por sua riqueza e robustez metodológica, quanto pelas possibilidades inclusivas que permitem compor diferentes intervenções. Esse processo se evidenciou inseparável do processo pessoal, que abarca toda a vida do educador, não é apenas uma técnica a ser aplicada em sala de aula, e sim um processo profundo de conhecer e ter uma relação de ensino-aprendizagem consigo próprio e com o mundo, a partir de uma qualidade amorosa e sensível.

## 5.2 Grupo 2 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Nesta subseção traremos trabalhos que, em que pese não possuam a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento em seu título reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema o que demonstra um olhar especial para o nosso objeto de estudo.

**Quadro 4** Análise dos trabalhos do Grupo 2 do CTD da Capes

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universid</b>	<b>Tipo</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Qt.</b>
1	ANJOS, Tiago Ribeiro Dos	Projeto de vida e ENEM: uma análise do questionário socioeconômico e suas implicações para o Ensino Médio	2017	UFSCAR	Dissertação	Adolescentes; Projeto de Vida; Escolarização; ENEM	13
2	ALVES, Maria Dolores Fortes	Construindo cenários e estratégias de aprendizagem integradoras (inclusivas)	2013	PUC-SP	Tese	Estratégias de aprendizagem integradoras; Complexidade; Interdisciplinaridade; Transdisciplinaridade; Pensamento ecossistêmico; Inclusão.	147
3	BIZARRIA, Fabio De Oliveira	Educação estética da narrativa de si: um estudo sobre os processos formativos no curso de pedagogia	2017	UNICID	Dissertação	Educação Estética; Autoconhecimento; Formação inicial de professores.	36
4	BOTELHO, Arlete De Freitas	Intencionalidades e efeitos da autoavaliação institucional na gestão de uma universidade multicampi	2016	UnB	Tese	Sinaes; autoavaliação institucional; uso dos resultados; cultura avaliativa.	96
5	CRUZ, Luciana Dos Santos Da	Da vertigem Aristotélica à educação contemporânea	2013	UFBA	Dissertação	Educação; Filosofia; Ética; Afeto; Aristóteles.	17
6	DIAS, Juliana da Silva	Avaliação de cursos de graduação: integrando instrumentos, espaços e momentos	2018	UNIT	Tese	Avaliação; Educação Superior; Qualidade; Insumos; Resultados.	24
7	FRANCA, Odila Amelia Veiga	Alfabetização, história de vida e formação na pesquisa interdisciplinar: sentidos e significados	2014	PUC/SP	Tese	Interdisciplinaridade; Alfabetização; História de vida e formação; Fenomenologia; Autoconhecimento.	50
8	KORNATZKI, Luciana	Educação Sexual intencional em livros para a infância: um estudo de suas vertentes pedagógicas	2013	UDESC	Dissertação	Educação sexual emancipatória; vertentes pedagógicas de educação sexual; livros de educação sexual intencional para a infância.	25
9	MAIA, Gabrielle Bessa Pereira	Forjados nas estrelas: educação e doutrina espírita através de vidas em (trans)formação	2017	UFCE	Tese	História de vida; Doutrina espírita; Educação; Transformação espiritual.	18
10	MELLO, Caroline Castro De	Educação ambiental e cultura de paz - contribuições para a formação de professores	2014	UFSM	Dissertação	Educação Ambiental; Cultura de Paz; Formação de Professores.	23
11	NASCIMENTO, Fernanda Silva Do	Possibilidades para pensar os fenômenos do mal-estar e bem-estar docente em uma escola da rede	2021	PUC/RS	Dissertação	Mal-estar Docente; Bem-estar Docente; Estratégias de enfrentamento;	100

		estadual de ensino de Porto Alegre				Autoconhecimento Docente.	
12	PINHEIRO, Samuel Lopes	O silêncio e o ser na filosofia vedanta: Um diálogo oriente-ocidente para pensar a relação humano-natureza em Educação Ambiental	2017	UFRG	Dissertação	Educação Ambiental; Ética; Filosofia Vedanta; Ser; Silêncio; Transdisciplinaridade.	73
13	REIS, Graca Regina Franco Da Silva	Por uma outra Epistemologia de Formação: Conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados	2014	UERJ	Tese	Narrativas; Histórias de vida; Formação contínua.	14
14	SANTANA, Alexandre Reboucas de	Vivência da epistemologia do educar na aula de música	2013	UFBA	Dissertação	Epistemologia; Abordagem interdisciplinar do conhecimento.	34
15	SCHUTZ, Anelise	Oficinas de aprendizagem como estratégia de intervenção no ensino técnico e superior	2018	PUCRS	Dissertação	aprendizagem; educação profissional; ensino técnico; oficinas.	10
16	VICENTIN, Livia De Fatima	Alteridade e corporeidade na formação do professor que atua com crianças e adolescentes em tratamento de saúde	2015	PUCPR	Dissertação	Corporeidade; Alteridade; Humanização.	35

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Anjos (2017) em sua dissertação, intitulada “Projeto de vida e ENEM: uma análise do questionário socioeconômico e suas implicações para o Ensino Médio” e defendida na Universidade de São Carlos em 2017, objetiva analisar a relação entre os interesses em participar do Exame Nacional do Ensino Médio, considerando aspectos sociais, econômicos e raciais, e a construção do projeto de vida de adolescentes de escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo. Para compreender tal relação, foi utilizado o banco de dados referentes as respostas do questionário socioeconômico dos inscritos no exame no ano de 2012 no Estado de São Paulo. Nesta análise foram agrupadas em três categorias: (i) O ENEM como possibilidade de autoconhecimento; (ii) O ENEM como possibilidade de desenvolvimento social: relação com o trabalho e (iii) O ENEM como possibilidade de ingresso no Ensino Superior. Como resultado deste estudo, foi possível verificar diferenças significativas entre as respostas de estudantes de classes sociais e perfis raciais distintos, demonstrando assim que a desigualdade no Brasil, sobretudo a racial está personificada nos interesses dos adolescentes, tornando-se assim fenômeno institucionalizado.

Na seção “O ENEM como possibilidade de autoconhecimento” Anjos (2017) trata sobre o grau de relevância que os participantes atribuíram com relação à avaliação no quesito “testar conhecimentos”. Quando analisado os percentuais de respostas entre os adolescentes de escolas públicas e privadas, foi verificado pelo autor que 60% dos estudantes de escolas públicas e 61,2% dos estudantes de escolas privadas classificaram essa questão como sendo muito relevante. Sendo assim, conclui o autor que participar do ENEM, tanto para os estudantes de escolas públicas ou privadas, é uma maneira de testar seus conhecimentos, portanto configura-se como um instrumento de autoconhecimento. Isto porque, nota-se que o exame oferece aos estudantes, possibilidades de autoavaliação e reflexão e, sendo assim pode contribuir com o pensamento sobre o futuro e conseqüentemente seu projeto de vida.

Alves (2013) em sua tese defendida na PUC/SP traz, à luz da metodologia da Transdisciplinaridade e Complexidade, uma pesquisa-ação realizada com participantes de dois cursos que visaram a vivência e construção de Estratégias de Aprendizagem Integradoras. Assim, foram construídas categorias e feito uma análise qualitativa dos discursos dos alunos participantes dos cursos. A análise mostrou que a inclusão é acima de tudo, uma atitude de reverência à vida, de legitimação de si mesmo e do outro, reconhecendo-o como único, singular, multidimensional, múltiplo e complexo. E, as Estratégias de Aprendizagem Integradoras com seus princípios norteadores (motivação, abertura, ética, auto-organização, escuta sensível, subjetividade e intersubjetividade, ecologia da ação, terceiro incluído, pensamento hologramático, emergência, contextualização, pensamento dialógico e autoconhecimento) tiveram papel fundamental para que os sujeitos pudessem ir além da realidade fragmentária, dualística, dicotômica, favorecendo a percepção e o salto para outros níveis de realidade que contribuíram para a co-construção, para “habitar humano” da cooperação e amorosidade.

A autora inicia a seção “Autoconhecimento: o ser consigo” com a máxima socrática: é necessário conhecer-se para conhecer, e conhecendo sobre o outro e o mundo, conheço a mim mesmo. Nesta pesquisa o autoconhecimento foi exercitado através de algumas dinâmicas, criação de telas mentais, dinâmicas de grupo, exercícios de respiração para conhecer mais sobre si mesmo e perceber-se como parte de um todo. Assim, Alves (2013) informa que o processo de autoconhecimento é constituído pela abertura, pela contextualização, pela flexibilidade, pela recursividade, pela consciência do pensamento hologramático, pelo terceiro incluído, pela subjetividade e intersubjetividade, pelas emergências e pela ética, ou seja, pela consciência de nossa inteireza e interdependência. De modo que, todo esse processo gera a motivação,

mostrando-nos que a busca pela inteireza, daquilo que nos falta, da ligação com o todo é o que impulsiona a vida.

Em sua dissertação Bizarria (2017) propõe-se investigar a percepção dos alunos que participaram do dispositivo formativo, “Colcha de Retalhos”, no 1º semestre, no ano de 2013, no curso de Pedagogia, que contribuirá para identificar o sentido e o significado que é dado para cada sujeito, no momento em que estão finalizando o Curso de Pedagogia. Assim, restaurar a identidade primeira do indivíduo que, como sujeito, constrói conhecimentos, de priorizar o sujeito como produtor de um saber. Neste viés, propõe-se uma reflexão sobre os conceitos de estética contemplando o papel da prática formativa como fundamental na construção de valores estéticos e éticos pelos alunos, visando à consciência crítica de sua atuação como cidadão, nos cursos de Graduação em Pedagogia. A teoria musical e suas principais concepções são abordadas, ilustrando alguns conceitos relacionados entre as narrativas e a música. As análises das narrativas são apresentadas, baseando-nos nas palavras-chave extraídas após a análise temática, cuja classificação pretendeu facilitar a discussão dos resultados encontrados, buscando analisar se os discentes percebem a “Colcha de Retalhos” como uma atividade de terapia.

O autor vale-se de Perissé (2009) para afirmar que a experiência estética nasce do encontro que estabelecemos com a obra de arte. A arte educa, portanto, como desencadeadora de autoconhecimento e de amadurecimento pessoal. Já Espírito Santo (2002) faz uma alusão à Bela Adormecida para tratar do conceito de autoconhecimento, para este autor existe um processo de despertar ou acordar. Em outra obra, o autor reafirma que o autoconhecimento seria o início do caminho em direção ao autoconhecimento, “a consciência de si mesmo” é uma conexão com a profecia de Sócrates “o conhece-te a ti mesmo é o princípio de toda a sabedoria”. Espírito Santo ainda traz a importância da beleza e consecutivamente o efeito da alegria como parte integrante da concepção de autoconhecimento, também por um viés estético.

A vida no mundo é carregada de um conglomerado, de significados e significações, que o sujeito precisa para dar forma a sua existência, neste caso as narrativas criam um potencial, facilitador dentro desse processo de tomada de consciência. No processo de autoconhecimento o outro se torna nosso espelho, assim, o autoconhecimento pode possibilitar uma busca de atuação mais significativa e inovadora em sua atividade pessoal e profissional. Bizarria (2017) aponta como os processos autobiográficos conseguem auxiliar no autoconhecimento do sujeito, pois quando os discentes narram acontecimentos de sua vida, numa análise mais reflexiva, chega-se a deduzir que a percepção para com o próximo, ocupa um lugar precípuo, no que tange

toda perspectiva do ouvinte receptor, é nesse momento, que há um mergulho e uma entrega, ao sentir, a emocionar, a impulsionar, a acolhida e o acolhimento necessário, para a consecução, do dispositivo formativo como potencial de autoconhecimento.

Em sua pesquisa Botelho (2016) voltou-se para a autoavaliação institucional, componente do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), e teve como objetivo compreender os efeitos decorrentes da adesão da Universidade Estadual de Goiás (UEG) à política de avaliação, e suas implicações como mediação para a busca da qualidade. A pesquisa utilizou-se o estudo de caso, ao focalizar o fenômeno que ocorre em uma Instituição de Educação Superior (IES) como possibilidade de revelação de perspectivas que ainda não foram desveladas. Bem como, valeu-se de entrevistas, questionários abertos, semiabertos e fechados, além de observações que ocorreram durante toda a trajetória do estudo. Diante das análises e interpretação dos dados, confirmou-se a tese de que a autoavaliação institucional ainda tem muito a avançar, a partir da utilização dos resultados gerados pelo processo avaliativo, que oferecem todas as condições para as tomadas de decisão que possam convergir em melhorias para a IES. Contudo, os dados empíricos demonstraram, notadamente, a falta de compromisso dos gestores para com o processo avaliativo e o não uso dos resultados.

A autora em sua tese de doutorado defendida na Universidade de Brasília utiliza o autoconhecimento na perspectiva institucional, a qual faz parte de um processo de cultura avaliativa. A abordagem utilizada por Botelho (2016) sobre a política de avaliação institucional volta-se para o autoconhecimento da instituição, cuja iniciativa deve ser dos gestores, mas com a participação de todos os segmentos da comunidade acadêmica. Assim, o autoconhecimento, tido como o primeiro objetivo básico da avaliação institucional, significa identificar os acertos e as ineficiências, as vantagens/potencialidades e as dificuldades; envolve um processo de reflexão sobre as razões, as causas das situações positivas e das insuficiências, implica assumir a responsabilidade efetiva da gestão política e pedagógica da instituição e do sistema como um todo (Belloni, 1999).

Expandir uma cultura de avaliação e conferir credibilidade interna e externa ao desenvolvimento de um processo de avaliação institucional depende, além disso, não só de uma política de avaliação e da consolidação de práticas avaliativas contínuas, mas também da evolução da cultura para a promoção do autoconhecimento. Desse modo, segundo Botelho (2016) nota-se que a instituição precisa investir no processo de avaliação interna como a única forma de realizar seu autoconhecimento.

O trabalho de Cruz (2013) trata-se de uma dissertação de Mestrado fundamentada na filosofia prática aristotélica. Assim, por ser uma pesquisa desenvolvida em filosofia da educação a autora ressalta que não se constituiu um recorte da obra nem do pensamento de Aristóteles nem objetivou interpretar o vasto pensamento deste filósofo, o que se fez foi uma apropriação de uma ideia desde a educação grega, constituída como Paidéia e destacada marcadamente na *Ética Nicomaquéia*, que é a ideia de virtude (Areté) para a educação contemporânea. O que nos chamou atenção neste trabalho foi a sessão sobre autoconhecimento que a pesquisadora traz entre as páginas 53 e 58, onde a mesma traz o olhar aristotélico sobre o autoconhecimento traçando um diálogo com a autoeducação, ao passo que afirma que é preciso autoconhecimento para mudar, desejar mudar e exercitar ações opostas ao que se estava acostumado a praticar. De modo que, é preciso mudança de hábito para ser diferente do que se é e apenas a autoeducação pode proporcionar essa alteração.

Na perspectiva de Cruz (2013) o autoconhecimento significa ter consciência sobre as próprias disposições e que as disposições provêm do exercitar-se nos atos particulares, o que implica saber a quais desejos nos inclinamos mais. Conhecer a regularidade dos desejos é poder evidenciar para si mesmo a repetição das próprias ações. Quando se sabe desta inclinação do desejo, deve-se procurar mudar, agindo no sentido oposto até encontrar o meio termo não apenas nas ações, mas também nas emoções e desejos. Dessa forma, se é aferível da filosofia prática aristotélica que a razão pode agir sobre o desejo, então é indispensável o conhecimento de si, para que o sujeito possa conhecer aquilo para o qual tende e conseguir modificar-se. Assim sendo, este modo de atuação da razão, que parece ser essencialmente avaliativo e controlador, se expressa pelo que se pode chamar de autoconhecimento. Com isso, informa a autora que o autoconhecimento não serve senão para que possamos mudar de hábito de modo a nos direcionarmos para a mediania (o meio termo) e adquirirmos a disposição mediana, que significa a virtuosa. Em suma, toda cura pelo oposto sugere autoconhecimento.

A pesquisa de Dias (2018) objetiva analisar os processos de avaliação de cursos de graduação, vigentes no Brasil e em Portugal, para assim, elaborar propostas de alteração junto ao modelo Brasileiro, de modo a favorecer a integração de instrumentos, espaços e momentos. Não visando, apenas, os processos regulatórios, mas, também, a reflexão, o autoconhecimento e a tomada de decisão. O estudo em questão parte do pressuposto que as avaliações externas de cursos de graduação no Brasil, não possuem dinâmica capaz de favorecer a qualidade, de integrar instrumentos, espaços e momentos. Estas não conduzem a um processo de reflexão, capaz de propiciar o autoconhecimento institucional e a tomada de decisão para uma efetiva

melhoria da educação ora avaliada. Por meio do percurso metodológico, buscou-se obter dados que foram objetos de análise permanente. Procurou-se extrair informações que favorecessem a abertura de novos campos de reflexão em torno da temática abordada e do objeto investigado.

Quanto aos seus objetivos a pesquisa de Dias (2018) caracteriza-se como exploratória, pois se preocupa em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fatos. Na concepção metodológica, especificamente no que se refere ao método de abordagem do objeto pesquisado, este estudo se configura pelo método de abordagem qualitativo. Por fim, vale mencionar que, em que pese a autora traga o termo autoconhecimento por 24 vezes em sua pesquisa, a mesma não conceitua nem aprofunda na temática estando localizada no autoconhecimento institucional e na tomada de decisão como um Sistema Interno de Garantia de Qualidade.

Na tese de doutorado de França (2014), a autora traz a interdisciplinaridade como base desta pesquisa, de abordagem qualitativa, que se vale de uma narrativa entretecida na história de vida e na formação pedagógica da pesquisadora, resgatada pela memória. Como problema de pesquisa a autora formula algumas questões a serem respondidas: em que sentido a teoria interdisciplinar, tomada como iluminação teórica do estudo do fato pedagógico, pode fundamentar a discussão da formação disciplinar da professora, hoje, pesquisadora? Pode explicar a relação da professora e do aluno Jairo com o saber? Pode fertilizar os caminhos da melhor qualificação docente às novas gerações de educadores? Tendo assim, como objetivo precípuo a tomada da experiência como objeto de estudo com fins de realizar a análise crítica dos efeitos da ação alfabetizadora relacionada com a formação disciplinar da pesquisadora.

França (2014) traz em seu estudo que a palavra-chave do autoconhecimento é o Amor. De modo que, não é o amor que deve enamorar-se do autoconhecimento para poder levar o homem a experimentar de sua magia transformadora do mundo. Ao contrário, é o autoconhecimento que leva o homem a descobrir-se nas inúmeras voltas que tem que dar em torno do amor até descobrir a plenitude do seu poder transformador. Nesse sentido, o autoconhecimento é vida, e educar é um ato de amor. Um ato de amor à vida, a si mesmo, ao outro, à natureza e ao planeta. Assim, o autoconhecimento significa respeito à vida, à consciência humana sobre a vida, ao desenvolvimento dessa consciência a partir da consciência de si.

Inspirada no pensamento de Freire (1996) a autora ainda entende o autoconhecimento como um portal de aprendizagem e da formação humana pessoal e profissional. Dessa forma, o autoconhecimento aponta para o discernimento justo e necessário, que leva os homens e as

mulheres a fazerem opções pela vida ou pela morte, pela paz ou pela guerra, pelo amor ou pelo desamor, pelo cuidado ou pelo desdém, pela alegria ou pela tristeza. O autoconhecimento que leva um homem a ver a história polarizada numa visão determinista ou como possibilidade, oferecendo-lhe a oportunidade de encará-la com a lucidez Freireana. No entanto, segundo França (2014), o autoconhecimento não pode levar, por si só, o homem à felicidade, mas pode fazer ajustadas, equilibradas as formas e as maneiras pelas quais o homem a procura durante toda sua existência.

Uma outra associação que França (2014) faz a respeito do autoconhecimento é a referente à ética. Isto porque, segundo a autora, a ética tem, no autoconhecimento, a possibilidade fértil de materialização. Por conseguinte, o autoconhecimento a que lhe falte a consciência ética se revela carente de completude. Por óbvio, essa completude não se dá apenas na ética individual, mas também na ética da coletividade, significando o conjunto de valores de que se vale todo indivíduo para nortear a sua conduta ou no dizer de Rezende (1990), pautar o seu “ser-no-mundo” e o seu “ser-ao-mundo”. Assim, o autoconhecimento enquanto morada do sonho de justiça e de paz, logo, de felicidade, põe em exercício operante, contínuo e progressivo a consciência ética como mediadora das atitudes e das tomadas de decisão, isto é, torna-a como guardiã de tudo aquilo que resulta das escolhas feitas, quer no plano individual, quer no âmbito da coletividade.

No trabalho de Kornatzki (2013) a autora analisou os conteúdos textuais de livros de educação sexual intencional para a infância, visando subsidiar estudos e propostas em educação sexual emancipatória. Para tanto, foram desveladas interfaces entre educação sexual e literatura infantil; realizada revisão da categoria educação sexual emancipatória em autores/as brasileiros/as; feito estudo teórico das cinco vertentes pedagógicas de educação sexual apontadas por Nunes (1996), levantando indicadores como subsídio à análise de conteúdo dos livros selecionados; e, análise dos conteúdos textuais escritos dos livros para a infância selecionados, desvelando categorias. Os caminhos metodológicos partiram do método dialético, tendo como instrumento a pesquisa documental via análise de conteúdo.

Vale destacar que em que pese a autora traga por 25 vezes a palavra-chave autoconhecimento em sua pesquisa o viés utilizado pela mesma é o sexual. Dessa forma, Kornatzki (2013) entende por autoconhecimento sexual a liberdade da criança ou bebê de se autoconhecer por meio da manipulação de si, lembrando que não se trata aqui apenas dos órgãos genitais, mas de todo o seu corpo. Esse corpo que é completamente sexuado, tendo a dimensão da sexualidade inseparável do seu existir destacando assim a importância do autoconhecimento

para a valorização e cuidado de si. Frisa-se que, esse conhecimento não se dá apenas pelo toque, mas também pela observação de si, o que também auxilia na autovalorização da pessoa. Assim, destaca a autora que o princípio de um processo de construção de propostas de educação sexual emancipatória é o autoconhecimento, que já pode iniciar desde muito cedo, a partir de uma atitude consciente dos educadores e educadoras em possibilitá-lo às crianças por quem são responsáveis. Sendo assim, esse processo de educação sexual compreensiva implica o autoconhecimento e o acesso às informações científicas sobre a sexualidade humana.

Maia (2017) utiliza-se da doutrina espírita em sua tese e preconiza que a linha tênue que separa a Educação da Doutrina Espírita, expressa na sua ambiência, na proposta de autoconhecimento viabilizada pela experiência mediúnica, pelas trocas culturais que se estabelecem na internacionalização de conceitos e práticas, e, principalmente, pelo estudo que teve sua gênese, em território brasileiro, através do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, constituem o solo para uma transformação espiritual aqui denominada educativa, pois que pressupõe uma formação continuada dos partícipes nas variadas atividades promovidas pelo movimento em análise.

Maia (2017) propõe, portanto, como objetivo geral desta investigação, analisar a aproximação existente entre Educação e Doutrina Espírita como fundamento para uma (trans)formação espiritual, através da vida de Carlos Roberto Campetti. E concluiu que a espiritualidade pode ser uma experiência cultural, percebida por uma transformação espiritual com traços educativos continuados através de uma formação e manutenção que se estabelece nas experiências pedagógicas possíveis no ambiente doutrinário escolhido livremente pelo sujeito. No concernente ao autoconhecimento a autora define que é a capacidade, também, de se perceber integral em potência, mas, falível e incompleto em estrutura moral, de modo que através dele conseguimos atingir uma parcela considerável de transformação espiritual decorrente de uma Educação Espiritual.

Mello (2014) através de uma pesquisa qualitativa busca responder a seguinte questão em sua dissertação: Como nós, professores, podemos trabalhar com educação ambiental para uma cultura de paz? Os caminhos que foram percorridos nesta investigação, bem como os objetivos de pesquisa, foram trilhados com o auxílio de recursos bibliográficos e de experiências com práticas docentes. Com esse amparo foram produzidas estratégias educacionais que foram desenvolvidas para trabalhar a educação ambiental e a cultura de paz. Tais estratégias contemplaram o trabalho com mandalas e danças circulares e foram desenvolvidas com acadêmicos de cursos de licenciatura da Universidade Federal de Santa

Maria. Ao longo dessa caminhada foi possível perceber que para possibilitar um ambiente acolhedor, de respeito, que contemple os valores ambientais, os valores de paz, é preciso viver esses valores. Dessa forma, não é possível oferecer aquilo que não se tem, portanto, a autora conclui que sobre a necessidade de se trabalhar o autoconhecimento, para que possam ser descobertos nossos próprios caminhos, e entender que o processo de formação docente é permanente.

Para educar de modo a respeitar a inteireza do ser do educando, é necessário reconhecer a inteireza de seu ser, como educador. Assim, o processo de autoconhecimento está diretamente ligado ao modo como nos percebemos no mundo. De modo que, não há autoconhecimento sem a percepção de nossos rastros, de nossas ações, sejam elas recentes ou muito antigas. Ao passo que, quando se busca o caminho do autoconhecimento é necessário aprender a dançar com nossas sombras, a aceitá-las, pois elas nos darão o suporte, a segurança necessária na roda da vida. As sombras representam aquilo que já fomos um dia, representam aquilo que já fizemos e não queremos mais fazê-lo, mas, só conseguimos enxergá-las quando buscamos a luz, quando buscamos o nosso centro. Assim, em sua seção denominada “Caminhos para o autoconhecimento” a autora conclui que cada um deve seguir o seu caminho, pois muitos são os caminhos para se chegar ao autoconhecimento. Notou também em sua prática que as mandalas podem ser usadas como ferramentas para se chegar ao autoconhecimento, assim como as danças circulares sagradas.

Nascimento (2021), justificando-se pela necessidade de pensar acerca dos fatores e estratégias em potencial para prevenção do mal-estar e promoção do bem-estar docente, buscou verificar e analisar os fenômenos “mal-estar e bem-estar docente” em uma escola da Rede Estadual de Ensino localizada na cidade de Porto Alegre. O percurso metodológico consistiu em uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, baseada no estudo de caso e realizada através de entrevistas semiestruturadas com seis docentes, analisando seus significados e conexões, estratégias empregadas pelos profissionais e a relação com o autoconhecimento docente.

Para a autora, o autoconhecimento é apresentado nos levantamentos bibliográficos como um aspecto fundamental a ser desenvolvido e explorado, especialmente, o emocional. Almeja-se que os indivíduos, neste caso os profissionais da educação, consigam compreender, acolher e lidar com suas características, potencialidades, dificuldades, necessidades e emoções, assim como das outras pessoas. Nessa perspectiva, para Nascimento (2021), o autoconhecimento é compreendido como o conhecimento sobre si mesmo em um processo

contínuo de (auto)percepção. Com caráter multidimensional, consiste nas relações entre sujeito-meio nas quais se formam de maneira dinâmica. Além disso, as experiências e fundamentação teórica mostram que o autoconceito se trata do (re)conhecimento do indivíduo de suas próprias características, qualidades e dificuldades. Ademais, importa retomar que Almeida (2019) cita que o autoconhecimento se constitui por cinco focos:

- > o processo de tomada de decisão: decidir que precisa mudar e querer desenvolver esta habilidade;
- > gerenciar a si mesmo: entender como age hoje frente às situações e definir um estado desejado de objetivo;
- > desenvolver as habilidades com um plano de ação;
- > confrontar uma autopercepção e o feedback da percepção dos demais próximos a si;
- > reavaliar-se constantemente.

Então, ao tratar deste tema verificou-se nos depoimentos realizados na pesquisa o destaque do autoconhecimento pelos seguintes conceitos: autoimagem, autoestima, autopercepção, autoavaliação, auto/des/valorização, autoconfiança, e perspectivas, além dos julgamentos externos, escolha profissional e inspirações. Ao pensar nas possibilidades, as descrições feitas mostram um recorte de identidades e comportamentos diversos que podem vir a contribuir com o desenvolvimento ainda maior de uma equipe cooperativa, criativa e que promova o bem-estar. Estes aspectos juntamente com a autonomia, a autoimagem e autoestima positivas levam ao autoconhecimento e podem representar uma estética profissional pessoalmente visível na práxis.

A dissertação de Pinheiro (2017) apresentada na Universidade Federal de Rio Grande traz como problema de pesquisa “que possibilidades a hermenêutica do silêncio, elaborada a partir do diálogo oriente-ocidente, podem ser produtoras de uma Educação Ambiental Integral?”. Assim, o autor defende uma abordagem transdisciplinar que perpassa por um diálogo entre perspectivas orientais e ocidentais, elegendo a Filosofia Vedanta, uma filosofia ortodoxa indiana, como ponte para este encontro cultural. Ao debruçar-se no entendimento de conceitos como o Silêncio e o Ser para pensar a relação humano e natureza Pinheiro faz um paralelo entre o autoconhecimento e a educação ambiental em seu trabalho.

O autor traz para debate um ponto interessante que, em que pese a definição de autoconhecimento em dicionários se dê como “conhecimento de si próprio”, em sua visão a palavra “autodescoberta” seria mais apropriada do que autoconhecimento. Isto porque, parece que a palavra “autoconhecimento” possa soar como um conhecimento de si, que se insinuaria como sendo um conhecimento total e fechado. Mas haja vista o constante movimento do fluxo da vida, ademais a metamorfose e as incertezas, o conhecimento não é fechado em uma verdade

atemporal. Parece então, que o termo “autodescoberta” combinaria mais com o processo subjetivo do observar-se, porque é um movimento contínuo de eterno aprendizado.

Em que pese faça esse breve debate, Pinheiro opta por continuar trabalhando com o termo autoconhecimento, por este se encontrar com maior frequência nas pesquisas bibliográficas feitas. Desse modo, referido autor traz Mariotti (2000) para o diálogo afirmando que o mesmo acredita que a auto-observação é tida como um ponto de partida para se chegar num autoconhecimento. Já Boaventura de Souza Santos (2010) acredita que todo conhecimento é autoconhecimento. Pinheiro continua sua argumentação chamando dessa vez Morin (2005) ao incitar o paradoxo do sujeito que, para ser sujeito, deve também ser objeto. Morin faz ainda uma diferenciação quanto ao termo autoconhecimento, dizendo em sua abordagem que autoconhecimento não significa conhecimento de si. Mas significa que a dimensão cognitiva indiferenciada na auto-organização e inerente ao cômputo é um conhecimento do ser sobre si mesmo. Assim, para o filósofo, a aprendizagem a auto-observação faz parte da aprendizagem da lucidez.

Pinheiro (2017) afirma que estes entendimentos têm ressonância com os ensinamentos de práticas meditativas iogues e da Filosofia Vedanta, pois, ao entrar em silêncio, o sujeito se dispõe a observar o fluxo mental de pensamentos e emoções que lhe passam, buscando observar o processo da identificação que se dá com estes estados mentais, passando a ser um observador de si mesmo. O silêncio, portanto, aparece como uma janela a aguçar a visão interior. O silêncio, para essas tradições, ao contrário daquilo que normalmente associamos a esta palavra, é ativo. O silêncio ativo, feito de forma deliberada como um exercício de autoconhecimento e consciente, é um trabalho de expansão dos sentidos internos que, por sua vez, trará uma translucidez mental para visualizar com maior nitidez os pontos de contato entre o interno e o externo.

O autor, privilegiando concepções e filosofias orientais, informa que certos grupos de Yoga, principalmente os que trazem o aspecto da Filosofia Vedanta, utilizam o termo integral para referir-se ao trabalho de autoconhecimento que o Yoga propõe. A palavra integral é utilizada no propósito de promover as buscas por autoconhecimento sob diversos prismas, ou seja, por meio de práticas tanto filosóficas, como devocionais, como físicas, meditativas, respiratórias e outras tantas. O ser humano é entendido como um ser complexo que transita por entre inúmeras manifestações e expressões, e são, igualmente diversas as formas de conhecimento de si, ou autoconhecimento. Um Yoga integral é uma busca por autoconhecimento que se pretende por diversas frentes.

Em suma, Pinheiro (2017) defende que o autoconhecimento não é uma fórmula que resolveria magicamente as profundas dicotomias da modernidade, como a supracitada divisão humano-natureza. Trata-se, no entanto, de um esforço que nos leva a repensar nossas centralidades de visão, nossas arrogâncias, vaidades e desejos de controle, como a de uma natureza externa a nós, da qual racionalmente operaríamos através de uma soberania hierárquica. Assim, o simples fato de buscar autoconhecimento opera um deslocamento de si constante que faz o sujeito não apenas considerar o si mesmo, mas considerar também o outro.

A tese de doutorado de Reis (2014) defendida pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro origina-se do projeto de extensão “Conversas entre professores: a prática como ponto de encontro, outra forma de pensar a formação e os currículos praticados” no município de Queimados/RJ com professoras da rede municipal. Seu objetivo é pensar uma Epistemologia de Formação Contínua fundamentada no trabalho em sala de aula, na troca de experiências, nas histórias de vida e nos saberes experienciais enredados na vida cotidiana apontando/desinvisibilizando a complexidade que faz parte da vida e do processo de formação que é contínuo assim como os usos e a importância das narrativas nesse processo. Desenvolve-se a partir de uma metodologiapolítica que envolve os cotidianos das salas de aula, as rodas de conversa com narrativas de experiências e de histórias de vida.

Em sua pesquisa a autora traz uma seção que visa responder “Mas por que o exercício de autoconhecimento/conhecimento de si é tão importante?”. Ao responder essa pergunta Reis (2014) entende que o processo de olhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser tecido no decorrer da vida. A formação é um processo contínuo e passa pelo conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente (JOSSO, 2002). É importante nesse processo de autoconhecimento a compreensão do quanto os grupos de convívio têm importância na nossa formação. Isso nos serve para entendermos que toda formação é autoformação e todo conhecimento é autoconhecimento. Assim, uma das dimensões da construção da história de vida na abordagem de Josso, que converge com a pesquisa de Reis (2014), está na ideia de autoconhecimento como elaboração de um autorretrato dinâmico que se dá por meio do que ela denomina de diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito e que se relaciona com a identidade do sujeito pós-moderno formada e transformada continuamente.

Santana (2013) em seu estudo visou investigar novas possibilidades de abordar a formação humana no espaço escolar tradicional, através de pesquisa empírica fundamentada na teoria intitulada “Epistemologia do Educar” desenvolvida por Dante Galeffi. Esta pesquisa

qualitativa evidenciou uma possibilidade de abordagem condizente com o cenário atual de formação e educação humana, de base transcomplexa e fenomenológica, no qual a experiência, reflexão e tempo se revelaram como categorias importantes neste processo de ensino-aprendizagem na busca da compreensão e vivências de fenômenos complexos. Destarte, trouxe uma oportunidade de reflexão sobre o modelo de plano de aula vigente, outro paradigma para a função da Música no espaço escolar regular, uma abordagem diferente para o corpo na apreciação musical e reflexões acerca do objeto canção como catalisador de intenções artísticopedagógicas.

Nesta dissertação, Santana (2013) reserva uma subseção especialmente para tratar do autoconhecimento dentro da seção “Elementos Fundantes da Epistemologia do Educar”, a qual se divide ainda em complexidade e transdisciplinaridade, que baseado no teórico Dante Galeffi tem como objetivo geral o florescimento das potencialidades dos seres humanos. Galeffi (2011) ao tratar sobre o autoconhecimento preconiza que este não promete nada, apenas observa os efeitos materiais e simbólicos da própria mente, bem como está sempre pronto para começar de novo. Deste modo, ainda segundo Galeffi (2011) o caminho para o autoconhecimento se delinea pela emergência do ente-espécie humano em conhecer a si mesmo. O conhecimento é o resultado das experiências vividas e da evolução cultural da espécie. Mas o conhecer a si mesmo é a marca de origem do ser humano. Dito isto, infere-se que o autoconhecimento não é uma transmissão de mestre a discípulo, mas uma convivência de mestre e discípulo. A convivência é um meio de aprendizagem imprescindível, mas não substitui o aprender apropriador de cada um em sua individualidade aberta e em sua individuação acional e comunitária.

A dissertação de Schutz (2018) tem como tema as Oficinas de Aprendizagem realizadas no campus Viamão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul e sua contribuição para o aproveitamento acadêmico dos estudantes de ensino técnico e superior. O objetivo geral da pesquisa é analisar o desenvolvimento das oficinas de aprendizagem como estratégia para instrumentalizar os sujeitos participantes em suas aprendizagens acadêmicas. A abordagem metodológica, de cunho qualitativo é a pesquisa-ação. Foram realizadas oito oficinas com os estudantes entre outubro e novembro de 2016, nas quais cada participante preencheu seu diário de bordo, do qual foram extraídos os dados com Análise Textual Discursiva, redundando nas categorias: Aprendizagem; Modificações no estudo e desenvolvimento acadêmico; e Autoconhecimento. Nesta última categoria os estudantes apenas trouxeram em seus registros o quanto as oficinas contribuíram para que conseguissem refletir

e compreender melhor o próprio processo de aprendizagem. Observa-se, portanto, que em que pese Schutz (2018) utilize o termo autoconhecimento em sua pesquisa, utilizando inclusive como uma categoria de análise dos diários de bordo, a autora não se aprofunda no objeto de estudo deste trabalho, não trazendo nenhuma definição ou elementos constitutivos do mesmo.

A temática que envolve a dissertação de Vicentin (2015) encontra-se na proposta da humanização baseada em reflexões a respeito da corporeidade e da alteridade no atendimento de escolares em tratamento de saúde. Como objetivo a autora visa analisar as percepções dos professores participantes da Formação Continuada Online: Teoria e prática para o atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde, sobre os conceitos de corporeidade e a alteridade na formação profissional para atuar com escolares em tratamento de saúde. Como metodologia foi utilizada a pesquisa com abordagem qualitativa classificada como estudo de caso.

Ao discorrer a respeito de Corporeidade e Alteridade a autora defende que é imprescindível se pensar em autoconhecimento. Daquele que parte das concepções que são adquiridas por meio das percepções absorvidas do mundo e, daquele autoconhecimento, que parte do outro, ao considerar que só há discernimento do que sou no mundo quando me percebo separado e diferente do outro. Então, por meio do autoconhecimento corporal, o indivíduo descobre o mundo em que habita e reconhecer seu Eu como algo individual e separado do todo. A alteridade então, parte do autoconhecimento. Assim, conhecer o mundo por meio da corporeidade é desenvolver o autoconhecimento, fator fundamental para enriquecer a relação consigo e com o próximo, o que promove relações mais humanas e respeitadas, que englobam o próprio mundo, o mundo do outro e todo o universo. Dito isto, está presente na dissertação de Vicentin (2015) o discurso do desenvolvimento do autoconhecimento por meio da aproximação com o outro, ou seja, o autoconhecimento se dá pela reflexão a respeito do outro e suas interações com o eu.

### 5.3 Grupo 3 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Esta subseção foi reservada para trabalhos que apesar de possuírem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, não reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, estando o objeto de estudo disperso no corpo da pesquisa.

**Quadro 5** Análise dos trabalhos do Grupo 3 do CTD da Capes

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universid</b>	<b>Tipo</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Qt.</b>
1	NEVES, Cibele Cavalheiro	Interdisciplinaridade e currículo da Educação Profissional: sentido e autoconhecimento	2018	PUC/SP	Dissertação	Interdisciplinaridade; Currículo; Educação Profissional.	18

**Fonte:** Elaborado pelo autor

O único trabalho que se encontra nesta categoria é o de Neves (2018). A autora em sua pesquisa de dissertação apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2018 se dedicou a descrever o processo de desenvolvimento, concomitantemente, a sua trajetória de autoconhecimento, visando identificar as possibilidades de ação e reflexão de um consultor pedagógico atuar de forma interdisciplinar em todas as etapas de construção do currículo, contribuindo de forma significativa na ampliação de possibilidades de intervenção interdisciplinar dos docentes, qualificando assim, a construção de conhecimento dos alunos. Em forma de narrativa contínua, tramando a história de vida pessoal e profissional da autora e aportada na Interdisciplinaridade de Fazenda, os resultados aferidos demonstraram a importância da tríade Ser, Pertencer, Fazer. No concernente ao autoconhecimento, a autora em que pese utilize a palavra-chave por 18 vezes em sua pesquisa, não deixa claro a visão que utiliza, apenas traz os ensinamentos de Espírito Santo (2007), ao informar que a primeira constatação para a busca do autoconhecimento é a humildade de sabermos do desafio da nossa ignorância, de realmente não sabermos, inclusive, quem somos.

#### 5.4 Grupo 4 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Neste grupo estão presentes os trabalhos que não possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, bem como não reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema. No entanto, o objeto de estudo encontra-se no rol das palavras-chave, vejamos.

**Quadro 6** Análise dos trabalhos do Grupo 4 do CTD da Capes

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universid</b>	<b>Tipo</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Qt.</b>
1.	ABATE, Elizabeth Aparecida Bragatto	Contaçon de histórias e autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social do professor contador	2020	UFPR	Dissertação	Contaçon de histórias; Professor; Autodesenvolvimento; Autoeducaçon; Autoconhecimento; Rudolf Steiner.	23

2.	CORREA, Georgia Carolina Piacentini	Teia Multicultural: a construção de um modelo inovador na escola brasileira	2018	PUC/SP	Dissertação	Interdisciplinaridade; Projetos; Arte-educação; Autoconhecimento; Teatro; Educação Integral.	39
3.	PIVOVAR, Eloisa Leal Silverio	A autoridade como mediadora na promoção de adultos livres e autônomos em seu pensar: Uma discussão a partir de Rudolf Steiner e Viktor E. Frankl	2016	UFPA	Dissertação	transcendência; Ensino; Sentido; Consciência; Autoridade; Formação.	19
4.	SANTOS, Gilbert De Oliveira	Uma interpretação das artes guerreiras chinesas	2013	UNICAMP	Tese	Luta corporal oriental; Arte; Autoconhecimento; Ensino; Saúde; Pensamento.	12
5.	SANTOS, Sandra Elizabeth Paris Dos	O lugar da educação na parturização do saber: Um nascedouro do saber criativo do universo simbólico, sob a luz da Psicologia Analítica	2013	UNISAL	Dissertação	Educação; Jung e a Psicologia Analítica; contos de fada; autoconhecimento.	45

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Abate (2020) traz em sua dissertação o objetivo de compreender como professores significam o seu autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social a partir da prática da contação de histórias. Trata-se de estudo qualitativo e exploratório, utilizando a triangulação de dados a partir dos instrumentos e procedimentos de estudo empíricos: entrevista exploratória semiestruturada, desenho, grupo focal e diário de campo. Os dados sugerem que a prática regular da contação de histórias possibilita o autodesenvolvimento cognitivo, uma vez que permite a conquista de novos conhecimentos e a ampliação da visão de mundo em profundidade e consciência. Além disso, contribui para o autodesenvolvimento afetivo, por possibilitar o encontro com os próprios sentimentos e emoções. Quanto ao autodesenvolvimento social, contribui para lidar melhor socialmente com a diversidade das manifestações humanas, aprimorando a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeitando as individualidades, sem perder de vista o próprio “eu”. Nesse sentido, a autora conclui que a contação de histórias se justifica como uma possibilidade na formação de educadores comprometidos com o próprio desenvolvimento e transformação e que possam contribuir para uma educação mais humana e consciente.

Abate (2020) informa que a prática da contação de histórias permite um pensar vivenciado, proporcionando ao professor contador experiências sutis percebidas a partir da magia contida nos contos de fadas que se consolidam por meio do autoconhecimento. Assim,

esse processo de autoconhecimento e autoconsciência pode ser de alguma forma otimizado a partir da prática de contação de histórias, por ser uma experiência com imagens ancestrais que invadem a consciência por meio de um pensar vivenciado, na medida em que o contador escolhe, estuda e conta a história. De modo que, o caminho de aquisição do conhecimento percorrido pelas professoras por meio da contação de histórias pode ser uma maneira possível de conquistar a desejada liberdade. A participação ativa e o pensar intuitivo estão baseados na essência da consciência individual, caminho possível para o autoconhecimento.

A dissertação de Correa (2018) aborda a importância da arte, principalmente a partir do teatro, e do autoconhecimento na construção de um currículo escolar, bem como no processo de formação de professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, possibilitando servir como orientadores de pesquisa e desenvolvimento de todos os conteúdos pertinentes a esses segmentos do processo educativo, demonstrando como essas referências podem orientar e subsidiar todos os conteúdos propostos pela Base Nacional Comum Curricular, principalmente quando propostos a partir de Projetos Interdisciplinares. A arte e o autoconhecimento como ferramentas no processo educativo são apresentados com base na história de vida da autora e utilizados como instrumentos eficazes no processo pedagógico desenvolvido na Escola Teia Multicultural.

Referida escola, campo de atuação da autora, tem como eixos norteadores do processo do ensino aprendizagem a arte e o autoconhecimento, sendo a arte o modo de educar e o autoconhecimento a maneira como estimular os estudantes e educadores a encontrarem suas habilidades inatas valorizando-as e, assim, fortalecendo sua autoestima. O autoconhecimento também instrumentaliza os jovens para que sejam capazes de sustentar as pressões de grupo e assumir posturas corajosas e independentes, coerentes com seus princípios. Assim, Correa (2018) informa que o trabalho com o autoconhecimento não se limita ao trabalho de terapia de grupo ou vivência terapêutica, mas também ao viver juntos.

Pivovar (2016) visa em sua dissertação discutir o modo de ver e atuar da figura de autoridade sobre a realidade de alunos que apresentam apatia para a aprendizagem, relacionando sua forma de lidar com o conhecimento com as implicações na produção de saberes e no desenvolvimento de crianças autônomas em seu pensar. A pesquisa fez uso de abordagem fenomenológica, com método misto, com predomínio qualitativo. O fenômeno da apatia para a aprendizagem foi organizado por tipologias e na modalidade de estudo de caso, resultando na descrição de três casos diferenciados pelo nível de dependência na realização das tarefas.

A autora traz para debate pensamentos de Rudolf Steiner e de Viktor E. Frankl ao defender que o homem, em seu pensar e em seu agir, nem sempre é um ser espiritualmente livre, e na falta de liberdade age com a superficialidade do pensar. Assim, a ênfase na importância do autoconhecimento é referendada por ambos, que fundamentam os atributos existenciais da pessoa na vivência de valores, os quais se dão no confronto, denúncia, superação e reformulação do pensar. Tanto Steiner como Frankl reconhecem que aprender sobre si e sobre o outro, atribuindo significado à existência, faz emergir no homem a capacidade de romper com os condicionamentos: o indivíduo deixa de banalizar as relações e passa a valorizar o que é fundamental. Romper com os condicionamentos pressupõe autoconhecimento, assim reconhece a autora que autoconhecimento e intencionalidade são indissociáveis no ensino. Tais revelações faz Pivovar (2016) conjecturar que a eficácia do processo educativo está diretamente relacionada com a figura de autoridade, livre, responsável e com poder de decisão. Através do autoconhecimento, tem-se a coragem de buscar as raízes profundas do que se está a suceder; de voltar a escutar a essência em si; de encontrar um novo equilíbrio no exercício da função e de a assentar na alma a alegria de gerar vida.

Gilbert de Oliveira Santos (2013) traz em sua tese defendida pela UNICAMP uma experiência pessoal de uma viagem de estudos à China, onde vivenciou brevemente a cultura deste país experimentando, principalmente, as artes guerreiras chinesas. Trata-se, portanto, este trabalho de uma interpretação em imagens e textos de diferentes sentidos e significados das artes guerreiras chinesas para uma elaboração que transita nas dimensões da linguagem, da arte, da ciência, do pensamento, da medicina e do ensino de técnicas corporais guerreiras. O autor, em que pese utilize o termo autoconhecimento por 12 vezes em sua tese, não o define nem o categoriza. No entanto, afirma que o aprendizado de uma arte guerreira possibilita a observação e compreensão de si, que em um nível de intervenção pessoal, poderá resultar na busca pelo autoconhecimento representado pelo combate interior para o surgimento de uma nova dimensão do ser. Por fim, conclui que o processo de autoconhecimento é contínuo e pressupõe sempre o devir, pois o guerreiro está sempre em constante processo de transmutação.

Sob a luz da Psicologia Analítica, fundada pelo psicólogo Carl Gustav Jung, está a dissertação de Sandra Elisabete Paris dos Santos (2013), a qual tem por finalidade, refletir sobre a aplicação dos contos de fada, como meio ativador do saber criativo do inconsciente coletivo, no processo de educação em busca do autoconhecimento. A relevância desta proposta é estabelecer, junto ao processo de educação, um meio ativador e uma amplificação da grande tarefa atribuída à educação para vida, que é a constituição de educandos reflexivos, de psique

fortalecida e segura, autônomos no processo de educação, capacitados às produções autênticas, respeitosos da alteridade oferecida pela convivência comunitária, e respeitados em sua individualidade. Especificamente nesta pesquisa, é aplicado o conto de fada na abordagem junguiana, focada no educador, como método investigativo que busca, de forma qualitativa, determinar a temática mais próxima da imagem arquetípica que se configura a imagem do professor.

Sandra Santos (2013) preconiza que a escola, o educador e a educação têm grande responsabilidade na formação psicológica humana e mais além, representa uma grande fonte energética estando estrategicamente posicionados em estágio de formação psíquica do sujeito, podendo usufruí-la de forma a estimular a criatividade, a autenticidade, a segurança e o autoconhecimento. Assim, para alcançar do educando esta destinação do saber interior, nascida do universo simbólico e objetivada pela Educação, é fundamental, que no outro polo arquetípico onde está situado o educador, este esteja provido já de boa dose de autoconhecimento, por isso é fundamental educar o educador. E este por ser aquele que “detém o domínio” do método, uma vez que, previamente, já se submeteu a ele, alcançou uma condição de autoconhecimento antes do educando, e pode reconhecê-lo. De modo que, ao deter uma conscientização das várias vozes interiores, emanadas pelos vários elementos que compõem a psique – ego, self, persona, sombra, anima ou animus - alcança um autoconhecimento.

Ainda segundo a autora, com o método dos contos de fada, o educador é capaz de reconhecer a força do arquétipo ativado porque, a priori, foi capaz de tê-lo já elaborado na consciência em seu processo de autoconhecimento. Mas, o fundamental é que o educador esteja dotado de autoconhecimento. Condição que se alcança desenvolvendo sua própria sensibilidade ao saber criativo interior. Sendo assim, conclui Santos (2013) que o ideal então seria que os professores pudessem professar suas próprias vivências de autoconhecimento, advindas do saber criativo, para reconhecê-las também em seu educando no processo de Educação auxiliando assim no processo de parturização do mesmo.

## 5.5 Grupo 5 do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Nesta subseção trabalharemos com as pesquisas que consideramos menos relevantes dentro do nosso objeto de estudo, isto porque, estes trabalhos não possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, não reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, bem como o objeto de estudo não está no rol das palavras-

chave. Deste modo, a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento apenas aparece dispersa no texto.

**Quadro 7** Análise dos trabalhos do Grupo 5 do CTD da Capes

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universid</b>	<b>Tipo</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Qt</b>
1	ABBUD, Claudia Falavigna	É preciso aprender sobre empregabilidade: uma análise a partir do site da Associação Brasileira De Recursos Humanos (ABRH)	2017	UFRGS	Tese	Estudos Culturais; Cultura; Representação; Pedagogia; Competências; Empregabilidade.	17
2	AMORIM, Gusmao Freitas	Vida que forma: autobiografia e formação de professores	2017	UECE	Dissertação	Método autobiográfico; Formação de Professores; Memoriais de formação.	3
3	ALMEIDA, Telma Teixeira De Oliveira	Práticas corporais educativas: movimento interno e externo do ser interdisciplinar	2013	PUC/SP	Tese	Interdisciplinaridade; Movimento; Práticas educativas.	52
4	ALMEIDA, Laura Helena Jamelli De	Cartas em três atos: Paulo Freire, Angel Vianna e o cotidiano escolar	2016	UNISO	Dissertação	Educação; Corpo; Arte; Jogos Corporais; Cotidiano Escolar; Pesquisa Narrativa; Paulo Freire; Angel Vianna.	18
5	AMARAL, Michele Pedroso Do	Educação estética pela mediação de leitura de imagens de obra de arte	2014	UCS	Dissertação	Educação; Arte/educação; Educação estética; Mediação; Imagens de arte.	2
6	ANTUNES, Diogo Silveira Heredia Y	Da inovação em educação às escolas emergentes: papel social, valores e estratégias para a formação humana	2018	PUC-RS	Dissertação	Papel social da escola; Valores; Estratégias para a formação humana; Escolas emergentes; Educação infantil.	10
7	BARBATO, Christiane Novo	A constituição profissional de formadores de professores de matemática	2016	USF	Tese	identidade do docente formador de professores de Matemática; crenças docentes; saberes docentes; entrevista narrativa.	9
8	BARROS, Ana Deborah Pereira De	Linguagens artísticas do bumba meu boi no currículo do ensino médio no Maranhão: uma experiência no Centro de Ensino Manoel Beckman	2018	UFMA	Dissertação	Bumba meu boi; Ensino de Arte; Cultura popular; Ensino Médio.	2
9	BERNARDES, Victor Lino	Corpo sentido: corporeidade e a emergência de recursos subjetivos associados à criatividade	2016	UNB	Dissertação	Subjetividade; criatividade; corporeidade; meditação e sabedoria antiga.	20
10	BRIGATTO, Agda Cristina	Os caminhos do artista educador em busca de imagens significativas	2014	UNICAMP	Dissertação	Educação; Conhecimento; Linguagem e Arte.	15
11	CALORI, Jose Valmir	O pensamento sistêmico e a construção de competências de gestores educadores	2018	UNIPLAC	Dissertação	Gestor Educador; competências e habilidades; pensamento sistêmico; aprendizagens.	22
12	CAMPOS, Nelsa Maria Dias De	Envelhecimento e espiritualidade na perspectiva do yoga	2016	UFRGS	Dissertação	Envelhecimento; Yoga; Espiritualidade; Psicologia Junguiana.	8

13	CANEVER, Vanessa	Contribuição do budismo para a autoconstrução do ser humano na perspectiva de uma educação para a inteireza	2015	PUC/RS	Dissertação	Budismo; Autoconstrução; Ser Humano Integral; Educação para a Inteireza.	42
14	CARVALHO, Luana De Araujo	Formação de leitores e formação de professores: memorial como estratégia pedagógica e de pesquisa	2013	UFOP	Dissertação	Formação de leitores; Formação de professores; Memorial de leitura.	5
15	CAVALCANTE, Christyne Rose Lima	O tema transversal sexualidade. Do desenvolvimento humano, o ser homem e o ser mulher, amor com responsabilidade, à valorização da família, pela construção de uma sociedade inclusiva	2013	UNICID	Dissertação	Políticas públicas de Educação; ensino superior; tema transversal; currículo; sexualidade; inclusão.	2
16	COLASANTO, Cristina Aparecida	Avaliação na educação infantil: a participação da criança	2014	PUC/SP	Tese	Avaliação; Registro; Educação infantil; Participação da criança.	7
17	COUTO, Henriqueta Regina Pereira	Desenvolvimento profissional de professores da educação básica inseridos em projetos de pesquisa	2016	CEFET-MG	Dissertação	Formação continuada; Desenvolvimento profissional; Teoria da atividade.	6
18	DANTAS, Priscila Ferreira Ramos	Prática Reflexiva na formação continuada de docentes e suas implicações para o processo de inclusão escolar	2016	UFRN	Tese	Inclusão escolar; Formação continuada; Reflexão sobre a prática.	4
19	DANZA, Hanna Cebel	Projetos de vida e educação moral: um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento	2014	USP	Dissertação	Educação moral; Juventude; Projetos de vida; Teoria dos modelos organizadores do pensamento.	48
20	DITTBERNER, Ines Nunes De Melo	(Des)Motivação dos estudantes adolescentes em relação ao ensino formal: Estudo de caso de uma turma de 8º ano da Rede Pública Municipal De Monte Mor - SP	2016	UNISAL	Dissertação	Motivação; Adolescentes; Aprendizagem; Educação Formal; Educação sociocomunitária.	19
21	DOMINGUES, Camila	As significações de professores readaptados sobre as condições de trabalho docente e suas implicações no processo de adoecimento	2018	PUC-SP	Dissertação	Condições de trabalho; Professores - Condições sociais; Significações.	2
22	DUARTE, Alisson Jose Oliveira	Processo de constituição da identidade profissional de professores da educação escolar de uma unidade prisional de Minas Gerais	2017	UFTM	Dissertação	Docência na prisão; Identidade profissional docente; Educação escolar nas prisões.	6
23	DUVIDOVICH, Marina Luar de Souza	Quando a sabedoria das danças circulares sagradas toca a educação	2018	UFF	Dissertação	Danças circulares; formação docente; formação estética; educação intercultural; narrativas (auto)biográficas	11

24	FERNANDES, Peterson Jose Cruz	De educador a administrador; de administrador a educador: uma narrativa interdisciplinar como possibilidade de currículo para o educador administrador escolar contemporâneo	2018	PUC/SP	Tese	Administração Escolar; Currículo; Educação Básica; Formação; Interdisciplinaridade.	11
25	FERREIRA, Edilaine Maria Mendes	Educação ambiental campesina: do diálogo de saberes à sementeira de projetos ambientais escolares comunitários	2016	UFMT	Dissertação	Educação Ambiental Campesina; Processo Formativo; Escolas Sustentáveis e Projetos Ambientais Escolares Comunitários.	2
26	FERREIRA, Rita De Cassia Fossaluzza	Máscaras como símbolos de comunicação e expressão: uma análise do que mostram e dizem os alunos dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Sistemas de Informação do UNISAL.	2015	UNISAL	Dissertação	Educação; Ensino Superior; Símbolo; Máscaras.	23
27	FRANCO, Lara Luisa Silva Gomes	Educação quilombola, resistência e empoderamento: estudo na Comunidade Quilombola De São Domingos, em Paracatu (MG)	2018	UFU	Dissertação	Educação Quilombola; Políticas Educacionais; Estado Neoliberal e Resistência.	1
28	FRANKE, Monica Cecília Gonçalves Condessa	Altas habilidades/superdotação, intervenção psicopedagógica e aceleração de estudos: um estudo de caso	2013	UFPR	Dissertação	Altas habilidades/superdotação; aceleração de estudos; atendimento psicopedagógico.	4
29	GOULART, Bianca Daniete Chimello	Avaliação na educação a distância como arte de governar.	2013	ULBRA	Dissertação	Avaliação; Educação a Distância; Governamentalidade; Estratégias Avaliativas.	3
30	GREGORIN, Cristiane Pinholi	Um olhar sobre o mal-estar docente na perspectiva da contemporaneidade	2016	UNINOVE	Dissertação	Mal-Estar Docente; Cultura Escolar Contemporânea; Relações Humanas.	5
31	KRUGER, Cristina Debli	Escritas autobiográficas: Por entre imaginários e memórias - a busca das confluências para tornar-me educadora	2013	UFPEL	Dissertação	Educação; Imaginário; Memória; Autoformação.	2
32	LECH, Marilise Brockstedt	A humanização da educação: A influência da pessoa do professor	2017	PUC-RS	Tese	Educação; Humanização; Papel da escola; Pessoa do Professor.	20
33	LEON, Diego Dos Santos	Tornar-se professor: a construção da identidade profissional docente no ensino técnico Uberaba - MG 2017	2017	UFTM	Dissertação	Ensino Técnico; Identidade profissional docente; Profissionalização do professor.	1
34	LIMA, Dalton Oscar Walbruni	Schiller, educação e o estado estético	2014	UFCE	Tese	Educação Estética; Impulsos; Estado Estético.	1
35	LIMA, Nuzia Roberta	Formação e prática: narrativa (auto) biográfica de uma pedagoga que leciona o ensino de arte	2013	UERN	Dissertação	Formação continuada; práticas pedagógicas e profissionalização	2

36	MANCINI, Flavia Griep	O valor simbólico da leitura: cartas (auto)biográficas de leitores professores.	2013	UFPEl	Tese	Educação; Formação; Leitura; Antropologia do Imaginário; Antropologia da Leitura; (Auto)Biografias Educativas.	3
37	MARQUES, Vanessa da Silva	Inteligência emocional e gestão de conflitos na sala de aula: interfaces razão-emoção a partir de relatos e reflexões docentes	2016	Unisinos	Dissertação	Situações conflitivas; Diário de aula; Inteligência emocional; Reflexão sobre a prática.	12
38	MEINICKE, Dinora	Formação continuada numa perspectiva da educação para a inteireza: Uma necessidade do professor de creche	2017	PUC-RS	Tese	Professores de Creche; Formação Continuada; Educação para Inteireza.	18
39	MENEZES, Soane Maria Santos	A transdisciplinaridade na formação continuada de professores: um estudo de caso no observatório de educação da Universidade Tiradentes Em Sergipe (2011-2012)	2015	UNIT	Dissertação	Educação de Jovens e Adultos; Formação Continuada; Pesquisa-ação-formação; Políticas Públicas; Transdisciplinaridade.	5
40	MODESTO, Ester	Docentes em serviço: Sujeitos e Subjetividades na Formação de Professores	2016	UFTM	Dissertação	Subjetividade; Ensino Superior; Formação de Professores; Teoria da Atividade.	11
41	MOREIRA, Lauren Carla Escotto	Fan Pages & Frases de efeito: discursos de autoajuda ensinando a agir sobre si na busca de uma vida feliz	2016	IFSul	Dissertação	Pedagogias culturais; Facebook; Subjetividade; Autoajuda; Aforismos.	2
42	MOREIRA, Ramon Missias	Representações corporais de professores universitários de educação física no facebook	2017	UFBA	Tese	Representações Corporais; Representações Sociais; Professores Universitários; Facebook; Subjetividades contemporâneas.	5
43	MOURA, Gerusa Do Livramento Carneiro De Oliveira	Formação do pedagogo e o pedagogo em formação: contrastes entre a(s) política(s) de sentido de formação nas diretrizes curriculares nacionais e as experiências formativas compreendidas na cotidianidade dos atos de currículo	2017	UFBA	Tese	Atos de currículo; Formação de professores; Experiência formativa.	3
44	MOURA, Marcelo Pinto Coelho	A avaliação institucional como instrumento de gestão estratégica: Estudo de caso em uma escola estadual de Itabira-MG	2017	UFJF	Dissertação	Avaliação Institucional; Auto Avaliação da Escola; Gestão Escolar.	8
45	NASCIMENTO, Jennifer Souza	Contato improvisação e movimento criativo: Proposta e prática educativa em dança para Corpos Eficientes	2017	UEPA	Dissertação	Educação Inclusiva; Prática Educativa; Contato Improvisação; Movimento criativo; Corpo Eficiente.	6
46	OLIVEIRA, Daniel Pereira De	Narrativas de professor-pesquisador: investigando a própria	2016	UERJ	Dissertação	Professor-pesquisador; Formação docente; Animação; Experiência.	4

		prática docente a partir da experiência de produzir animações com crianças na escola					
47	PAULA, Erico Lopes Pinheiro De	Educação e Psicologia: representações sociais de professores na rede pública	2015	UFTM	Dissertação	Educação; Psicologia; Representações Sociais.	8
48	PEREIRA, Patricia Cristine	Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos	2014	UNESP	Dissertação	Masturbação; Educação sexual; Religiosidade; Sexualidade; Gênero.	6
49	PEREIRA, Raissa De Almeida	Jovens enlutados: Um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda	2017	UFCE	Tese	Morte; Luto; Espiritualidade; Escola; Juventude; Narrativas de vida; RIME.	6
50	RACHE, Rita Patta	Arte-educação ambiental, um constructo transdisciplinar	2016	UNB	Tese	Arte-Educação Ambiental; Construto transdisciplinar; Metodologia transdisciplinar; Pesquisa participativa.	12
51	REGO, Sergio Antonio Silva	Mulher e ciência: interfaces feministas entre conhecimento científico e político na América Latina	2017	UFPE	Dissertação	Feminismo; Publicações feministas; Feminismo latino-americano; Mulher e ciência; Ativismo.	9
52	RODRIGUES, Claudia Flores	Por uma percepção multiangular: A inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola	2013	PUC-RS	Tese	educação; envelhecimento; feminino; docência.	6
53	ROSA, Jane Petry Da	Corridas de rua: aprendizagens no tempo presente	2013	UFSC	Dissertação	Corridas de rua; Estudos Culturais; Pedagogias Culturais.	1
54	SANTANA, Camila De Melo	Feminismo Agora!: Uma Experiência de Pedagogia Feminista Autoreflexiva	2018	UFRPE	Dissertação	Pedagogias feministas; autorreflexão; experiência; movimentos feministas.	5
55	SANTOS, Ricardo Andre Ferreira De Oliveira	Vídeos online e ensino de física: construindo critérios de qualidade para a escolha de conteúdo educativo a partir da competência midiática e informacional	2018	UFTM	Dissertação	Vídeos online; Competência informacional; Competência midiática; Ensino de Física.	2
56	SANTOS, Thais Yuri Jo	Os princípios éticos do Yoga e sua prática pedagógica - estudo das repercussões midiáticas a partir da revista Guia de Yoga	2018	UNESP	Dissertação	Yoga; Ética; Educação; Filosofia indiana.	12
57	SCHIAVO, Igor Emanuel de Almeida	O papel do teatro na formação humana: reflexões sobre o método de trabalho do "Coletivo Clandestino"	2014	UFPR	Dissertação	Práticas teatrais; Teatro dialético; Emancipação humana.	2
58	SEYR, Marisa	Psicodrama Pedagógico e Alfabetização de Jovens e Adultos: Memórias, Histórias, Sentidos	2013	UNISAL	Dissertação	Memórias; Alfabetização; Psicodrama Pedagógico; Sentidos.	7
59	SILVA, Joao Alberto De Souza	Arte e escola: um encontro com o outro da poesia	2015	Unicamp	Dissertação	Arte; Educação.	13

60	SOUZA, Erineide Cunha De	Reflexão nos processos de formação continuada de alfabetizadores: dos desafios e das possibilidades	2016	UFPI	Dissertação	Alfabetização; Formação Continuada; Reflexão.	7
61	SOUZA, Rosângela Teixeira De	Avaliação Institucional nas escolas estaduais do município de Fortaleza: uma análise comparativa dos resultados do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará - SPAECE	2013	UFCE	Dissertação	Avaliação institucional; Percepção do professor; Desempenho escolar.	3
62	SOUZA, Angela Maria De	Práticas autoformativas na formação continuada do educador na perspectiva de um sujeito ecológico	2014	UNB	Dissertação	Formação docente; Valores humanos; Sujeito ecológico; Práticas autoformativas (corporeidade/respiração/meditação).	11
63	SOUZA, Denis Mauro Rodrigues De	Professores de Educação Física em Formação - corpo, relações de gênero e sexualidades	2013	UFJF	Dissertação	Educação Física; Estágio; Formação de professores; Subjetividades; Gênero; Sexualidades.	2
64	SOUZA, Emerson Renan Berger De	Educação do homem desde a corporeidade em Merleau-Ponty: O caráter pedagógico da cultura corporal	2016	UCS	Dissertação	Corporeidade; Merleau-Ponty; Formação Humana; Filosofia da Educação; Educação Física.	1
65	SPEAKES, Neusely Fernandes Silva	Rebeldes com causa: narrativa construída na formação colaborativa de professores na escola	2017	PUC/SP	Tese	Autonomia escolar; Professores - Formação profissional; Educação permanente.	5
66	TONANNI, Andrea Cury Borges de Gouvea	Interdisciplinaridade e generosidade na formação de gestores educacionais: intervenções no Senac Santana	2014	PUC/SP	Dissertação	Interdisciplinaridade; Gestão educacional; Generosidade; Educação; Convivência.	24
67	TORRES, Simone Padua	A corporeidade no Ensino Fundamental: na busca de uma educação emancipatória Lavras – MG 2016	2015	UFLA	Dissertação	Corporeidade; Emancipação; Ensino fundamental; Ludicidade e formação integral.	9
68	VASCONCELLOS, Sonia Tramuja	ENTRE {DOBRAS} LUGARES da pesquisa na formação de professores de artes visuais e as contribuições da Pesquisa Baseada em Arte na Educação para ampliação de relações entre representação visual e produção de (auto)conhecimento	2015	UFPR	Tese	Licenciatura em artes visuais; Paradigmas da ciência; Pesquisa baseada em arte; Representação visual; Modos de conhecer.	4
69	VIANA, Daniela Cristina	Mediação Cultural por Meio da Dança/Educação como Possibilidade de Aprendizagem na Infância	2016	UNIVILLE	Dissertação	Práticas Educativas; Dança/Educação; Educação Não Formal; Mediação Cultural; Infância.	3
70	VILACA, Sarah Luana Vieira	Os intercambistas do programa minas mundi: perfil, motivações e experiências	2017	UFMG	Tese	Internacionalização dos estudos; Mobilidade internacional discente; Intercâmbio estudantil.	1
71	VIVALDI, Flavia Maria De Campos	Pesquisas empíricas sobre práticas morais nas	2013	UNICAMP	Dissertação	educação moral; autonomia; práticas;	12

		escolas brasileiras: o estado do conhecimento				intervenção; construtivismo.	
72	WAHLBRINCK, Iliria Francois	Da Tomada de Consciência à Conscientização: empenhos da Ética do Cuidado em Projetos de Extensão	2014	URI	Dissertação	Ética do Cuidado; Extensão Universitária; Práxis libertadora; Humanização.	4
73	ZANARDO, Katia Regina	Empatia e alteridade no processo de ensinar e aprender: Um diálogo com alunos do Ensino Fundamental II de uma Escola Pública	2017	UNISAL	Dissertação	Educação Sociocomunitária; Empatia; Alteridade; Aluno; Professor.	13
74	ORRICO, Nanci Rodrigues	Da leitura de si para a leitura em si: narrativas e práticas leitoras de professoras de classes multisseriadas do município de Amargosa/BA	2016	UNEB	Dissertação	Multisseriação; Pesquisa (auto)biográfica; Formação de leitores; Histórias de vida/de leitura.	7

Fonte: Elaborado pelo autor

A tese de Abbud (2017) objetivou indicar estar sendo colocado em operação uma cultura que focaliza centralmente à empregabilidade voltada a regular as ações, comportamentos, atitudes, habilidades, que devem caracterizar aqueles/as que possuem as condições indispensáveis à obtenção de um emprego. Os procedimentos metodológicos para organização do estudo envolveram o mapeamento de 522 artigos publicados na seção Artigos, durante os anos de 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015 da Associação Brasileira de Recursos Humanos. As considerações feitas nos artigos examinados focalizam também, que nessa cultura que focaliza centralmente à empregabilidade são postos em destaque ensinamentos sobre como ser um profissional empregável (e sobre como manter-se empregado), entre os quais flexibilidade, cuidado de si e a busca por autoconhecimento se fazem sempre presentes.

O trabalhador devia ser entendido como um indivíduo com uma mente, com medos e ansiedades” e esse aspecto está enfatizado nos artigos publicados no site da ABRH, que focalizam a importância do autoconhecimento para uma correta adaptação ao mundo do trabalho. Dito isto, em que pese a autora deixe claro em sua pesquisa que a promoção do autoconhecimento é um importante requisito para o encontro do caminho profissional bem-sucedido e trazer por 32 vezes a palavra autoconhecimento em momento algum existe a definição ou categorização do que seria este autoconhecimento pretendido.

Amorim (2017) busca em sua dissertação analisar a contribuição do método autobiográfico para formação de professores, compreendendo em quais situações concretas da vida pessoal, trajetória escolar e profissional se forjam aprendizagens e como a rememoração desses momentos configura-se enquanto uma prática formativa do professor.

Metodologicamente, faz-se uma abordagem qualitativa com foco na narrativa autobiográfica, analisando os “memoriais de formação” confeccionados pelos alunos/professores do primeiro curso de licenciatura ofertado em Itapiúna-Ce, entre os anos de 1999 e 2002, numa parceria da Universidade Estadual do Ceará (UECE) com o município. Desse modo, os memoriais são vistos como uma produção científica que faz uso da autobiografia no intuito de que seu narrador, também autor empírico do texto, reflita criticamente sobre sua trajetória de vida pessoal, escolar e profissional, o que viria a colaborar com sua formação. Em suma, vislumbra-se o como a memória pode se revelar um elemento de autoconhecimento e autoformação do profissional docente. Em que pese o autor traga por apenas 3 vezes a palavra autoconhecimento em sua pesquisa a vincula à construção de memória na seguinte passagem: “vislumbramos a compreensão de como a memória pode se revelar um elemento de autoconhecimento e autoformação do profissional docente”.

A pesquisa de Almeida (2013) inicia-se a partir de uma disciplina intitulada “Interdisciplinaridade, Autoconhecimento e Práticas educativas” como proposta para agregar aos movimentos de práticas corporais as experiências de sala de aula, possibilitando a construção do ser interdisciplinar. A pesquisa teve lugar no currículo do Curso de Pedagogia em um Centro Universitário da Grande São Paulo e o campo metodológico envolveu coletas de registros de depoimentos descritos na bibliografia sobre pesquisa do cotidiano e pesquisa do tipo intervenção. Tais registros representaram o universo dos alunos que vivenciaram as práticas educativas propostas. Durante o processo de criação do conhecimento a autora notou que quando o sujeito vivencia situações, faz suas próprias reflexões, internas ou externas ao grupo onde está inserido, discute, registra, narra suas histórias e cria novos entendimentos e novas formas de percepções, torna-se elemento fundamental para novas atividades dentro ou fora do ambiente escolar. Ao passo que, vivenciar essas etapas e processos, habitados pela interdisciplinaridade e totalidade do ser humano, como possibilidades inovadoras no desencadear da criatividade, é, sem dúvida, uma contribuição para os educadores da área de formação de professores. Por fim, vale ressaltar que em que pese a autora utilize a palavra autoconhecimento por 52 vezes em seu trabalho em nenhuma delas este termo é definido ou categorizado.

Na dissertação de Laura Helena Jamelli de Almeida (2016) são apresentadas algumas experiências de arte-educação e de interpretação em dança que fundamentaram e impulsionaram outras práticas com estudantes da Educação Básica, na disciplina de Arte, considerando o ensino das suas expressões, contemplando o corpo como forma de expressão.

Nesta pesquisa Almeida entende a arte e a educação como encontro de subjetividades, como processo em que se dá o autoconhecimento, através de aprendizagens de todo o tipo, diluindo as fronteiras entre arte e educação, na medida em que há uma conexão com a vida. Assim, a autora traz para debate a ideia de que o autoconhecimento se dá através da percepção corporal, dialogando com Paulo Freire e Angel Vianna. Isto porque, segundo Almeida (2016) no trabalho de percepção do meu corpo, que constitui meu “eu”, instaura-se o processo de autoconhecimento e, quando me conheço, aceito minhas características e limitações. Desse modo, a autora tem como objetivo demonstrar que a interpretação em dança e a educação possuem estreita ligação no que concerne ao uso dos jogos corporais e cênicos, para promover o conhecimento corporal, inserindo a dança enquanto área do conhecimento no contexto escolar, na medida em que trabalha com os seus fundamentos.

A pesquisa de Amaral (2014) constitui-se como alternativa frente às práticas de leitura de imagem de arte na escola, com o desafio de mediar o aprimoramento da percepção estética, como possibilidade de formação do olhar humano, para que os alunos sejam capazes de relacionar-se com o objeto estético (imagem de arte), para além do julgamento instantâneo, e possam ler a dimensão metafórica do não visível da arte. Para a realização de tal proposta, foram criadas oficinas de leitura de imagens de diferentes expressões artísticas (Instalação Artística, Fotografia, Grafite, Pintura), tendo como embasamento metodológico os estudos de Vigotsky (2001; 2005; 2010) sobre mediação, em que o professor aproxima e proporciona experiências significativas aos estudantes, através de uma postura pedagógica problematizadora (PAVIANI, 2010a) de questionamentos. Importante se faz mencionar que a palavra autoconhecimento só está presente por 2 vezes nesta pesquisa de modo bem superficial.

Antunes (2018) em sua dissertação apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul teve como questão principal analisar o papel social, valores e estratégias de formação humana das escolas emergentes. Caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, organizou-se a partir de dois espectros, uma discussão teórica amparada na literatura e um componente empírico, realizado através de entrevistas com coordenadoras, professoras e mães de duas escolas neo-humanistas de educação infantil situadas em Porto Alegre (RS). Para análise dos achados de pesquisa, utilizou como metodologia a Análise de Conteúdo organizada em categorias temáticas. Como resultado esta pesquisa efetuou uma síntese a respeito das reflexões realizadas a partir das entrevistas e visitas nas escolas emergentes a qual aponta algumas questões relevantes que se mostraram como pontos em comum nestas distintas experiências, que são: a educação percebida como caminho de aprender

a viver no mundo; o sentido profundo de cooperação nas relações, a relação com a natureza, reconhecendo-a como mestra e mãe nutridora, a escola como espaço de autoconhecimento e a escola emergente como espaço possível de reinventar o mundo.

O autor informa que as escolas emergentes se colocam como espaço de autoconhecimento. O papel da escola, nesta perspectiva, é, ao mesmo tempo, permitir que os indivíduos e comunidades possam viver de forma saudável a etapa em que se encontram, e amadurecer na espiral da consciência. Neste ponto, ganha relevância o fato de a escola assumir valores claros que possibilitam a convivência harmônica de indivíduos plurais em uma mesma comunidade e a utilização de práticas de autoconhecimento tais como a meditação e o Yoga, elementos que são capazes de contribuir nestes dois sentidos: manutenção saudável e transcendência. Antunes (2018) ainda contribui com a definição das Práticas Integrativas e Complementares ao afirmar que são um conjunto de práticas terapêuticas e de autoconhecimento desenvolvidas historicamente pela humanidade. Entre elas podemos citar: yoga, meditação, arteterapia, biodança, dança circular, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa, ayurveda e medicina tradicional chinesa.

A tese de doutorado de Barbato (2016) pretendeu investigar de que forma se constitui a identidade do docente formador de professores de Matemática, quais suas crenças e seus saberes sobre o seu trabalho e sobre o futuro trabalho do seu aluno, buscando analisar se essas crenças e a constituição da sua identidade interferem na tessitura do seu fazer profissional nas salas da Licenciatura em Matemática, considerando-se o contexto social e político no qual esse trabalho se desenvolve. A entrevista narrativa mostrou-se um convite à reflexão dos formadores, revelando-se como possibilitadora de tomada de consciência, reconsiderações das crenças e dos saberes, bem como de aprendizado e autoconhecimento. Os resultados alcançados por esta pesquisa apontam para a necessidade de que os cursos de Licenciatura em Matemática privilegiem a formação unificada e promovam espaços e tempos para que os professores discutam e reflitam sobre suas práticas, de modo a possibilitar seu aprendizado contínuo, viabilizando que se reconheçam enquanto formadores de professores de Matemática. Dito isto, verificou-se que na tese de Barbato (2016) o termo autoconhecimento aparece por apenas 9 vezes, de modo que em nenhuma destas este termo é definido ou classificado, sendo apenas utilizado de maneira ampla.

A pesquisa de Barros (2018) tem como objetivo conceber uma proposta didático-pedagógica em Arte para escolas de Ensino Médio no Maranhão que vise o

(re)conhecimento, a valorização e a salvaguarda do Bumba meu boi maranhense enquanto Patrimônio Cultural do Brasil. Para tanto, se optou por uma abordagem da pesquisa mista, combinando elementos quantitativos e qualitativos, seguindo um desenho de pesquisa quase-experimental. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados as pesquisas documentais, o relatório docente, o registro audiovisual, as avaliações periódicas e dois questionários estruturados elaborados especificamente para esse estudo. Por fim, a autora concluiu que o conhecimento aprofundado da sua cultura proporciona que o cidadão conheça melhor a si próprio, gerando como consequência desse autoconhecimento a sua definição enquanto membro de uma cultura. Observa-se, portanto, que o termo autoconhecimento aparece por apenas 2 vezes nesta pesquisa não sendo definido, nem classificado, apenas mencionado.

O trabalho de Bernardes (2016) busca compreender o impacto do curso Corporeidade e Expressão Corporal e do Projeto de Extensão Universitária Movi-mente na subjetividade de seus participantes, com foco na emergência de recursos subjetivos associados à criatividade. A pesquisa caracterizada como Estudo de Caso, foi realizada utilizando os princípios da Epistemologia Qualitativa onde a produção do conhecimento se dá através da análise construtivo-interpretativa. No curso/projeto o corpo é abordado de forma multicultural e espiritual, o corpo se torna um laboratório com o objetivo de desenvolver consciência corporal e atingir a experiência meditativa. O estudo de caso foi realizado com dois sujeitos utilizando os instrumentos: dinâmica conversacional, completamento de frases, análise documental, análise do facebook e composição. Ao analisar a dissertação de Bernardes (2016) notou-se que o mesmo utiliza o termo autoconhecimento como reflexões e ações que se centram em uma busca por compreensão de si mesmo em uma tentativa de ampliar sua visão sobre a existência, sendo também permeada pelo anseio de encontrar compreensões que lhe permitam interpretar e viver a vida de forma satisfatória. Em sua pesquisa, o autor menciona ainda ser o autoconhecimento um processo de reflexão sobre si, sobre a existência, sobre o outro, sobre as relações.

A dissertação de Brigatto (2014) trata da relação que se estabelece entre o professor/artista e seus alunos, durante as aulas de artes na escola, de forma a possibilitar o cultivo de um ambiente criativo que estimule a expressão da própria voz. Esse trabalho indica um possível caminho para a qualificação da prática docente considerando o autoconhecimento do professor que registra e reflete sobre si e sobre suas aulas, estimulando os alunos à expressão autêntica. A autora define o autoconhecimento como o cuidado de si e parafraseia Jung (1986), ao informar que, o desenvolvimento da personalidade visa um longo processo de

autoconhecimento que depende da maturidade e do verdadeiro interesse do indivíduo por suas imagens interiores. Ademais a autora recorre a Jung (1986) ao vincular o autoconhecimento com o sonho.

A dissertação de Calori (2018) defendida na Universidade do Planalto Catarinense teve como objetivo compreender a contribuição do pensamento sistêmico para a construção de competências de gestores educadores. A roda de conversa foi utilizada como instrumento metodológico por promover um espaço para que os sujeitos envolvidos no processo construíssem diálogos que permitissem algumas reflexões referentes a problemática investigada. A estratégia da roda de conversa levou os sujeitos desse estudo a refletirem acerca do cotidiano e sua relação com o mundo do trabalho. Ao reelaborar os saberes organizacionais os gestores destacaram competências que articulam interdisciplinaridade, mediação, cooperação, tradução, conhecimento, responsabilidade, reflexão, autoconhecimento e diálogo. Ao refletirem sobre as habilidades necessárias ao gestor educador destacaram: relação de confiança, negociar e mediar, cuidar das pessoas, saber ouvir e dialogar, ter humildade, ter empatia, saber criar boas relações com as pessoas, ter visão estratégica, saber priorizar, saber atribuir valor ou propósito, ter sentimento de urgência, aceitar e valorizar o erro, co-construir conhecimento, dar autonomia, autoconhecer-se, habilidade de iniciativa, habilidade de iterar, habilidade técnica, comunicar e orientar sem ser prescritivo.

A pesquisa de Calori (2018) convidou 15 gestores educadores para participar e duas rodas de conversa cujos depoimentos foram gravados e transcritos para posterior análise, com a finalidade de entender o nível de autoconhecimento dos sujeitos de pesquisa. O autor afirma que o autoconhecimento é uma habilidade realmente importante para a estabilidade das relações de equipe, que ao final é essencial para a geração de resultados superiores. Calori (2018) traz o “saber autoconhecimento” como uma das competências que deve ser exigida ao gestor educador, sendo importante, portanto, portar habilidades como: ouvir e dialogar; ter visão estratégica; aceitar e valorizar o erro; construção conjunta de conhecimento; atribuir valor ou propósito. Assim, o saber do autoconhecimento no contexto das organizações se apresenta como potencialmente importante na construção de um pensamento que une conhecimentos levando a ações mais holísticas, com visão mais integral.

A dissertação de Campos (2016) intitulada “Envelhecimento e Espiritualidade na perspectiva do Yoga”, de caráter exploratório e qualitativo, tem como objetivo identificar, descrever e analisar o significado do yoga para a espiritualidade em idosos que o praticam. Para tanto, foi utilizada a etnografia – metodologia qualitativa de pesquisa em que o pesquisador se

coloca como observador participante – a partir de um trabalho de campo. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas a observação (participante) e as entrevistas narrativas com questões norteadoras. Dito isto, vale mencionar que, em que pese a palavra autoconhecimento apareça por 8 vezes na pesquisa, Campos (2016) em nenhum momento a conceitua, define ou classifica.

A dissertação de Canever (2015) objetivou pesquisar a contribuição do budismo na vida pessoal e profissional de professores, considerando a autoconstrução do Ser Humano Integral. Teve como objetivos específicos: revisitar o ser professor e seu fazer docente; identificar os aspectos que o budismo agrega na vida pessoal e profissional dos professores, nas suas dimensões constitutivas: social, emocional, espiritual e racional; analisar as possibilidades de autoconstrução do ser humano, por meio dos ensinamentos budistas; interpretar os benefícios dos ensinamentos budistas ao longo do tempo para autoconstrução do ser humano na perspectiva de uma educação para a inteireza. A investigação é qualitativa, numa perspectiva compreensivo-interpretativa e baseada no entendimento de que a mudança do externo ocorre com o autoconhecimento e a transformação interna. A investigação revelou que a contribuição do budismo depende da prática dos sujeitos, da aplicação dos ensinamentos no cotidiano e com a prática restou evidenciado que o budismo contribui para a autoconstrução do ser humano na perspectiva de uma educação para a inteireza, de forma expressiva.

A autora define o autoconhecimento como a busca individual por conhecimento de si e que, por mais que possa haver semelhanças nunca será igual, pois cada um tem um DNA, um histórico de vida, experiências que o constituíram, família, conjunto de crenças, princípios. Nenhum ser humano é igual ao outro e, portanto, difícil encontrar soluções que se apliquem a todos. Canever (2015) defende ainda que o autoconhecimento é essencial para a boa prática docente, o que é reforçado por Palmer (2012, p. 18):

Conhecer meus alunos e minha matéria depende, em grande parte, do autoconhecimento. Quando não me conheço, não consigo saber quem são meus alunos. Eu os verei através de um espelho, entre as sombras da minha vida sem sentido – e quando não consigo vê-los de forma clara, não ensino bem. Quando não me conheço, não consigo conhecer minha matéria – não nos níveis mais profundos do significado pessoal e corporificado. Eu a conhecerei apenas de forma abstrata, de longe, um amontoado de conceitos tão distantes do mundo quanto eu estou da verdade pessoal.

Já a dissertação de Carvalho (2013) apresentada na Universidade Federal de Ouro Preto tem como objetivo conhecer a formação de leitores de graduandos do curso de Pedagogia do CEAD-UFOP. De forma mais específica, buscou-se compreender como esses graduandos se

constituíram leitores e quais as principais agências de letramento que os influenciaram nesse processo. Utilizou-se a abordagem qualitativa, analisando 112 memoriais produzidos pelos alunos de quatro municípios polos da parceria UAB/CEAD-UFOP. Frisa-se que, apesar da autora utilizar o termo autoconhecimento por 5 vezes em sua pesquisa, em nenhum momento o define ou classifica.

Da mesma forma podemos perceber na dissertação de Cavalcante (2013) que traz o termo autoconhecimento por apenas 2 vezes. Esse estudo tem como objetivo verificar se o tema transversal sexualidade deve ou não ser tratado em sala de aula, em busca do desenvolvimento humano, do ser homem e do ser mulher, do amor com responsabilidade, da valorização da família, para a construção de uma sociedade inclusiva. O problema de pesquisa aborda a seguinte questão: “o tema transversal sexualidade deve ou não ser tratado em sala de aula?”. Objeto de estudo desta pesquisa foram os 14 professores de graduação de Pedagogia de um centro universitário da cidade de Maceió-AL. Como procedimentos de pesquisa foram utilizados a pesquisa bibliográfica e a de campo.

A tese de Colasanto (2014) tem por objetivo investigar o registro da participação das crianças nos relatórios de avaliação, em duas Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEIs, do município de São Paulo, que recebem crianças de 3, 4 e 5 anos de idade. O trabalho de campo seguiu uma trajetória de pesquisa-ação, de acordo com a formulação de Thiollent (2004), envolvendo a pesquisadora, as gestoras e professoras de duas unidades de educação infantil e as crianças, durante o período de um ano. Os resultados revelam que a organização textual pela sequência argumentativa, proposta por Bronckart (2003) e utilizada por Colasanto (2007) na elaboração de relatórios de avaliação contribuem para a organização dos registros realizados pelas professoras. Na escrita do relatório, a criança torna-se o sujeito principal, por meio do resgate de suas falas, ações, interações e o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem. Na avaliação, as entrevistas com as crianças indicam o que elas pensam sobre os projetos e atividades desenvolvidas por elas na escola, proporcionando assim, o autoconhecimento. Verifica-se que a opinião da criança pode trazer à prática docente importantes elementos para o replanejamento das atividades. Dito isto, vale mencionar que nesta pesquisa o autoconhecimento é usado como a possibilidade de a criança refletir sobre o que gosta ou não de fazer, suas preferências.

Couto (2016) em sua dissertação objetivou analisar as experiências de formação continuada de professores da rede pública de Minas Gerais a partir da sua inserção como bolsistas em projetos de pesquisa vinculados ao edital da FAPEMIG 13/2012. Para responder

à questão da pesquisa procurou: identificar a concepção de desenvolvimento profissional que norteou os projetos investigados; identificar, a partir das trajetórias profissionais, os motivos que levaram os bolsistas a participarem dos projetos; e analisar a partir do discurso dos bolsistas: a implementação do edital, a criação de oportunidades de desenvolvimento profissional e as possibilidades de renovação de práticas educativas na escola em que trabalham. O método da pesquisa foi concretizado por meio da análise documental dos textos dos projetos investigados e da realização de entrevistas com seus respectivos coordenadores e professores bolsistas da educação básica. Os dados gerados foram analisados e descritos dentro da compreensão da implementação dos projetos como sistemas de atividade. Assim, Couto (2016) em que pese utilize o termo autoconhecimento por 6 vezes em nenhum momento o define, conceitua ou classifica.

Dantas (2016) em sua pesquisa enfocou a prática reflexiva como elemento imprescindível na formação docente na perspectiva de inclusão escolar. A tese contida é a de que a formação contínua de docentes fundamentada em uma abordagem reflexiva permite ao professor analisar seu fazer pedagógico e pode ser fator colaborativo na construção de respostas educativas diversificadas que atenda ao processo de inclusão escolar. Por meio de uma abordagem qualitativa, foi adotado como objetivo central analisar uma experiência formativa pautada na reflexão sobre a prática docente e suas possíveis contribuições para o processo de inclusão escolar desenvolvido por um grupo de professoras de determinada escola pública. Para tanto, teve como opção metodológica a pesquisa ação por compreender que esta pode tanto atender aos pressupostos de uma investigação como a de uma formação profissional por possibilitar que os sujeitos envolvidos coletivamente problematizem suas práticas e possam ressignificá-la. Os sujeitos da pesquisa foram três professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental e uma coordenadora pedagógica. Como procedimentos de investigação foram utilizados a observação, questionário, entrevistas semiestruturadas, análise documental, portfólios reflexivos e encontros reflexivos. Dito isto, observa-se na pesquisa de Dantas (2016) que, em que pese a autora utilize a palavra autoconhecimento por 4 momentos, em nenhum destes o termo é definido ou classificado.

A dissertação de Danza (2014) teve como objetivo investigar os projetos de vida de jovens em idade escolar juntamente com os valores que os subjazem. Para esta investigação partiu-se do conceito de *purpose*, entendido como um projeto de vida significativo para o próprio jovem, mas que possui implicações para o mundo além dele e de concepções de moral que buscam a compreensão dos processos de integração entre a moralidade e o self. A pesquisa

foi realizada com 240 jovens do Ensino Médio em duas escolas da região sul da cidade de São Paulo. A fim de contemplar os objetivos da pesquisa, a mesma foi dividida em duas fases: a primeira, relativa aos projetos de vida dos jovens; a segunda, referente às contribuições que a escola pode ofertar para a elaboração dos projetos de seus alunos. Os resultados da primeira fase da pesquisa indicaram que os projetos de vida destes jovens transitam entre estruturas frágeis, idealizadas ou definidas, sendo fundamentados pelos valores do trabalho, da família, da ascensão social e financeira e do compromisso social. Os resultados da segunda fase da pesquisa evidenciaram que a intervenção mencionada contribuiu principalmente para o autoconhecimento e para a atribuição de um sentido ético para os projetos de vida de seus alunos e, de forma mais discreta, para o conhecimento das profissões e aspectos relacionados ao mercado de trabalho.

A autora informa que, o autoconhecimento é exercitado em momentos de introspecção e reflexão, atividades que só podemos experimentar na companhia de nós mesmos. Entretanto, acredita que parte deste exercício consiste na vivência com o outro, afinal, é mediante nossas relações interpessoais que conhecemos nossas respostas, reações e condutas. Por esta razão, a possibilidade de partilhar pensamentos, sentimentos e planos para o futuro é fundamental para o desenvolvimento do autoconhecimento que permite a busca de realização pessoal e de felicidade. Colby e Damon (1992) afirmam que certas influências sociais são particularmente cruciais no desenvolvimento da autoimagem e das projeções futuras. Estes autores já ressaltavam que vínculos sociais fortes criam um ambiente em que a exploração do *self* floresce. E de fato é esta exploração que Danza (2014) chama de autoconhecimento, que é capaz de promover projetos vitais para que os empreende, favorecendo o desenvolvimento da identidade pessoal de cada aluno.

A dissertação de Dittberner (2016) tem como tema a desmotivação dos adolescentes com o ensino formal. A problemática envolvida é o desinteresse dos estudantes do 8º ano de uma escola Municipal do município de Monte Mor-SP em relação aos estudos. O objetivo é levantar indícios que colaborem no entendimento dos motivos pelos quais os alunos adolescentes se mostram desinteressados do ensino formal. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso, realizado no ano de 2015. Para a construção dos dados, foram utilizados a observação participante, a técnica da entrevista e um questionário com perguntas abertas. Fazem parte da amostragem da pesquisa 27 alunos e cinco professores da referida Escola Municipal. A análise se dá no cotejo entre o referencial teórico e os dados obtidos, tendo como base os conceitos de motivação (intrínseca e extrínseca),

autoestima, autoimagem, autoconceito e cuidados de si. A partir de tais conceitos, são analisadas as possíveis relações entre a desmotivação e o aprendizado formal.

A autora traz o autoconhecimento vinculado ao professor, sendo que este deve estar preparado emocionalmente e espiritualmente, com a finalidade de construir o cuidado de si visando seu autoconhecimento, como preparo para atuação em salas de aula. Dittberner (2016) traz ainda os ensinamentos de Naranjo (2005) que fala sobre a importância do autoconhecimento e da espiritualidade na vida das pessoas, principalmente para os educadores. Visto que, segundo ele, o autoconhecimento, a reeducação interpessoal e o cultivo espiritual são essenciais na vida dos profissionais da educação, pois estes precisam desenvolver o hábito de cultivar atividades que desenvolvam o lado espiritual, tal prática possibilita melhores condições de trabalho, uma vez que ao cuidar do espírito tem-se repertório emocional com condições para lidar com problemas enfrentados no contexto diário de uma escola. Dito isto, conclui Dittberner (2016) que a forma de realmente se preparar é cuidando de si mesmo, fazendo a junção da psicoterapia com o espiritual visando ao autoconhecimento, a fim de serem não somente mestres, mas testemunhas para os educandos, preocupando-se com a formação, da inteligência, sem descuidar da liberdade e da capacidade de amar.

Domingues (2018) em seu mestrado profissional em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo referiu-se às significações de professores readaptados sobre as condições de trabalho docente e suas implicações no processo de adoecimento. O objetivo geral deste estudo é identificar e analisar as relações entre as significações desses professores e seus processos de adoecimento. O grupo, composto por três professoras readaptadas PEB I, vinculado à Diretoria de Ensino de São José dos Campos-SP da rede estadual de São Paulo, respondeu a um questionário e participou de um encontro que foi gravado e transcrito. Coerente com os pressupostos teórico-metodológicos supracitados, elegeu-se o procedimento de análise e interpretação das informações denominado Núcleos de Significação. Observa-se, no entanto, que o termo autoconhecimento aparece apenas em 2 momentos nesta dissertação, sendo apenas citado de forma ampla e geral.

Duarte (2017) em sua dissertação buscou investigar se a experiência de ministrar aulas para alunos em privação de liberdade, no cenário da educação escolar de uma instituição prisional do estado de Minas Gerais, pode influenciar no processo de constituição da identidade profissional docente. A opção metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa apoia-se no modelo qualitativo, utilizando-se de investigações em campo e do estudo de referenciais teóricos para alcançar os objetivos propostos. A pesquisa contou com a participação voluntária

de cinco professores da educação escolar de uma instituição prisional e uma entrevista com a diretora da escola desse espaço de aprisionamento. Para tanto, foi utilizado como instrumentos de coleta de dados: entrevistas abertas (gravadas em áudio) e diário de campo. O material qualitativo extraído das entrevistas com os professores foi primeiramente submetido à técnica de análise de conteúdo temática. Em seguida, os resultados obtidos nesse primeiro procedimento foram cruzados e complementados com as informações obtidas por meio da entrevista com a diretora da escola e as observações registradas no diário de campo, utilizando para isso o método de triangulação de dados. Duarte (2017) informa que o processo de constituição da identidade docente reflete que identidade pressupõe autoconhecimento, capacidade de perceber-se e de tornar-se consciente de si mesmo. Desse modo, uma importante ferramenta para o processo de autoconhecimento é narrar a própria biografia.

Colocando em diálogo danças circulares sagradas, educação e formação docente, o trabalho Duvidovich (2018) buscou conhecer histórias de professoras que entraram na roda da dança. Como, em suas trajetórias pessoais, encontraram as danças circulares? O que as levou, e ainda leva, a dançar? Que relações fazem disso com a docência? Dentro do labirinto da pesquisa, tais questões foram fios que guiaram a definição e elaboração da proposta metodológica, traçada por caminhos não convencionais. As abordagens (auto)biográficas de histórias de vida e formação ofereceram o suporte teórico, contribuindo para a interlocução com o material biográfico produzido, tanto das participantes quanto da autora. Nos passos da roda de dança, centrar-se, auto-cuidar-se: dançar pode ser um caminho importante para o processo de autoconhecimento, mostram as narrativas docentes. Na análise do trabalho de Duvidovich (2018) pode-se perceber que em que pese a autora não defina ou classifique o autoconhecimento a mesma o utiliza em uma vertente mais espiritual e meditativa, trazendo, inclusive, as danças circulares e a construção de mandalas como exercícios para o autoconhecimento.

A tese de doutorado de Fernandes (2018) objetivou responder às seguintes questões: quem é o administrador de uma escola hoje? Um educador, ou um administrador? Por meio de uma narrativa interdisciplinar da história de vida do pesquisador, buscou-se sistematizar elementos que pudessem criticar uma realidade que oferece riscos à identidade da escola e que, por isso, têm comprometido sua missão; e, ao mesmo tempo, apresentar possibilidades de caminhos e ações direcionadas à construção de um currículo do profissional que a administra hoje. A partir desse movimento, foi possível construir um currículo que possibilita a formação de um educador administrador escolar, este currículo se estrutura a partir de três bases: vivência interdisciplinar; sólida formação teórica e prática; autoconhecimento. O autor vale-se de

ensinamentos de Espírito Santo (2002) e Sócrates para afirmar que a primeira constatação para a busca do autoconhecimento é sabermos do desafio de nossa ignorância, de realmente não sabermos, inclusive, quem somos. Assim, o primeiro passo para o autoconhecimento é a humildade. Além destes pensadores, Fernandes (2018) traz Fazenda (2003) ao defender que o homem vai atingindo o conhecimento de si, à medida que conhece o outro. Dito isto, o autor adota um posicionamento de que para o autoconhecimento é necessário se fazer um mergulho na própria existência, na própria história de vida.

Edilaine Maria Mendes Ferreira (2016) em sua dissertação defendida na Universidade Federal de Mato Grosso no ano de 2016 objetiva compreender como se deu o processo de aprendizagem coletiva e colaborativa, tecido por meio do diálogo Freireano entre a universidade, a escola e a comunidade do campo. Como metodologia a pesquisa possui caráter qualitativo embasada na sociopoética. Evidencia-se que as atividades formativas, desse processo, tiveram início no ano de 2013, finalizando em 2014. A pesquisa de Ferreira (2016) apenas traz por 2 vezes a referência ao termo autoconhecimento, de modo que este é abordado de forma geral e superficial.

Desta mesma forma não encontramos definição, conceituação ou classificação no estudo de Rita de Cássia Fossaluzza Ferreira (2015), em que pese a autora utilize o termo autoconhecimento por 23 vezes em sua pesquisa. Ferreira (2015) traz como tema em sua dissertação, de caráter descritiva-interpretativa, as máscaras como símbolos de comunicação e expressão. A discussão produzida centra-se nas possibilidades interpretativas a partir de olhares e sentimentos presentes e expressos em uma prática educativa docente, desenvolvida nas disciplinas de Leitura e Produção de Texto e Comunicação e Expressão junto a alunos dos primeiros semestres de 2014, dos cursos de Psicologia, Pedagogia e Sistemas de Informação, que se constituem nos sujeitos da investigação, do Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL – unidade de Americana - SP – o campo empírico da pesquisa. Tal prática incide em construir dispositivos que auxiliem a comunicação e expressão oral e escrita dos alunos e, neste caso, consiste na construção de máscaras de gesso em que são registrados símbolos pessoais. As análises demonstram a relevância das máscaras como dispositivos para projeções interiores-exteriores que facilitam processos de autoconhecimento e de desenvolvimento da oralidade em público.

Franco (2018) apenas faz menção a palavra autoconhecimento por uma vez no resumo de sua dissertação, de modo que não a conceitua ou define. A autora aborda em sua pesquisa a efetivação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola dentro da

Comunidade Remanescente de Quilombo São Domingos, no município de Paracatu, Minas Gerais. Possui como objeto de análise a educação quilombola na Comunidade São Domingos, com o principal objetivo de compreender como se materializam as políticas públicas para a educação escolar quilombola dentro dessa comunidade. A pergunta norteadora é: quais os/as responsáveis pela efetivação de políticas públicas para a educação quilombola na Comunidade São Domingos? A pesquisa se configura como etnográfica, portanto, qualitativa, e utiliza as técnicas de revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa-ação.

A dissertação de Franke (2013) defendida na Universidade Federal do Paraná tem como objetivo identificar como a intervenção psicopedagógica pode contribuir positivamente no desenvolvimento do aluno com altas habilidades/superdotação submetido a aceleração escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, que utiliza como método o estudo de caso. Foi analisada e discutida a trajetória de um menino com altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico que na sequência do atendimento psicopedagógico foi acelerado dois anos. Em sua pesquisa a autora utiliza o termo autoconhecimento por 4 vezes, no entanto, em nenhum momento a define ou classifica.

Da mesma forma encontramos a pesquisa de Goulart (2013) que nas 3 vezes se utiliza o termo autoconhecimento faz de forma genérica e superficial. Nesta dissertação a autora tem como objeto de análise a avaliação da aprendizagem na Educação à Distância online (EaD), uma modalidade de ensino que, nestes últimos anos, tornou-se de grande importância no cenário educacional brasileiro. O estudo buscou identificar as estratégias avaliativas que vêm sendo preconizadas, bem como de que maneira essas estratégias governam e regulam as condutas de alunos e professores e que tipo de sujeito visam produzir. O material empírico utilizado é constituído por 14 artigos publicados no livro *A avaliação da aprendizagem em ambientes online*, cujos autores são, em sua maioria, pesquisadores nacionais reconhecidos no campo da EaD.

A dissertação de Gregorin (2016) defendida na Universidade Nove de Julho, em que pese refira-se por 5 vezes ao termo autoconhecimento em nenhum destes momentos o define ou classifica. Referida dissertação tem como tema e objeto de estudo “O mal-estar docente na contemporaneidade”. Problematiza-se o que caracteriza o mal-estar docente e como ele se desenvolve no ambiente escolar, tendo por objetivo geral compreender o mal-estar docente, no contexto das relações internas à escola para pensar estratégias que visem à superação do problema. Com relação à metodologia de pesquisa empírica, ela é de cunho qualitativo e envolve relatos das histórias orais de vida temática dos sujeitos, das quais é possível extrair as

seguintes categorias de análise: frustrações, desânimo, expectativas, mecanismos de superação, família e autoridade.

A dissertação de Kruger (2013) trata de questões relacionadas à educação, ao imaginário e à memória, como mote para pensar a autoformação humana. A problemática refere-se à escrita sobre os elementos importantes e constitutivos da formação da autora, como educadora, também sujeito da pesquisa, com o intuito de problematizar reflexões sobre autoformação. Ao final, pode-se concluir que os imaginários e as memórias são fundamentais para compreender a autobiografia, para pensar e sentir o percurso (auto)formativo, pois eles desempenham uma função importante em direção ao autoconhecimento. Nesta pesquisa o termo autoconhecimento é utilizado por 2 vezes, de forma geral e genérica.

A tese de Lech (2017) teve como objetivo compreender a influência da pessoa dos professores na humanização da Educação. Ao delimitá-lo, pretendeu-se verificar como os gestores, professores e estudantes de uma escola privada, do município de Passo Fundo, RS, eleita mediante questionário, conceituam, percebem, valorizam e vivenciam o seu papel, bem como conhecer como se dão suas relações interpessoais e como aconteceu sua formação pessoal e profissional. Para tanto, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa de caráter qualitativo descritivo e interpretativo. Os sujeitos da pesquisa foram cinco gestores, os quais responderam a um questionário, dezessete estudantes da turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, que escreveram uma carta aos professores que mais marcaram a sua vida; por fim, esses professores, em um total de seis, destinatários das cartas dos estudantes, responderam a um questionário e fizeram um depoimento sobre as cartas recebidas. Dito isto, vale ressaltar que, em que pese a autora identifique que o autoconhecimento ajuda o professor a conhecer suas atitudes e a dos próprios estudantes, bem como que, a partir do seu autoconhecimento o professor pode avaliar-se e refletir e compreender suas ações em novos contextos mais atualizados, inovando e transformando-se, em momento algum Lech (2017) define como deve ser alcançado este autoconhecimento, nem elenca ferramentas necessárias para se alcançá-lo, apesar de utilizar por 20 vezes o termo em seu trabalho.

Leon (2017) em sua dissertação apenas utiliza o termo autoconhecimento por uma vez, sendo esta de forma geral e superficial. A pesquisa deste autor tem como objetivo averiguar o processo de constituição da identidade profissional docente e o processo de profissionalização destes professores. Como coleta de dados, serão utilizadas entrevistas e o grupo focal com cinco professores da escola técnica estadual Pedro Badran, unidade do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. O estudo apresenta-se como uma pesquisa qualitativa e utiliza da

metodologia da Análise do Discurso na perspectiva de Mikhail Bakhtin para proporcionar a análise subjetiva dos fenômenos estudados e também permitir através das falas dos sujeitos a participação do de forma ativa, permitindo rememorar a sua trajetória profissional e promover a autorreflexão do seu caminho individual na construção de sua identidade profissional como professor.

A tese de Lima (2014) tem como objetivo demonstrar a importância que Schiller atribui à educação estética como fundamento para a liberdade humana. Schiller parte do antagonismo entre os impulsos, e através da educação estética via teatro, o homem dotado de uma natureza sensível e racional, dialeticamente os impulsos vão se autoconhecendo, e nesse autoconhecimento (sendo esta a única vez que o termo autoconhecimento aparece em toda a tese), o homem atingirá o equilíbrio entre os impulsos desenvolvidos historicamente pelo impulso lúdico que conduzirá o homem ao Estado Estético.

A dissertação de Lima (2013) objetiva analisar a contribuição das práticas pedagógicas no processo de (auto)formação, identificando as disposições e o *habitus* que fizeram parte da trajetória e preparação da pesquisadora para atuar no Ensino de Arte. O trabalho tem como protagonista a própria pesquisadora, enquanto sujeito e objeto da pesquisa, e suas experiências ocorridas desde a infância até a formação enquanto educadora. O recurso utilizado para a realização da pesquisa foi a construção de um diário (auto)biográfico com registros que resgatam a trajetória pessoal perpassando pela profissional, vivenciado desde a infância até o momento da realização desse estudo. Durante a pesquisa de Lima o termo autoconhecimento aparece por 2 vezes, não sendo definido nem classificado, apenas estando vinculado ao processo de formação como professora formadora.

A tese de Mancini (2013) tem como objetivo principal investigar qual é o valor simbólico atribuído à leitura nos trajetos (como leitores) dos sujeitos participantes deste estudo; ou seja, o foco principal desta pesquisa é dirigido aos núcleos simbólicos que afloram quando – em processos (auto)biográficos – cada pessoa se narra. O aporte metodológico, de caráter qualitativo sócio-fenomenológico, vinculou-se, em especial, à metodologia de convergências proposta por Gilbert Durand, ligada à Antropologia do Imaginário. Na presente pesquisa o termo autoconhecimento é utilizado por 3 vezes de forma genérica e superficial, estando atrelado ao conhecimento de si mesmo.

A dissertação de Marques (2016) apresenta uma pesquisa-ação participante, que contou com a participação de nove docentes atuantes no Programa Jovem Aprendiz (PJA). O Diário de Aula, de Miguel Ángel Zabalza, é o principal instrumento de pesquisa deste estudo, que teve

como objetivo analisar a Inteligência Emocional, de Daniel Goleman, diante de situações conflitivas na prática docente, a partir de um processo de formação-investigação. A análise de dados foi realizada com base na Análise Textual Discursiva (ATD) a partir de quatro categorias a priori, sendo elas: conflitos em sala de aula, reações diante das situações conflitivas, emoções e reflexão sobre a prática. Os resultados deste estudo apontaram que a reflexão sobre a prática, a partir do uso do Diário de Aula, contribui para a identificação das emoções e da releitura sobre as ações e reações dos docentes diante das situações conflitivas.

Informa a autora que a empatia é sustentada pelo autoconhecimento, quanto mais consciente estivermos acerca de nossas emoções, mais facilmente poderemos perceber o sentimento alheio. Ademais, afirma Marques (2016) que foi possível perceber que o uso do diário de aula além de estimular a reflexão sobre a prática docente, favorece o processo de autoconhecimento emocional. Isto porque os docentes iniciaram um movimento de escrita e reflexão sobre situações vivenciadas no dia a dia, de modo que, o exercício de repensar a prática corroborou para a autorreflexão de forma a incentivar o autoconhecimento. Assim, defende a autora que o Diário de Aula é um instrumento de muita viabilidade e que facilita o processo de autoconhecimento e (trans)formação docente.

O estudo de Meinicke (2017) versa sobre a Formação Continuada voltada ao professor de creche. A investigação foi desenvolvida a partir de uma pesquisa qualitativa de abordagem hermenêutica e teve como objetivo compreender como as Ações de Formação Continuada ofertadas ao Professor de Creche, pela Secretaria Municipal de Educação – SME de Florianópolis/SC, no período 2013-2015, instigavam uma formação na perspectiva de uma Educação para a Inteiraza. Por definição, a Educação para a Inteiraza constitui-se numa proposta que implica e propõe desenvolver as dimensões constitutivas do Ser ao instigar e inspirar o desenvolvimento do autoconhecimento, da autoformação. A pesquisa teve como sujeitos seis servidores que estavam à frente do planejamento e/ou da implementação das ações foco deste estudo. A coleta de dados foi realizada através de pesquisa documental e de entrevistas semiestruturadas, sendo a análise dos dados submetida aos princípios da Análise Documental e da Textual Discursiva.

Na tese de Meinicke (2017) o autoconhecimento é concebido como um processo representado pelo entendimento acerca do próprio comportamento e um interesse em avançar em direção ao autodesenvolvimento para assim poder estar em condições de compreender o outro e o mundo. O mesmo aponta Josso (2004), ao afirmar que o movimento de caminhar para si se dá como um projeto a ser incrementado no transcorrer de uma vida, cuja atualização

consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Assim, é possível considerar que aspectos humanos e existenciais compõem e contribuem para e no autoconhecimento do professor. Nesse processo, características pessoais e interesses diversos configuram uma série de elementos que podem favorecer a formação na perspectiva da Educação para a Inteira. Dito isto, segundo Palmer (2012), identidade e integridade são dimensões sutis do complexo, difícil e perpétuo processo de autoconhecimento. A identidade se encontra na intersecção das diversas forças que constroem a vida, e a integridade se encontra na relação com essas forças de um modo que elas me tragam plenitude de vida em vez de fragmentação e morte.

O Projeto A Transdisciplinaridade como recurso teórico e metodológico de alfabetização de jovens e adultos no semiárido sergipano – TRANSEJA – como formação continuada desenvolvida no período 2011 a 2012 através do Observatório de Educação – OBEDUC – do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – PPED/UNIT, pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professor – GPGFOP/CNPq, é o objeto de estudo da dissertação de Menezes (2015). O objetivo desta investigação é analisar parte do acervo disponível nesse Observatório com especial atenção para os depoimentos sobre a experiência de formação vivenciada pelos diversos segmentos envolvidos: bolsistas e voluntários (mestrandos, graduandos licenciandos, professores de educação básica da rede pública); alfabetizadores e coordenadores de turmas; gestores do Projeto Sergipe Alfabetizado vinculado ao Programa Brasil Alfabetizado (SEALF/PBA); e lideranças comunitárias. Trata-se de uma investigação qualitativa, por buscar uma interpretação, em maior grau de profundidade, dos dados encontrados nos 14 portfólios dos municípios contemplados pelo projeto. Também foram utilizadas análises quantitativas que permitiram uma percepção mais complexa e mais próxima da realidade observada e alcançada. Dito isto, vale mencionar que apesar desta dissertação trazer por 5 vezes o termo autoconhecimento acaba utilizando-o de forma geral e genérica, não tecendo qualquer definição, classificação ou conceituação.

A dissertação de Modesto (2016) apresenta resultados de uma investigação tendo como arcabouço teórico a abordagem Histórico-Cultural. Essa abordagem está fundamentada nos estudos desenvolvidos por Luria, Leontiev e Vygotsky. Em estudo bibliográfico a autora levantou algumas indagações relacionadas ao trabalho docente, à formação de professores e a constituição de subjetividades. Junto a outros autores que dialogam com a perspectiva

Histórico-Cultural, e seguindo o princípio dialético, esta investigação constitui em identificar as relações que o professor do ensino superior estabelece entre as dimensões profissionais da docência e suas dimensões pessoais. A metodologia é qualitativa, devido seu caráter exploratório interessando-se pelo processo de como diferentes professores, dão sentido às suas vidas e à profissão. A pesquisa fundamentou-se em entrevistas semiestruturadas seguindo um roteiro de perguntas, enfocando atividades ou acontecimentos que fizeram parte do percurso profissional de cinco docentes do ensino superior. A interpretação do material colhido foi por meio da análise de conteúdo, para conhecermos melhor em como estes sujeitos tornaram os professores que são e atuam na profissão, desenvolvendo dimensões específicas da docência. Modesto (2016) traz em sua pesquisa a utilização por 11 vezes do termo autoconhecimento, onde por vezes o vincula como desenvolvimento da autoconsciência e por vezes à formação docente.

Na dissertação de Lauren Carla Escotto Moreira (2016), desenvolvida a partir dos Estudos Culturais, de vertente pós-estruturalista, é discutido o modo como as postagens realizadas em fan pages do Facebook, compostas por textos curtos, que se assemelham às produções de autoajuda, comporiam uma forma de pedagogia cultural que ensina sobre o tipo de individualismo que se desenvolveu na era moderna e como esses indivíduos são instigados a agir sobre si mesmos, os únicos responsáveis por sua vida. Essas postagens foram analisadas a partir da noção de discurso foucaultiana, segundo a qual o discurso não apenas descreve o mundo, mas constitui aquilo de que fala. Essa abordagem permite mostrar que a autoajuda parece estar ajudando os indivíduos a modificarem suas relações consigo mesmo e, na sequência, do indivíduo com os outros a partir de práticas que levam cada um ao autoconhecimento, ao autocontrole, a autonomia, a autodisciplina bem como a produção de sua autoestima. Frisa-se, no entanto, que nas únicas 2 vezes que o termo autoconhecimento foi utilizado apenas foi citado, sem qualquer preocupação com a definição.

A tese de Ramon Missias-Moreira (2017) teve como objetivo geral apreender as representações corporais no facebook produzidas por professores universitários de cursos de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida na rede social facebook, ancorada nos pressupostos da Cibercultura e da Teoria das Representações Sociais, com abordagem descritiva, analítica e exploratória, sob o viés da netnografia. Foram 12 participantes, 8 professores universitários brasileiros e 4 espanhóis. Por se tratar de pesquisa em redes sociais, se escolheu estratégias complementares de coleta e produção de dados: legendas, comentários e as próprias fotografias do álbum fotos do perfil do facebook, diálogos

no Messenger, além de questionário semiestruturado. Esses dados foram interpretados pela Técnica de Análise de Conteúdo e após a triangulação metodológica, se constatou que os corpos virtualizados na tela do facebook estão marcados pela necessidade de ver e se fazer ser visto e que nessa interação compartilhada com o outro constroem conhecimento e conteúdos de/sobre si, ensinam e aprendem mutuamente pelas Pedagogias corporais e conexões estabelecidas. Dito isto, observa-se que na pesquisa de Moreira (2017) o termo autoconhecimento não é definido nem conceituado em nenhuma das 5 vezes que é mencionado.

A tese de Gerusa Do Livramento Carneiro De Oliveira Moura (2017) se caracteriza como um estudo de caso de base qualitativa, com características etnográficas, inspirado na etnopesquisa crítica e multirreferencial e na pesquisa contrastiva. Teve como objetivo geral compreender quais os contrastes entre as políticas de sentido de formação no dispositivo legal das diretrizes curriculares para a formação do pedagogo (DCN) e as experiências formativas na cotidianidade dos atos de currículo de um curso de Pedagogia, licenciatura, na cidade de Salvador/BA. No trabalho de campo, a autora recorre aos dispositivos de produção de informações através das narrativas dos sujeitos – professores, estudantes e egressos do curso: a entrevista semiestruturada, individuais e coletivas, o grupo focal, análise documental, roda de memória e conversa e observação participante. A autora refere-se apenas em 2 momentos ao autoconhecimento, de modo que, não o define ou conceitua.

A dissertação de Marcelo Pinto Coelho Moura (2017) foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação (PPGP) do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF) e tem como objetivo propor o aperfeiçoamento do modelo de avaliação institucional já experimentado na E. E. Professora Palmira Morais, possibilitando sua efetividade como instrumento de gestão estratégica. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa foi desenvolvida tendo como pressuposto a avaliação institucional como um mecanismo de gestão que possibilita um autoconhecimento da instituição permitindo a correção e o aperfeiçoamento dos processos internos e um aprendizado contínuo da comunidade escolar. Com relação ao percurso metodológico foi adotada a pesquisa qualitativa com a utilização de entrevista estruturada e grupo focal. Nesta pesquisa percebe-se que o autor vincula o autoconhecimento ao fator institucional, de modo que, a avaliação institucional possibilita um autoconhecimento de todos os processos desenvolvidos na escola revelando os pontos fortes e fracos da escola permitindo a correção e aperfeiçoamento da trajetória a ser seguida por todos envolvidos na comunidade escolar.

A pesquisa de Nascimento (2017) foi realizada no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Esta pesquisa objetivou levantar as atividades do cotidiano da pessoa com deficiência visual, correlacionar estas atividades com as ações básicas do esforço e os elementos do Contato Improvisação; aplicar a proposta e a prática educativa em dança com a diversidade corporal da pessoa cega e baixa visão; e, identificar como as aulas de Contato Improvisação refletem no processo de construção de autonomia da pessoa com deficiência visual. O problema de pesquisa trata dos elementos da dança de contato improvisação aliados as ações básicas de esforço de Laban, para constituir uma proposta educativa para corpos eficientes. A metodologia foi estruturada tendo como método da ciência a fenomenologia, a pesquisa-ação como método de pesquisa empírica, abordagem qualitativa, coleta de dados oficinas práticas e entrevistas semiestruturadas que possibilitaram a análise de dados e conclusão da pesquisa. Em Nascimento (2017) observa-se que termo autoconhecimento aparece por 6 vezes sendo trabalhado de forma geral e relacionado ao autoconhecimento corpóreo.

Oliveira (2016) em sua dissertação de Mestrado teve por objetivo investigar a própria prática docente como meio de produzir reflexões sobre o processo formativo docente, em uma perspectiva do professor-pesquisador. A abordagem metodológica contou com as narrativas autobiográficas, meio de investigação da própria prática docente, e aproximou-se também, em certa medida, dos estudos do cotidiano. A pesquisa levou à compreensão, principalmente, da formação docente enquanto processo construído ao longo da vida, em que aspectos anteriores à academia e o cotidiano escolar se constituem espaços-tempos formativos; as rodas de conversas enquanto instâncias formativas; e a contribuição das crianças para a formação da prática docente por meio das pistas que forneceram sobre as relações de ensino-aprendizagem e das reflexões provocadas por sua participação no cotidiano. No trabalho de Oliveira (2016) o autoconhecimento é utilizado por 4 vezes sendo vinculado ao conhecimento e conhecimento científico segundo Santos (2010).

A dissertação de Paula (2015) registra os resultados de investigação sobre as Representações Sociais encontradas entre os professores efetivos na rede pública, a respeito das relações entre Educação e Psicologia no contexto escolar. A iniciativa toma por base a tramitação do projeto de lei que determina a inserção de psicólogos e assistentes sociais na rede pública de educação em todo o país (PLC 3688/2000). Caracterizou-se como pesquisa básica e exploratória, com o intuito de colaborar no debate sobre a presença do psicólogo nas unidades escolares. Utilizou-se a teoria das Representações Sociais para orientar a abordagem, assim

como a interpretação do material foi desenvolvida por meio dos recursos da análise de conteúdo e da triangulação de dados. Na pesquisa de Paula (2015) o termo autoconhecimento aparece por 8 vezes de forma geral e genérica, não havendo qualquer conceituação, definição ou classificação a respeito do termo.

O trabalho de Pereira (2014) trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva que teve por objetivo investigar as concepções sobre masturbação de jovens evangélicos e a educação sexual recebida pela família, religião e escola sobre o tema na percepção dos mesmos. A coleta de dados se baseou na confecção de um diário de campo e um roteiro de entrevista, contendo questões abertas distribuídas em blocos temáticos. Os resultados mostraram que os/as jovens conceberam que a masturbação seria uma forma de obter prazer sem o parceiro do sexo oposto; alívio de tensão e autoconhecimento. As divergências entre as opiniões pessoais e valores familiares e religiosos advieram do conhecimento científico e a influência de amigos e mídia, motivo pelo qual se defende que a escola é o espaço ideal para trabalhar temas relacionados à sexualidade. Nesta pesquisa o autoconhecimento aparece por 6 vezes, estando ligado à questão corporal como a masturbação, conhecimento do próprio corpo e áreas de prazer.

Raissa de Almeida Pereira (2017) propôs em sua tese de doutorado a construção de um dispositivo psicopedagógico que (re)signifique a Dor Espiritual da Perda, de modo a auxiliar quatro jovens enlutados a lidarem com suas perdas provocadas por mortes de figuras de afeto ocorridas de maneira violenta. Foram eleitos como caminhos metodológicos nesta pesquisa a História de Vida e Formação e a intervenção RIME (Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade). A integração dessas duas vias de acesso ao autoconhecimento formador e transformador produziram resultados bastante profícuos, demonstrando que ainda que a ruptura de um vínculo por morte provoque dores inevitáveis, estas podem ser (re)significadas, adquirindo um sentido nutridor de novas formas de se viver, amar e lidar com a finitude. A pesquisa de Pereira (2017) utiliza por 6 vezes o termo autoconhecimento de forma geral e superficial.

O objetivo de Rache (2016) em sua pesquisa foi investigar o fenômeno, seu conteúdo, referenciais teóricos, as metodologias e os sentidos que abriga, propondo o construto transdisciplinar Arte-Educação Ambiental. Em sua metodologia a pesquisa partiu de uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa exploratória e participativa, realizada no âmbito de um coletivo-pesquisador, composto por 8 arte-educadoras ambientais. A tese da pesquisadora é de que a Arte-Educação Ambiental é um campo propício para desconstruir as dicotomias do pensamento moderno, rompendo com a hegemonia do

pensamento científico nos processos educativos, pois ela opera com a racionalidade sensível, possibilitando-nos o autoconhecimento e o conhecimento do outro, de maneira que venhamos a estabelecer modos de interação sociedade–natureza e dos seres humanos voltados à formação de valores ecológicos e condutas sustentáveis. Nesta pesquisa a autora utiliza o termo autoconhecimento por 12 vezes e, em que pese, não haja uma definição, conceituação ou classificação do termo pode-se perceber que Rache (2016) utiliza-o como sinônimo de conhecimento de si mesmo, vinculando-o a técnicas de meditações e yoga.

Rego (2017) em sua dissertação procura mapear publicações feministas de cinco países latino-americanos, observando a ideia de militância contida no ato da veiculação do conhecimento. Essas publicações, possuem um tipo de atuação de cunho político, evidenciando assim mais uma maneira de exercer o ativismo feminista. Baseando-se numa metodologia qualitativa e fazendo uso do método do caso alargado, conforme Santos (1983), o autor buscou verificar se há uma relação grande dos temas educação e “conhecimento científico” com o feminismo na produção de saberes por parte das mulheres docentes nas academias latino-americanas e como isso se verifica em termos de militância das mesmas. Nesta pesquisa, em que pese Rego (2017) utilize o termo autoconhecimento por 9 vezes em nenhum momento o conceitua ou classifica. Da mesma forma acontece na tese de Rodrigues (2013), que utilizou o termo autoconhecimento por 6 vezes de forma superficial e teve como objetivo conhecer as expectativas e as percepções de mulheres professoras de um município próximo a Porto Alegre, RS, quanto ao seu processo de envelhecimento, além de verificar o uso ou não de estratégias para falarem do (sobre o) tema envelhecimento nas escolas onde trabalham.

A dissertação de Rosa (2013) busca investigar e demonstrar as relações da corrida de rua com a produção de sujeitos. Entender a corrida como uma prática cultural que influi na construção de modos de viver, levando em consideração sua articulação com o mercado de produtos e serviços (incluindo aí os eventos e os grupos de corredores) e a educação. Afirma a autora que a corrida exerce influência nos modos de ser e viver e que as motivações desta prática vão muito além da busca por uma vida saudável. A corrida produz lições de vida, concede ferramentas para o autoconhecimento (única vez que o termo foi utilizado na pesquisa), provoca a exposição de si e favorece a sociabilidade.

A pesquisa de Santana (2018) é um estudo de caso sobre uma experiência de formação feminista baseada na metodologia da autorreflexão com o grupo FeminismoAgora! A pesquisa possui um caráter autobiográfico, uma vez que a autora foi integrante do FA!, assim como, busca investigar a concepção político-pedagógica da formação, os aprendizados construídos, e

sua influência no sentido de engajamento das educandas no movimento feminista, atentando para as relações de poder existentes no processo. Nesta dissertação Santana (2018) utiliza por 5 vezes o termo autoconhecimento de forma geral e superficial.

A dissertação de Ricardo André Ferreira De Oliveira Santos (2018) pretende apresentar e problematizar critérios de qualidade necessários para se avaliar vídeos informacionais de qualidade para o ensino de Física. Trata-se de um trabalho qualitativo, que utiliza a metodologia de pesquisa documental. Testes-pilotos com o guia discutem a necessidade de o professor ter capacidade de interpretação e análise crítica para conseguir avaliar um vídeo adequadamente, bem como a necessidade dos cursos de formação de professores de trabalharem os conceitos de alfabetização midiática e informacional para formação discente no contexto da cultura da convergência midiática. Observa-se que a pesquisa de Santos (2018) utiliza apenas por 2 vezes o termo autoconhecimento de forma geral e superficial.

A pesquisa de Thais Yuri Jo Santos (2018) buscou estudar os princípios éticos do Yoga a partir de referenciais teóricos orientais e ocidentais e verificar se o Ocidente utiliza esses conceitos quando absorve esta filosofia a fim de praticá-la. Como amostra da assimilação dos conceitos éticos pelo Ocidente, este estudo de carácter qualitativo utilizou o método análise de conteúdo para investigar os temas e os discursos sobre a ética nas matérias da Revista Guia de Yoga. Na dissertação de Thais Santos (2018) o termo autoconhecimento foi utilizado por 12 vezes e, em que pese não tenha tido uma definição ou classificação do termo, pode-se perceber que a autora o vincula à libertação da consciência, à busca pelo “Si próprio”, pelo “não ego”, sendo o autoconhecimento essencial para a clareza e compreensão de nossas ações.

O objetivo da dissertação de Schiavo (2014) é refletir sobre a Arte na formação humana. Para isso, toma-se campo empírico, relacionando o trabalho do Coletivo Clandestino, com algumas formas de teatro dialético surgidas no século XX. O foco é o método de trabalho exercido pelos artistas, com características fundamentadas em sua pesquisa envolvendo emancipação humana e, portanto, integradas às demandas da linha de pesquisa Trabalho, Tecnologia e Educação. Esta maneira de trabalhar busca realizar uma prática artística por meio da qual o ator e o público são considerados sujeitos ativos, que adquirem autoconhecimento durante o processo criativo e na interação entre si. Dito isto, vale ressaltar que as únicas duas vezes que o termo autoconhecimento aparece na pesquisa encontra-se de forma superficial e geral.

O estudo de Seyr (2013) parte de uma experiência docente de alfabetização voltada à Educação de Jovens e Adultos, realizada na Região Noroeste de Campinas, nos anos de 2007 e

2008, onde foi utilizado o Psicodrama Pedagógico como aliado à aprendizagem, mas, principalmente, estimulando processos de autoconhecimento e o desenvolvimento emancipatório dos alunos. Num exercício que incluía o resgate de memórias através de histórias orais, os educandos voltavam-se para suas subjetividades e, ao revelá-las, estas ganhavam no coletivo novas interpretações, novas ações dramáticas e sentidos.

O autoconhecimento é se permitir uma pausa para aperceber-se e continuar a trilha para infinitos caminhos que se abrem, estando certos que estaremos sendo mais inteiros, conosco mesmos. Assim, para Seyr (2013) o exercício do autoconhecimento favorece a percepção de sentidos que derivam do próprio sujeito diante dos fatos vividos, mas também favorecem o reencontro com aspectos não assumidos ou desconhecidos para o sujeito. De modo que, são instrumentos de autoconhecimento: o questionamento, o registro, o estranhamento, olhar aproximado e distante, a aceitação da presença do que ainda é invisível, a análise e a interpretação.

A pesquisa de Silva (2015) defendida na Universidade Estadual de Campinas consiste em analisar experiências no ensino de arte para crianças, de 05 a 12 anos, realizadas em escolas da Rede Estadual de Ensino – Diretoria de Ensino Campinas Oeste, no município de Campinas, de 2010 a 2014. Dito isto, vale mencionar que, em que pese o autor não se aprofunde na conceituação do autoconhecimento nas 13 vezes que se refere ao termo, o mesmo vincula o autoconhecimento ao processo criativo, como o desenho e a autobiografia.

O estudo de Sousa (2016) tem como objetivo geral investigar o desenvolvimento da reflexão na formação continuada de alfabetizadores. Trata-se de uma pesquisa narrativa na qual utilizou-se como técnica de produção de dados o memorial de formação, orientado por um roteiro norteador e a entrevista narrativa, partindo de uma questão geradora. A pesquisa contou com a participação de oito alfabetizadoras e teve como contexto quatro escolas públicas da rede municipal de Teresina/PI. O estudo mostra que a formação continuada é importante na qualificação da prática docente e possibilita o exercício da reflexão a partir da análise racional da prática docente, da socialização de conhecimentos e de experiências. Mostra, também, a necessidade de ampliar a reflexão nos processos formativos como aspectos que favorecem ao autoconhecimento e conhecimento da prática. Sousa (2016) utiliza por 7 vezes o termo autoconhecimento e apesar de não o definir, vincula-o à prática docente.

A pesquisa de Sousa (2013) objetivou, de modo geral, analisar os resultados da avaliação institucional das escolas estaduais do município de Fortaleza na percepção do professor e comparar aos resultados de aprendizagem nas disciplinas de língua portuguesa e

matemática na 3ª série do ensino médio coletados no SPAECE 2011. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa descritiva de cunho exploratório, mediante o uso de dados secundários, em uma amostra composta de vinte e quatro escolas estaduais de ensino médio, que participaram da avaliação institucional da AVALIA, como também do SPAECE-Ensino Médio em 2011, sendo doze escolas com maior proficiência média e doze escolas com menor proficiência média. Nesta dissertação a autora vincula o autoconhecimento à avaliação escolar, visando o conhecimento da realidade escolar, a qual envolve toda a comunidade no seu Projeto Político Pedagógico e no Plano de Desenvolvimento da Escola.

Souza (2014) traz em seu trabalho “Práticas autoformativas na formação continuada do educador na perspectiva de um sujeito ecológico” um olhar especial para a Corporeidade, Meditação e Respiração na sessão 6 da dissertação em educação da Universidade de Brasília. Trata-se de uma pesquisa participante que utilizou como método, oficinas, roda de conversa, entrevista, questionário aberto e diário de campo. Os sujeitos da pesquisa foram onze professores e os resultados revelaram que os participantes acreditam que atividades autoformativas como meditação e outras podem auxiliar a formação pessoal, social e ambiental contribuindo com a formação continuada. Observou-se valores de abertura à mudança e a constituição de um comportamento ecológico, também denominado pró ambiental, que se caracteriza por atitudes sustentáveis e biocêntricas. Concluiu-se, portanto, que as atividades propostas podem promover benefícios revitalizando o sistema auto-eco-organizativo e funcionar como práticas preventivas. São atividades restauradoras psicofísicas e de autoconhecimento e favorecem o diálogo do sujeito com seu corpo, mente e psiquismo instigando processos de individuação e pertencimento.

Pensando na construção discursiva dos sujeitos e sua relação com autoconhecimento, prazeres e descobertas, Souza (2013) questiona em sua dissertação: que processos de subjetivação, relações de gêneros e sexualidade estão presentes nas aulas de Educação Física, mantendo um diálogo entre a formação docente e a prática nas escolas através da disciplina de Estágio Supervisionado da Licenciatura. Para coleta de dados da pesquisa foram feitas observações, relatórios e diários de campo como focos de investigação tanto nas aulas da disciplina de Estágio quanto nas práticas das escolas, preocupando com aquilo que se constrói nos discursos da escola e nos bancos da universidade para as questões de gênero e sexualidade. Nesta dissertação o autor utiliza por apenas 2 vezes o termo autoconhecimento, sendo de forma geral e superficial.

O objetivo de Souza (2016) em sua dissertação foi evidenciar uma compreensão de homem frente à corporeidade descrita por Merleau-Ponty, voltando-se ao caráter formativo a partir de uma visão de existência inseparável do mundo, ou do homem e suas partes física e metafísica. O percurso metodológico percorrido apresenta-se como uma investigação conceitual que se vale da leitura e análise de textos, buscando a compreensão do caráter pedagógico da cultura corporal e seu alcance como um processo de formação do homem. Evidencia-se que este estudo não visa oferecer uma ferramenta metodológica, mas sim possibilitar uma reflexão acerca dos processos formativos, urgindo na Educação a importância do autoconhecimento (sendo esta a única aparição do termo autoconhecimento em toda a dissertação) e da autorreflexão frente às vivências do sujeito encarnado.

A tese de doutorado de Speakes (2017) visitou o programa de formação colaborativa e contínua de professores em serviço da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Áureo Monjardim da Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. A pesquisa analisou a ação da escola e também, sua relação com a agenda oficial para as escolas do município de Vitória-ES. O objetivo deste trabalho foi delinear algumas das ações coletivas dos professores na busca por uma continuidade de formação e aprendizado e seus resultados na formação individual, no fortalecimento do grupo e no trabalho prático com os alunos. Investigou ainda como um grupo fortalecido pela formação continuada responde às situações de conflito muitas vezes propostas pelos oficiais de ensino. Esta pesquisa inspirou-se no trabalho metodológico dos pesquisadores Ivor Goodson e Scherto Gill que fazem uso da narrativa e discussão como pedagogia de formação. Por fim, vale mencionar que nesta tese a autora utiliza por 5 vezes o termo autoconhecimento de forma genérica e superficial, não havendo qualquer conceituação, classificação ou definição.

A dissertação de Tonanni (2014) trata-se de pesquisa qualitativa do tipo investigação interdisciplinar, onde buscou encontrar o ponto de equilíbrio entre formação e gestão na educação. Foi desenvolvida a partir de intervenções interdisciplinares realizadas com diferentes setores de uma escola de educação profissional – Senac Santana. Pode-se perceber com esta pesquisa que as intervenções junto aos educadores é um processo de construção lento, que exige disciplina e ações conjuntas e integradas, que promovem a possibilidade de trocas efetivas, estimulam o autoconhecimento e ampliam a compreensão sobre a necessidade de uma educação transformadora e seu papel no processo educativo. Baseando em Fazenda (2011) e Espírito Santo (2008) a autora informa que o autoconhecimento é fundamental para nos reconhecermos

e reconhecermos o outro, na sua inteireza e como parceiro, sendo necessário no sentido da autoconsciência, de quem você é.

O objetivo principal do trabalho de Torres (2015) é pesquisar a corporeidade nas práticas no 1º ano do Ensino Fundamental. Inicialmente se apresenta uma revisão bibliográfica de temas como educação, emancipação e corporeidade no intuito de tecer relações entre as áreas e verificar se podem contribuir para uma educação mais libertadora e menos opressora. Outro objetivo é analisar o planejamento das práticas pedagógicas em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental. A metodologia de pesquisa utilizada foi uma investigação qualitativa, o procedimento é o estudo de caso que foi realizado através da análise dos documentos de uma escola pública municipal de Lavras. Por fim, vale mencionar que, em que pese a autora utilizar por 9 vezes o termo autoconhecimento em sua dissertação em nenhum momento o define, conceitua ou classifica.

A tese de doutorado de Vasconcellos (2015) trata-se de um estudo investigativo que se nutre de inquietações e desejos relacionados à pesquisa no ensino superior e seus efeitos na formação e atuação do professor de Artes Visuais, apresentando possibilidades e desafios de uso de procedimentos artísticos nas investigações educacionais, mais especificamente da abordagem investigativa denominada Pesquisa Educacional Baseada em Arte na educação (PEBA), do inglês Art-Based Educational Research (ABER). O caminho-método desta tese se compõe de reflexões e indagações sobre o conceito contemporâneo de professor e de pesquisa e as implicações nas práticas de investigação em educação e ensino de arte com o intuito de tensionar a distinção entre o conhecimento científico hegemônico e outros saberes formativos, apresentando os pressupostos da PEBA e suas possibilidades de ampliação das relações entre prática artística e novas formas de produção de conhecimento. Nesta tese a autora traz por 4 vezes a menção ao termo autoconhecimento. E em que pese não o defina ou classifique, Vasconcellos (2015) vale-se de Santos (2006) para afirmar que todo o conhecimento é autoconhecimento.

A dissertação de Viana (2016) desvelou possibilidades de aprendizagem na infância, com crianças de 4 e 5 anos do Centro de Educação Infantil (CEI) Jardim Sofia e no Museu Casa Fritz Alt, em ações de mediação cultural por meio da dança/educação. Assim, a presente pesquisa buscou ações interativas em um espaço formal de educação articulado a outro não formal (CEI e Museu, respectivamente), no intuito de trazer o movimento/dança como meio de novas aprendizagens. Esta dissertação de cunho qualitativo, com viés na cartografia, pautou-se em mostras no CEI de fotos/imagens do artista local Fritz Alt e no Museu com produções

infantis, resultado da mediação cultural desenvolvida no CEI. Por fim, a autora afirma que vivenciar a dança por meio do movimento corporal, mental e emocional pode contribuir, sobremaneira, com os processos de aprendizagem e de desenvolvimento da expressão, da comunicação e da interação para as crianças, momento em que estão abertas a novas experiências e aprendizagens. Por meio do movimento/dança a criança se manifesta interagindo com espaços e outros sujeitos, aprendendo a conviver com o outro e iniciando um processo de autoconhecimento.

A tese de Vilaça (2017) aborda o fenômeno da internacionalização dos estudos universitários viabilizada por uma grande universidade pública brasileira e o faz sob o prisma das perspectivas teóricas da Sociologia da Educação, na medida em que se interessa pelos grupos sociais que se beneficiam de certos bens educacionais, pelas razões que os levam a buscá-los e pelos efeitos de uma experiência internacional na formação da juventude universitária contemporânea. A escolha do campo empírico recaiu sobre o Programa Minas Mundi de mobilidade acadêmica para graduandos da UFMG, sendo utilizado como ferramentas: questionários e entrevistas semidiréticas. Por fim, vale mencionar que na referida tese o termo autoconhecimento aparece por apenas uma vez, ainda no resumo, de modo que, não é definido, nem classificado.

A dissertação de Vivaldi (2013) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo Estado do Conhecimento, que teve como objetivo identificar os artigos científicos nacionais publicados em periódicos, no período de 2002 a 2012, que descrevem pesquisas empíricas em Psicologia e Educação sobre as práticas morais escolares e analisar, à luz da teoria construtivista, se tais práticas são favoráveis ao desenvolvimento da autonomia moral dos alunos. Importante se faz mencionar que, em que pese o termo autoconhecimento apareça por 12 vezes na referida pesquisa em nenhum momento o termo é definido, classificado ou conceituado, sendo utilizado de forma geral e superficial.

A dissertação de Wahlbrinck (2014) intitulada “Da tomada de consciência à conscientização: empenhos da Ética do Cuidado em projetos de extensão” e apresentada na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, possuiu em sua metodologia uma abordagem qualitativa, de metodologia bibliográfica e dialética. A coleta de dados ocorreu por entrevistas individuais com gestores da universidade, orientadores e avaliadores de projetos de extensão e pela realização de grupo focal com os bolsistas dos projetos. A pesquisa permite compreender que o cuidado nasce e se sustenta como resposta a necessidades humanas,

impondo-se como ética. Ser sujeito transformador é, pois, tornar-se humano, cuidador. Transformar-se a si mesmo, assumindo-se como humano, agente cuidador, consiste em autoconhecimento. Transformar o mundo, pelo princípio do Cuidado, consiste em conhecimento. Transformar as relações, pela práxis cuidadora, consiste em reconhecimento. A transformação é tarefa exclusiva do ser humano quando assume o cuidado como ethos, tornando-se, assim, sujeito ético.

A dissertação de Zanardo (2017) apresentada no Centro Universitário Salesiano de São Paulo teve como tema a empatia e alteridade na relação entre professor e aluno no contexto do Ensino Fundamental II. Assim, referida pesquisa de campo teve como objetivo: dar importância à afetividade, levar o aluno a colocar-se na posição do outro, o professor observar os sentimentos e afetos que ali subsistem com seu alunado, como um dos caminhos para o autoconhecimento, para criar vínculos e para facilitar o acesso à aprendizagem. Por fim, vale mencionar que a autora traz o autoconhecimento como o conhecimento de si mesmo, das próprias características e sentimentos, onde a partir do autoconhecimento o aluno tem consciência de suas atitudes e conhecimento de suas características de personalidade que levaram a promover a formação do seu eu.

A pesquisa de Orrico (2016) tem como objetivo investigar percursos de formação e atuação de professores, no âmbito da constituição de leitores em escolas rurais, a partir da articulação entre memórias, docência e narrativas. A dissertação pauta-se nos princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa, ancorando-se metodologicamente nos pressupostos da abordagem (auto)biográfica, com ênfase nas narrativas docentes. Como dispositivos de pesquisa, foram utilizadas entrevistas narrativas e observação de experiências pedagógicas com a leitura no contexto das classes multisseriadas. Reconhece-se, ainda, que a leitura de si promoveu, nas professoras colaboradoras, (auto)conhecimento e resignificação das suas concepções e práticas, implicando-as no repensar dos seus percursos como docentes e leitoras. Observa-se, portanto, que o presente trabalho se utiliza do termo (auto)conhecimento por 7 vezes, vinculando-o ao fato de falar e pensar sobre si. Sugere, portanto, a autora que (auto)biografar-se perpassa pelo entendimento que falar de si é (auto)conhecimento, isto porque, trazer o passado à tona representa o sentido da grande descoberta humana: a descoberta do (auto)conhecimento, a busca de nós mesmos, do nosso mundo interior, a ida onde nenhum outro jamais esteve. Assim, afirma que, são ferramentas fundamentais nos processos de formação de professores o pensar, falar e refletir sobre si, ações estas que são intrínsecas ao processo de (auto)conhecimento.

## 6 Avaliação da qualidade dos dados

Na seção anterior trabalhamos com a descrição das teses e dissertações selecionadas pelo critério de busca já mencionado. No entanto, em que pese alguns desses estudos se aproximem do objeto estudado segundo alguns aspectos, especialmente com relação à pouca distância com o trabalho de Moraes (2017), localizado no Grupo 1 de nossa amostra, observou-se que nenhuma das pesquisas tratou explicita e precisamente do objeto que está sendo discutido no presente trabalho, qual seja, a forma como o conceito de autoconhecimento vem circulando epistemologicamente no campo educacional, utilizando como base de análise a filosofia ocidental. Queremos dizer com “epistemologicamente” que o presente estudo focou nos modos como na área da educação vem se estruturando a produção de conhecimento em torno do conceito de “autoconhecimento”, levando em consideração os estudos teóricos dirigidos à tarefa de “conceitualizar” esse termo central da pesquisa. Neste ponto encontra-se a pertinência acadêmica do presente estudo.

Para a pesquisa chegar a essa demarcação, o processo foi dividido em algumas etapas: leitura exploratória e mapeamento; leitura seletiva; fichamento técnico. Na seção anterior foram realizados quadros com os dados mais gerais dos artigos, segundo algumas categorias técnicas e informativas, tais como: nome do autor, título da pesquisa, ano de defesa, universidade, tipo da pesquisa, palavras-chave e quantidades de vezes que o termo autoconhecimento ou autoconhecimento aparece nas pesquisas. Além disso, como já frisamos anteriormente, a descrição dos dados extraídos dos conteúdos organizados nos quadros referentes a cada grupo foi sistematizada segundo três aspectos: i) abordagem teórica-metodológica das fontes; ii) contexto sociológico de realização da pesquisa; iii) diálogo crítico e colaborativo das teses e dissertações com a produção do conhecimento da área educacional sobre o conceito de autoconhecimento.

Nesta seção avaliaremos e discutiremos os dados encontrados fazendo correlações entre os mesmos e trazendo pontos importantes para os objetivos desta tese, cujo cerne consiste na epistemologia do conhecimento em educação produzido em torno do ou com base no conceito de “autoconhecimento”. Dito isto, nossa amostra bibliográfica, levantada nos bancos de dados da pesquisa, será analisada de acordo com algumas modalidades, perspectivas ou abordagens básicas de pesquisa. Imperioso se faz destacar que seguiremos com a mesma divisão de grupos feita na seção anterior, qual seja:

Grupo 1: Trabalhos encontrados no CTD da CAPES que possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, bem como reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema;

Grupo 2: Trabalhos encontrados no CTD da CAPES que **não** possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, mas reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema;

Grupo 3: Trabalhos encontrados no CTD da CAPES que possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, mas **não** reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema;

Grupo 4: Trabalhos encontrados no CTD da CAPES que **não** possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, bem como **não** reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, mas o objeto de estudo encontra-se no rol das palavras-chave;

Grupo 5: Trabalhos encontrados no CTD da CAPES que **não** possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, **não** reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, bem como o objeto de estudo **não** está no rol das palavras-chave, mas a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento aparece dispersa no texto.

Como verificado na seção anterior os grupos foram separados por critério de importância para esta tese, de modo que, os trabalhos presentes no Grupo 1 possuem maior relevância e importância para esta pesquisa, tendo em vista que trabalham com maior profundidade com o objeto de estudo desta tese do que os trabalhos presentes no Grupo 5, que estão na extremidade oposta dos critérios de relevância e importância.

## **Grupo 1**

Dito isto, importante se faz mencionar que no Grupo 1 estão presentes 8 (oito) trabalhos dos quais 6 (seis) são dissertações de mestrado e 2 (dois) teses de doutorado, sendo todos eles apresentados a Programas de Pós-graduação em Educação. Outro ponto importante a se mencionar é que todos os trabalhos tratam de pesquisas qualitativas, sendo alguns mais voltados para um estudo teórico e outros de cunho empírico mediante estudos de campo e quase-experimentais segundo abordagens participantes, pesquisa-ação ou fenomenológica. Ademais, dos 8 (oito) trabalhos presentes no Grupo 1, 5 (cinco) deles são da região Sul, sendo apenas 2 (dois) da região Sudeste e 1 (um) da região Nordeste.

Com relação a conceituação do termo autoconhecimento, vale destacar que invariavelmente foi estabelecido como ponto de partida, de maneira mais ou menos contundente, a questão socrática do “Conhece-te a ti mesmo”; demarcando fortemente uma herança epistemológica a partir da tradição grega; base da filosofia e da ciência ocidentais. Doravante, os autores não deixam de alertar sobre o desafio em conceituar o termo “autoconhecimento”; a exemplo de Rodrigues (2019) ao defender que existe uma grande dificuldade de conceituar com exatidão a ideia de autoconhecimento, visto que tangencia tanto uma esfera própria da educação, quanto relaciona-se à dimensão existencial, se aproximando da psicologia, e ainda diz respeito a dimensões que dialogam com esferas da espiritualidade. Assim, o conceito de autoconhecimento vai depender de quais fontes bebe aquele que o deseja definir.

Deste modo, Almeida (2019) recorre à psicologia para afirmar que o autoconhecimento é o conhecimento do indivíduo sobre si mesmo, das próprias características, qualidades, imperfeições, sentimentos etc. que caracterizam o indivíduo por si próprio. Ao ponto que Rodrigues (2019) traz a ideia de que para se autoconhecer é necessário abandonar as noções cristalizadas sobre si. Por fim, podemos sintetizar com Souza (2021), que define o autoconhecimento como a capacidade e habilidade de se relacionar com o mundo interno, mental, corporal e sensível, o que inclui a forma de se relacionar consigo próprio, com o outro e com o mundo. Pode-se extrair ainda destes trabalhos que o autoconhecimento é vivencial, e para isto trazemos Andrade (2018) que, através de sua experiência profissional na psicologia, utiliza-se de vivências simbólicas e técnicas da psicologia Junguiana para construir práticas, utilizando imagens e símbolos, com a finalidade de despertar o autoconhecimento no sujeito.

Do mesmo modo, podemos encontrar em algumas das 8 (oito) pesquisas algumas ferramentas, então organizadas em métodos abertos, que podemos chamar de práticas, condutas, atitudes, exercícios, ações etc. que supostamente podem promover o desenvolvimento do autoconhecimento, são elas:

-> Anamneses: trabalhos pautados na memória individual e/ou coletiva mediante questionários e entrevistas compreendem que o autoconhecimento implica conhecer os acontecimentos passados;

-> Prática de escrita autobiográfica: vem como uma ferramenta metodológica para o conhecimento de si, revisitando sua trajetória familiar, social, escolar e profissional;

-> Conversas (diálogos) entre os pares: podem acontecer em grupo rodas de conversa, em atividades de se colocar no lugar do outro, ou qualquer outra dinâmica que tenha a finalidade de reflexão;

-> Escrita de cartas: estas podem ser pessoais ou endereçadas para outras pessoas;

-> Problematização de temas: podem ser usadas imagens, textos, ideias e ações em torno de uma mesma questão a fim de criar e viabilizar debates e práticas sobre um mesmo problema;

-> Cuidados com o corpo, respiração e mente: estes cuidados podem ser feitos através da prática de atividades como yoga e meditação, bem como através da atenção plena à escuta, respiração, gestos verbais/fala.

Dito isto, informa Souza (2021) que o processo de autoconhecimento inserido no cotidiano, se compõe de três etapas que funcionam de forma circular, se completando entre si, que consiste em: reconhecer e aprender a “manejar” as marcas mentais, construir conhecimento e cultivar o reconhecimento do que está além de si próprio, aprendendo a se relacionar com essa realidade.

Imperioso se faz mencionar que encontramos ainda nos trabalhos o autoconhecimento vinculado à autoeducação, ao autocuidado, à autoavaliação e à autorreflexão. Ademais, dos 8 (oito) trabalhos do Grupo 1 percebe-se que 5 (cinco) deles possuem como foco a formação docente, assim, defende Almeida (2019) que é necessário que se tenha tempo e espaço para o autoconhecimento na formação docente, isto porque, quando o docente tem autoconhecimento favorece as relações interpessoais tornando saudável e afetuoso o ambiente educacional, otimizando a ação pedagógica e qualificando o processo de ensino-aprendizagem, respeitando as individualidades e as diferenças.

Com isso, afirma Almeida (2019) que o autoconhecimento é uma habilidade que, desenvolvida pelo professor, pode implicar algumas atitudes próprias do cotidiano da vida social moderna, então atrelada a modos de organização como trabalho, família, escola, empresas etc.

-> Processo de tomada de decisão;

-> Gerenciar a si mesmo;

-> Desenvolver habilidades com um plano de ação;

-> Confrontar uma autopercepção e o feedback da percepção dos demais próximos a si;

-> Reavaliar-se constantemente.

No mesmo sentido preconiza Alves (2019), ao afirmar que o educador deve realizar da melhor forma o exercício de autoconhecimento, da visão de si mesmo, para então ver e

identificar no aluno suas potencialidades. E continua, o processo de fazer olhar para si não se ensina, pois diz respeito a um despertar interior de consciência e do uso de uma vontade autônoma, de modo que, o que pode ser feito é incitar e motivar o aprendiz enquanto exercício de vida. Assim, o educador pode fazer o convite trazendo a importância e necessidade do autoconhecimento, bem como apresentar um leque de possibilidades e ferramentas para se chegar a um possível autoconhecimento, mas é o próprio aprendiz que realiza o exercício, o qual é pessoal e intransferível.

## **Grupo 2**

Já no Grupo 2, ou seja, aqueles trabalhos encontrados no CTD da CAPES que não possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, mas reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, foram selecionados 16 (dezesseis) trabalhos os quais 10 (dez) são dissertações de mestrado e 6 (seis) teses de doutorado, sendo todos eles apresentados a Programas de Pós-graduação em Educação. Outro ponto importante a se mencionar é que, por conta da natureza do objeto estudado, mais da metade dos trabalhos tratam de pesquisas qualitativas. Ademais, dos 16 (dezesseis) trabalhos presentes no Grupo 2, 6 (seis) deles são da região Sul, sendo 5 (cinco) da região Sudeste, 4 (quatro) da região Nordeste e apenas 1 (um) da região Centro-oeste, percebendo assim, mais uma vez, uma predominância das regiões Sul e Sudeste no trabalho com o autoconhecimento.

Com relação à definição de autoconhecimento iniciamos nosso debate com a pesquisa de Maia (2017) que o entende como a capacidade de se perceber integral em potência, mas falível e incompleto em estrutura moral, de modo que, através do autoconhecimento conseguimos atingir uma parcela considerável de transformação espiritual. Assim, segundo Alves (2013) o processo de autoconhecimento é constituído pela consciência de nossa inteireza e interdependência, sendo que a busca por esta inteireza, daquilo que nos falta, da ligação com o todo, é o que impulsiona a vida.

Deste modo, a auto-observação é tida por Pinheiro (2017) como ponto de partida para se chegar ao autoconhecimento, por se tratar de um esforço que nos leva a repensar nossas centralidades de visão, nossas arrogâncias, vaidades e desejos de controle, como a de uma natureza externa a nós. Assim, o simples fato de buscar autoconhecimento opera um desdobramento de si constante que faz o sujeito não apenas considerar a si mesmo, mas considerar o outro. No autoconhecimento existe um processo de despertar ou acordar e durante

esse processo o outro se torna nosso espelho (Bizarria, 2017), ou seja, uma das formas para se chegar ao autoconhecimento é pela reflexão a respeito do outro e suas interações com o eu.

Segundo França (2014) o autoconhecimento significa respeito à vida, à consciência humana sobre a vida, ao desenvolvimento dessa consciência a partir da consciência de si. Desse modo, Nascimento (2021) informa que esse processo contínuo de (auto)percepção, é constituído por cinco fases: processo de tomada de decisão; gerenciar a si mesmo; desenvolver habilidades com um plano de ação; confrontar uma (auto)percepção e o feedback da percepção dos demais próximos a si; reavaliar-se constantemente.

O processo de autoconhecimento está diretamente ligado como nos percebemos no mundo, assim, o autoconhecimento é visto como um portal de aprendizagem e de formação humana pessoal e profissional (França, 2014). Mello (2014) defende então a necessidade de se trabalhar autoconhecimento com os educadores, para que possam ser descobertos seus próprios caminhos. Isto porque, para educar de modo a respeitar a inteireza do educando é necessário reconhecer a inteireza do seu ser enquanto educador.

Neste grupo encontram-se ainda trabalhos que vinculam o autoconhecimento à autoavaliação e reflexão (Anjos, 2017); à autoeducação (Cruz, 2013); ao autoconhecimento sexual (Kornatzki, 2013); ao autoconhecimento corporal (Vicentin, 2015); à autodescoberta (Pinheiro, 2017); à autoformação (Reis, 2014). De todas estas vertentes daremos ênfase ao trabalho de Cruz (2013) por trazer um olhar aristotélico sobre o autoconhecimento traçando um diálogo com a autoeducação, ao passo que afirma que é preciso autoconhecimento para mudar, desejar mudar e exercitar ações opostas ao que se estava acostumado a praticar. Assim, a autora defende que o autoconhecimento significa ter consciência sobre as próprias disposições e que as disposições provêm do exercitar-se nos atos particulares, o que implica saber a quais desejos nos inclinaremos mais, mudando-as quando necessário.

Com relação às ferramentas necessárias para se atingir um possível autoconhecimento extraímos destes 16 (dezesseis) trabalhos algumas práticas filosóficas, direcionais e meditativas elencadas pelos pesquisadores, são elas:

- > Criação de telas mentais;
- > Dinâmicas de grupos;
- > Exercícios de respiração;
- > Autobiografia;
- > Trabalho com mandalas;
- > Danças circulares sagradas;

-> Silêncio ativo;

-> Autorretrato.

O ser humano transita entre inúmeras manifestações e expressões, e são, igualmente diversas as formas de conhecimento de si, assim, cada um deve seguir com seu caminho, pois muitos são os caminhos para se chegar ao autoconhecimento (Mello, 2014). Por fim, França (2014) informa que o autoconhecimento não pode levar, por si só, o homem à felicidade, mas pode fazer ajustadas, equilibradas as formas e as maneiras pelas quais o homem a procura durante toda sua existência.

### **Grupos 3 e 4**

Para analisar os Grupos 3 e 4 optou-se por unir os trabalhos destes grupos, tendo em vista a quantidade reduzida dos mesmos, sendo 1 (um) e 5 (cinco) trabalhos respectivamente. Vale lembrar que no Grupo 3 estão presentes os trabalhos que possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, mas não reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema. E no Grupo 4 os trabalhos que não possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, bem como não reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, mas o objeto de estudo encontra-se no rol das palavras-chave.

Deste rol de 6 (seis) trabalhos, podemos extrair que 5 (cinco) deles são dissertações de mestrado e apenas 1 (um) é tese de doutorado, sendo todos eles apresentados a Programas de Pós-graduação em Educação. Outro ponto importante a se mencionar é que, por conta da natureza do objeto estudado, mais da metade dos trabalhos tratam de pesquisas qualitativas. Ademais, dos 6 (seis) trabalhos presentes nos Grupos 3 e 4, 2 (dois) deles são da região Sul e 4 (quatro) da região Sudeste.

No concernente à definição percebe-se, como já era esperado, o tratamento geral e genérico a respeito do tema objeto deste estudo. Assim, conseguimos extrair um olhar voltado à formação docente, ao passo que Santos (2013) preconiza que é necessário educar o educador para que este seja provido de uma boa dose de autoconhecimento. Isto porque, conhecer sobre si e sobre o outro faz emergir no homem a capacidade de romper com os condicionamentos, o que pressupõe o autoconhecimento (Pivovar, 2016). O autoconhecimento, então, é visto como uma maneira de estimular os estudantes e educadores a encontrarem suas habilidades inatas valorizando-as e fortalecendo sua autoestima (Correa, 2018). Dito isto, podem ser utilizadas as

seguintes ferramentas para se chegar ao autoconhecimento: contação de histórias (Abate, 2020); contos de fadas (Santos, 2013) e até mesmo o aprendizado de uma arte guerreira (Santos, 2013).

## **Grupo 5**

No Grupo 5 encontram-se os 74 (setenta e quatro) trabalhos presentes no CTD da CAPES que não possuem a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento no título, não reservaram uma seção ou subseção específicas para tratar sobre o tema, bem como o objeto de estudo não está no rol das palavras-chave, mas a palavra autoconhecimento ou auto-conhecimento aparece dispersa no texto. Ou seja, são pesquisas que possuem menor relevância para esta tese, isto porque, aproximadamente 70% (setenta por cento) destes estudos não classificam, definem ou conceituam o termo autoconhecimento. Observa-se, portanto, que o autoconhecimento nestas pesquisas é utilizado de forma geral e genérica, sendo por diversas vezes utilizado como sinônimo para conhecimento de si mesmo.

Outro dado importante a se destacar é que se mantêm a predominância de pesquisas nas regiões Sul e Sudeste, assim como na análise dos grupos anteriores, perfazendo um total de 74% (setenta e quatro por cento) das teses e dissertações presentes no Grupo 5. Em sequência tem-se 19% (dezenove por cento) dos trabalhos estão nas regiões Norte e Nordeste, e 7% (sete por cento) estão na região Centro-oeste. Ademais, destaca-se que 76% (setenta e seis por cento) são dissertações de mestrado e 24% (vinte e quatro por cento) teses de doutorado, nas quais possuem a predominância da metodologia qualitativa, em virtude do próprio objeto de estudo.

Iniciamos a explanação conceitual sobre o autoconhecimento no Grupo 5 com Marques (2016) que faz um paralelo entre a empatia e o autoconhecimento ao afirmar que quanto mais consciente estivermos acerca de nossas emoções, mais facilmente poderemos perceber o sentimento alheio. Dito isto, o primeiro passo para o autoconhecimento é a humildade, é sabermos do desafio da nossa ignorância, de realmente não sabermos inclusive quem somos (Fernandes, 2018). O autoconhecimento é concebido, portanto, como um processo representado pelo entendimento acerca do próprio comportamento e um interesse em avançar em direção ao autodesenvolvimento para assim poder estar em condições de compreender o outro e o mundo (Meinicke, 2017).

Danza (2014) entende que o autoconhecimento é exercitado em momentos de introspecção e reflexão, através atividades que só podemos experienciar na companhia de nós mesmos. No entanto, parte deste exercício consiste na convivência com o outro, afinal é mediante nossas relações interpessoais que conhecemos nossas respostas, reações e condutas.

Assim, o homem vai atingindo o conhecimento de si à medida que conhece o outro, com isso a possibilidade de partilhar pensamentos, sentimentos e planos para o futuro é fundamental para o desenvolvimento do autoconhecimento que permite a busca de realização pessoal e felicidade. No entanto, é fundamental que exista nesse processo o sentido de autoconsciência de quem você é, para que se possa perceber o que é seu e o que é do outro, na sua inteireza e como parceiro (Tonanni, 2014).

Assim, entende Bernardes (2016) o autoconhecimento como reflexões e ações que se centram em uma busca por compreensão de si mesmo em uma tentativa de ampliar sua visão sobre a existência, sendo também permeada pelo anseio de encontrar compreensões que lhe permitam interpretar e viver a vida de forma satisfatória. Santos (2018) ainda vincula o autoconhecimento à libertação da consciência, à busca de “si próprio” pelo “não ego”, sendo o autoconhecimento essencial para a clareza e compreensão de nossas ações. Finaliza Bernardes (2016) definindo o autoconhecimento como um processo de reflexão sobre si, sobre a existência, sobre o outro, sobre as relações.

O autoconhecimento é essencial para uma boa prática docente, conhecer meus alunos e minha matéria depende em grande parte do autoconhecimento. Quando não me conheço não consigo saber quem são meus alunos, nem conhecer minha matéria (Canever, 2015). O autoconhecimento ajuda o professor a conhecer suas atitudes e a dos próprios estudantes, bem como que, a partir do seu autoconhecimento o professor pode avaliar-se e refletir e compreender suas ações em novos contextos mais atualizados, inovando e transformando-se sempre que preciso (Lech, 2017). Assim, o educador deve estar preparado, emocionalmente e espiritualmente, com a finalidade de construir o cuidado de si, visando o autoconhecimento como preparação para atuação em sala de aula, a fim de serem não somente mestres, mas testemunhas para os educandos (Dittberner, 2016).

O autoconhecimento está também vinculado: ao sucesso profissional (Abbud, 2017); à formação de professores (Almeida, 2013); à prática docente (Sousa, 2016); à percepção corporal (Almeida, 2016); ao sonho (Brigatto, 2014); à autoconsciência (Modesto, 2016); à avaliação institucional (Moura, 2017); ao conhecimento (Vasconcellos, 2015).

Canever (2015) entende, portanto, o autoconhecimento como a busca individual por conhecimento de si e que, por mais que possa haver semelhanças nunca será igual, pois cada um tem um DNA, um histórico de vida, experiências que o construíram, família, conjunto de crenças, princípios. Assim para se atingir o autoconhecimento é necessário se fazer um mergulho na própria existência, na própria história de vida (Fernandes, 2018). Deste modo,

pode-se elencar algumas ferramentas extraídas do rol de pesquisas do Grupo 5 que podem auxiliar no processo para o autoconhecimento:

- > Autobiografia;
- > Desenho;
- > Jogos corporais e cênicos, através da dança e teatro;
- > Exercícios de Respiração, Meditação e Yoga;
- > Dinâmicas de grupo;
- > Danças circulares sagradas;
- > Construção de mandalas;
- > Construção de máscaras de gesso;
- > Diário de aula;
- > Utilização de ferramentas do psicodrama

Por fim, podemos concluir esta seção com o excerto extraído de Seyer (2013), o qual entende o processo de autoconhecimento com o fato de se permitir uma pausa para aperceber-se e continuar a trilha para infinitos caminhos que se abrem, estando certos que estaremos sendo mais inteiros conosco mesmos. Assim, o exercício do autoconhecimento favorece a percepção de sentidos que derivam do próprio sujeito diante dos fatos vividos, mas também favorecem o reencontro com aspectos não assumidos ou desconhecidos do sujeito. E finaliza afirmando que são instrumentos do autoconhecimento: o questionamento, o registro, o estranhamento, o olhar aproximado e distante, a aceitação da presença do que ainda é invisível, a análise e a interpretação.

## 7 Revisão dos Resultados

Nesta seção pretendemos tecer um debate entre acerca dos grupos de fontes apresentados segundo uma visão sintética e unificada do rol dos cento e onze trabalhos extraídos do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes que compõem a amostra de fontes sobre “autoconhecimento” da presente tese, com a finalidade de responder alguns questionamentos levantados na introdução, principalmente, compreender de que forma o conceito de autoconhecimento vem circulando epistemologicamente no campo educacional, utilizando como base teórico-conceitual a filosofia ocidental, objetivo geral deste trabalho. Ao responder a essa questão central também estaremos elevando à condição de tese nossa hipótese principal acerca da questão levantada.

Diante de tudo que foi exposto nas seções anteriores podemos concluir que o autoconhecimento caminha principalmente nas dissertações defendidas em instituições das regiões Sul e Sudeste. Ademais, referidas tese e dissertações utilizam majoritariamente metodologias qualitativas de maneira predominante, em relação às abordagens quantitativas, para trabalhar com o objeto de pesquisa em pauta. No rol dos trabalhos encontrados no CTD da CAPES encontramos fontes que dão diferentes graus de importância ao autoconhecimento em seus estudos; desde pesquisas que utilizam por apenas uma vez o termo autoconhecimento, de forma muito geral, genérica e superficial, até pesquisas que utilizam por mais de 350 vezes o termo, a exemplo do trabalho de Moraes (2017); que declaram centralidade do objeto em suas pesquisas.

Observa-se ainda que os teóricos e as correntes teóricas utilizados por essas pesquisas apresentam significativa pluralidade, pois dependem muito do viés que cada pesquisa adota. Entretanto, há teóricos que são familiares quando o assunto é autoconhecimento, a exemplo de Ivani Catarina Arantes Fazenda, Ruy Cezar Do Espírito Santo, Paulo Freire, Carl Gustav Jung e Marie-Christine Josso. Boa parte dos estudos, na linha da pluralidade teórica, não especifica as bases epistemológicas de suas pesquisas. Nesse sentido, o conjunto geral das fontes não apresenta coerência e/ou padronização desde um ponto de vista da cientificidade do campo, dificultando estudos comparativos entre conceitualizações, metodologias e resultados. A pluralidade parece estar associada às dinâmicas subjetivas dos próprios pesquisadores que tratam do tema. Não se trata, portanto, de uma pluralidade epistemológica sistemática e coordenada de modo a testar e verificar, programaticamente, as diferentes possibilidades e manifestações do objeto de pesquisa: o autoconhecimento.

Diferentes conclusões, portanto, podem ser retiradas dos dados por nós extraídos das fontes. Não obstante, as perspectivas parecem variar entre dois polos acerca do desenvolvimento ou do processo (educacional, pedagógico, didático etc.) que hipoteticamente se pode levar (alguém) ou se pode chegar (si mesmo) à habilidade ou ao estado de autoconhecimento. Dessa maneira, o autoconhecimento pode ser interpretado tanto como um bem pessoal e subjetivo (indemonstrável), quanto como um bem coletivo e objetivo (demonstrável); de modo que tanto se supõe que ele não pode ser ensinado, quanto se supõe que pode ser atingido mediante procedimentos e ferramentas educacionais. Algumas pesquisas demonstram se contradizerem, pois, ao mesmo tempo em que enfatizam a individualidade do autoconhecimento, tratam invariavelmente de processos e de procedimentos que envolvem trabalhos pedagógicos e didáticos coletivos; especialmente porque as teses e dissertações se concentram no campo dos estudos sobre Formação Docente, bem como atuação escola.

Embora os autores concordem que o autoconhecimento consiste em uma espécie de fenômeno ou acontecimento implicado com um “despertar interior”, possivelmente ligado à consciência experimentada pelo sujeito em sua singularidade, a questão da vontade varia entre a autonomia e a heteronomia, de modo que, o que pode ser feito é incitar e motivar o aprendiz para o exercício didático do autoconhecimento. Assim, o educador pode fazer o convite trazendo a importância e necessidade do autoconhecimento, bem como apresentar um leque de possibilidades e ferramentas para se chegar a um possível autoconhecimento, mas é o próprio aprendiz que realiza o exercício contextualizado, isto é, que implique algum lugar que possibilite práticas passíveis de levar ao autoconhecimento, o qual é pessoal e intransferível, embora possa ser motivado e conduzido coletivamente.

O tempo ou o período, considerando também a relação com a frequência, de um suposto desenvolvimento do autoconhecimento no sujeito, também não é ponto consensual acerca do problema. Com isso os argumentos concordam que é necessário que se tenha significativos períodos de tempo para alguém ou um grupo se dedicar a práticas de estudos e de exercícios mentais e corporais relacionados à promoção do autoconhecimento. Por estarem no interior do escopo educacional de estudos e de experiências, uma suposta temporalidade própria (essencial, padrão, universal) do autoconhecimento e/ou de seu desenvolvimento assume os limites das temporalidades das instituições educacionais. Desse modo, o tempo de estudos e de práticas estão recortados, nas pesquisas de nossa amostra, pela duração das aulas, dos currículos, das disciplinas, dos cronogramas de pesquisa etc.

Nesse sentido, destaca-se a chamada Formação Inicial de Professores (de outros Profissionais algumas outras vezes), em alguns casos também a Formação Continuada, que são os cursos de graduação, de licenciatura e de pós-graduação universitários. Por conseguinte, os períodos mínimos ou máximos designados para a formação docente, majoritariamente; e para a formação profissional, menos frequente, tornam-se referências tácitas de temporalidade para o desenvolvimento do autoconhecimento. Com isso, as pesquisas expressam ressalvas sobre a (in)suficiência desses períodos de formação para o desenvolvimento integral do autoconhecimento em estudantes universitários e em professores. Com efeito, supondo-se que a promoção do autoconhecimento não cabe dentro da temporalidade universitária, os estudos lançam o tempo do autoconhecimento à temporalidade indeterminada da vida de cada sujeito.

Independentemente das ressalvas sobre a espacialidade (localidade) e a temporalidade para o desabrochar do autoconhecimento no sujeito, através de nossa análise pudemos chegar à conclusão de que no contexto educacional o autoconhecimento vem circulando principalmente na área da formação docente como lugar e período privilegiado e necessário para sua emergência motivada. Isto porque, compreende-se que quando o docente tem autoconhecimento favorece as relações interpessoais tornando saudável e afetuoso o ambiente educacional, otimizando a ação pedagógica e qualificando o processo de ensino-aprendizagem, respeitando as individualidades e as diferenças. O autoconhecimento é considerado essencial para uma boa prática docente; conhecer meus alunos e a matéria de ensino depende em grande parte do autoconhecimento, o qual possivelmente ajuda o professor a conhecer suas atitudes e a dos próprios estudantes. Bem como que, a partir do seu autoconhecimento o professor pode avaliar-se e avaliar o outro e refletir e compreender suas ações em novos contextos mais atualizados, inovando e transformando-se sempre que preciso.

Dito isto, de maneira sumariamente sintética, compreendemos que os trabalhos analisados nesta pesquisa pautam alguns temas relativos ao autoconhecimento na área educacional. Assim, para facilitar a classificação e análise denominaremos estes temas de: i) Dimensão; ii) Contexto indivíduo-sociedade; iii) Métodos, práticas e/ou procedimentos; iv) Objetivos ou metas; v) Efeitos ou resultados; vi) Teoria de base.

Com relação ao tema da dimensão, compreendemos que os autores tratam o autoconhecimento como que implicado dialeticamente com dimensões da vida humana. Essas dimensões, majoritariamente abstratas e/ou subjetivas, são representadas por alguns termos recorrentes nos estudos, bem como recorrente no discurso comum sobre o autoconhecimento. Desse modo, as pesquisas supõem a possibilidade do autoconhecimento a partir de temas como:

emoção, afetividade, espiritualidade, consciência, alma, historicidade, convivência, empatia, reconhecimento, familiaridade, liberdade, estética, memória, alteridade, amor, respeito etc.

Com isso, podemos verificar que essas dimensões derivam da dificuldade, já anunciada, de se conceituar “autoconhecimento”, levando os autores a realizarem definições com base em outros termos que também são conceitos, cujas consequências teóricas são tradicionalmente problemáticas, já que esse tipo de estratégia pode ocasionar uma associação infinita de termos ao autoconhecimento, confundindo-se com ele, ao mesmo tempo em que distancia o pensamento de sua especificidade enquanto objeto epistemológico possível de ser estudado.

Não obstante, não bastasse esse problema, os termos utilizados para definir ou explicar o autoconhecimento também são, em si mesmos, conceitos historicamente problemáticos e tão difíceis de definição quanto o próprio conceito em pauta central nesta pesquisa. Para tanto, destacamos os termos mais problemáticos nesse sentido e que frequentemente são aplicados para definir a dimensão do autoconhecimento; são eles: espiritualidade, consciência, amor, alma, liberdade, estética etc. Reconhecemos a potência metafísica dessas palavras e os inúmeros desafios que vêm enfrentando a ciência no sentido de apreendê-las empiricamente por meio de métodos de demonstração e de verificação. Assim, por exemplo, podemos nos perguntar sobre qual a relação do “autoconhecimento” com a “espiritualidade”, sem perder de vista que nem mesmo sabemos, há séculos ou mesmo há milênios o que é exatamente um espírito. O mesmo vale para a consciência, quem sabe um dos problemas modernos mais difíceis, que atualmente as neurociências vêm enfrentando limites irredutíveis acerca desse conceito.

Referente ao contexto individual e social das pesquisas, foi notável o foco predominante na formação inicial em nível de graduação, com predominância para os cursos de licenciatura (formação docente ou de professores), mas também pensada para outras profissões, como para a área da saúde na interface com a educação. Alguns trabalhos abordam a formação continuada e a prática docente na escola. A forte presença do tema da formação docente nos trabalhos está condicionada à hipótese de que o “autoconhecimento” pode consistir tanto em uma habilidade quanto em um estado final ou contínuo de existência que favorece positivamente a prática docente. Não obstante, essa hipótese resvala em problemas de definições qualitativas acerca da velha questão em se produzir parâmetros capazes de positivar, objetivar e precisamente classificar um bom ou um ruim professor ou uma boa ou uma ruim formação docente. Mas, de todo modo, entende-se que o autoconhecimento é positivo para uma “melhor prática docente”.

Ainda sobre o tema da formação, os trabalhos também tangenciam o autoconhecimento do estudante na escola. Em outras palavras, a educação institucional, dentre as inúmeras

modalidades de conhecimento, também seria responsável por promover o autoconhecimento dos estudantes. Vale mencionar, portanto, que é pacífica entre as teses e dissertações analisadas a ideia de que o autoconhecimento não pode ser ensinado, no entanto, o educador pode ser um mediador que conduzirá seus alunos a um possível autoconhecimento, através de seu exemplo e através de ferramentas que podem ser utilizadas para facilitar este processo.

Dito isto, e adentrando ao tema “métodos, práticas e procedimentos” elencamos algumas ferramentas que são sugeridas para auxiliar no processo de autoconhecimento, as quais foram extraídas dos trabalhos analisados e categorizadas em seis grupos:

-> Ferramentas voltadas à percepção corporal: danças circulares sagradas, arte guerreira, jogos corporais e cênicos (através da dança e teatro).

-> Ferramentas voltadas à cultura: problematização de temas a partir de filmes, textos ou imagens.

-> Ferramentas voltadas à escrita/fala: autobiografia, escrita de cartas (para si ou para terceiros), diário de aula, contação de histórias, contos de fada.

-> Ferramentas voltadas à pesquisa: entrevistas, questionários e anamneses.

-> Ferramentas voltadas ao trabalho manual: construção de mandalas, autorretrato, telas mentais, desenho, máscaras de gesso.

-> Ferramentas voltadas à introspecção: prática de yoga, meditação, respiração, silêncio ativo, escuta ativa.

Uma característica importante a se frisar é que estas atividades possuem caráter meditativo e podem ser realizadas individualmente ou através de dinâmicas de grupos, dependendo da metodologia que o facilitador/condutor estará usando em sua aplicação. Observa-se, no entanto, que não existe uma receita para se chegar ao autoconhecimento, nem uma forma de mensurar o autoconhecimento do indivíduo. O que restou evidenciado nesta tese é que a partir da utilização de algumas ferramentas o educador consegue conduzir o aprendiz a um possível autoconhecimento que inclusive será diferente para cada pessoa, já que cada um possui uma história pessoal, profissional, educacional e familiar únicas. Em termos científicos, essa pluralidade de perspectivas subjetivas e intersubjetivas de autoconhecimento gera dificuldades drásticas de demonstração e de verificação, critérios de cientificidade que marcaram a identidade de boa parte da epistemologia ocidental.

Nesse sentido, restou claro também que não é necessário apenas a utilização das ferramentas e de uma metodologia para conduzir o aprendiz ao autoconhecimento. Um dos fatores mais importantes é que o educador/mediador deste processo seja provido de uma boa

dose de autoconhecimento, que por sua vez esbarra em um problema de mensuração intrínseco ao próprio objeto de estudo. Ou seja, como é possível verificar que um educador se autoconheça suficientemente para ser mediador de outros indivíduos para o autoconhecimento? Ademais, e qual “régua” ou unidade de medida deve ser utilizada para se medir o autoconhecimento? Podemos dizer que um sujeito se autoconhece mais que o outro? Com base em quais elementos?

Percebe-se então que quando tentamos responder a essas questões caímos em uma areia movediça de outros elementos que são tão abstratos e subjetivos quanto a conceituação do autoconhecimento, a exemplo do que vimos na seção destinada a tratar dos componentes do autoconhecimento quando trouxemos a consciência, a autoconsciência, a percepção, o pensamento, o conhecimento e a memória, como elementos necessários para o autoconhecimento. No entanto, em que pese algumas pessoas defenderem essas associações, que por este motivo estes são temas que não conseguem ser estudados ou mensurados pela ciência, nós entendemos que dando as mãos a alguns teóricos conseguimos ir criando uma teia de produções que se auxiliam mutuamente. Acreditando e defendendo que a ciência não serve apenas para mensurar, quantificar ou classificar em índices, mas sim deve ser palco de debate.

Seguindo para o tema “objetivos ou metas” compreendemos que conhecer sobre si e sobre o outro faz emergir no homem a capacidade de romper com condicionamentos, com paradigmas. Assim, o processo de autoconhecimento, com foco na esfera educacional, é visto então como uma maneira de estimular os estudantes e educadores a encontrarem e alcançarem suas habilidades inatas, identificando suas potencialidades e fraquezas, bem como, valorizando e fortalecendo sua autoestima. Nesse processo, outros objetivos e metas podem ser atingidos, direta ou indiretamente, como a superação de limites, emancipação, humanização e pacificação.

Existe, no entanto, uma grande dificuldade em separar os temas “objetivos ou metas” de “efeitos ou resultados”, pois, o que para um pesquisador ou leitor pode parecer um resultado nos acreditamos ser uma meta a ser atingida, e vice-versa. Assim, esta é mais uma limitação deste trabalho pela subjetividade e abstração intrínseca ao objeto estudado, que em que pese esta característica, em certa medida, enriqueça esta tese por outro lado ela nos limita na forma metodológica. Ademais, acreditamos ser válida e enriquecedora esta tentativa de classificação, de modo que, podemos concluir, através do nosso olhar e percepção epistemológicos, serem efeitos ou resultados do autoconhecimento: a segurança, a autoconfiança, o conhecimento de si, o reconhecimento do outro, o controle emocional, a diferenciação do eu e do outro, bem como o retorno às lembranças de momentos históricos que marcam o desenvolvimento do indivíduo.

Referente a teoria de base, como já fora mencionado, o conceito de autoconhecimento vai depender muito de quais fontes os pesquisadores bebem para produzir seus trabalhos. Isto se dá pelo fato deste objeto de estudo ser muito amplo e estar presente em diversas áreas do conhecimento. No entanto, durante a análise dos 111 trabalhos selecionados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes pudemos perceber que alguns autores apareciam com mais frequência, assim tentaremos fazer um breve diálogo entre eles mais descritivo sobre o autoconhecimento com a finalidade de concluir esta seção.

Segundo o entendimento de Espírito Santo (2002) o autoconhecimento seria o início do caminho em direção ao processo de autoconhecimento, de modo que, a consciência de si mesmo é uma conexão com a profecia de Sócrates, o conhece-te a ti mesmo, como o princípio de toda a sabedoria. O autor ainda suscita a importância da beleza e consecutivamente o efeito da alegria como parte integrante da concepção de autoconhecimento, também por um viés estético. Ao passo que informa que a primeira constatação para a busca do autoconhecimento é a humildade de sabermos do desafio da nossa ignorância, de realmente não sabermos, inclusive, quem somos.

Espírito Santo (2008) então converge com Fazenda (2011) ao defender que o autoconhecimento é fundamental para nos reconhecermos e reconhecermos o outro, na sua inteireza e como parceiro, sendo necessário no sentido da autoconsciência, de quem você é. De modo que, o homem vai atingindo o conhecimento de si, à medida que conhece o outro (FAZENDA, 2003). Já na concepção Carl Gustav Jung o autoconhecimento é concebido pelo processo de individuação. Assim, o desenvolvimento da personalidade visa um longo processo de autoconhecimento que depende da maturidade e do verdadeiro interesse do indivíduo por suas imagens interiores (JUNG, 1986).

Inspirado no pensamento de Freire (1996) pode-se ainda entender o autoconhecimento como um portal de aprendizagem e da formação humana pessoal e profissional. A formação é um processo contínuo e passa pelo conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente (JOSSO, 2002). É importante, portanto, nesse processo de autoconhecimento a compreensão do quanto os grupos de convívio têm importância na nossa formação. Isso nos serve para entendermos que toda formação é autoformação e todo conhecimento é autoconhecimento.

Assim, uma das dimensões da construção da história de vida na abordagem de Josso (2002) está na ideia do autoconhecimento como elaboração de um autorretrato dinâmico que se dá por meio do que ela denomina de diferentes identidades que orientaram e orientam as

atividades do sujeito e que se relaciona com a identidade do sujeito pós-moderno formada e transformada continuamente.

Com isso, o movimento de caminhar para si se dá como um projeto a ser incrementado no transcorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Assim, é possível considerar que aspectos humanos e existenciais compõem e contribuem para e no autoconhecimento do professor. Nesse processo, características pessoais e interesses diversos configuram uma série de elementos que podem favorecer a formação na perspectiva da Educação para a Inteira (JOSSO, 2004).

## Considerações finais

A presente tese de doutorado, que surgiu de uma inquietação pessoal, profissional e acadêmica, ganhou robustez epistemológica a partir do levantamento teórico a respeito do autoconhecimento e aprofundamento na área educacional a partir da análise dos dados coletados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, conseguindo responder de maneira satisfatória os objetivos gerais e específicos elencados na introdução do trabalho.

A investigação nos possibilitou perceber que de fato o objeto tema deste estudo é bastante amplo e pode ser utilizado de diversas formas; tudo vai depender de quais fontes se irá beber para tecer tais conceitos. Em que pese na maioria das vezes o autoconhecimento apareça como sinônimo de conhecimento sobre si mesmo, também o encontramos vinculado à: autoconsciência, autoeducação, autocuidado, autoavaliação, avaliação institucional, autopercepção, percepção corporal e sexual, autodescoberta, formação docente e autorreflexão.

Para nós o autoconhecimento não possui uma definição fechada ou uma meta que se pode atingir para se atestar que o sujeito se autoconhece. Trata-se de um processo de conhecimento sobre si estabelecido em camadas, onde para se adentrar a uma nova camada se faz necessário, por muitas vezes, avaliar e repensar suas atitudes e quebrar certos paradigmas presentes em sua história de vida. Isto porque, um sujeito de 30 anos de idade possui uma bagagem e uma história de vida que não possuía quando tinha 18 anos, assim em que pese o sujeito de 18 anos faça parte do sujeito de 30 anos não o abarca em sua totalidade. Dito isto, necessário de faz a utilização de ferramentas e práticas meditativas e reflexivas com uma frequência habitual para que se possa aprofundar cada vez mais no seu processo de autoconhecimento.

Concordamos com as pesquisas que defendem não ser possível se ensinar o autoconhecimento, sendo possível apenas ensinar a utilizar as ferramentas que se pode chegar a um autoconhecimento. Com isso, a condução e a aplicação de atividades meditativas e reflexivas facilitada pelo mediador podem auxiliar o aprendiz em seu processo de autoconhecimento. Importante deixar claro que o educador/aplicador destas atividades deve não só ter passado por formações para trabalhar com tais ferramentas, mas, deve estar aberto a prática destas vivências em seu cotidiano, tendo em vista que não se pode conduzir alguém a um local que não se conhece.

O alcance dos resultados desta tese se deu a partir de alguns aprofundamentos na literatura epistemológica ocidental, passando pela filosofia, psicologia, pedagogia e

neurocientífica ao traçar no referencial teórico-conceitual o percurso do autoconhecimento na história, tomando como ponto de partida o aforismo socrático “conhece-te a ti mesmo” presente no pórtico do Oráculo de Delfos. No capítulo da metodologia discorremos sobre o caminho que seguimos neste trabalho. E na seção destinada à revisão de literatura informamos como chegamos às 111 teses e dissertações coletadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes que analisamos nesta pesquisa, bem como a forma que foram divididos os grupos de análise destes trabalhos.

O capítulo de análise e discussão dos dados ficou responsável pela análise dos trabalhos selecionados. Bem como, a seção de resultados trouxe o percurso do autoconhecimento pelo campo educacional brasileiro, onde foi identificado que o autoconhecimento está principalmente vinculado à formação docente em dissertações qualitativas apresentadas majoritariamente nas regiões Sul e Sudeste.

Importante se faz observar que os nossos levantamentos nesta tese não esgotam as possibilidades de se pensar a condição do autoconhecimento no campo educacional. Apesar deste trabalho fazer um levantamento histórico e conceitual a respeito do autoconhecimento, bem como uma análise acerca das teses e dissertações educacionais que tratem sobre o autoconhecimento, esta tese é, acima de tudo, uma abertura de perspectiva para balizar outras questões e outras formas de pensar o autoconhecimento. Isto porque, estamos lidando com o olhar de apenas um pesquisador que carrega seus valores, história e subjetividades, em determinado tempo e espaço.

Após compreender como o conceito de autoconhecimento vem sendo trabalhado na área educacional segundo pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação nacional nos níveis de mestrado e doutorado *stricto sensu* e confirmar a hipótese de que a produção epistemológica acerca do autoconhecimento na área da Educação está constituída por uma significativa diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, encontro-me com novas inquietações (pessoais, profissionais e acadêmicas) fomentadas por esta pesquisa que certamente renderão novos estudos, parcerias e pesquisas.

Posso concluir hoje que o próprio processo de doutoramento é um processo de autoconhecimento, pois durante 04 anos passamos por inúmeras adversidades que precisamos nos reinventar e quebrar paradigmas já estabelecidos. Isto porque, a vida não para esperando para concluirmos nossa tese de doutorado. Durante este período mudei de carreira profissional concluindo minha segunda graduação, desta vez em Pedagogia, iniciei as atividades do Instituto Aspásia de Mileto – I AM, juntamente com meu sócio e esposo Vítor Aloísio, me tornei pai de

gêmeos e até vivenciei a pandemia da COVID-19, sem contar com os desafios, mudanças e superações diárias nas esferas pessoal, profissional e acadêmica.

Sair um pouco da rotina para me debruçar sobre a filosofia e epistemologia do autoconhecimento me trouxe, sobretudo, um pouco mais de autoconhecimento. Todas as vezes que sentava para estudar era necessário parar, pensar, respirar, refletir, colocar uma música meditativa para auxiliar na concentração... Tinha dias que não rendiam tanto quanto outros, mas nestes momentos me lembrava o quanto era importante para mim concluir esta pesquisa, o quanto representava em minha carreira profissional. E o que seria este exercício senão uma ferramenta em meu processo de autoconhecimento?

Não existem receitas para o autoconhecimento, assim como o seu conceito é subjetivo as formas para alcançá-lo também são. O que se pode perceber é que diversas atividades podem ser meditativas e auxiliar no processo de autoconhecimento, tudo depende da intenção, de onde sua mente estará enquanto realiza aquela atividade. Assim, atividades rotineiras como dirigir, pedalar, lavar louças, ouvir música, dançar, podem sim ser atividades meditativas. De fato, como mostrado em nossa pesquisa existem algumas atividades/ferramentas que nos convidam e propiciam momentos meditativos de reflexão e de encontro com o Eu interior, mas não quer dizer que estas sejam as únicas. Dito isto, esta pesquisa é também um convite para que você encontre seu processo de autoconhecimento.

Por fim, concluo esta tese com o aforismo socrático que para mim representa muito mais um mantra, convite e lembrete do meu próprio processo de autoconhecimento: Conhece-te a ti mesmo!

## Referências

ABATE, Elizabete Aparecida Bragatto. **Contaçon de histórias e autodesenvolvimento afetivo, cognitivo e social do professor contador**. 27/11/2020. 110 f. Mestrado em Educação na Universidade Federal do Paraná/UFPR. Biblioteca do Campos Rebouças.

ABBUD, Claudia Falavigna. **É preciso aprender sobre empregabilidade: uma análise a partir do site da Associação Brasileira De Recursos Humanos (ABRH)**. 19/01/2017. 168 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da UFRGS.

ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. **Práticas corporais educativas: movimento interno e externo do ser interdisciplinar'** 08/11/2013. 121 f. Doutorado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

ALMEIDA, L. H. D. de. **Autoconhecimento emocional do professor: a preocupação com a pessoa, antes do profissional**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Humanidades, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ALMEIDA, Laura Helena Jamelli De. **Cartas em três atos: Paulo Freire, Angel Vianna e o cotidiano escolar**. 26/09/2016. 156 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de Sorocaba, Sorocaba.

ALMEIDA, Lucia Helena Diniz de. **Autoconhecimento emocional do professor: A preocupação com a pessoa, antes do profissional**. 28/02/2019 93 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Construindo cenários e estratégias de aprendizagem integradoras (inclusivas)**.16/05/2013. 276 f. Doutorado em Educação (currículo) Instituição de Ensino: Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC-SP

ALVES, Tarso Ferreira. **Por uma educação para o autoconhecimento: uma leitura a partir do pensamento socrático-platônico**. 21/02/2019 105 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unicamp.

AMARAL, Michele Pedroso Do. **Educação estética pela mediação de leitura de imagens de obra de arte'** 23/12/2014 175 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade De Caxias Do Sul, Caxias do Sul Biblioteca Depositária: Universidade de Caxias do Sul.

AMORIM, Gusmao Freitas. **Vida que forma: autobiografia e formação de professores**. 10/02/2017 128 f. Mestrado em educação e ensino (MAIE) Instituição de Ensino: Universidade Estadual Do Ceará, Limoeiro do Norte Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Estadual do Ceará (UECE) campus: Itaperi- FORTALEZA; Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE) – Limoeiro do Norte-Ce.

ANDRADE, Marcelo Pereira de. **O autoconhecimento da mens no livro X do De Trinitate de Santo Agostinho**. 115 f. Mestrado em filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

ANDRADE, Simone Moura Andrioli de Castro. **O autoconhecimento e autocuidado na formação interdisciplinar do profissional da saúde: uma jornada simbólica'** 12/09/2018 244 f. Doutorado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

ANJOS, Tiago Ribeiro Dos. **Projeto de vida e ENEM: uma análise do questionário socioeconômico e suas implicações para o Ensino Médio**. 28/08/2017. 153 f. Mestrado Profissional em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De São Carlos, São Carlos Biblioteca Depositária.

ANTUNES, Diogo Silveira Heredia Y. **Da inovação em educação às escolas emergentes: papel social, valores e estratégias para a formação humana'** 28/02/2018 168 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

ARISTÓTELES. **Os Pensadores**. Tradução e notas: Pinharanda Gomes. São Paulo: Nova Cultural. 1999.1

BARBATO, Christiane Novo. **A constituição profissional de formadores de professores de matemática**. 22/02/2016. 323 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade São Francisco, Itatiba Biblioteca Depositária: Santa Clara.

BARROS, Ana Deborah Pereira De. **Linguagens artísticas do bumba meu boi no currículo do ensino médio no Maranhão: uma experiência no Centro de Ensino Manoel Beckman**. 28/03/2018. 303 f. Mestrado Profissional em GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca Depositária.

BELLONI, I. **Autoavaliação institucional**: um instrumento de democratização da educação. Linhas Críticas. Brasília, v.5, n.9, p.31-58, jul a dez, 1999.

BENNETT, M. R.; HACKER, P. M. S. **Fundamentos filosóficos da neurociência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BERGSON, Henri. A filosofia francesa. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 29(2): p. 257-271, 2006

BERNARDES, Victor Lino. **Corpo sentido: corporeidade e a emergência de recursos subjetivos associados à criatividade'** 29/03/2016 147 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade De Brasília, Brasília Biblioteca Depositária: BCEUnB.

BERTERO, C.O. (2011) Réplica 2 - o que é um ensaio teórico? Réplica a Francis Kanashiro Meneghetti. **Revista de Administração Contemporânea**, 15 (2), 338-342.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa. **REVEMAT**. eISSN 1981-1322. Florianópolis (SC), v. 9, Ed. Temática (junho), p. 07-20, 2014.

BIZARRIA, Fabio de Oliveira. **Educação Estética da narrativa de si: Um estudo sobre os processos formativos no curso de pedagogia**. 12/04/2017 114 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Prof. Lucio de Souza (Unicid, Tatuapé).

BLASCO, P. G. et al. A. **Education through movies: Improving teaching skills and fostering reflection among students and teachers**. Journal for learning through the Arts, California, v. 11, n.1, 2015.

BORGES, Charles Irapuan Ferreira. **Deleuze, ética e imanência**. Diss. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre, 2013, 114f.

BOTELHO, Arlete De Freitas. **Intencionalidades e efeitos da autoavaliação institucional na gestão de uma universidade multicampi**. 15/03/2016. 381 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade De Brasília, Brasília Biblioteca Depositária: BCE UnB.

BOTELHO, J. F.; FAUNES, M. Dois cérebros para pensar: a evolução da inteligência em aves e mamíferos. **Darwinianas**. 2018. Disponível em: <<https://darwinianas.com/2018/02/27/dois-cerebros-para-pensar-a-evolucao-da-inteligencia-em-aves-e-mamiferos/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

BRANDENBURG, O. J.; WEBER, L. N. D. Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. **Psico-USF**, v. 10, n. 2, p. 87–92, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRIGATTO, Agda Cristina. **Os caminhos do artista educador em busca de imagens significativas**. 31/01/2014. 216 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016.

BRYANT, E. F. **The Yoga Sutras of Patañjali**: a new edition, translation, and commentary with insights from the traditional commentators. Edição do Kindle. New York: North Point Press, 2009.

BUNGE, Mario. **Matéria e mente**. 1a ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CALORI, Jose Valmir. **O pensamento sistêmico e a construção de competências de gestores educadores'** 12/12/2018 125 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Do Planalto Catarinense, Lages Biblioteca Depositária.

CAMPOS, A. de; SANTOS, A. M. G dos; XAVIER, G. F. A consciência como fruto da evolução e do funcionamento do sistema nervoso. **Psicologia USP**. São Paulo, v.8, n.2, p. 181-226, 1997.

CAMPOS, Nelsa Maria Dias De. **Envelhecimento e espiritualidade na perspectiva do yoga**. 11/08/2016. 102 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da UFRGS.

CANEVER, Vanessa. **Contribuição do budismo para a autoconstrução do ser humano na perspectiva de uma educação para a inteireza**. 23/10/2015. 197 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central PUC-RS.

CARL, Wolfgang. A natureza do si-mesmo: Hume ou Kant? *Analytica*, v.6, n.1, p. 133-154, 2002.

CARVALHO, Luana De Araujo. **Formação de leitores e formação de professores: memorial como estratégia pedagógica e de pesquisa**. 29/04/2013. 133 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Ouro Preto, Mariana Biblioteca Depositária: ICHS - Universidade Federal de Ouro Preto.

CAVALCANTE, Christyne Rose Lima. **O tema transversal sexualidade. Do desenvolvimento humano, o ser homem e o ser mulher, amor com responsabilidade, à valorização da família, pela construção de uma sociedade inclusiva'** 15/08/2013 101 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Cidade De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Prof. Lúcio de Souza.

CENTRONE, Bruno. **Istituzioni di storia della filosofia antica**. Pisa, 1970.

CHAGAS, Francisco Aluziê Barbosa das. A relação entre fé e razão em João Paulo II: Uma análise a partir da Encíclica *Fides et ratio*. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**, v.4, n.1, p. 59-73, 2013.

COLASANTO, Cristina Aparecida. **Avaliação na educação infantil: a participação da criança**. 16/10/2014. 206 f. Doutorado em Educação (currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

COLBY, A; DAMON, W. **Some do care: contemporary lives of moral commitment**. New York: The Free Press, 1992.

CORREA, Georgia Carolina Piacentini. **Teia Multicultural: a construção de um modelo inovador na escola brasileira**. 29/10/2018. 195 f. Mestrado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, Sílvia H.; DE PAULA COUTO, Maria Clara P.; HOHENDORFF, Jean Von (Org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

COUTO, Henriqueta Regina Pereira. **Desenvolvimento profissional de professores da educação básica inseridos em projetos de pesquisa**. 10/05/2016. 112 f. Mestrado em

Educação Tecnológica Instituição de Ensino: Centro Federal De Educação Tecnológica De Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca Campus II.

CRUZ, Luciana dos Santos da. **Da vertigem aristotélica à educação contemporânea**. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

DANTAS, Priscila Ferreira Ramos. **Prática Reflexiva na formação continuada de docentes e suas implicações para o processo de inclusão escolar**. 21/07/2016. 331 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal Biblioteca Depositária.

DANZA, Hanna Cebel. **Projetos de vida e educação moral: um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento'** 07/04/2014. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP.

DIAS, Juliana da Silva. **Avaliação de cursos de graduação: integrando instrumentos, espaços e momentos**. 22/03/2018. 261 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Titadentes, Aracaju Biblioteca Depositária: Biblioteca Jacinto Uchoa de Mendonça.

DOMINGUES, Camila. **As significações de professores readaptados sobre as condições de trabalho docente e suas implicações no processo de adoecimento'** 26/10/2018 141 f. Mestrado Profissional em Educação: formação de formadores Instituição de Ensino: Pontificia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da PUC-SP (Campus Monte Alegre).

DUARTE, Alisson Jose Oliveira. **Processo de Construção da constituição da identidade profissional de professores da educação escolar de uma unidade prisional de Minas Gerais**. 20/02/2017. 148 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba Biblioteca Depositária: UFTM.

DUVIDOVICH, Marina Luar de Souza. **Quando a sabedoria das danças circulares sagradas toca a educação**. 28/02/2018. 157 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Autoconhecimento**. In: FAZENDA, Ivani. Dicionário: Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus: 2003.

FERNANDES, Peterson Jose Cruz. **De educador a administrador; de administrador a educador: uma narrativa interdisciplinar como possibilidade de currículo para o educador administrador escolar contemporâneo**. 27/08/2018. Doutorado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontificia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

FERREIRA, Edilaine Maria Mendes. **Educação ambiental campesina: do diálogo de saberes à sementeira de projetos ambientais escolares comunitários'** 06/04/2016 139 f. Mestrado

em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Mato Grosso, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Instituto de Educação e Biblioteca Central / IE / UFMT.

FERREIRA, Rita De Cassia Fossaluzza. **Máscaras como símbolos de comunicação e expressão: uma análise do que mostram e dizem os alunos dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Sistemas de Informação do UNISAL, Americana - SP'** 21/08/2015 136 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Centro Universitário Salesiano De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Centro Universitário Salesiano De São Paulo - Unidade Americana.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 2ª ed. São Paulo: Martins Fosenca, 2006.

FRANCA, Odila Amelia Veiga. **Alfabetização, história de vida e formação na pesquisa interdisciplinar: sentidos e significados**. 30/10/2014 346 f. Doutorado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

FRANCO, Lara Luisa Silva Gomes. **Educação quilombola, resistência e empoderamento: estudo na Comunidade Quilombola De São Domingos, EM Paracatu (MG)**. 01/02/2018. 135 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia Biblioteca Depositária: universidade Federal de Uberlândia

FRANKE, Monica Cecilia Goncalves Condessa. **Altas habilidades/superdotação, intervenção psicopedagógica e aceleração de estudos: um estudo de caso**. Curitiba' 25/03/2013 122 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca do Setor de Ciências Humanas.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8 ed. São Pailo: Paz e Terra, 1996.

GALEFFI, Dante Augusto. **Recriação do educar epistemologia do educar transdisciplinar**. Bahia, Salvador: Inédito, 2011.

GIEBEL, Marion. **O Oráculo de Delfos**. Tradução de Evaristo Pereira Goulart. São Paulo: Odyseus Editora, 2013.

GOULART, Bianca Daniete Chimello. **Avaliação na educação a distância como arte de governar**. 23/09/2013. 63 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Luterana Do Brasil, Canoas Biblioteca Depositária: Biblioteca Martinho Lutero ULBRA/Canoas.

GREGORIN, Cristiane Pinholi. **Um olhar sobre o mal-estar docente na perspectiva da contemporaneidade**. 29/02/2016. 159 f. Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais Instituição de Ensino: Universidade Nove De Julho, São Paulo Biblioteca Depositária: Prof. José Storópoli.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica sobre as relações entre razão e fé.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

HOLAS, Pawel; JANKOWSKI, Tomasz. **A cognitive perspective on mindfulness.** International Journal of Psychology. Poland, v.48, n.3, p.232-243, 2013.

HÜLSHEGER, U. R. et al. **Benefits of mindfulness at work:** The role of mindfulness in emotion regulation, emotional exhaustion, and job satisfaction. Journal of Applied Psychology, Washington, 98(2), 310-325, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Lisboa: Educa, 2002.

JUNG, Carl. Gustav. **O desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

KNAK, J. L. **Meditação:** introdução. Curso online. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://psicologia-do-Yoga-prof-jorge-luis-knak.teachable.com/p/meditacao-introducao>>. Acesso em: 20 out. 2019.

KORNATZKI, Luciana. **Educação Sexual intencional em livros para a infância: um estudo de suas vertentes pedagógicas.** 27/02/2013. 271 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UDESC.

KRUGER, Cristina Debli. **Escritas Autobiográficas: Por entre imaginários e memórias - a busca das confluências para tornar-me educadora.** 11/09/2013. 91 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pelotas, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus das Ciências Sociais.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5a ed. São Paulo: Atlas 2003.

LECH, Marilise Brockstedt. **A humanização da educação: A influência da pessoa do professor'** 29/03/2017 185 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

LEON, Diego dos Santos. **Tornar-se professor: a construção da identidade profissional docente no ensino técnico Uberaba - MG 2017.** 21/12/2017. 122 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba Biblioteca Depositária: UFTM.

LIMA, Dalton Oscar Walbruni. **Schiller, educação e o estado estético.** 25/09/2014. 192 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Humanidades/Universidade Federal Do Ceará

LIMA, Nuzia Roberta. **Formação e prática: narrativa (auto) biográfica de uma pedagoga que leciona o ensino de arte.** 20/08/2013. 147 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte, Mossoró Biblioteca Depositária: UERN/BC.

MAIA, Gabrielle Bessa Pereira. **Forjados nas estrelas: educação e doutrina espírita através de vidas em (trans)formação**. 28/07/2017. 140 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Universidade Federal Do Ceará/Centro De Humanidades.

MARÇAL, João Vicente de Sousa. O auto-conhecimento no behaviorismo radical de Skinner, na filosofia de Gilbert Ryle e suas diferenças com a filosofia tradicional apoiada no senso comum. **Univ. Ci. Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-151, jan./jun. 2004.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2000.

MANCINI, Flavia Griep. **O valor simbólico da leitura: cartas (auto)biográficas de leitores professores**. 20/02/2013. 148 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Pelotas, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Ciências Sociais.

MARQUES, António. Autoconhecimento, introspecção e memória. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. spe 02, p. 13-22, 2012.

MARQUES, Vanessa da Silva. **Inteligência emocional e gestão de conflitos na sala de aula: interfaces razão-emoção a partir de relatos e reflexões docentes'** 04/03/2016 113 f. Mestrado Profissional em Gestão Educacional Instituição de Ensino: Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Unisinos.

MARTINS, Clélia Aparecida. O autoconhecimento na psicologia empírica de Kant. **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, Série 3, v. 11, n. 2, p. 59-87, jul.-dez. 2001.

MEINICKE, Dinora. **Formação continuada numa perspectiva da educação para a inteireza: Uma necessidade do professor de creche'** 27/03/2017 185 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

MELLO, Caroline Castro De. **Educação ambiental e cultura de paz - contribuições para a formação de professores**. 07/03/2014. 101 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Santa Maria, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Centra UFSM

MENEGHETTI, F.K. (2011) O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, 15 (2), 320-332.

MENEZES, Soane Maria Santos. **A transdisciplinaridade na formação continuada de professores: um estudo de caso no observatório de educação da Universidade Tiradentes Em Sergipe (2011-2012)'** 10/03/2015 181 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Tiradentes, Aracaju Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Jacinto Uchôa de Mendonça.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MODESTO, Ester. **Docente em serviço: Sujeitos e Subjetividades na Formação de Professores**. 29/02/2016. 140 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

MORAES, Jonathas Gomes. **A disseminação da noção de autoconhecimento na literatura educacional e na formação do professor** ' 23/03/2017 126 f. Mestrado em educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária – UESB.

MORANDI, Maria Isabel W. Motta; CAMARGO, Luis F. Riehs. Revisão sistemática da literatura. In: DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel P.; ANTUNES JR, José A. Valle. **Design sciencie research: método e pesquisa para avanço da ciência e da tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

MOREIRA, Lauren Carla Escotto. **Fan Pages & Frases de efeito: discursos de autoajuda ensinando a agir sobre si na busca de uma vida feliz**' 15/03/2016 93 f. Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia Instituição de Ensino: instituto federal de educ., ciênc. E tecn. Sul-rio-grandense, Pelotas Biblioteca Depositária: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense / Câmpus Pelotas.

MOREIRA, Ramon Missias. **Representações corporais de professores universitários de educação física no facebook**. 19/07/2017. 252 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Anísio Teixeira -FACED e Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

MORIN, Edgar. **O método 3: a consciência da consciência**. 2a ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 2: a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 3: a conhecimento do conhecimento**. 5a ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOURA, Gerusa Do Livramento Carneiro De Oliveira. **Formação do pedagogo e o pedagogo em formação: contrastes entre a(s) política(s) de sentido de formação nas diretrizes curriculares nacionais e as experiências formativas compreendidas na cotidianidade dos atos de currículo**. 16/10/2017. 172 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Anísio Teixeira-FACED e Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

MOURA, Marcelo Pinto Coelho. **A avaliação institucional como instrumento de gestão estratégica: Estudo de caso em uma escola estadual de Itabira-MG**' 26/07/2017 156 f. Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública Instituição de Ensino: Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFJF.

NARANJO, Claudio. **Mudar a educação para mudar o mundo: o desafio do milênio**/ Claudio Naranjo, tradução de Eneida Ludgero da Silva e Mara R Grebory. Brasília Verbena – 2005. Título original: Cambiar la educación para cambiar el mundo.

NASCIMENTO, Fernanda Silva do. **Possibilidades para pensar os fenômenos do mal-estar e bem-estar docente em uma escola da Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre.** 25/02/2021. 161 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

NASCIMENTO, Jennifer Souza. **Contato improvisação e movimento criativo: Proposta e prática educativa em dança para Corpos Eficientes'** 31/08/2017 113 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Pará, Belém Biblioteca Depositária: Biblioteca Paulo Freire Da Universidade Do Estado Do Pará.

NETO, Raul Maia de Andrade Neves. **O autoconhecimento e o reconhecimento do outro: possibilidades emancipatórias no ensino e aprendizagem de filosofia.** 26/02/2014. 133 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul Biblioteca Depositária: UNISC.

NETO, Raul Maia de Andrade Neves. **Psicogênese da empatia: Educação, Autoconhecimento e Reconhecimento do Outro.** 28/03/2019. 219 f. Doutorado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade La Salle, Canoas. Biblioteca Depositária: Universidade La Salle.

NEVES, Cibele Cavalheiro. **Interdisciplinaridade e currículo da Educação Profissional: sentido e autoconhecimento.** 31/10/2018. 163 f. Mestrado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução de Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade.** 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

OLIVEIRA, Daniel Pereira De. **Narrativas de professor-pesquisador: investigando a própria prática docente a partir da experiência de produzir animações com crianças na escola.** 19/05/2016 96 f. Mestrado em Educação - Processos Formativos E Desigualdades Sociais Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, São Gonçalo Biblioteca Depositária: UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/D.

OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **João Calvino e Santo Agostinho sobre o conhecimento de Deus e o conhecimento de si: um caso de disjunção teológico-filosófica.** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2012.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Education for Sustainable Development Goals: learning objectives**, 2017. Disponível em: < <https://ods.imvf.org/wp-content/uploads/2018/12/Recursos-ods-objetivos-aprendizagem.pdf>>. Acesso em 22 de abril de 2022.

OKOLI, Chitu. Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. **EaD em Foco**, 2019;9(1): e748. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.748>

PALMER, Parker J. **A Coragem de Ensinar**: explorando a paisagem interior da vida de um professor. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PAULA, Erico Lopes Pinheiro de. **Educação e Psicologia: representações sociais de professores na rede pública**. 09/02/2015. 176 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - MG

PEQUENO, Marconi. A moral e as emoções. In. **Revista do CCHLA**, João Pessoa, ano IX, n.º 2, 2002, pp. 67 – 88.

PEREIRA, Patricia Cristine. **Educação Sexual familiar e religiosidade nas concepções sobre masturbação de jovens evangélicos**. 14/08/2014. 151 f. Mestrado em Educação Escolar Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho (Araraquara), Araraquara Biblioteca Depositária: Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara – UNESP.

PEREIRA, Raissa De Almeida. **Jovens enlutados: Um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda**. 29/09/2017. 238 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Repositório institucional/Universidade Federal do Ceará.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PETITMENGIN-PEUGEOT, C. **The intuitive experience**. Journal of Consciousness Studies, v. 6, n. 2-3, p. 43–77, 1999.

PINHEIRO, Samuel Lopes. **O silêncio e o ser na Filosofia Vedanta: Um diálogo oriente-ocidente para pensar a relação humano-natureza em Educação Ambiental**. 21/03/2017 179 f. Mestrado em EDUCAÇÃO AMBIENTAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande.

PIVOVAR, Eloisa Leal Silverio. **A autoridade como mediadora na promoção de adultos livres e autônomos em seu pensar: Uma discussão a partir de Rudolf Steiner e Viktor E. Frankl**, 22/03/2016 182 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Do Setor Humanas.

POPPER, Karl; ECCLES, John. **O cérebro e o pensamento**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

POPPER, Karl Raimund. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999.

QUINTERO, Martha Elena Baracaldo. **La subjetividad en la formación de maestros**. Nómadas, Bogotá, n.34, p.247-259, mar. 2011.

RACHE, Rita Patta. **Arte-educação ambiental, um constructo transdisciplinar'** 16/12/2016 232 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade De Brasília, Brasília Biblioteca Depositária.

REGO, Sergio Antonio Silva. **Mulher e ciência: interfaces feministas entre conhecimento científico e político na América Latina'** 22/05/2017 290 f. Mestrado em Educação Contemporânea Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Caruaru Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE.

REIS, Graca Regina Franco Da Silva. **Por uma outra Epistemologia de Formação: Conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados.** 09/12/2014. 198 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Rede Sirius.

RELVAS, M. P. **Neurociências e Educação, gêneros e potencialidades na sala de aula.** 2. ed. Rio de Janeiro: WAK. Editora, 2011.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

RODRIGUES, Claudia Flores. **Por uma percepção multiangular: A inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola.** 10/05/2013. 124 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

RODRIGUES, Juliana. **Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: Uma experiência estética.** 29/03/2019. 82 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Sistema de Bibliotecas UFPR

ROSA, Jane Petry Da. **Corridas de rua: aprendizagens no tempo presente.** 28/11/2013. 198 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU.

ROSA, Luiz Carlos Mariano da. A teoria analítica da ciência e a dialética aristotélica. In. **Seara Filosófica**, n.º 4, verão, 2011, pp. 91 – 119.

RYCHEN, D. S. **Key competencies: Meeting important challenges in life.** In: RYCHEN, D. S.; SALGANIK, L. H. (Eds.). Key competencies for a successful life and well-functioning society. Cambridge, MA: Hogrefe e Huber, 2003. p. 63-107.

SAKS, Flavia do Canto. **Busca booleana: teoria e prática.** 61 f. Trabalho de conclusão de curso: Universidade Federal do Paraná. 2005.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração e relatório de estudos científicos.** 3a ed. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1973.

SANTANA, Alexandre Reboucas de. **Vivência da epistemologia do educar na aula de música.** 28/08/2013. 73 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Anísio Teixeira-FACED

SATISH, L. **Counselling Principles and Practices for Yoga Therapists.** Chennai: Krishnamacharya Yoga Mandiram, 2019.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. **Uma interpretação das artes guerreiras chinesas.** 04/10/2013. 125 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unicamp.

SANTOS, Ricardo Andre Ferreira De Oliveira. **Vídeos online e ensino de física: construindo critérios de qualidade para a escolha de conteúdo educativo a partir da competência midiática e informacional.** 31/07/2018. 78 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Triângulo Mineiro, Uberaba Biblioteca Depositária: UFTM.

SANTOS, Sandra Elizabeth Paris dos. **O lugar da educação na parturização do saber: Um nascedouro do saber criativo do universo simbólico, sob a luz da Psicologia Analítica.** 21/06/2013. 261 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Unidade de Americana.

SANTOS, Thais Yuri Jo. **Os princípios éticos do Yoga e sua prática pedagógica - estudo das repercussões midiáticas a partir da revista Guia de Yoga.** 21/06/2018. 74 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho (Rio Claro), Rio Claro Biblioteca Depositária: IB/RC.

SAVI, M. G. M.; SILVA, E. L. da. **O fluxo da informação na prática clínica dos médicos residentes: análise na perspectiva da medicina baseada em evidências.** Ci. Inf., Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.177-191, set./dez., 2009.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Educação Física.** – 2.ed. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

SCHIAVO, Igor Emanuel de Almeida. **O papel do teatro na formação humana: reflexões sobre o método de trabalho do “Coletivo Clandestino”.** 25/09/2014. 186 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca do Setor de Ciências Humanas.

SCHUTZ, Anelise. **Oficinas de aprendizagem como estratégia de intervenção no ensino técnico e superior.** 28/03/2018. 75 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da PUCRS.

SEYR, MARISA. **Psicodrama Pedagógico e Alfabetização de Jovens e Adultos: Memórias, Histórias, Sentidos.** 02/12/2013. 210 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL.

SILVA, Anildo de Souza. A vontade de sobrevivência segundo Nietzsche: condição necessária para a racionalidade e o autoconhecimento do homem. **Revista de filosofia da UESB**, ano 1, n. 2, p. 35-52, jan-jul. 2013.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, João Alberto de Souza. **Arte e escola: um encontro com o outro da poesia**. 23/02/2015. 140 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unicamp.

SOUSA, Erineide Cunha De. **Reflexão nos processos de formação continuada de alfabetizadores: dos desafios e das possibilidades**. 25/02/2016. 150 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal Do Piauí, Teresina Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do CCE/UFPI.

SOUSA, Rosangela Teixeira De. **Avaliação Institucional nas escolas estaduais do município de Fortaleza: uma análise comparativa dos resultados do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará - SPAECE**. 17/12/2013 115 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Humanidades/Universidade Federal Do Ceará.

SOUZA, Andreia Cavalcante de. **Autoconhecimento a partir do Yoga na formação de educadores**. 08/03/2021. 146 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca SIBI.

SOUZA, Angela Maria De. **Práticas autoformativas na formação continuada do educador na perspectiva de um sujeito ecológico**. 24/04/2014. 128 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília.

SOUZA, Denis Mauro Rodrigues De. **Professores de Educação Física em Formação corpo, relações de gênero e sexualidades**. 04/02/2013 132 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária UFJF.

SOUZA, Emerson Renan Berger De. **Educação do homem desde a corporeidade em Merleau-Ponty: O caráter pedagógico da cultura corporal**. 20/12/2016. 79 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010

SPEAKES, Neusely Fernandes Silva. **Rebeldes com causa: narrativa construída na formação colaborativa de professores na escola**. 31/07/2017 146 f. Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

STEINER, Rudolf. **Arte e estética segundo Goethe**: Goethe como inaugurador de uma estética nova. Conferência proferida em Viena, em 9 de novembro de 1888. Tradução de Marcelo da Veiga. 4a ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.

STEINER, Rudolf. **A filosofia da liberdade**: Fundamentos para uma filosofia moderna. São Paulo: Antroposófica, 2000.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna.** Edições Loyola, 1997.

TEIXEIRA, João Fernandes. **Como ler a filosofia da mente.** 1a ed. São Paulo: Paulus 2008.

TONANNI, Andrea Cury Borges de Gouvea. **Interdisciplinaridade e generosidade na formação de gestores educacionais: intervenções no Senac Santana.** 31/07/2014. 111 f. Mestrado em Educação (currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.

TORRES, Simone Padua. **A corporeidade no Ensino Fundamental: na busca de uma educação emancipatória Lavras – MG 2016.** 03/12/2015. 93 f. Mestrado Profissional em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Lavras, Lavras Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFLA.

UTZ, Konrad. Filosofia como Autoconhecimento: uma chave argumentativa para compreender o Idealismo de Hegel. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, ano. 16, nº 27. 2019.

VARELA, Francisco. O que sabe a ciência sobre a consciência? In. **A ciência: deus ou diabo?** São Paulo, UNESP, 2001.

VASCONCELLOS, Sonia Tramuja. **ENTRE {DOBRAS} LUGARES da pesquisa na formação de professores de artes visuais e as contribuições da Pesquisa Baseada em Arte na Educação para ampliação de relações entre representação visual e produção de (auto)conhecimento.** 25/03/2015. 209 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca do Setor de Ciências Humanas.

VIANA, Daniela Cristina. **Mediação Cultural por Meio da Dança/Educação como Possibilidade de Aprendizagem na Infância.** 25/02/2016. 211 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Da Região De Joinville, Joinville Biblioteca Depositária: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

VICENTIN, Livia De Fatima. **Alteridade e corporeidade na formação do professor que atua com crianças e adolescentes em tratamento de saúde.** 24/02/2015. 109 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica Do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Central a PUCPR.

VILACA, Sarah Luana Vieira. **Os intercambistas do programa minas mundi: perfil, motivações e experiências.** 21/02/2017. 183 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG.

VIVALDI, Flavia Maria de Campos. **Pesquisas empíricas sobre práticas morais nas escolas brasileiras: o estado do conhecimento.** 11/12/2013. 210 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central – UNICAMP.

WAHLBRINCK, Iliria Francois. **Da Tomada de Consciência à Conscientização: empenhos da Ética do Cuidado em Projetos de Extensão.** 09/09/2014 152 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai E Das Missões, Frederico Westphalen Biblioteca Depositária: Biblioteca Central DR. José Mariano da Rocha Filho.

ZANARDO, Katia Regina. **Empatia e alteridade no processo de ensinar e aprender Um diálogo com alunos do Ensino Fundamental II de uma Escola Pública'** 30/03/2017 67 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Centro Universitário Salesiano De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: UNISAL - Centro Universitário Salesiano De São Paulo – Americana.

## Anexo 1

No Anexo desta tese compilamos os trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, segundo os critérios de pesquisa acima expostos, mas que estão indisponíveis para consulta ou que não possuem nenhuma referência a autoconhecimento ou auto-conhecimento.

**Quadro 8** Trabalhos indisponíveis para consulta do CTD da Capes

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universid</b>	<b>Tipo</b>	<b>Palavras-chave</b>
1.	FRANZI, Juliana	Relações afetivo- amorosas na juventude: uma análise a partir da teoria dos modelos organizadores do pensamento	2013	USP	Tese	Juventude; Modelos organizadores do pensamento; Relações afetivo- amorosas.
2.	GALLUCCI, Claudia Margarido	Programa de aprendizagem profissional e comercial e pessoas com deficiência intelectual	2016	Moura Lacerda	Dissertação	Aprendizes; Deficiência Intelectual; Mundo do Trabalho; Inclusão; Programa de Aprendizagem.
3.	GUSI, Elisangela Goncalves Branco	Psicomotricidade relacional: um método para o desenvolvimento pessoal e profissional do professor	2016	PUCPR	Dissertação	Psicomotricidade Relacional; Formação Pessoal; Formação Continuada; Ensino Superior.
4.	NASCIMEN TO, Francielle Pereira	Autorregulação e motivação em uma tarefa de aprendizagem: um estudo com universitários	2018	UEL	Dissertação	Aprendizagem autorregulada; Metas de Realização; Universitários Ingressantes; Perfis de autorregulação.
5.	OLIVEIRA, Maria Do Socorro Brito De	O desenvolvimento da profissionalização docente: histórias de professores dos anos iniciais do ensino fundamental	2015	UFPI	Dissertação	Profissão Docente; Formação Profissional Docente; Profissionalização Docente.
6.	SILVA, Lourenco Cezar Da	Do CEASM ao Museu da Maré: o lugar de memória ou memória do lugar	2018	UFRJ	Dissertação	Memória; história; museu da maré; identidade coletiva.
7.	SOARES, Geraldo Ramos	A educação de um educador	2013	UFBA	Tese	Autobiografia; Healing; Educação; Formação de professores; Solidariedade; Desenvolvimento humano.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

O objetivo central da pesquisa de Franzi (2013) foi identificar e analisar como jovens, estudantes paulistanos, de 15 a 17 anos, organizam o pensamento ao analisar um conflito de conteúdo afetivo-amoroso. A tese foi realizada com jovens, de uma escola pública de Ensino Médio, localizada na zona oeste do município de São Paulo. Como procedimento de investigação foi aplicado um conflito a 120 jovens, sendo 60 jovens do sexo masculino e 60 do sexo feminino. A análise dos dados levou a seis Modelos Organizadores do Pensamento, onde foi verificado diferentes compreensões sobre as relações afetivo-amorosas: variando entre uma compreensão mais romântica e idealizada (conforme apontaram os sujeitos do Modelo 1) até uma compreensão de que o afeto e o amor dependem de elementos como o diálogo, o conhecimento do(a) companheiro(a) e o autoconhecimento (conforme apontaram os sujeitos do Modelo 6). Referidas informações foram coletadas no resumo da tese disponibilizado na plataforma sucupira, já que tal trabalho não possui divulgação autorizada.

A dissertação de Gallucci (2016) teve o intuito de investigar o programa de aprendizagem e colaborar com a formação das pessoas com deficiência intelectual para a laboralidade e verificar a importância do programa na vida pessoal e profissional desses jovens. Trata-se de uma pesquisa social de cunho qualitativo. Utilizou-se a entrevista semiestruturada como procedimento de coleta de dados. O roteiro da entrevista tratou sobre questões relacionadas à vivência de trabalho dos jovens e das aulas teóricas referentes ao programa. Os dados foram analisados pelos roteiros das entrevistas: vivência do entrevistado no ambiente de trabalho e aprendizagem teórica a partir do programa de qualificação profissional. Referidas informações foram coletadas no resumo da tese disponibilizado na plataforma sucupira, já que tal trabalho não possui divulgação autorizada.

A dissertação de Gusi (2016) teve como objetivo compreender as possibilidades de contribuição da Psicomotricidade Relacional à formação pessoal do professor do ensino superior em processo de formação continuada. Utilizou-se a pesquisa-ação-intervenção proposta por Van der Maren (1996), que pressupõe a possibilidade de propor ou disseminar uma inovação. Participaram da pesquisa 12 professores do Ensino Superior de diversas instituições privadas de Ensino Superior de Curitiba. Antes da realização da vivência psicomotora relacional foi aplicado um questionário diagnóstico. A vivência finaliza com a realização de uma autoanálise escrita. Com a aplicação da intervenção, foi possível constatar as condições favoráveis para a aplicação da prática, desde o espaço adequado até a disponibilidade para os professores possam participar. O envolvimento emocional durante a vivência despertou sentimentos como: afetividade, poder, desejo, autoconhecimento,

integração, prazer, desestresse, alívio de tensões, união e respeito, que levaram os professores refletirem sobre as relações que estabelecem em sala de aula com seus alunos e com seus colegas de trabalho. Referidas informações foram coletadas no resumo da tese disponibilizado na plataforma sucupira, já que tal trabalho não possui divulgação autorizada.

O estudo de Nascimento (2018) teve o objetivo de verificar em que medida estudantes universitários são autorregulados e qual a relação com variáveis motivacionais, na realização de uma tarefa de aprendizagem avaliativa online, denominada Trabalho Discente Efetivo. A pesquisa contou com uma amostra de 212 universitários ingressantes dos cursos de Direito, Medicina e Psicologia de uma universidade particular do norte do Paraná. Após a realização da tarefa, eles responderam o "Questionário de Autoconhecimento nos Estudos", composto por 40 questões em escala Likert de cinco pontos, que contemplou as categorias: estratégias cognitivas (elaboração e organização) e metacognitivas; planejamento do tempo; procrastinação; Motivação (Meta de Realização Domínio e Metas Extrínsecas) e percepção de instrumentalidade da disciplina. Referidas informações foram coletadas no resumo da tese disponibilizado na plataforma sucupira, já que tal trabalho não possui divulgação autorizada.

A dissertação de Oliveira (2015) apresenta como objeto de estudo a profissionalização docente dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e para sua compreensão e desenvolvimento da investigação delinea como objetivo geral: investigar o processo de desenvolvimento da profissionalização do professor que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental; e como objetivos específicos: identificar como os professores concebem a profissão docente; caracterizar os aspectos da formação que concorrem para a profissionalização docente; descrever as condições de exercício da profissão docente. Questiona como se efetiva o desenvolvimento da profissionalização docente. Insere-se na abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa narrativa, modalidade metodológica que investe na rememoração das histórias de vida dos narradores na perspectiva de despertar a autorreflexão sobre diferentes dimensões da profissionalização docente, possibilitando as interlocutoras vivenciar momentos de autoformação e de autoconhecimento. Referidas informações foram coletadas no resumo da tese disponibilizado na plataforma sucupira, já que tal trabalho não possui divulgação autorizada.

Na dissertação de Silva (2018) a narrativa do “eu” pesquisador/pesquisado encontra no Museu da Maré o espaço de diálogo e contradições da própria narrativa e a narrativa do outro, da sua identidade e as identidades dos outros, entre o local e o território, dentre lembranças e memórias, dentre o que se quer lembrar e ou esquecer. Vale mencionar que, embora esta

pesquisa tenha passado no filtro referido na metodologia a mesma não apresenta qualquer menção ao termo autoconhecimento ou auto-conhecimento, sendo este o motivo de se encontrar no anexo desta tese.

A tese de Soares (2013) apresenta uma narrativa autobiográfica de sua carreira docente, destacando seu encontro com o Healing, uma abordagem original sobre o desenvolvimento humano, que trouxe mudanças importantes na sua prática pedagógica. Apesar de extraordinárias, as inovações na educação não foram capazes de abalar a estrutura do modelo atual de educação que permanece baseado apenas no intelecto e no acúmulo de informações, pois considera a razão como principal via de conhecimento, desprezando a subjetividade. Demonstra que todo conhecimento é autobiográfico. Enfatiza a importância do autoconhecimento dos educadores como uma condição necessária para transformar as práticas educacionais. Dito isto, imperioso se faz destacar que, em que pese tenha sido detectado a presença do termo autoconhecimento na pesquisa de Soares (2013), não foi possível encontrar a integralidade da tese estando, dessa forma, limitados a emitir qualquer parecer sobre a mesma.